

Beatriz Goaveia Garcia Parra de Araujo

A trajetória de gramaticalização dos jutores concessivos *aunque, a pesar de (que)* e *por mucho (que)* no espanhol peninsular

São José do Rio Preto
2020

Beatriz Goaveia Garcia Parra de Araujo

A trajetória de gramaticalização dos jutores concessivos *aunque, a pesar de (que)* e *por mucho (que)* no espanhol peninsular

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Denise Gasparini Bastos

Coorientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

São José do Rio Preto
2020

P259t	Parra-Araujo, Beatriz Goaveia Garcia A trajetória de gramaticalização dos jutores concessivos "aunque", "a pesar de (que)" e "por mucho (que)" no espanhol peninsular / Beatriz Goaveia Garcia Parra-Araujo. -- São José do Rio Preto, 2020 215 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto Orientadora: Sandra Denise Gasparini-Bastos Coorientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves 1. Linguística. 2. Funcionalismo (Linguística). 3. Gramática discursivo funcional. 4. Gramática comparada e geral Gramaticalização. 5. Língua espanhola. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Beatriz Goaveia Garcia Parra de Araujo

A trajetória de gramaticalização dos jutores concessivos *aunque, a pesar de (que)* e *por mucho (que)* no espanhol peninsular

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora
Titulares

Prof^a. Dr^a. Sandra Denise Gasparini Bastos
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
(Orientadora)

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes
UFMS – Câmpus de Três Lagoas

Prof^a. Dr^a. Taísa Peres de Oliveira
UFMS – Câmpus de Três Lagoas

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof^a. Dr^a. Talita Storti Garcia
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
09 de março de 2020

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado sabedoria, força e coragem para iniciar e concluir mais esta etapa em minha vida. A Ele recorri em todos os momentos, em todas as decisões, e Ele me mandou sua luz e me cobriu com sua misericórdia.

À Prof^a. Dr^a. Sandra Denise Gasparini Bastos, minha orientadora e meu modelo de profissional, a quem agradeço por esses 8 anos de trabalho e a quem nunca conseguirei expressar toda a minha gratidão. Foi por sua dedicação, confiança e atenção que aprendi a ser uma pesquisadora, a amar ainda mais a língua espanhola e a sonhar com a vida acadêmica. ¡*Gracias por todo!*

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, meu coorientador, por ter compartilhado comigo seu conhecimento, ter sido solícito e presente quando eu mais precisei e ter acreditado em meu trabalho. Ao seu olhar sábio devo muito da qualidade desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza e à Prof^a. Dr^a. Talita Storti Garcia pelas valiosas sugestões dadas a este trabalho. À Prof^a. Talita estendo meus agradecimentos por ter sido aquela que primeiro me orientou em minhas pesquisas e com quem sempre pude contar.

Ao meu marido Robson, a quem agradeço não só por tudo o que é para mim, mas especialmente por sua importância em minha vida acadêmica. Quem me fez sonhar pela primeira vez com uma universidade pública e, com seu exemplo, deu-me coragem para seguir estudando. Ele sabe tudo aquilo que está por trás deste trabalho: as alegrias, tristezas, angústias e descobertas. Obrigada por ser o melhor companheiro que eu poderia ter.

Aos meus pais, José e Lourdes, por serem meus pilares. Eles colocaram meus estudos em primeiro lugar e valorizaram tudo aquilo que fiz. Neles sempre encontrei a palavra certa, o conforto esperado e a certeza de nunca estar sozinha.

Aos membros do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), com quem muito aprendi. As discussões possibilitadas em nossas reuniões contribuíram muito para o aperfeiçoamento teórico deste trabalho, bem como para minha formação acadêmica.

Aos meus eternos alunos das turmas Letras016, Trad018 e Trad019, a quem pude ministrar aulas de língua espanhola. Neles encontrei a razão pela qual fiz as escolhas que fiz. Em nossas aulas, pude me encontrar, reforçar meu amor pelo espanhol e confirmar que eu estava no caminho certo. Sem essa experiência, meu doutorado não teria o mesmo sentido.

Ao meu irmão Márcio, minha cunhada Gislaine, meu sobrinho Miguel, meus sogros Nelson e Aparecida, minha avó Ana e a todos os meus familiares e amigos que sempre torceram por mim, acreditaram em meu potencial e me ajudaram emocionalmente a cumprir esta etapa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos
negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.
(CORA CORALINA, 1997, p. 145)

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar uma trajetória de gramaticalização para os jutores concessivos *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*, adotando como aparato teórico os estudos em gramaticalização (TRAUGOTT, 1997; BYBEE, 2003, 2006; HOPPER; TRAUGOTT, 2003, entre outros) e o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008). Na análise sincrônica realizada por Parra (2016) sob a perspectiva da GDF, a autora observa que o jutor *aunque* pode marcar uma relação concessiva em três camadas distintas no espanhol peninsular atual: na do Conteúdo Proposicional, pertencente ao Nível Representacional, e nas camadas do Ato Discursivo e do Movimento, localizadas no Nível Interpessoal. A partir desse resultado, levantamos a hipótese de que, quando analisados diacronicamente, os usos de *aunque* podem revelar uma trajetória de gramaticalização que parte de um uso semântico para usos pragmáticos, e de que tal trajetória pode corresponder a um processo comum sofrido pelos jutores concessivos dessa língua. Assim, selecionamos para este estudo, além do jutor *aunque*, os jutores *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*, por serem, dentre os jutores apontados por Flamenco García (1999), os que se mostraram mais frequentes nos dados e por advirem de origens distintas, tendo em vista as fontes para o desenvolvimento de jutores concessivos apontadas por König (1994). O universo de investigação desta pesquisa reúne ocorrências dos três jutores na fase antiga, média e moderna do espanhol peninsular, segundo a categorização de Eberenz (1991, 2009), extraídas do *Corpus diacrónico del español* (CORDE), elaborado e disponibilizado em meio eletrônico pela Real Academia Española. Para realizarmos a análise diacrônica pretendida, adotamos critérios de ordem discursiva, pragmática, semântica e morfossintática, a fim de observar se mudanças interpessoais e representacionais no uso de tais jutores influenciam mudanças morfossintáticas nas estruturas por eles iniciadas. Como resultado de nossa análise, verificamos que, embora apresentem particularidades, os três jutores surgem como marcadores de uma função semântica na camada do Conteúdo Proposicional. Nessa função, primeiramente predominam os contextos não factuais seguidos dos factuais. Apesar de o uso mais comum dos jutores em todos os períodos investigados ser o de marcador de função semântica, ao longo do tempo, *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* expandem seus usos como marcadores de função retórica, relação estabelecida entre Atos Discursivos, e como marcadores *push*, na camada do Movimento, no caso específico de *aunque* e *a pesar de (que)*. Dessa forma, comprovamos que entre os jutores investigados existe uma trajetória de gramaticalização comum, caracterizada por aumento de escopo, em termos de níveis e camadas, fortalecimento pragmático e generalização dos contextos de uso, que, morfossintaticamente, são expressos por uma maior liberdade sintática das estruturas concessivas.

Palavras-chave: Gramaticalização. Gramática Discursivo-Funcional. Jutores concessivos. Espanhol peninsular.

ABSTRACT

This paper aims to present a path of grammaticalization for the concessive connectives *aunque*, *a pesar de (que)* and *por mucho (que)* adopting as a theoretical apparatus the studies on grammaticalization (TRAUGOTT, 1997; BYBEE, 2003, 2006; HOPPER; TRAUGOTT, 2003, among others) and the model of Functional Discourse Grammar (FDG), by Hengeveld and Mackenzie (2008). In the synchronic analysis performed by Parra (2016) from the perspective of the FDG, the author notes that the connective *aunque* can mark a concessive relationship in three distinct layers in the current Peninsular Spanish: that of Propositional Content, belonging to the Representational Level, and the layers of the Move and Discourse Act, located at the Interpersonal Level. From this result, we hypothesize that, when analyzed diachronically, the uses of *aunque* may reveal a grammaticalization trajectory that starts from a semantic use for pragmatic uses, and that such trajectory may correspond to a common process suffered by the concessive connectives of that language. Thus, we selected for this study, in addition to the connective *aunque*, the connectives *a pesar de (que)* and *por mucho (que)*, since they are among the connectives pointed out by Flamenco García (1999), those who had the highest number of occurrences in a previous research, and because they come from different origins, considering the sources for the development of concessive joints pointed out by König (1994). The universe of this research gathers occurrences of the three connectives in the old, middle and modern phase of Peninsular Spanish, according to the categorization of Eberenz (1991, 2009), extracted from the *Corpus diacrónico del español* (CORDE), elaborated and made available electronically by *Real Academia Española*. To perform the intended diachronic analysis, we adopt discursive, pragmatic, semantic and morphosyntactic criteria, in order to observe whether interpersonal and representational changes in the use of such connectives influence morphosyntactic changes in the structures initiated by them. As a result, we find that, while presenting particularities, the three connectives appear as markers of a semantic function in the Propositional Content layer. In this role, first non-factual contexts predominate and, later, factual ones. Although the most common use of joiners in all periods investigated is that of a semantic function marker, over time, *aunque*, *a pesar de (que)* and *por mucho (que)* expand their uses as markers of rhetorical function, established between Discourse Acts, and as push markers, in the Move layer, in the case of *aunque* and *a pesar de (que)*. Thus, we found that among the investigated connectives there is a common grammaticalization trajectory, characterized by increased scope in terms of levels and layers, pragmatic strengthening and generalization of use contexts, which, morphosyntactically, are expressed by greater syntactic freedom of concessive structures.

Keywords: Grammaticalization. Functional Discourse Grammar. Concessive connectives. Peninsular Spanish.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A GDF como parte de uma teoria mais ampla de interação verbal	53
Figura 2 – Esquema geral da GDF	55
Figura 3 – A projeção metafórica do domínio-fonte ESPAÇO no domínio-alvo TEMPO	80
Figura 4 – Relações de escopo na GDF	89
Figura 5 – Um modelo de mudança de conteúdo	90
Figura 6 – Proposta de mapeamento entre uma escala de conteúdo e uma escala formal	93
Figura 7 – Trajetória de gramaticalização dos jutores concessivos diacronicamente atestada	206
Quadro 1– Mudanças nocionais sofridas por <i>aun</i> , segundo Ibba (2008)	32
Quadro 2 – Principais tipos de relação concessiva na GDF	70
Quadro 3 – Resumo das diferenças entre reanálise e analogia	76
Quadro 4 – Resumo das diferenças entre metáfora e metonímia	82
Quadro 5 – Critérios para a seleção dos dados	99
Quadro 6 – Fatores de análise e suas possibilidades	134
Quadro 7 – Mudança de conteúdo sofrida pelos jutores concessivos	200
Quadro 8 – Mudança formal sofrida pelos jutores concessivos	200

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Número total de ocorrências de <i>aunque</i> nas diferentes fases do espanhol peninsular	100
Tabela 2 – Número total de ocorrências de <i>a pesar de (que)</i> nas diferentes fases do espanhol peninsular	100
Tabela 3 – Número total de ocorrências de <i>por mucho (que)</i> nas diferentes fases do espanhol peninsular	100
Tabela 4 – Número de ocorrências selecionadas de <i>aunque</i> nas diferentes fases do espanhol peninsular	101
Tabela 5 – Número de ocorrências selecionadas de <i>a pesar de (que)</i> nas diferentes fases do espanhol peninsular	101
Tabela 6– Número de ocorrências selecionadas de <i>por mucho (que)</i> nas diferentes fases do espanhol peninsular	101
Tabela 7 – Número de ocorrências de <i>aunque</i> concessivo em cada período sincrônico	137
Tabela 8 – Tipo de relação concessiva marcado por <i>aunque</i> na fase antiga	139
Tabela 9 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de <i>aunque</i> na fase antiga	141
Tabela 10 – Aspectos morfossintáticos na análise de <i>aunque</i> na fase antiga	143
Tabela 11 – Tipo de relação concessiva marcado por <i>aunque</i> na fase média	145
Tabela 12 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de <i>aunque</i> na fase média	147
Tabela 13 – Aspectos morfossintáticos na análise de <i>aunque</i> na fase média	149
Tabela 14 – Tipo de relação concessiva marcado por <i>aunque</i> na fase moderna	150
Tabela 15 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de <i>aunque</i> na fase moderna	152
Tabela 16 – Fatores morfossintáticos na análise de <i>aunque</i> na fase moderna	155
Tabela 17 – Propriedades da concessiva introduzida por <i>aunque</i> nas diferentes fases do espanhol peninsular	158
Tabela 18 – Número de ocorrências de <i>a pesar de (que)</i> concessivo em cada período sincrônico	162
Tabela 19 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de <i>a pesar de (que)</i> na fase antiga	163
Tabela 20 – Aspectos morfossintáticos na análise de <i>a pesar de</i> na fase antiga	165
Tabela 21 – Tipo de relação concessiva marcado por <i>a pesar de (que)</i> na fase média	167
Tabela 22 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de <i>a pesar de (que)</i> na fase média	168
Tabela 23 – Aspectos morfossintáticos na análise de <i>a pesar de (que)</i> na fase média	170
Tabela 24 –Tipo de relação concessiva marcado por <i>a pesar de (que)</i> na fase moderna	171
Tabela 25 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de <i>a pesar de (que)</i> na fase moderna	173
Tabela 26 – Aspectos morfossintáticos na análise de <i>a pesar de (que)</i> na fase moderna	176
Tabela 27– Propriedades da concessiva introduzida por <i>a pesar de (que)</i> nas diferentes fases do espanhol peninsular	178

Tabela 28 – Número de ocorrências de <i>por mucho (que)</i> concessivo em cada período sincrônico	181
Tabela 29 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de <i>por mucho (que)</i> de na fase antiga	183
Tabela 30 – Aspectos morfossintáticos na análise de <i>por mucho (que)</i> na fase antiga	185
Tabela 31 – Tipo de relação concessiva marcada por <i>por mucho (que)</i> na fase média	187
Tabela 32 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de <i>por mucho (que)</i> de na fase média	188
Tabela 33 – Aspectos morfossintáticos na análise de <i>por mucho (que)</i> na fase média	190
Tabela 34 – Tipo de relação concessiva marcado por <i>por mucho (que)</i> na fase moderna	191
Tabela 35 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de <i>por mucho (que)</i> de na fase moderna	193
Tabela 36 – Aspectos morfossintáticos na análise de <i>por mucho (que)</i> na fase moderna	194
Tabela 37 – Propriedades da concessiva introduzida por <i>por mucho (que)</i> nas diferentes fases do espanhol peninsular	196

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: OS JUNTORES <i>AUNQUE</i>, <i>A PESAR DE (QUE)</i> E <i>POR MUCHO (QUE)</i>	16
1.1 Motivação do capítulo	16
1.2 As relações entre domínios semânticos	16
1.2.1 Entre condição e concessão: as construções concessivo-condicionais	18
1.3 Principais fontes de jutores concessivos	22
1.4 A origem de <i>aunque</i>	27
1.4.1 Os processos metafóricos e metonímicos na formação de <i>aunque</i>	32
1.4.2 A consolidação de <i>aunque</i> no espanhol medieval	36
1.5 A origem de <i>a pesar de (que)</i>	39
1.5.1 As mudanças semânticas e morfossintáticas de <i>a pesar de (que)</i>	41
1.6 A origem de <i>por mucho (que)</i>	46
1.6.1 Os processos de mudança na formação de <i>por mucho (que)</i>	47
1.7 Em suma	49
CAPÍTULO II: A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL E A NOÇÃO DE GRAMATICALIZAÇÃO	51
2.1 Motivação do capítulo	51
2.2 A Gramática Discursivo-Funcional	51
2.2.1 A hierarquia dos níveis e camadas da GDF	56
2.2.1.1 O Nível Interpessoal	57
2.2.1.2 O Nível Representacional	60
2.2.1.3 O Nível Morfossintático	63
2.2.2 A relação concessiva e as camadas da GDF	66
2.3 A gramaticalização clássica: princípios, mecanismos básicos e concepções	71
2.3.1 Mecanismos cognitivos da gramaticalização	73
2.3.2 A virada pragmática	76
2.3.2.1 Os processos pragmático-cognitivos da metáfora e da metonímia	79
2.3.2.2 A convencionalização de implicaturas	82
2.3.2.3 A frequência de uso	86
2.4 A gramaticalização na GDF	89
2.5 Em suma	94
CAPÍTULO III: OS ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO	95
3.1 Motivação do capítulo	95
3.2 Os objetivos da investigação e seus direcionamentos	95
3.3 A periodização do espanhol peninsular	96
3.4 A seleção do corpus e o levantamento dos dados	99
3.5 Os fatores de análise	102
3.5.1 Fatores discursivos	103
3.5.1.1 Frequência dos jutores nos períodos sincrônicos	103
3.5.1.2 Tipo de relação concessiva	104
3.5.2 Fator pragmático: informatividade da estrutura concessiva	108
3.5.3 Fatores semânticos	111

3.5.3.1 Factualidade da estrutura concessiva	111
3.5.3.2 Valor de referência temporal da estrutura concessiva	113
3.5.3.3 Polaridade do enunciado concessivo	116
3.5.3.4 Unidade semântica representada pela estrutura concessiva	119
3.5.3.5 Animacidade do referente da estrutura concessiva nominal	122
3.5.4 Fatores Morfossintáticos	123
3.5.4.1 Núcleo predicador da estrutura concessiva	124
3.5.4.2 Posição da estrutura concessiva	125
3.5.4.3 Codificação morfossintática da estrutura concessiva	127
3.5.4.4 Codificação modo-temporal das estruturas concessivas	130
3.6 Em suma	134
 CAPÍTULO IV: ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE MUDANÇA DOS JUNTORES <i>AUNQUE</i>, <i>A PESAR DE (QUE)</i> E <i>POR MUCHO (QUE)</i>	137
4.1 Motivação do capítulo	137
4.2 Análise de <i>aunque</i>	137
4.2.1 <i>Aunque</i> na fase antiga	138
4.2.2 <i>Aunque</i> na fase média	145
4.2.3 <i>Aunque</i> na fase moderna	150
4.2.4 A evolução diacrônica de <i>aunque</i>	157
4.3 Análise de <i>a pesar de (que)</i>	162
4.3.1 <i>A pesar de (que)</i> na fase antiga	162
4.3.2 <i>A pesar de (que)</i> na fase média	166
4.3.3 <i>A pesar de (que)</i> na fase moderna	171
4.3.4 A evolução diacrônica de <i>a pesar de (que)</i>	177
4.4 Análise de <i>por mucho (que)</i>	181
4.4.1 <i>Por mucho (que)</i> na fase antiga	182
4.4.2 <i>Por mucho (que)</i> na fase média	187
4.4.3 <i>Por mucho (que)</i> na fase moderna	191
4.4.4 A evolução diacrônica de <i>por mucho (que)</i>	195
4.5 Considerações gerais sobre a trajetória de gramaticalização dos jutores	198
4.6 Em suma	203
 5 CONCLUSÕES	205
REFERÊNCIAS	208

INTRODUÇÃO

Em pesquisa anterior de mestrado (PARRA, 2016), foram analisados os diferentes usos do jutor¹ concessivo *aunque* em textos falados e escritos do espanhol peninsular atual,² com base no modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008). Nesse estudo, observamos que a relação³ concessiva marcada por *aunque* pode pertencer tanto ao Nível Representacional, considerado o nível das representações semânticas, como ao Nível Interpessoal, responsável pelas representações pragmáticas.

No Nível Representacional, a relação concessiva estabelecida por *aunque* atua na camada do Conteúdo Proposicional, que é concebido como um construto mental (conhecimentos e crenças) que pode ser avaliado de acordo com seu caráter de verdade. Já no Nível Interpessoal, a relação estabelecida por *aunque* pode envolver duas unidades: um Ato Discursivo ou um Movimento. Na camada do Ato Discursivo, a concessão representa uma função retórica que se estabelece entre dois Atos, de modo que o Ato Subsidiário (estrutura concessiva) pode atuar como uma ressalva a um Ato Nuclear (estrutura principal) enunciado anteriormente ou como uma estratégia de preparar o ouvinte para o Ato Nuclear enunciado posteriormente. Por sua vez, a relação concessiva da camada do Movimento caracteriza-se por introduzir digressões, parênteses ou novos tópicos discursivos.

Visto que os três tipos identificados de relações concessivas estabelecidas por *aunque* no espanhol atual apresentam diferentes graus de dependência semântico-sintática entre a estrutura introduzida pelo jutor e uma estrutura principal, indicando um nível crescente de abstratização do jutor e subjetivização do seu contexto de uso, os resultados obtidos na pesquisa anterior levaram-nos aos seguintes questionamentos:

- (i) Esses tipos concessivos representam uma trajetória de gramaticalização do jutor concessivo *aunque*?
- (ii) Essa trajetória de gramaticalização, se efetivamente existente, também se estenderia a outros jutores concessivos do espanhol?

¹ Neste trabalho, utilizamos o termo *jutor* por considerarmos um termo neutro e mais genérico, assim como *conectivo* ou *conector*, a fim de evitarmos a discussão sobre o valor conjuncional dos itens investigados.

² O corpus oral utilizado na pesquisa de mestrado é composto por entrevistas semidirigidas extraídas dos inquéritos das cidades espanholas de Alcalá de Henares, Granada, Madri e Valência, pertencentes ao Projeto PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*). Já o corpus escrito está formado por editoriais jornalísticos publicados em meio *on-line* pelo jornal *El País* em sua versão espanhola no ano de 2013.

³ Os termos *função concessiva* ou *relação concessiva* são aqui tomados como sinônimos.

Estes questionamentos levaram-nos, então, à realização de outra pesquisa, desta vez em nível de Doutorado, para analisar a diacronia do jutor *aunque* e de outros dois jutores do espanhol, de forma a fazer uma investigação mais abrangente das relações concessivas em espanhol numa perspectiva diacrônica. Assim, o objetivo central desta pesquisa de doutorado é analisar a diacronia dos jutores concessivos *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* a fim de comprovar uma possível trajetória de gramaticalização que parta de usos mais concretos para usos mais abstratos desses jutores.

Como objetivos específicos, propomo-nos, por meio da pesquisa diacrônica, comparar a trajetória de mudança dos jutores para um sentido mais gramaticalizado a fim de verificar (i) os períodos de emergência dos usos mais gramaticalizados de cada jutor, (ii) a existência de graus de gramaticalização diferentes entre os jutores investigados, bem como (iii) a possível especialização de algum desses jutores em determinados contextos de uso. Também objetivamos analisar a correlação entre as propriedades pragmáticas e semânticas das estruturas concessivas introduzidas por tais jutores e sua codificação morfossintática, a fim de detectar possíveis motivações funcionais para mudanças formais sofridas pelas estruturas concessivas ao longo do tempo.

Com relação a esses objetivos, nossa hipótese é de que *aunque* seja o jutor mais gramaticalizado dentre os jutores investigados, visto ser o único a sofrer fusão dos elementos que compunham a locução que o originou, por sua alta frequência no espanhol atual e por atuar em um número maior de contextos que os outros jutores.

Recorremos ao modelo teórico da GDF, que nos permite observar a atuação dos jutores em níveis e camadas mais amplos do que o oracional, juntamente com os estudos clássicos em Gramaticalização, que nos fornecem os mecanismos necessários para justificar o processo de evolução desses jutores. Com a análise dos três jutores concessivos, pretendemos verificar se os resultados obtidos inicialmente para *aunque* correspondem a uma tendência entre os jutores concessivos do espanhol.

Baseados em outros autores que também adotam o modelo da GDF para o estudo da mudança linguística – tais como Souza (2009); Fontes (2016); Hengeveld (2017); Hengeveld, Narrog e Olbertz (2017); entre outros –, nossa hipótese de trajetória é a de que os três jutores investigados passam do uso de marcadores de função concessiva do Nível Representacional para o uso como marcadores de função concessiva do Nível Interpessoal, conforme representado no *cline* a seguir:

Marcador representacional	>	Marcador interpessoal
Nível Representacional	>	Nível Interpessoal
(semântico)		(pragmático)

A escolha por esses três juntores – *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* – está baseada em dois critérios: a frequência de uso e a origem dos juntores. Em levantamento prévio, observamos que, dentre os juntores concessivos do espanhol atual apontados por Flamenco García (1999), *aunque* é mais frequente, seguido de *a pesar de (que)* e de *por mucho (que)*, respectivamente.

O critério relacionado à origem do juntor concessivo tem por base o estudo de König (1994), que defende a existência de cinco fontes para o desenvolvimento de juntores concessivos: (i) expressões de desprezo; (ii) quantificadores de livre escolha; (iii) juntores temporais ou condicionais; (iv) expressões enfáticas; e (v) expressões de coocorrência. Os juntores analisados nesta pesquisa pertencem a fontes distintas – *aunque* origina-se de (iii); *a pesar de (que)* origina-se de (i) e *por mucho (que)* origina-se de (ii). Valendo-nos dessas diferenças, esperamos verificar se tais juntores, após terem adquirido valor concessivo, seguem uma mesma trajetória de gramaticalização, apesar de terem sido originados por fontes distintas.

O universo de investigação desta pesquisa está composto pelas ocorrências disponíveis em meio on-line no banco de dados do *Corpus diacrónico del español* (CORDE) organizado pela Real Academia Española. Seguindo a periodização proposta por Eberenz (1991), coletamos ocorrências dos três juntores nas fases antiga, média e moderna do espanhol. As ocorrências levantadas foram analisadas com base em fatores que consideram os aspectos discursivos, pragmáticos, semânticos e morfossintáticos das estruturas concessivas.

Embora estudos anteriores já tenham se dedicado à gramaticalização dos juntores *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*, tais trabalhos partem do item lexical que formou tais juntores até o momento em que adquirem valor concessivo. Nosso trabalho é inovador nesse aspecto porque busca investigar usos mais gramaticalizados desses juntores a partir do valor concessivo. Assim, em termos temporais, enquanto as pesquisas anteriores percorrem as mudanças sofridas desde o surgimento das construções que originam o juntores até o período em que eles adquirem valor concessivo, o presente estudo parte dos períodos em que surgem os primeiros usos concessivos dos juntores até o espanhol moderno.

Além disso, os estudos encontrados na literatura voltam-se para a gramaticalização de apenas um juntor, ou categoria de jutores advindos da mesma construção-fonte. Nosso trabalho, por sua vez, busca comparar a trajetória de gramaticalização de três jutores que, como veremos, não se originam de uma fonte comum.

A fim de conjugar os aspectos teóricos, metodológicos e analíticos que compõem esta investigação, organizamos este trabalho da seguinte maneira:

No Capítulo I, definimos nosso objeto de estudo, isto é, os jutores *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*. Para isso, iniciamos o capítulo caracterizando a *concessão* e sua relação com outros domínios semânticos. Em seguida, retomamos os estudos tipológicos sobre a origem dos jutores concessivos para, depois, focarmos no surgimento desses três jutores em particular.

No Capítulo II, dedicado à fundamentação teórica deste trabalho, trazemos primeiramente a teoria da Gramática Discursivo-Funcional ao descrevermos seus aspectos teóricos e sua arquitetura em níveis e camadas. Na sequência, expomos os princípios fundamentais da Gramaticalização em sua vertente clássica, enfocando a importância da pragmática na mudança linguística para, então, apresentarmos a proposta de Hengeveld (2017) para o estudo da Gramaticalização dentro do arcabouço teórico da GDF.

No Capítulo III, descrevemos a metodologia que norteia nossa investigação. Nele, apresentamos nossos objetivos e hipóteses iniciais; problematizamos o uso da periodização em espanhol; e descrevemos o corpus adotado, os critérios utilizados na seleção das ocorrências e os fatores de análise.

No Capítulo IV, expomos a análise das ocorrências em duas etapas: primeiramente apresentamos a análise isolada de cada juntor. Nessa primeira etapa descrevemos os resultados obtidos na análise do juntor em cada um dos períodos sincrônicos para, posteriormente, apresentarmos sua evolução diacrônica. Já na segunda etapa desse capítulo, apresentamos a análise diacrônica dos três jutores a partir da comparação dos resultados obtidos na etapa anterior.

Encerramos este trabalho com as Conclusões, em que retomamos os elementos principais da pesquisa e seus feitos mais significativos, apontando possíveis contribuições desta investigação para pesquisas futuras.

CAPÍTULO I

OS JUNTORES *AUNQUE*, *A PESAR DE (QUE)* E *POR MUCHO (QUE)*

1.1 Motivação do capítulo

O intuito deste capítulo é discorrer sobre a origem dos jutores *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* como conectivos de valor concessivo no espanhol peninsular. Para tanto, discutiremos em 1.2 a relação entre a concessão e outros domínios semânticos, como a causalidade e a condicionalidade. Como veremos ao longo do capítulo, os elementos que aproximam e diferenciam esses domínios podem revelar muitas informações sobre o processo de formação dos jutores concessivos.

Em um segundo momento, abordaremos, na seção 1.3, os estudos de König (1985, 1986, 1994) e de Haspelmath e König (1998) sobre as origens tipológicas mais comuns para os jutores concessivos. Feita essa contextualização geral sobre o desenvolvimento da concessão, abordaremos individualmente cada um dos três jutores aqui definidos, apresentando uma revisão bibliográfica sobre os processos de mudança pelos quais passaram até adquirirem o valor concessivo que atualmente lhes é atribuído. Assim, trataremos do surgimento de *aunque* em 1.4, de *a pesar de (que)* em 1.5 e de *por mucho (que)* em 1.6. Um breve resumo dos aspectos apontados neste capítulo é dado em 1.7.

1.2 As relações entre domínios semânticos

É comum entre os estudiosos funcionalistas, tais como König (1986), Flamenco García (1999) e Neves (1999, 2012), a defesa de uma relação entre os domínios semânticos da concessividade, da causalidade e da condicionalidade, permeada pela noção de temporalidade. Para Flamenco García (1999), esses domínios se diferenciam quanto ao tratamento dado a uma relação implicativa, que é afirmada nas construções causais, suposta nas construções condicionais e negada nas construções concessivas. Observemos os seguintes exemplos:

- (1) Irei ao cinema com você **porque** tenho tempo livre.
- (2) **Se** eu tiver tempo livre, irei ao cinema com você.
- (3) **Embora** tenha tempo livre, não irei ao cinema com você.

Na construção causal expressa em (1), a implicação lógica entre *ir ao cinema* e *ter tempo livre* é afirmada, pois *ter tempo livre* é a razão para que o falante vá ao cinema. Já na construção condicional expressa em (2), tal implicação é hipotética, pois para ir ao cinema é preciso que antes se cumpra a condição de ter tempo livre. Por fim, na construção concessiva em (3), a relação implicativa é negada, visto que mesmo o falante tendo tempo livre, ele declara não ir ao cinema.

Segundo Neves (2012, p. 174), os domínios *concessão*, *causalidade* e *condicionalidade* lidam com as relações lógicas de causa e de condição, embora o façam de maneiras distintas. As **construções causais**, representadas pelo esquema *q, porque p*, expressam uma implicação esperada entre as proposições *q* e *p*, pois, ao assumir *p* como uma afirmação verdadeira (*tenho tempo livre*), temos uma condição já preenchida para que ocorra *q* (*ir ao cinema com você*). Dessa forma, a relação causal entre *q* e *p* é afirmada.

Já em uma **construção condicional**, representada pelo esquema *se p, q*, identifica-se em *p* a presença de uma disjunção (*eu posso ou não ter tempo livre*) e a ocorrência de um ou de outro elemento disjunto influenciará a ocorrência ou não de *q*. Logo, nesse tipo de construção, o vínculo causal entre as duas proposições é hipotético, e o cumprimento da condição está em suspenso. (NEVES, 2012, p. 175).

Construções concessivas, esquematizadas como *embora p, q*, negam uma relação causal ao anularem a expectativa prevista entre *p* e *q*. No que diz respeito ao cumprimento de condições, em uma construção concessiva, o que é afirmado em *q* independe do preenchimento de qualquer condição (NEVES, 2012, p. 175); logo, a verdade dessa proposição não é afetada pelo que se afirma em *p*: o fato de ter tempo livre não importa, pois ainda assim não irei ao cinema com você.

Os domínios semânticos da concessividade, da causalidade e da condicionalidade, no entanto, não configuram categorias estanques e definitivas. Assim como Neves (2012), assumimos a presença de gradualidade entre um domínio e outro, pois,

os aparentes conjuntos a que se tem chegado constituem apenas núcleos centrais de valores, os quais têm potencialidade para deslizar na direção dos outros, segundo as necessidades funcionais, nunca ficando verificadas lacunas, carências ou atolamentos nos sistemas das línguas naturais. (NEVES, 2012, p. 161-162).

Em razão da gradualidade mencionada por Neves (2012), categorias híbridas são reconhecidas entre os domínios. Uma dessas categorias refere-se às construções concessivo-condicionais, que apresentaremos na sequência.

1.2.1 Entre condição e concessão: as construções concessivo-condicionais

Diversos autores que se dedicam ao estudo das relações semânticas entre orações, dentre eles König (1986), Haspelmath e König (1998) e Neves, Braga e Dall’Aglio Hattnher (2008), defendem a existência de uma classe de construções que compartilham traços semânticos com as construções concessivas e com as condicionais, e que, por isso, recebem o nome de concessivo-condicionais (*concessive conditionals*).⁴

No que diz respeito às semelhanças entre as construções concessivo-condicionais e as construções condicionais prototípicas, König (1986) e Rodríguez Rosique (2012) apontam a propriedade que ambas as construções têm de expressar um conteúdo hipotético, estabelecendo uma relação implicativa entre subordinada e principal. Observemos os exemplos a seguir, baseados em König (1986, p. 231):

(4) **Se ele estiver certo**, devemos apoiá-lo.

(5) **Estando ele certo ou não**, devemos apoiá-lo.

Os exemplos acima ilustram, respectivamente, uma construção condicional prototípica e uma construção concessivo-condicional. Em ambas, as orações destacadas são não factuais, isto é, expressam uma informação hipotética, visto que não se sabe se a pessoa está certa.

Uma diferença entre as construções concessivo-condicionais e as condicionais prototípicas apontada por König (1986) é a de que as primeiras expressam, na subordinada, um conjunto de condições aplicáveis à oração principal, e não apenas uma única condição, como ocorre com as orações condicionais, conforme visto em (4). No exemplo (5), o conjunto de condições é dado a partir da estrutura disjuntiva apresentada na oração subordinada.

No que se refere às semelhanças entre as construções concessivo-condicionais e as concessivas prototípicas, König (1985, 1986) e Haspelmath e König (1998) mencionam que

⁴ Neves, Braga e Dall’Aglio Hattnher (2008) utilizam o termo *condicionais-concessivas*. Neste trabalho adotamos a tradução *concessivo-condicional*, conforme utilizado em Parra (2016).

ambas as construções são contrastivas, pois conjugam duas situações conflitantes e que, por isso, em condições normais, não tenderiam a ocorrer juntas, como em (6):

- (6) Even though I put this chemical into the water, the water does not change its colour.
(KÖNIG, 1985, p. 5)⁵
[Mesmo que eu coloque esta substância química na água, a água não muda sua coloração.]

A construção concessivo-condicional em (6) relaciona duas situações normalmente incompatíveis, visto que se espera que a adição de uma substância química na água acarrete alguma mudança nela. No entanto, a expectativa gerada pela oração subordinada é frustrada, assim como acontece nas construções concessivas prototípicas.

König (1985, 1986) e Haspelmath e König (1998) também apontam outra similaridade entre os dois tipos de construções: as concessivo-condicionais, apesar de apresentarem uma oração subordinada não factual, como as condicionais, apresentam uma oração principal sempre factual, como as concessivas. As semelhanças e diferenças entre as construções condicionais, concessivas e concessivo-condicionais quanto à factualidade das orações estão apresentadas a seguir nos exemplos adaptados de Haspelmath e König (1998, p. 335):

Construção condicional:

- (7) Se não conseguirmos apoio financeiro, não continuaremos com o projeto.
Não factual *Não factual*

Construção concessivo-condicional:

- (8) Mesmo se não conseguirmos apoio financeiro, continuaremos com o projeto.
Não factual *Factual*

Construção concessiva:

- (9) Embora não tenhamos conseguido apoio financeiro, continuaremos com o projeto.
Factual *Factual*

Em (7), temos uma construção condicional, pois as duas orações são não factuais e se unem por uma relação de implicação, de modo que o conteúdo da principal só ocorrerá se antes ocorrer a condição expressa na subordinada. Em (9), por sua vez, temos uma

⁵ As traduções oferecidas neste trabalho são de nossa autoria e sua função é guiar o leitor na compreensão do exemplo em língua estrangeira de modo a torná-lo mais acessível. As traduções em português não apresentam uma correspondência exata com o fenômeno apresentado no original.

construção concessiva propriamente dita, isto é, com as duas orações factuais. A oração subordinada apresenta um obstáculo real que não interfere no que se enuncia na oração principal. Já em (8), temos uma oração subordinada não factual e uma oração principal factual, o que indica que independentemente de qual das opções dadas na oração subordinada se concretize, ainda ocorrerá o que se afirma na oração principal. Uma oração subordinada não factual e uma oração principal factual caracterizam uma construção concessivo-condicional.

Por meio de um trabalho tipológico, König (1986) e Haspelmath e König (1998) identificam três tipos de construções concessivo-condicionais: as escalares, as alternativas e as universais. Esses tipos diferenciam-se quanto ao modo de expressar o conjunto de condições que anunciam e o tipo de juntor que encabeça a oração subordinada.

As construções **concessivo-condicionais escalares** têm a oração subordinada iniciada por uma partícula focalizadora (tal como *even*, do inglês, e *incluso*, *aun* e *ni siquiera*, do espanhol) que antecede uma conjunção condicional, formando locuções como *even if*, do inglês, e *incluso si*, do espanhol.⁶

Segundo König (1986) e Haspelmath e König (1998), essas orações subordinadas focalizam o extremo de uma escala de condições ao introduzirem a situação que é menos provável de ocorrer ou a mais forte para impedir o que se afirma na oração principal, conforme vemos em (10):

- (10) The match will be on **even if it is raining**. (KÖNIG, 1986, p. 232)
[O jogo ocorrerá **mesmo se estiver chovendo**]

Nesse exemplo, podemos notar que, dentre os obstáculos possíveis de impedir que um jogo de futebol aconteça, a chuva seria um dos mais eficazes. No entanto, ao criar uma construção concessivo-condicional, o falante afirma que mesmo que chova, o jogo acontecerá. Por focalizarem o ponto máximo de uma escala, as concessivo-condicionais escalares englobam, por implicação, as condições menores que também são vistas como insuficientes para impedir a ocorrência do que se comunica na oração principal (KÖNIG, 1986, p. 236). Assim, no caso do exemplo anterior, se o jogo ocorre apesar da chuva, também ocorre apesar de outros obstáculos menos significativos.

As construções **concessivo-condicionais alternativas**, por sua vez, carregam em sua oração subordinada uma fórmula reduplicativa ou correlativa como *whether...or not*, do

⁶ Para mais informações sobre as construções concessivo-condicionais introduzidas por *incluso si* no espanhol, ver Fante (2018) e Fante e Garcia (no prelo).

inglês, e *si... como si; ya... ya; bien... bien; ni que... ni que; que... (o) que*, do espanhol. Haspelmath e König (1998, p. 231) definem a disjunção como característica dessas construções, pois a oração subordinada expressa duas situações hipotéticas que são ao mesmo tempo alternativas e excludentes, mas que conduzem a uma mesma implicação na oração principal. Vejamos o seguinte exemplo:

- (11) **Whether he is right or not**, we must support him. (KÖNIG, 1986, p. 231)
[**Estando ele certo ou não**, nós devemos apoiá-lo]

Podemos notar que a oração em destaque correlaciona duas situações contrárias, mas não importa qual das alternativas venha a ocorrer, pois nenhuma delas fará com que o conteúdo expresso na oração principal deixe de se realizar. Se a oração subordinada apresentada em (11) tivesse apenas o primeiro elemento da disjunção, ela representaria uma construção condicional prototípica, pois conduziria à ação esperada dos fatos: *se ele estiver certo, nós devemos apoiá-lo*. Logo, é justamente a presença de mais de uma condição expressa na oração subordinada que faz com que tal construção seja classificada como concessivo-condicional.

Por fim, as construções **concessivo-condicionais universais** são aquelas cuja oração subordinada é introduzida por um quantificador universal, ou quantificador de livre escolha, tais como *however, wherever* e *whoever* em inglês, e *comoquiera, dondequiera, quienquiera*, e similares, em espanhol.⁷ Segundo Haspelmath e König (1998, p. 335), diferentemente do que ocorre nos outros dois tipos de concessivo-condicionais, nas concessivo-condicionais universais, as possibilidades expressas não se restringem aos elementos disponíveis no universo discursivo. Vejamos o exemplo (12):

- (12) **Whatever they offer her**, she won't accept it. (HASPELMATH; KÖNIG, 1998, p. 567)
[**O que quer que eles lhe ofereçam**, ela não aceitará]

O quantificador universal que inicia a oração em destaque em (12) não impõe limites para os elementos que podem ser oferecidos a uma pessoa, mas indica que seja qual for o elemento oferecido, ela não o aceitará.

A existência de uma categoria intermediária entre construções tipicamente concessivas e construções tipicamente condicionais oferece indícios de uma relação

⁷ Para mais informações sobre as construções concessivo-condicionais universais em espanhol, ver Amorim (2019).

diacronicamente estabelecida entre esses dois domínios semânticos, conforme postulado por König (1986) e confirmado em Haspelmath e König (1998). Assim, na próxima seção apresentaremos as origens mais comuns para os jutores concessivos.

1.3 Principais fontes de jutores concessivos

Em termos evolutivos, autores como König (1985, 1986) e Neves (1998) defendem o caráter tardio dos jutores concessivos não só na história das línguas, como também no processo de aquisição da linguagem.

Segundo König (1985, 1994), o primeiro indício da evolução posterior dos jutores concessivos é sua estrutura e sua etimologia relativamente transparentes. Como apontado pelo autor, os jutores concessivos apresentam, em geral, uma natureza composta, que se origina da fusão de outras partículas que poderiam carregar sentido não concessivo quando isoladas. Assim, temos como exemplo o próprio *aunque*, do espanhol, que é formado por *aun* + *que*; e os jutores do inglês *although* e *nevertheless*, que são formados por *al+though* e por *never+the+less*, respectivamente.

König (1985, 1994) argumenta que, embora os jutores concessivos sejam formalmente complexos, os componentes que os originam podem ser facilmente identificados e, a partir desses componentes, é possível recuperar o sentido com que originalmente eram empregados antes de assumirem o valor concessivo. Esse sentido primário fornece importantes percepções da relação entre a concessividade e os demais domínios semânticos.

Outro indício levantado por König (1985, 1986) a respeito da evolução tardia dos jutores concessivos em comparação aos jutores que carregam outros valores semânticos, como o da condicionalidade, está no fato de as construções marcadas por um jutor concessivo serem menos flexíveis a assumir novos sentidos do que as construções marcadas por um jutor condicional, causal ou temporal. São palavras do autor a esse respeito:

[as orações] condicionais são mais flexíveis em sentido uma vez que elas se abrem à interpretação como causais, concessivo-condicionais e concessivas, dadas as condições contextuais certas. As concessivas, por outro lado, são o tipo de construção mais determinado. Enquanto construções formalmente marcadas como temporais, condicionais, concessivo-condicionais ou causais podem todas ser interpretadas concessivamente, uma construção concessiva formalmente marcada como

tal não parece estar aberta a qualquer outra interpretação. (KÖNIG, 1986, p. 243 – tradução nossa).⁸

O autor defende, portanto, que vários tipos de construções complexas podem, sob certas condições contextuais, oferecer uma leitura concessiva, mas uma construção com um juntor tipicamente concessivo nunca poderá ser interpretada como expressando uma outra relação semântica, conforme atestamos nos seguintes exemplos:

(13) This house is no less comfortable because it dispenses with air conditioning. (KÖNIG, 1985, p. 2)
[Essa casa não é menos confortável porque não tem ar condicionado.]

(14) Embora não tenha ar condicionado, essa casa é confortável.

Como podemos observar, a construção em (13), embora marcada pelo juntor causal *because* (*porque*), permite não só a leitura guiada pela causalidade, mas também uma leitura concessiva, conforme parafraseado em (14). Tal construção, por sua vez, ao ser marcada por um juntor prototipicamente concessivo (*embora*), anula qualquer outra interpretação.

Além de serem as construções mais restritas dentro do grupo das construções tradicionalmente denominadas adverbiais, as construções concessivas também são as mais específicas dentro do grupo das construções contrastivas. Como resultado de um estudo interlinguístico, König (1985) atesta que nem todas as línguas têm, em sua gramática, um juntor concessivo, enquanto todas parecem ter um juntor adversativo, o que sugere que a relação adversativa é mais geral e mais básica do que a relação concessiva.⁹

König (1994), por meio de um estudo tipológico, classifica os jutores concessivos em cinco tipos diferentes, tendo por base sua etimologia e seu desenvolvimento histórico:

a) jutores que derivam da noção de *obstinação*, *desprezo*, *despeito*, aplicada originalmente a agentes ou experienciadores humanos, tais como *in spite of*, do inglês;

⁸ No original: *This discussion has shown that, of all the adverbial clauses discussed, conditionals are the most flexible in meaning since they are open to interpretation as causals, concessive conditionals and concessives, given the right contextual conditions. Concessives, by contrast, are the most determinate construction type. While constructions formally marked as either temporals, conditionals, concessive conditionals or causals can all be interpreted concessively, a concessive construction formally marked as such does not seem to be open to any of the other interpretations.*

⁹ Para mais detalhes sobre a relação entre a adversatividade e a concessividade aplicada, em especial, ao juntor *aunque* no espanhol peninsular, consultar Felipe (2018).

ondanks do holandês; *huolimatta*, do finlandês; e o juntor *a pesar de*, do espanhol, aqui estudado;

- b) jutores formados a partir de um elemento usado em uma quantificação universal, também chamada quantificação de livre escolha. São exemplos desse tipo *however* e *anyway*, do inglês; *quamquam*, do latim; e *habár*, do húngaro. A esse grupo incluímos *por mucho (que)*, abordado neste trabalho;
- c) jutores formados a partir de um conectivo originalmente condicional ou temporal (exemplo: *quand*, do francês) e/ou uma partícula de foco, como nos conectivos *even though*, do inglês; *wenn..gleich*, do alemão; e *jodi-o*, do bengali. A esses exemplos oferecidos pelo autor acrescentamos também o juntor *aunque*, do espanhol. Os jutores desse grupo são, para König (1994), os mais frequentes nas línguas do mundo;
- d) jutores derivados de expressões originalmente usadas para afirmações enfáticas, que carregam o sentido de *verdade*, *realmente*, *de fato* ou que podem expressar a noção de escolha e volição. Os exemplos citados pelo autor são *true*, do inglês; *zwar*, do alemão; *sungguh-pun*, do bahasa indonésia; e *gùrán*, do mandarim;
- e) jutores derivados de expressões originalmente usadas para expressar uma notável coocorrência ou coexistência entre dois fatos. São exemplos desse tipo *nevertheless* e *still*, do inglês; *n'empêche que*, do francês; *bununla beraber*, do turco; e *naama-hin*, do hopi.

Ao estudar a evolução dos jutores concessivos do inglês moderno a partir do inglês medieval, König (1985) observa que diferentes processos atuam na formação de jutores concessivos a depender do tipo de estrutura que os origina. No caso dos jutores concessivos que surgem de jutores concessivo-condicionais – tipo descrito em (c) –, dois processos são apontados: o fortalecimento e a reinterpretação. O **fortalecimento** ocorre em razão da adição de uma partícula ao juntor concessivo-condicional, fazendo com que a sentença adquira valor factual. Esse fenômeno é observado quando comparados os usos de *though* e de *although* (e suas formas primitivas), conforme os exemplos a seguir:

- (15) Be blyte, **though** thou ryde upon a jade. (KÖNIG, 1985, p. 12 – grifo nosso).
[Seja alegre, **mesmo que** você cavalgue sobre um burro velho.]

- (16) We moven nat, **al thought** we hadde it sworn. (KÖNIG, 1985, p. 12 – grifo nosso).
[Nós nos movemos, **embora** estivéssemos proibidos disso.]

No enunciado (15), *though* atua como juntor concessivo-condicional e a oração por ele introduzida tem valor hipotético. Porém, com a adição da partícula *al*, em (16), o enunciado torna-se factual e o juntor adquire valor concessivo.

O segundo processo, chamado de **reinterpretação**, dá-se, segundo König (1985, p. 15), quando um juntor concessivo-condicional é frequentemente usado em contextos factuais, até o ponto em que essa factualidade passa a ser gradualmente associada com esses jutores, que se desenvolvem em genuínos conectivos concessivos. Um exemplo de juntor concessivo formado pela reinterpretação é *even if*. Comparemos os exemplos a seguir:

- (17) **Even if** you drink just a little, your boss will fire you. (KÖNIG, 1985, p. 14 – grifo nosso).

[**Mesmo se** você beber apenas um pouco, seu chefe te despedirá]

- (18) It was the loneliness of the neighbourhood, they supposed, that kept the house next to theirs empty (...). The house stood two yards from the Bartleby's and A. liked looking out of the window now and then and seeing it, **even if** it was empty. (KÖNIG, 1985, p. 14-15 – grifo nosso).

[Era a solidão do bairro, supunham, que mantinha a casa ao lado da deles vazia (...). A casa ficava a dois metros do Bartleby e A. gostava de olhar pela janela de vez em quando e vê-la, **mesmo que** estivesse vazia]

O enunciado em (17) é um exemplo de construção concessivo-condicional na qual *even if* ressalta a condição mais improvável de um conjunto de motivos que poderiam levar o chefe a despedir o interlocutor. Em (18), no entanto, *even if* passa a ser usado em um contexto factual, visto que a informação de que a casa estava vazia já havia sido enunciada, estando disponível no co-texto precedente. König (1985) defende que o uso frequente de *even if* em casos como (18) é que conduziram à leitura concessiva desse juntor.

Na formação de jutores concessivos do tipo (a), que partem de expressões de desprezo, König (1985, p. 15) defende a ocorrência de mudanças semânticas que provocam a abstratização do significado original desses jutores, tradicionalmente chamadas de *branqueamento semântico*. Dessa forma, expressões originalmente aplicadas a agentes ou experienciadores humanos passam a escopar outras entidades como proposições, revelando um processo de mudança que parte de um uso mais concreto para um mais abstrato.

O último processo de mudança indicado por König (1985) se refere à convencionalização de implicaturas conversacionais¹⁰ a partir de expressões de coocorrência ou simultaneidade – tipo (e). Vejamos a construção a seguir, em que temos o uso do juntor *while*, tipicamente utilizado para indicar coocorrência entre dois fatos:

- (19) **While** our competitors are doing extremely well, our sales are declining. (KÖNIG, 1985, p. 15 – grifo nosso)
 [Embora nossos concorrentes estejam indo muito bem, nossas vendas estão declinando]

No exemplo apresentado, temos dois fatos ocorrendo simultaneamente. No entanto, a interpretação de tal enunciado requer condições contextuais específicas, como o reconhecimento de que as duas situações relatadas são conflitantes, visto que se as vendas dos concorrentes estão em progresso, era de se esperar que o mesmo ocorresse com as vendas do falante. A interpretação de tal enunciado requer, portanto, a ativação de conhecimentos prévios do interlocutor para a correta interpretação das intenções comunicativas do falante, o que as caracteriza como implicaturas conversacionais nos termos de Grice (1975).

Para König (1985, p. 16), a leitura concessiva e não temporal de (19) é guiada pelo princípio da informatividade de Atlas e Levison (1981), segundo o qual a melhor interpretação de um enunciado é aquela que for a mais informativa dentre as interpretações em competição. König (1985) considera que interpretar o enunciado em (19) apenas como uma descrição de fatos simultâneos é menos informativo do que compreendê-los com base em uma leitura concessiva, que evoca questões de pressuposição, quebra de expectativa e conclusões inesperadas.

Em relação aos jutores concessivos abordados neste trabalho, cada um deles advém de um processo de formação distinto: *a pesar de (que)* provém de uma expressão de desprezo, correspondente ao tipo (a); *por mucho (que)* origina-se dos quantificadores de livre escolha, do tipo (b); e *aunque* advém de um sentido concessivo-condicional, pertencente ao tipo (c). A escolha desses jutores advindos de fontes diferentes nos permite averiguar se, após terem adquirido valor concessivo, seguem uma mesma trajetória de gramaticalização rumo à função de marcadores interpessoais.

Nas próximas seções, abordaremos de forma mais detalhada as origens desses jutores, tendo por base diversos trabalhos que investigam diacronicamente seus

¹⁰ O fenômeno da convencionalização de implicaturas será tratado com mais detalhe no capítulo II deste trabalho.

surgimentos no espanhol peninsular. Em nossa revisão bibliográfica, encontramos um maior número de trabalhos voltados à origem de *aunque*, por ser o juntor concessivo prototípico do espanhol atual. Já no caso de *a pesar de (que)* e de *por mucho (que)*, são poucos os trabalhos na literatura consultada que discutem as origens e a evolução diacrônica desses dois últimos jutores.

1.4 A origem de *aunque*

A conjunção *aunque* é unanimemente aclamada como o principal juntor concessivo do espanhol atual em todos os trabalhos aqui consultados sobre a concessão nessa língua.

Como amplamente defendido pelos autores que estudam o processo de gramaticalização que originou a conjunção concessiva *aunque* (BATOL HERNÁNDEZ, 1986; GARACHANA CAMARERO, 1997; ELVIRA, 2005; IBBA, 2007, 2008), a etimologia desse juntor é composta pelo advérbio temporal *aun* – proveniente da forma latina *adhuc* – e pela conjunção *que* – proveniente da forma latina *quid*.

Na literatura envolvendo a origem de *aunque*, são duas as principais hipóteses para justificar a união desses elementos linguísticos. A primeira hipótese, e também a mais antiga, defendida por Cuervo (1886), Wartburg (1963) e Pottier (1998), afirma que, em um estágio inicial do espanhol, a concessão podia ser expressa por *aun* + *subjuntivo*. Posteriormente, acrescentou-se a essa locução a conjunção *que* por analogia à alternância existente entre as formas concessivas *maguer/ maguer que*, predominantes na época.

Conforme Garachana Camarero (1997, p. 300), essa primeira hipótese estava sustentada no fato de haver na origem de diversas línguas românicas, tais como o italiano e o francês, locuções do tipo *advérbio* + *subjuntivo* com sentido concessivo. No entanto, como afirma a autora, bem como Ibba (2007, 2008) e Elvira (2005), tal hipótese não se aplica à origem de *aunque* uma vez que não há indícios no espanhol antigo de enunciados concessivos com *aun* + *subjuntivo*. Segundo os autores, os primeiros usos de *aun* + *subjuntivo* são datados tardiamente quando comparados ao surgimento de *aunque* concessivo.

Como alternativa a essa primeira hipótese, Rivarola (1976) e Batol Hernandez (1986) postularam outra proposta para o surgimento de *aunque*, na qual, em um primeiro momento, a locução *que* + *subjuntivo* era utilizada para expressar concessão, e a ela, em um segundo momento, assoma-se o advérbio *aun* como uma estratégia de reforço.

Essa hipótese, que é defendida também por Garachana Camarero (1997) e Ibba (2007, 2008), está baseada na existência, no espanhol medieval,¹¹ de um *que* polissêmico que assumia valores subordinantes diversos, dentre os quais está o concessivo, ilustrado em (20):

(20) **Que** clamemos merçed, oýdos non seremos (ELVIRA, 2005, p. 75 – grifo nosso)
[**Mesmo que** clamemos misericórdia, não seremos ouvidos]

Segundo Garachana Camarero (1997, p. 298-299), o valor concessivo de construções encabeçadas por *que* pode ser documentado desde a etapa mais remota do espanhol. No entanto, a própria autora, bem como Elvira (2005), atenta para o fato de que não é a conjunção *que* a portadora do sentido concessivo. Tal leitura só é possível pelo contexto em que a conjunção aparece e pelo modo subjuntivo do verbo que a acompanha.

Compreendendo, dessa forma, o exemplo (20), temos que a leitura concessiva advém do fato de unirmos em uma mesma construção duas orações contraditórias, visto que a expectativa lógica seria clamar piedade e ser atendido. Porém, o que se afirma é que não seremos ouvidos mesmo clamando misericórdia. No exemplo, o uso do modo subjuntivo atribui à ação descrita pelo verbo *clamar* o sentido de ineficácia.

Tendo em vista a polissemia da conjunção *que* nos primórdios do espanhol e o fato de a leitura concessiva das orações que introduz ser determinada pelo contexto e pelo modo subjuntivo empregado, a língua recorreu, em um segundo momento, ao emprego do advérbio *aun* diante de *que* + *subjuntivo* como uma partícula de reforço da leitura concessiva.

Segundo Elvira (2005) e Ibba (2008), a seleção de *aun* como uma estratégia para suprir a falta de conteúdo semântico de *que* em enunciados concessivos, indica, portanto, que o próprio advérbio *aun* já carregava, durante a fase mais antiga do espanhol, um valor associado à noção de contraexpectativa. Logo, para compreender o processo de formação de *aunque* faz-se necessário analisar primeiramente a gramaticalização de *aun*.

Como já mencionado, *aun* tem sua origem na forma latina *adhuc*, que, de acordo com Elvira (2005, p. 75), é um advérbio de tempo que significa *até agora* e faz referência a algo que começou anteriormente e que chega ao momento presente. Em espanhol, *aun* herda o sentido primário de marcador temporal, indicando uma situação passada que se prolonga até o limite temporal indicado pelo verbo, como no exemplo a seguir:

¹¹ O espanhol medieval compreende do século XIII ao século XV, segundo Algeo (1973).

- (21) Et este nombre nol auie **aun** auudo ninguno de los principes Romanos. (ELVIRA, 2005, p. 75 – grifo nosso)
[e **ainda** não tinha havido este nome em nenhum dos príncipes romanos]

De indicador de limite temporal, significando *até agora*, *ainda*, o advérbio *aun* sofre uma ampliação de seu significado original, passando a indicar o ponto final de uma sucessão de ações, eventos ou estados (ELVIRA, 2005, p. 75), como em (22):

- (22) E aquel que gela diesse sopiesse em palabra, que perderie los aueres e mas los oios de la cara e **aun** demas los cuerpos de las almas. (GARACHANA CAMARERO, 1997, p. 308).
[e aquele que disse soubesse uma palavra, perderia os poderes e os olhos da cara e **ainda** mais os corpos das almas]

O novo valor nocional¹² indicado por *aun* em (22) é de inclusão, semelhante a *inclusive* e *até*, sentido este que, para Garachana Camarero (1997), apareceu na transição do latim para o romance, pois desde as primeiras manifestações escritas do espanhol já é possível encontrar usos de *aun* inclusivo. Para Elvira (2005), o uso inclusivo de *aun* gera também uma leitura implicativa ocasionada pelo contexto: além de indicar que os corpos perderiam suas almas, o uso de *aun* assinala que esse fato é o mais inesperado dentro da sequência em que se encontra. Logo, tal valor nocional carrega o sentido de contraexpectativa, que, posteriormente contribui para a formação da conjunção concessiva *aunque*.

A partir dessa noção, Elvira (2005, p. 75-76) classifica o *aun* inclusivo como uma partícula focalizadora, isto é, um tipo especial de advérbio – à semelhança de *até* (*hasta*), *inclusive* (*incluso*), *também* (*también*), *además* (*además*), entre outros – que tem por função colocar em evidência o ponto principal da oração, tendo em vista a ênfase que se procura dar a sua informatividade e a seus efeitos pressupostos.

Ibba (2008) opta por agrupar todos os casos de *aun* focalizador como casos nocionais, criando, assim, a oposição **valor temporal**¹³ x **valor nocional** para representar respectivamente os usos não marcados e marcados desse advérbio. Tanto Ibba (2008) como Elvira (2005) defendem, no entanto, que os valores nocionais de *aun* são propiciados pela

¹² Segundo Pottier (1998), valor nocional é aquele que se distancia do significado etimológico da palavra.

¹³ O valor temporal, como definido pelos autores consultados, pode ser compreendido também como um valor aspectual de *aun*, visto que, enquanto marcador temporal, *aun* assinala uma ação não finalizada, cujo desenrolar começa no passado e chega até o momento da enunciação.

combinação desse advérbio com outros elementos linguísticos do contexto. Algumas das combinações citadas pelos autores no espanhol medieval são:

- a) **Aun + elemento aditivo:** nessas combinações, o advérbio *aun* adquire um sentido aditivo, semelhante a *também* (*también*) ou *inclusive* (*incluso*):

(23) e dizie mintiendo todas estas cosas que auemos dichas **e aun otras** muchas que son de riso e de escarnio. (ELVIRA, 2005, p. 76).
[e dizia mentindo todas essas coisas que temos dito **e ainda outras** muitas que são de riso e de escárnio].

- b) **Aun + partícula negativa:** nesses contextos, Ibba (2008, p. 86) afirma que o valor de *aun* é de exclusão, semelhante a *também não* (*tampoco*):

(24) nin podra su marido tomar otra muger, nin quererla bien **nin aun** non podra auer amiztat con otro si non con el que ella amare. (IBBA, 2008, p. 86).
[nem poderá seu marido tomar outra mulher, nem lhe querer bem, **nem mesmo** poderá ter amizade com outro se não quem ela amar].

- c) **Aun + elemento quantitativo/qualitativo:** nesses casos, Elvira (2005, p. 78) afirma que *aun* atua como um marcador de posição extrema no terreno da comparação, da gradação e da quantidade, como em (25):

(25) que la onrra para el la queríamos **mas aun** que para nos. (ELVIRA, 2005, p. 78).
[queríamos a honra para ele **mais ainda** que para nós].

- d) **Aun + advérbio temporal:** para Ibba (2008, p. 89), nesses contextos, o sentido de *aun* oscila entre o temporal e o nocional, ambiguidade indicativa do processo de gramaticalização sofrida pelo item durante o período medieval, como vemos em (26):

(26) tan grande era su crueldad que todos los de su tierra y los de su casa temblavan delante dél, **& aun quando** oían dél hablar (IBBA, 2008, p. 88)
[tão grande era sua crueldade que todos os de sua terra e os de sua casa tremiam diante dele **e até quando** ouviam dele falar]

- e) **Aun + elemento subordinativo:** nos casos citados por Elvira (2005) e por Ibba (2008) encontram-se combinações de *aun* com conjunções concessivas, com conjunções condicionais, e com *que* polissêmico, atuando como reforço para o sentido contraexpectativo, como em (27):

- (27) nin **aun que** la començassen que la non acabarien (ELVIRA, 2005, p. 80)
[nem **mesmo que** a começassem não a acabariam]

Elvira (2005) argumenta que as ocorrências de *aun que* no espanhol medieval, conforme vemos em (27), constituem em um primeiro momento uma estrutura concessivo-condicional:

[...] trata-se de construções concessivo-condicionais, nas quais a presença do subjuntivo incorpora um valor de extrema impossibilidade, e que compreende, como visto, que o antecedente se situa no valor mais improvável de uma escala. Desta pressuposição de um fato contrário à expectativa deriva a leitura concessiva que recebem.¹⁴ (ELVIRA, 2005, p. 82).

O uso do subjuntivo garante à oração introduzida por *aun que*, em (27), o valor não factual, pois o fato de começarem algo é apenas suposto. Apesar de hipotética, a relação presente nessa construção é de contraexpectativa, pois, tendo em vista que se espera que algo começado encontre seu fim em algum momento, afirma-se que mesmo começando uma determinada obra, essa não terminaria.

Por meio do percurso histórico apresentado nesta seção, propomos que a evolução diacrônica de *aunque* segue uma trajetória que parte do uso do advérbio temporal *aun*, até sua atuação na locução concessivo-condicional *aun que*, que, a partir da convencionalização de seu sentido de contraexpectativa, passa a expressar valores puramente concessivos, convertendo-se na conjunção *aunque*. Tal trajetória é expressa pelo seguinte *cline* de mudança dos domínios nocionais de *aun*:

- (28) temporal > concessivo-condicional > concessivo

Garachana Camarero (1997), Elvira (2005) e Ibba (2008) apontam para a atuação de mecanismos de mudança nessa trajetória de consolidação da conjunção concessiva *aunque* que permitiram, em um primeiro momento, ao advérbio *aun*, inicialmente temporal, estender seu uso até um domínio mais abstrato de *inclusão*, e, posteriormente, à locução concessivo-condicional *aun que* convencionalizar-se a ponto de também marcar uma

¹⁴ No original: [...] se trata más bien de construcciones concesivas condicionales, en las que la presencia del subjuntivo incorpora un valor de extrema improbabilidad, y que entrañan, como se ha visto, que el antecedente se sitúa en el valor más improbable de una escala. De esta presuposición de hecho contrario a una expectativa se deriva la lectura concesiva que reciben.

relação tipicamente concessiva. A atuação desses mecanismos será descrita na subseção a seguir.

1.4.1 Os processos metafóricos e metonímicos na formação de *aunque*¹⁵

Ibba (2008, p. 78) afirma que a gramaticalização sofrida por *aun* foi propiciada, entre outros fatores, por esse advérbio ser, desde sua origem, um representante prototípico da categoria de advérbio temporal, o que significa que *aun* era e ainda é um dos advérbios mais representativos entre aqueles que indicam continuidade. Para compreendermos as mudanças sofridas por *aun*, tomaremos por base o seguinte esquema adaptado de Ibba (2008):

Quadro 1 – Mudanças nocionais sofridas por *aun*, segundo Ibba (2008)

Domínio temporal	Domínio não-prototípico	Domínio da bipolaridade
Inclusão temporal <i>Inclusive o momento atual</i>	Inclusão a níveis abstratos <i>Inclusive</i>	Inclusão a nível bipolar <i>Inclusive ocorrendo A, teremos B</i>

Fonte: Adaptado de Ibba (2008, p.80)

Segundo Ibba (2008, p. 93), quando pertencente ao domínio temporal, o advérbio *aun* implica a continuidade de uma ação, indicando que algo começado no passado perdura até o momento presente. Assim, há a inclusão do momento da fala, como podemos ver em (29):

(29) Mas por esso el duelo **aun** nol oluidauan. (ELVIRA, 2005, p. 75)
[mas por isso ainda não esqueciam o duelo]

O traço *inclusão*, de acordo com Ibba (2008, p. 93), é a característica mais relevante do advérbio temporal *aun*. Esse traço abstratiza-se posteriormente e passa a ser aplicado a outros domínios nocionais não temporais para indicar uma adição, como em (30), até chegar ao domínio da bipolaridade, quando *aun* se combina com outras partículas subordinativas, como é o caso de *que* + *subjuntivo*, conforme vemos em (31):

(30) fazemos carta de donamiento e de otorgamiento a prouecho de nuestros parientes viuos & **aun** de los muertos (IBBA, 2008, p. 84)
[fazemos carta de doação e de concessão a proveito de nossos parentes vivos e **até** dos mortos]

¹⁵ Os processos cognitivos da metáfora e da metonímia e sua importância para a mudança linguística são abordados no capítulo II deste trabalho.

- (31) E **aun** que aquellos lo errasen suya Seria la culpa que non tuya (IBBA, 2008, p. 92)
[e **mesmo que** aqueles errassem a culpa seria deles e não sua]

A abstratização do traço *inclusão* de um domínio temporal para uma *inclusão* em qualquer domínio é justificada por Ibba (2008, p. 93) como um processo metafórico, uma vez que há deslocamento semântico de um domínio fonte, mais concreto, para um domínio alvo, mais abstrato. Assim, metaforicamente, o traço *inclusão* presente em *aun*, aplicado primeiramente para indicar continuidade temporal e acumulação de ações em um seguimento temporal, passa a indicar uma continuidade e acumulação de fatos, valor a partir do qual se desenvolve o concessivo. Esse processo de abstratização metafórico do advérbio *aun* até o desenvolvimento de *aunque* é representado por Ibba (2008) na seguinte escala:

- | | | |
|------------------------|--------------------|-------------------|
| (32) tempo > | qualidade > | concessão |
| aun | aun | aun |
| (<i>hasta ahora</i>) | (<i>incluso</i>) | (<i>aunque</i>) |

Guarachana Camarero (1997), no entanto, discorda de que o processo de mudança semântica de *aun* temporal para *aun* inclusivo seja metafórico. Segundo a autora, o processo é de base metonímica e ocorre a partir da especialização do significado de contraexpectativa, gerado no contexto, presente em *aun* desde seu sentido temporal. Como discutimos anteriormente, o advérbio temporal *aun* carrega consigo uma leitura também de quebra de expectativa, que, embora seja contextual, pode ser inferida de enunciados como o seguinte:

- (33) ¡Pero, **aun** estás viendo la televisión! (GARACHANA CAMARERO, 1997, p. 308)
[Mas, você **ainda** está vendo televisão]

Como explica Garachana Camarero (1997, p. 308), de um enunciado como (33) é possível depreender uma leitura literal, segundo a qual alguém que estava vendo a televisão em um momento passado continua a realizar a mesma ação até o momento da fala; mas também é possível depreender uma quebra de expectativa de quem a enuncia ao supor que tal ação não mais estaria sendo realizada. Assim, *aun* marca um contraste entre o que acontece (alguém vendo a televisão) e o que o falante esperava que acontecesse (esse alguém já não estar vendo a televisão).

Para Garachana Camarero (1997, p. 309), a leitura de contraexpectativa de *aun* temporal configura uma implicatura conversacional, pois só pode ser depreendida pelo contexto da enunciação. No entanto, a autora argumenta que é a partir da convencionalização dessa leitura contrastiva presente em *aun* temporal que surge o valor inclusivo desse advérbio. Nas palavras da autora:

[...] o emprego de *aun* com o valor de *incluso* [“inclusive”] supõe um processo de ordem metonímica de acordo com o qual um termo que em um primeiro momento estava associado a um significado temporal e nocional fica restrito, em certos usos, à expressão de valores nocionais.¹⁶ (GARACHANA CAMARERO, 1997, p. 309).

Assim, a autora compreende que, durante a evolução de *aun*, houve a restrição de um uso temporal e contraexpectativo para um uso simplesmente contraexpectativo, operando, desse modo, como uma metonímia do tipo O TODO PELA PARTE, na qual o TODO compreende os dois valores iniciais, e a PARTE corresponde a apenas ao valor de ruptura de uma expectativa.

Além desse primeiro processo metonímico, Garachana Camarero (1997) expõe a atuação de uma segunda mudança operando por metonímia a partir do momento em que o advérbio *aun* se une à expressão polissêmica *que* + *subjuntivo*. Em razão do valor contraexpectativo que se especializa no *aun* inclusivo, tal advérbio passa a atuar junto à locução *que* + *subjuntivo* como um *operador pragmático*, termo utilizado por Garachana Camarero (1997, p. 310) para definir a categoria de itens linguísticos responsáveis por indicar ao interlocutor qual sentido deveria ser atribuído à expressão que ele modifica.

Como discutimos nesta seção, os primeiros usos de *aun que* são casos concessivo-condicionais nos quais a locução ressalta o ponto máximo de uma escala de termos ou de situações, que, em um contexto hipotético, poderiam atuar como um obstáculo inesperado ao que se comunica na oração principal, conforme representado em (34):

- (34) Et defiende santa eglesia que en mano de tales homes non sea metido pleyto de departimiento de matrimonio, quier sean clérigos o legos, nin **aunque** fuesen obispos. (GARACHANA CAMARERO, 1997, p. 312)
[e defende a santa igreja que na mão de tais homens não seja metida disputa de separação matrimonial, quer sejam clérigos ou leigos, nem **mesmo que** fossem bispos]

¹⁶ No original: [...] el empleo de ‘aun’ con el valor de ‘incluso’ supone un proceso de índole metonímica de acuerdo con el cual un término que en un primer momento estaba asociado a un significado temporal y nocional queda restringido, en ciertos empleos, a la expresión de valores nocionales.

Na escala hierárquica inferida pelo falante temos os leigos, os clérigos e os bispos, em ordem crescente de importância. No entanto, em (34), afirma-se que brigas por separação matrimonial não devem ser tratadas nem mesmo pelo elemento que ocupa o maior nível na hierarquia apresentada: os bispos. Sendo assim, rompe-se com a expectativa de que estes, por apresentarem mais poder, pudessem tratar de assuntos ligados ao fim do casamento.

Garachana Camarero (1997) considera que, a partir dos contextos em que *aunque* enfatiza o ponto máximo de uma escala, surge o valor concessivo da conjunção: “a expressão associada a uma condição que dificilmente pode ser contrariada (o obstáculo mais forte) passa a designar qualquer tipo de condição ineficiente”¹⁷ (GARACHANA CAMARERO, 1997, p. 313), visão essa compartilhada também por Elvira (2005). Dessa forma, *aunque* deixa de marcar apenas o ponto mais improvável de uma escala para marcar qualquer tipo de quebra de expectativa, seja ela mais ou menos esperada.

Para Garachana Camarero (1997, p. 313), o processo de generalização semântica sofrido por *aunque* nesse momento é uma mudança metonímica do tipo A PARTE PELO TODO, visto que, em seu uso concessivo-condicional, *aunque* abarcava apenas uma parte do conceito da concessão que se estabelece no plano não factual; porém, ao expandir seu uso para todos os tipos de quebra de expectativa (não factual e factual), *aunque* passa a representar plenamente o sentido concessivo, referindo-se a qualquer tipo de condição ineficiente.

Mudanças semânticas são acompanhadas de mudanças morfossintáticas que refletem formalmente a gramaticalização sofrida por um item. No caso de *aunque*, as mudanças assinaladas por Garachana Camarero (1997, p. 318) são:

- a) descategorização de *aun*: ao longo de seu processo de gramaticalização, *aun* deixa de pertencer à classe dos advérbios temporais para fazer parte da sequência *aun+que*, que, devido à rotinização forma um único constituinte: *aunque*;
- b) modificações de escopo: *aun+que*, antes restrito a orações com verbo pessoal no modo subjuntivo, por atuar apenas em contextos hipotéticos, passa a introduzir também orações não finitas ao se configurar como uma conjunção;

¹⁷ No original: *La expresión asociada a una condición que dificilmente puede ser contrariada (al obstáculo más fuerte) pasa a designar cualquier tipo de condición insuficiente.*

- c) perda da mobilidade de *aun*: como advérbio, *aun* pode ocupar diferentes posições em uma sentença, no entanto, a partir do momento em que se une à locução *que* + *subjuntivo* para acentuar o ponto máximo de uma escala, assume prototipicamente uma posição remática, introduzindo o último elemento de uma enunciação. Já quando passa a atuar em contextos factuais como conjunção concessiva, *aunque* predominantemente acompanha a primeira estrutura da construção concessiva, indicando uma informação dada ou apresentada como tal;
- d) mudanças na combinação modal: em um primeiro momento, a locução concessivo-condicional *aun* + *que* é restrita a contextos hipotéticos, por isso acompanha predominantemente verbos no modo subjuntivo. A partir do momento em que *aunque* consolida-se como conjunção concessiva, o uso do modo verbal passa a depender do tipo de concessão que expressa. Assim, uma concessão estabelecida em um plano factual poderá ocorrer com verbo no modo indicativo ou no modo subjuntivo, a depender da informatividade de seu conteúdo. Já uma concessão não factual ocorrerá, via de regra, com verbo no modo subjuntivo.

Compreendidos os processos que atuaram na formação do juntor concessivo *aunque*, apresentaremos a seguir uma breve cronologia desse juntor no espanhol medieval, considerando desde seu surgimento até sua consolidação como juntor concessivo prototípico dessa língua. Para tanto, tomaremos como base os trabalhos de Algeo (1973) e de Rivas (1990).

1.4.2 A consolidação de *aunque* no espanhol medieval

Algeo (1973, p. 532) argumenta que, para compreendermos as mudanças sofridas pelos jutores concessivos ao longo do período medieval é necessário observar três aspectos: (i) a função individual de cada juntor; (ii) a expressão de eventos reais e não reais – que aqui chamamos, respectivamente, factuais e não factuais – e; (iii) o papel do modo verbal na codificação das propriedades vistas em (i) e em (ii).

De acordo com a investigação diacrônica elaborada por Algeo (1973), durante o século XIII, os principais jutores concessivos do espanhol eram: *maguer(a) (que)*, *comoquier(a) que*, *pero que* e *aunque*. O juntor predominante nesse período era *maguer(a) (que)*, utilizado tanto para expressar conteúdos factuais, no modo indicativo, como

conteúdos não factuais, no modo subjuntivo, conforme vemos nos exemplos extraídos do autor:

(35) e dixo que queria lidiar convusco **maguer sodes rey**. (ALGEO, 1973, p. 533 – grifo nosso).

[e disse que queria lutar convusco **embora sejas o rei**]

(36) [...] e prometioles que de estos dos años non enbiase por este cavallero **maguer guerras ouiese en la su tierra**. (ALGEO, 1973, p. 533 – grifo nosso).

[e prometeu-lhes que durante esses dois anos não enviaria esse cavaleiro **mesmo que houvesse guerras em sua terra**]

Os jutores *comoquier(a) (que)* e *pero que* limitavam-se a expressar conteúdos factuais, sendo que o primeiro podia acompanhar qualquer um dos modos verbais, enquanto o segundo se limitava ao uso do indicativo. Já o uso de *aunque* era raro nesse século e estava restrito aos contextos não factuais, conforme exemplificado em (37):

(37) **E aunque lo del mundo se pierda por maldat de los omnes**, non se pierde el bien ante Dios (ALGEO, 1973, p. 534)

[**e ainda que as coisas do mundo se percam pela maldade dos homens**, não se perde o bem diante de Deus]

Algeo (1973, p. 534) observa, no entanto, que, desde a primeira metade do século XIV, há uma mudança nas funções estabelecidas pelos jutores concessivos. Nesse período, o jutor mais recorrente passa a ser *comoquier(a) que*, seguido, respectivamente, por *aunque* e por *maguer(a) (que)*. O autor justifica o declínio de *maguer(a) (que)* por meio do caráter restritivo que esse jutor adquire nesse novo século. Nos dados do século XIV levantados por Algeo (1973), *maguer(a) (que)* apenas introduz contextos factuais com indicativo. Dentro do repertório de jutores concessivos do espanhol medieval que introduzem contextos factuais também está *comoquier(a) que*, que, por ocorrer tanto com verbo no indicativo como no subjuntivo, passa a ser mais produtivo que *maguer*.

O jutor *aunque*, por sua vez, ganha espaço nesse período por ser o único jutor utilizado em contextos não factuais. Embora *aunque* apareça predominantemente nesses contextos, em 4 das 66 ocorrências de *aunque* levantadas por Algeo (1973), o jutor aparece introduzindo contextos factuais no indicativo. Dada a exclusividade de *aunque* para os casos não factuais no século XIV, esse jutor torna-se mais frequente que *maguer(a) que*.

A polaridade entre *comoquiera(a) que*, utilizado em contextos factuais, e *aunque*, utilizado em contextos não factuais, característica do século XIV, não é mais verificada por Algeo (1973) no século XV. Segundo o autor, nesse novo século, *aunque* é o juntor concessivo predominante, seguido pelo anteriormente predominante *comoquier(a) que* e por *puesto que*, juntor que tem suas primeiras aparições no século XIV. O juntor *maguer(a) (que)* passa a ser considerado um arcaísmo.

Os dados levantados por Algeo (1973) demonstram que *aunque* desbanca o juntor *comoquier(a) que* em razão do fato de *aunque* ter começado a atuar não só em contextos não factuais, mas também em contextos factuais tanto no indicativo, como no subjuntivo, embora esse último ainda fosse raro nesse momento histórico. Vejamos os exemplos:

(38) El capitan nunca consintio que le cerrasen a el, **aunque es costumbre**. (ALGEO, 1973, p. 537 – grifo nosso).

[O capitão nunca consentiu que lhe trancassem, **embora seja costume**]

(39) [...] e con grano sadia fue ferir en la gruesa batalla del rey de Portugal. **E aunque la suya fuese mucho menor**, no se pudieron sostener los portugueses. (ALGEO, 1973, p. 537 – grifo nosso).

[e com grande vontade foi ferir na dura batalha do rei de Portugal. **E embora a sua fosse muito menor**, não os portugueses não puderam se sustentar].

(40) **Aunque por al no desease vivir**, sino por ver mi Elicia, me deueria guardar de peligros. (ALGEO, 1973, p. 537 – grifo nosso).

[**Mesmo que por outra coisa não desejasse viver**, mas sim para ver minha Elicia, deveria me guardar de perigos]

De acordo com Algeo (1973), temos, em (38) e em (39), casos de *aunque* introduzindo contextos factuais, sendo o primeiro com verbo no modo indicativo, e o segundo com verbo no modo subjuntivo. Já o exemplo (40) apresenta *aunque* introduzindo um contexto não factual. *Aunque* torna-se mais produtivo ao abranger um número maior de contextos de uso, enquanto *comoquier(a) que* se mantém restrito aos usos factuais.

Com base no levantamento de Algeo (1973) aqui apresentado, podemos concluir que o fator que garantiu a sobrevivência de *aunque* e sua ascensão até a categoria de juntor prototípico do espanhol é a sua versatilidade: inicialmente voltado a contextos não factuais, *aunque* expande seus usos, abrangendo também contextos factuais codificados em ambos os modos verbais.

O estudo diacrônico elaborado por Algeo (1973) também aponta para a tendência de jutores restritos a contextos factuais se tornarem obsoletos, como o caso de *maguer(a)*

(*que*), enquanto jutores inicialmente não factuais geralmente expandem seus usos, seguindo uma trajetória que pode ser resumida no seguinte *cline*:

(41) Não factuais > não factuais e factuais > factuais > obsoletas

Para Algeo (1973, p. 541-542), a unidirecionalidade do processo de mudança dos jutores concessivos de *não factual* > *factual* se deve a algumas propriedades dos jutores não factuais não compartilhadas pelos jutores factuais. Para o autor, essas propriedades estão relacionadas à natureza dos modos verbais predominantes em cada contexto.

Tendo em vista que o modo subjuntivo é mais versátil que o indicativo por operar tanto em contextos não factuais como factuais, Algeo (1973, p. 542) explica que, para os jutores que atuam em contextos não factuais, é mais fácil perder o traço de irrealidade e expandir seus usos a contextos factuais com subjuntivo, por meio da analogia com outros jutores, para, posteriormente, também por analogia, perder a restrição quanto ao uso do modo indicativo. Por outro lado, jutores já restritos a contextos factuais com indicativo não podem expandir seus usos a contextos não factuais, dada a impossibilidade de o indicativo expressar hipóteses por si próprio.

Rivas (1990, p. 168), que também observa as mudanças sofridas por *aunque* no período medieval, expressa que a transposição desse jutor sobre *maguer(a) que* e *comoquier(a) que* se deu por economia linguística, processo que faz com que desapareçam os jutores menos produtivos em razão de suas restrições de uso. Assim, no que diz respeito às competições linguísticas que fizeram com que *aunque* se tornasse o jutor concessivo prototípico do espanhol atual desde o século V, pode-se concluir que, para o espanhol, foi mais vantajoso manter a forma *aunque* em detrimento dos demais jutores por operar em todos os contextos (factuais e não factuais) e com ambos os modos verbais (indicativo e subjuntivo), um claro processo de abstratização de sentido.

1.5 A origem de *a pesar de (que)*

O jutor concessivo *a pesar de (que)*, atualmente utilizado, segundo Matte Bon (1995, p. 213), para dar ênfase ao contraste existente entre a informação transmitida pela estrutura principal e a informação transmitida pela estrutura concessiva, tem por núcleo o infinitivo substantivado *pesar*.

De acordo com Elvira (2009, p. 276), *pesar* tem sua origem no verbo latino *pensare*, que tinha o sentido de *ponderar* ou *medir o peso de algo*, acepção ainda presente no verbo *pesar* do espanhol e do português. O autor argumenta que, por meio de um deslocamento metafórico, em que o *peso* passa a ser visto como algo angustiante e sufocante, *pesar* adquire o sentido de *aflição* ou *desgosto* provocado a alguém por causa de uma ação ou de uma circunstância negativa. O uso de *pesar* na locução *a pesar de* é documentado por Torres Cacoullos (2006) desde o século XII, e em seus primeiros usos carrega o sentido de *sofrimento*, como em (42):

(42) Por esta ocasion fue preso Daniel, **a pesar del** rey que lo querie enparar. (TORRES CACOUULLOS, 2006, p. 37).

[nesta ocasião foi preso Daniel, **com o pesar do** rei que queria amparar-lhe]

Segundo Torres Cacoullos (2006, p. 40), a locução *a pesar de*, nos primórdios da língua espanhola, era composta pelos seguintes elementos linguísticos, que apresentavam independência em relação aos outros membros da locução:

(43) preposição *a* + substantivo *pesar* + de + nome [+ humano]

Analisando a composicionalidade de *a pesar de*, a autora observa que a união de *a* + *pesar* está associada com o esquema de construções [*preposição* + *pesar*] muito comum nos primeiros séculos da língua. Tal padrão também é identificado por Elvira (2009), que expõe a possibilidade de *pesar* combinar-se com diferentes preposições além de *a*.

Com relação ao seu escopo, a locução *a pesar de* aplica-se, em sua origem, a um referente humano, que é quem sofre o pesar, isto é, a tristeza. Assim, em (42), quem sofre com a prisão de Daniel é o rei. Outra forma de codificar morfossintaticamente o experienciador do *pesar* se dá pelo uso de pronomes possessivos, conforme em (44):

(44) si tu fueres allá contra voluntad de mi marido et **a su pesar**. (TORRES CACOUULLOS, 2006, p. 41).

[se você for lá contra a vontade do meu marido e **para o sofrimento dele**].

Para Torres Cacoullos (2006, p. 41), *a pesar de* também se associa com outro padrão de construções mais geral, agora relacionado ao escopo da locução, que é [*a* +

pesar + *genitivo*], sendo tal genitivo aquele que sofre o *pesar*, independentemente de sua forma morfossintática – um sintagma nominal ou um pronome possessivo, por exemplo.

Tendo em vista a composicionalidade e o sentido vinculados inicialmente à locução *a pesar de*, Torres Cacoullós (2006) e Elvira (2009) defendem que o processo de gramaticalização que resulta no juntor concessivo *a pesar de* não pode ser visto como atuando apenas no núcleo *pesar*, mas deve ser compreendido como afetando a locução como um todo.

Torres Cacoullós (2006) utiliza o conceito de *colocação* (*collocations*), apresentado por Bybee (2003), para explicar o processo de gramaticalização sofrido por *a pesar de*. Colocações são definidas como uma sequência de palavras ou morfemas que, em razão do uso frequente, tornam-se automatizadas e passam a ser compreendidas como uma única unidade de processamento (BYBEE, 2003, p. 618). Com base nesse conceito, Torres Cacoullós (2006) assume o processo de gramaticalização, em especial o sofrido por *a pesar de*, como a evolução de uma colocação em uma unidade simples.

Durante a passagem de *a pesar de*, expressão voltada à transmissão de um sentido de tristeza, para juntor concessivo, a colocação sofreu uma série de mudanças semânticas e morfossintáticas que auxiliaram em seu processo de gramaticalização, as quais seguem discutidas na subseção a seguir.

1.5.1 As mudanças semânticas e morfossintáticas na evolução de *a pesar de* (que)

Conforme apresentado anteriormente, nos primeiros séculos de consolidação da língua espanhola, o substantivo *pesar* era comumente utilizado, seja individualmente, seja compondo locuções, para expressar sentidos negativos relacionados ao sofrimento de alguém. Enquanto substantivo, *pesar* tem todas as propriedades referentes a essa categoria gramatical, tal como apresentar gênero, variar em número, receber modificadores e atuar em um sistema de coordenação com outros substantivos, propriedades exemplificadas a seguir:

- (45) Agora dexamos aqui las razon<e>s delos **pesares** & delas batallas (TORRES CACOUULLÓS, 2006, p. 38).
[Agora deixamos aqui as razões dos **pesares** e das batalhas]

Nesse exemplo, o substantivo *pesar* está em sua forma plural e é determinado pelo uso do artigo definido *los*. Além disso, *delos pesares* está coordenado com o sintagma *delas batallas*, cujo núcleo também é um substantivo.

A partir da observação de dados do espanhol do século XII ao século XX, Torres Cacoullos (2006, p. 38) afirma que, conforme aumenta a frequência de *pesar* na colocação *a pesar de*, esse elemento tende a perder suas características de substantivo, configurando um processo de descategorização. Nesses dados, a autora verifica a perda da marca de plural, a diminuição no uso de determinantes e modificadores adjetivais acompanhando *pesar*, bem como a redução da presença de *pesar* em estruturas coordenadas com outros substantivos.

A descategorização de *pesar* reflete a maior estabilidade interna da colocação *a pesar de*, que começa a não ser mais compreendida com base na soma dos elementos que a compõem. Por isso, mudanças na estrutura interna de *a pesar de* também são verificadas ao longo dos séculos.

Em seus primeiros usos, a colocação *a pesar de* não apresentava muita rigidez quanto a sua estrutura interna, de modo que os componentes *a + pesar + de* eram tratados como formas individuais, o que, como evidenciado por Torres Cacoullos (2006, p. 42), permitia a retomada anafórica de *pesar* – como em (46) –, a inserção de material interveniente na estrutura interna de *a pesar de* – como em (47) –, a combinação dessa colocação com outras que seguiam o mesmo esquema geral – como em (48) –, e a coordenação de sintagmas pela simples repetição da preposição *de*, como em (49):

(46) [...] porque **a vuestro pesar y al de vuestro asno**, éste es jaez y no albarda. (TORRES CACOUULLOS, 2006, p. 42).

[porque **para o seu pesar e para o de seu asno**, isso é um jaez e não uma albarda]

(47) cuyo aspecto, desde el primer instante, le había desagradado de extraño modo, **a pesar** o quizás a causa **de** que Sabel era un buen pedazo de lozanísima carne. (TORRES CACOUULLOS, 2006, p. 42).

[cujo aspecto, desde o primeiro instante, lhe havia desagradado de estranho modo, **para o pesar** ou talvez por causa **de** que Sabel era um bom pedaço de carne muito saudável]

(48) sentándose en la cama, **a pesar de** sus bizmas y **con dolor de** sus costillas. (TORRES CACOUULLOS, 2006, p. 42).

[sentando-se na cama, **apesar de** seus emplastos e **com a dor em** suas costas]

(49) algo de atrevido y varonil en todo el ademán, **a pesar del** recogimiento y **de** la mansedumbre clericales. (TORRES CACOUULLOS, 2006, p. 42).

[algo de atrevido e varonil em todo os seus modos, **apesar do** recolhimento e **da** mansidão clericais]

Com o aumento da frequência e consequente automatização de *a pesar de* ao longo dos séculos, as propriedades acima apresentadas vão se tornando cada vez mais raras, o que sugere uma maior fixação da estrutura interna da colocação. Mudanças dessa ordem tornam a colocação mais opaca, já que seu novo sentido passa a ser atribuído à estrutura como um todo, e não mais ao resultado da combinação dos elementos que a compõem. Como afirma Torres Cacoullos (2006, p. 37), o aumento da opacidade e a perda da autonomia da estrutura interna são indícios de gramaticalização da colocação.

Aumento na rigidez na estrutura interna de uma colocação é, por sua vez, acompanhado de uma maior flexibilidade externa da colocação, o que implica uma ampliação de seus contextos de uso e de seus possíveis escopos, resultando, assim, em uma generalização sintática. No caso de *a pesar de*, a generalização sintática permite que tal colocação deixe de escopar apenas sintagmas de núcleo nominal para modificar também formas verbais não finitas e até mesmo orações.

Torres Cacoullos (2006) argumenta que até o século XVII o escopo de *a pesar de* era principalmente sintagmas nominais com traço [+ humano] como vemos no exemplo a seguir:

- (50) un hombre tan valiente que, **a pesar del comisario y de las guardas**, los soltó a todos (TORRES CACOUULLOS, 2006, p. 43).
[um homem tão valente que, **apesar do comissário e dos guardas**, soltou a todos]

No entanto, a partir desse século, *a pesar de* estende sua abrangência para escopar também substantivos abstratos que, por metonímia, poderiam ser associados a um ser humano, como é o caso do substantivo *malícia*, presente em (51):

- (51) Tomad mi consejo, y, **a pesar de la malicia de mis enemigos**, casaos con él. (TORRES CACOUULLOS, 2006, p. 44).
[Tome meu conselho, e, **apesar da malícia dos meus inimigos**, case-se com ele]

Substantivos abstratos relacionados principalmente a características dos seres humanos são, por um processo metonímico do tipo A PARTE PELO TODO, utilizados no lugar dos seres que os possuem. Assim, em (51), o substantivo abstrato *malícia* ressalta apenas uma das características do referente humano *meus inimigos*, mas que é posta em destaque por estabelecer o contraste com a informação transmitida pela estrutura principal: *case-se com ele*.

Torres Cacoulllos (2006) também apresenta ocorrências de *a pesar de* escopando entidades inanimadas a partir do século XVII, como ilustra o exemplo em (52):

- (52) y pudo conocer, **a pesar de las sombras de la capilla**, que una de aquellas damas era la Regenta en persona (TORRES CACOUULLOS, 2006, p. 43).
[e pode reconhecer, **apesar das sombras da capela**, que uma daquelas damas era a governanta em pessoa]

De acordo com a autora, as entidades inanimadas acompanhadas por *a pesar de* foram, em um primeiro momento, utilizadas somente quando constituíam um obstáculo à realização do que se afirma na estrutura principal. No caso de (52), por exemplo, a sombra da capela é uma entidade inanimada que atuou como um obstáculo para o reconhecimento de uma pessoa.

A expansão do escopo de *a pesar de* para incluir substantivos relacionados metonimicamente a um ser humano e a entidades inanimadas configura, para Torres Cacoulllos (2006, p. 44), um primeiro momento na etapa da generalização sintática dessa colocação ao longo de seu processo de gramaticalização.

Um segundo momento de expansão sintática de *a pesar de* ocorre quando tal colocação passa a escopar situações, processos ou até proposições, codificadas por substantivos abstratos, verbos em sua forma finita ou orações. Vejamos o exemplo a seguir:

- (53) la viveza de los colores, apreciable **a pesar del oscurecimiento** producido por la oxidación del barniz original (TORRES CACOUULLOS, 2006, p. 43).
[a viveza das cores, apreciável **apesar do escurecimento** produzido pela oxidação do verniz original]

Nesse exemplo, *a pesar de* modifica o substantivo *escurecimiento*, que não mais se refere a um indivíduo (animado ou inanimado), mas a um processo que afeta a coloração de um objeto.

Segundo Elvira (2009, p. 283), com o fim do vínculo de *a pesar de* com estruturas obrigatoriamente humanas, a codificação morfossintática dos escopos dessa locução ultrapassou o limite do sintagma para manifestar-se também em forma oracional, o que implicou o uso de *que* na locução concessiva *a pesar de que*, como ilustra o exemplo (54):

- (54) al considerar que allí había vivido y todavía tenía ciertos bienes, **a pesar de que** contribuía con los judíos de Madrigal. (ELVIRA, 2009, p. 283).
[ao considerar que ali tinha vivido e ainda tinha certos bens, **apesar de que** contribuía com os judeus de Madrigal]

Torres Cacoullos (2006, p. 45) resume o processo de generalização sintática sofrido por *a pesar de* até sua convencionalização como juntor concessivo por meio do seguinte *cline* semântico, correspondente à codificação morfossintática:

(55) Humano > Humano (metonímia) / Inanimado > Processo > Proposição

Para a autora, no entanto, a generalização sintática de *a pesar de* caminha em conjunto com a abstratização semântica de *pesar*. Em seus dados, Torres Cacoullos (2006) observa que a partir do século XVII, quando ocorre a expansão de escopo de *a pesar de*, *pesar* não mais carrega em primeiro plano o sentido de *tristeza*, mas marca uma oposição entre uma situação e um ser humano que serve de obstáculo a essa situação, como visto anteriormente em (50).

Elvira (2009, p. 5) argumenta que o valor de oposição pode ser inferido desde os primeiros usos de *pesar* como sinônimo de sofrimento. Segundo o autor, quando dizemos que algo causa sofrimento a uma pessoa é porque entre essa causa e a pessoa existe uma relação de incompatibilidade. Logo, *pesar* pressupõe uma contrariedade – racional, volitiva ou moral – entre a causa expressa e a pessoa especificada. Para o autor, portanto, o surgimento do valor concessivo de *a pesar de* resulta da convencionalização do sentido de incompatibilidade já presente inferencialmente nos usos de *pesar*, fenômeno similar ao que ocorre com o advérbio *aun* na formação de *aunque*, conforme vimos anteriormente.

Após *a pesar de* adquirir o valor de oposição, *pesar* passa por mais um processo de abstratização a ponto de expressar uma contrariedade entre opiniões (TORRES CACOUULLOS, 2006, p. 43):

(56) muestran la divinidad de sus ingenios y la alteza de sus conceptos, **a despecho y pesar del circunspecto ignorante que juzga de lo que no sabe.** (TORRES CACOUULLOS, 2006, p. 43)

[mostram a divindade de seus engenhos e a alteza de seus conceitos, **a despeito e apesar do circunspecto ignorante que julga aquilo que não sabe**]

No exemplo (56), o falante avalia os engenhos como divinos e os conceitos como altos, mesmo sabendo que algum crítico não compartilha dessa opinião. Assim, nesse caso, *a pesar de* não marca um obstáculo à realização de algo, mas estabelece uma relação de contrariedade entre ideias, entre proposições.

Segundo Torres Cacoullos (2006, p. 44), a abstratização semântica de *a pesar de* torna-se ainda mais evidente quanto tal colocação é utilizada com um escopo que serve de sinônimo ao substantivo *pesar*, como as palavras *intolerância* e *sofrimento* em (57):

- (57) pero a poco tiempo, y **a pesar de mi intolerancia y sufrimiento**, volvió el citado mi marido a manifestar su anterior conducta. (TORRES CACOULLOS, 2006, p. 43)
[mas com pouco tempo, e **apesar de minha intolerância e sofrimento**, voltou o citado meu marido a manifestar sua antiga conduta]

Por meio de exemplos como (57),   possível notar a compreensão de *a pesar de* como uma coloc o   nica, dotada de sentido concessivo, e não mais uma locu o   que marca o sofrimento de uma pessoa por alguma situa o   específica.

As mudanças semânticas sofridas por *pesar* em virtude de sua frequente ocorrência na coloc o   *a pesar de (que)* estão organizadas no seguinte *cline* elaborado por Torres Cacoullos (2006, p. 45):

- (58) Sofrimento > Obstáculo > Contradi o  

Tal *cline* comprova um dos caminhos para o surgimento de juntores concessivos propostos por K nig (1994): o de estruturas originalmente voltadas   expressão de sentimento negativo, que, com o passar do tempo, adquirem valor de contraexpectativa.

1.6 A origem de *por mucho (que)*

De acordo com Elvira (2003, p. 4), o juntor concessivo *por mucho (que)* tem sua origem a partir da evolu o   da locu o   *por + substantivo + que*, de enorme produtividade e variedade estrutural no espanhol medieval, na qual *mucho* inicialmente atuava como modificador do substantivo nuclear, como vemos em (59):

- (59) Este concilio fue fecho **por muchas cosas que** eran a pro de la tierra (ELVIRA, 2003, p. 5)
[este concilio foi feito **por muitas coisas que** eram a favor da terra]

Dentre os sentidos expressos por essa locu o   nesse período, predomina o causal, representado em (59), sendo também comum o instrumental, como em (60), exemplo no

qual o substantivo núcleo da locução não é modificado pelo uso de *mucho*, mas é determinado pelo artigo *la*:

- (60) E **por la uncion que** fazem al obispo en la cabeça se da a entender que deue ser claro e limpio dentro en el coraçon (ELVIRA, 2003, p. 4)
[e **pela unção que** fazem ao bispo na cabeça se dá a entender que deve ser claro e limpo dentro do coração]

Elvira (2003, p. 5) observa que, nos dados do espanhol medieval, o substantivo núcleo da locução exerce predominantemente a função de objeto direto da oração relativa introduzida por *que*. Para o autor, a rigidez na função sintática exercida pelo substantivo é um indício do processo de gramaticalização pelo qual tal locução estaria passando. A gramaticalização dessa locução culminaria na perda do valor relativo de *que* e na formação de diversos jutores dentre os quais se encontra *por mucho (que)*.¹⁸

1.6.1 Os processos de mudança na formação de *por mucho (que)*

Uma primeira proposta para o surgimento de jutores concessivos a partir da locução *por + substantivo + que* é apresentada por Rivarola (1976 apud ELVIRA, 2003), que defende que tal locução, originalmente causal, passa a adquirir valor concessivo nas construções em que a oração principal apresenta uma partícula negativa, como em (61):

- (61) e **nunca** el tanto valdra **por poder que aya** (ELVIRA, 2003, p. 2)
[e **nunca** ele tanto valerá **por poder que haja**]

Rivarola (1976 apud ELVIRA, 2003, p. 3) considera que, somente após a generalização do valor concessivo dessa locução, o substantivo é substituído por advérbios – como *mucho*, *mal*, *bien*, etc. – e por adjetivos – como *malo*, *bueno*, etc. Para Elvira (2003), no entanto, a proposta evolutiva de Rivarola (1976) não é totalmente aceitável, pois o valor concessivo da locução também pode ser identificado em construções que não apresentam uma partícula negativa na oração principal, como em (62); e locuções com advérbios podem apresentar valor causal, como em (63), o que contraria a ideia de Rivarola

¹⁸ Outras locuções formadas a partir da gramaticalização de *por + substantivo + que* indicadas por Elvira (2003) são *por razón que*, *por tal que*, *por mal que*, *por bien que*, *por poco que*, *por más que*.

(1976) de que o uso de advérbios no lugar do substantivo só ocorreria em contextos concessivos.¹⁹

(62) Pero **por mengua que** en el aya sienprel mantened lo mejor que pudieredes por guardar el galardón del bien que fizieron aquellos onde el viene (ELVIRA, 2003, p. 3)
[mas **por descrédito que** nele haja sempre mantenha o melhor que puder para guardar o prêmio do bem que fizeram aqueles de onde ele vem]

(63) La quinta es por asacar falso testimonio a otro **por mal que** le quiere (ELVIRA, 2003, p. 3)
[a quinta é por inventar falso testemunho a outro **pelo mal que** lhe quer]

Elvira (2003, p. 8) explica que a incorporação de *mucho* à locução *por + ... + que* foi facilitada pelo valor pronominal e adverbial desse item. Assim, de modificador do substantivo, *mucho* passou a ocupar a posição de núcleo da locução, como vemos em (64):

(64) Otrosi el cantar **por mucho que** aprenda si buena voz non oviere nunca cantara tan bien (ELVIRA, 2003, p. 8)
[Ademais o cantar **por mais que**²⁰ aprenda se boa voz não tiver nunca cantará tão bem]

Na locução em destaque em (64), o núcleo *mucho*, além de atuar adverbialmente intensificando o verbo *aprender*, ocupa o lugar que antes cabia aos substantivos na locução.

Segundo Elvira (2003, p. 7), a locução *por mucho que* desde muito cedo desloca seu sentido originalmente causal para o concessivo. Esse fenômeno, de acordo com o autor, é justificado pelo forte potencial implicativo das locuções iniciadas pela preposição *por*. Observemos o seguinte exemplo:

(65) **por grant poder que** omne aya que muchas cosas queria fazer e non puede (ELVIRA, 2003, p. 8)
[mesmo com grande poder **que** o homem tenha, muitas coisas queria fazer e não pode]

Nesse exemplo, a locução em destaque apresenta uma leitura originalmente causal, indicando que, pelo fato de ser poderoso, o homem gostaria de fazer muitas coisas. No

¹⁹ É possível considerar que a análise dos exemplos oferecidos por Elvira (2003) não anula a hipótese de Rivarola (1976) sobre o surgimento do valor concessivo das construções *por + ... + que* estar atrelada a contextos negativos, pois, embora não haja a presença de uma partícula de negação, as construções apresentam como núcleo uma palavra de conotação negativa, como *mengua*, em (62), e *mal*, em (63).

²⁰ Em nossas traduções, utilizamos a locução *por mais que* como tradução de *por mucho que*, em espanhol, visto que a locução *por muito que* não é comumente utilizada em nossa língua.

entanto, uma leitura concessiva também se manifesta ao afirmar-se que, mesmo com grande poder, tal homem não pode fazer as coisas que tem vontade.

Elvira (2003, p. 7) entende que as leituras concessivas das locuções com *por* são, em um primeiro momento, induzidas pelo contexto, que produz um efeito pressuposicional de incompatibilidade entre os fatos relatados. De acordo com o autor, tal efeito de incompatibilidade torna-se ainda mais realçado com a presença de elementos negativos na oração principal, que anulam a causalidade prevista nessas construções:

(66) **por mucho que** grites **no** te oiré. (ELVIRA, 2003, p. 10)
[**por mais que** você grite muito **não** te ouvirei]

Em (66), o fato de gritar muito não fará com que a pessoa seja ouvida, o que anula a expectativa causal de que ao gritar bastante tal pessoa se fará escutar. Elvira (2005) também considera que o uso de advérbios como *mucho*, *mal*, *bien*, entre outros, nucleando a locução introduzida por *por*, reforça o valor concessivo de tais construções anteriormente causais.

Assim, com a convencionalização de seu uso, a locução *por mucho (que)* passou a indicar ela mesma o valor concessivo da construção à qual pertence, sem a necessidade de uma pressuposição a partir de uma leitura causal. (ELVIRA, 2003, p. 9).

1.7 Em suma

Neste capítulo abordamos o surgimento dos jutores concessivos nas línguas, especialmente a origem de *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* no espanhol peninsular. Por meio dos estudos diacrônicos a respeito da evolução desses jutores, notamos que, embora advindos de fontes distintas – estrutura condicional-concessiva, estrutura de desprezo e estrutura de quantificação, respectivamente – tais jutores sofreram mudanças muito similares em seu processo de gramaticalização. *Aunque* e *a pesar de (que)* sofreram mudanças semânticas que garantiram uma maior abstratização de seu uso: *aun* passou de marcador temporal para marcador de contrariedade, da mesma forma que *pesar*, substantivo sinônimo de *tristeza*, passou a compor uma locução concessiva marcadora de oposição. Já no caso de *por mucho (que)*, tal jutor advém da construção *por + ... + que*, inicialmente de valor causal, na qual *mucho* atuava como modificador do núcleo; mas, com o decorrer do tempo, tal construção adquiriu valor concessivo e *mucho* passou a ocupar a posição nuclear. Além disso, todos os três jutores adquiriram valor concessivo pelo

processo de convencionalização de implicaturas conversacionais. O sentido contraexpectativo inicialmente produzido pelo contexto de uso de tais juntores tornou-se rotineiro a partir do aumento da frequência com que *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* ocorriam na língua e, especialmente, relacionando ideias conflitantes. A base para tal convencionalização é, portanto, metonímica, e se dá pela concepção da PARTE PELO TODO.

Como pudemos observar, diversos pesquisadores já analisaram a gramaticalização de *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*; no entanto, tais estudos têm como foco a origem do valor concessivo em tais juntores. O diferencial do trabalho que aqui empreendemos é analisar possíveis usos mais gramaticalizados desses juntores a partir do valor concessivo. As pesquisas anteriores seguem o percurso temporal que abrange desde o surgimento da construção que dá origem ao juntor até o período em que o sentido concessivo marcado por esse juntor está estabelecido. Nosso estudo, por outro lado, abrange os períodos em que surgem os primeiros usos concessivos dos juntores até o espanhol atual.

Na literatura consultada, apenas encontramos trabalhos que se voltam para o uso de um juntor específico ou para uma categoria de juntores oriundos de uma fonte comum. Portanto, outra diferença de nosso trabalho é a comparação do percurso de gramaticalização de três juntores de origens completamente distintas. Esperamos que, ao compararmos o desenvolvimento de *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*, encontremos aspectos na unidirecionalidade da mudança linguística que estejam relacionados ao desenvolvimento do próprio valor concessivo.

De posse dos conhecimentos apresentados sobre a origem dos juntores *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho que*, detalharemos, no próximo capítulo, o arcabouço teórico que fundamenta esta investigação: o modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional e os estudos em Gramaticalização.

CAPÍTULO II

A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL E A NOÇÃO DE GRAMATICALIZAÇÃO

2.1 Motivação do capítulo

Dedicamo-nos, neste capítulo, a apresentar o modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), a fim de confirmar sua aplicabilidade na identificação e explicação dos processos de gramaticalização em qualquer língua; bem como relacionar esse modelo teórico aos estudos em Gramaticalização, dando especial ênfase aos princípios e processos que motivaram o surgimento de *aunque, a pesar de (que)* e *por mucho (que)* enquanto jutores concessivos, conforme visto no capítulo I, e que continuam influenciando o processo de gramaticalização desses jutores após adquirirem o valor concessivo. Para tanto, em 2.2 apresentamos os princípios fundamentais da GDF e sua arquitetura descendente. Como veremos, a GDF estrutura-se em níveis, cada qual composto por camadas que esquematizam as propriedades pragmáticas e semânticas dos fenômenos linguísticos e o modo como são codificados nas línguas. Dentre esses fenômenos está a concessão. Feita essa apresentação do modelo teórico e do lugar nele ocupado pela concessão, definimos a relação entre gramaticalização e GDF. Em 2.3, expomos os princípios gerais da Gramaticalização em sua versão clássica, seus principais mecanismos e a influência dos fatores pragmáticos na mudança linguística, para, em 2.4, apresentarmos o tratamento dado à gramaticalização a partir da GDF, conforme Hengeveld (2017). Uma retomada dos pontos principais abordados neste capítulo é feita em 2.5.

2.2 A Gramática Discursivo-Funcional

A Gramática Discursivo-Funcional é um modelo de análise linguística desenvolvido por Kees Hengeveld e John Lachlan Mackenzie (2008), com o objetivo de compreender como as unidades linguísticas são estruturadas tendo em vista o mundo que elas descrevem e as intenções comunicativas com as quais são produzidas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 2). A GDF preocupa-se, portanto, com os fenômenos linguísticos que são codificados morfossintática e fonologicamente nas línguas, partindo do pressuposto funcionalista de que tais codificações podem estar motivadas por fatores pragmáticos e/ou

semânticos, sem desconsiderar a possibilidade de codificações arbitrárias inerentes a cada sistema linguístico.

Hengeveld e Mackenzie (2008) consideram que a GDF ocupa uma posição intermediária entre o formalismo radical e o funcionalismo radical, visto que tal modelo teórico assume a existência de um sistema linguístico, mas o explica a partir de motivações funcionais. Assim como os formalistas, a GDF pretende descrever, de um modo altamente formalizado, o conhecimento que os usuários têm das unidades que compõem o sistema de sua língua e do modo como essas unidades podem ser combinadas; porém, assim como os funcionalistas, assume que o conhecimento linguístico é instrumental para a comunicação.

Para Butler (2003), o fato de a GDF considerar a gramática de uma língua um sistema, mas compreender que tal gramática é formada pelo uso, e, por isso, deve ser descrita e relacionada com sua função no discurso, enquadra tal modelo dentro do grupo das teorias estrutural-funcionais. Hengeveld e Mackenzie (2008), no entanto, consideram que a GDF é distinta das demais teorias estrutural-funcionalistas pelo fato de ter como pressuposto teórico a combinação de quatro características.

A primeira delas é organização descendente (*top-down*) da arquitetura da GDF, que parte das intenções comunicativas do falante e se desenvolve até a articulação dos enunciados linguísticos. Essa característica, segundo Hengeveld (2004), faz da GDF um modelo de codificação de intenções e conceitualizações. Conforme afirmam Hengeveld e Mackenzie (2008), a proposta de uma arquitetura *top-down* confere adequação psicológica ao modelo teórico, visto que estudos psicolinguísticos comprovam que a produção da linguagem é um processo descendente. Os autores enfatizam, no entanto, que a GDF não é um modelo teórico orientado para o falante: “a GDF é uma teoria sobre gramática, mas que busca refletir as evidências psicolinguísticas em sua arquitetura básica.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 2).²¹ Como veremos mais adiante, a orientação descendente na arquitetura da GDF também se aplica a todos os seus níveis de análise.

A segunda característica definidora da GDF e que lhe permite ser chamada de *gramática discursiva* é o fato de assumir como unidade básica de análise o Ato Discursivo, definido por Kroon (1995) como a menor unidade identificável no comportamento comunicativo. Dessa forma, a GDF assume que a comunicação humana é dividida em Atos Discursivos, cada um dos quais contribui para a comunicação em andamento.

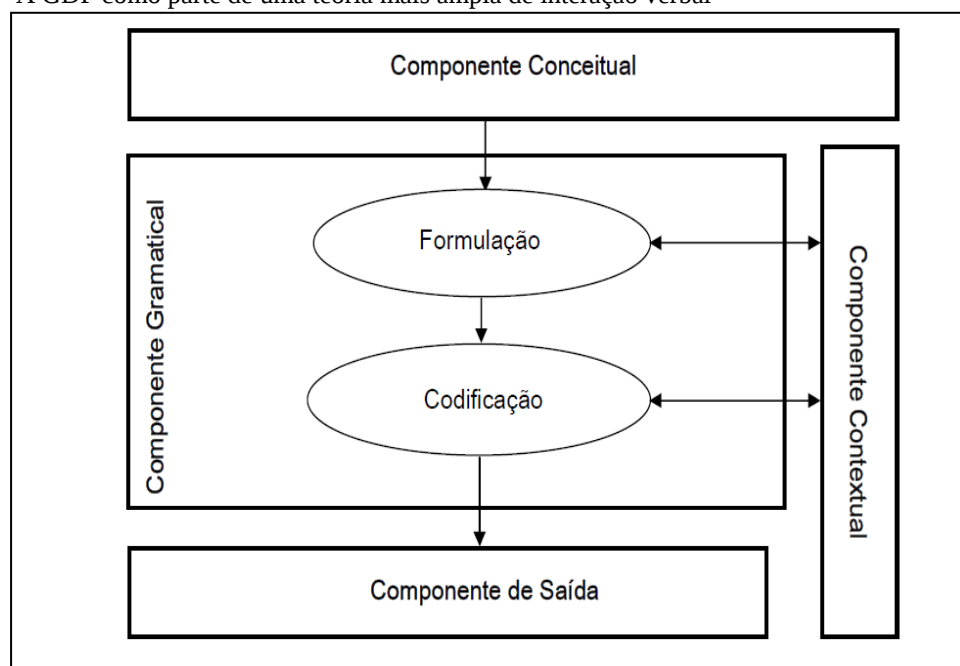
²¹ No original: *FDG is a theory about grammar, but one that tries to reflect psycholinguistic evidence in its basic architecture.*

O Ato Discursivo é uma unidade discursiva, e não sintática, por isso permite que fenômenos maiores ou menores que a oração – unidade de análise adotada por outras teorias funcionalistas, como a de Dik (1997a, 1997b) – sejam englobados pelo modelo da GDF. Atos Discursivos podem corresponder a diversas estruturas morfossintáticas, como orações, partes de uma oração, sintagmas ou palavras, desde que correspondam a uma unidade comunicativa gramaticalmente completa (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 4). Dada a pluralidade de formas morfossintáticas que um Ato Discursivo pode assumir, Mackenzie e Olbertz (2003) afirmam que é de preocupação da GDF observar como as expressões linguísticas se organizam internamente na codificação dos Atos Discursivos.

Outra propriedade da GDF é sua organização em quatro níveis: o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico. O Nível Interpessoal é responsável pelas representações pragmáticas, enquanto o Representacional é responsável pelas representações semânticas. Já os dois últimos níveis são responsáveis pelas codificações morfossintáticas e fonológicas, respectivamente. Os níveis da GDF são hierarquicamente dispostos entre si, de modo que a pragmática governa a semântica; pragmática e semântica, juntas, governam a morfossintaxe; e a pragmática, semântica e morfossintaxe governam a fonologia. A relação entre esses níveis também se dá de maneira descendente, obedecendo à arquitetura geral da teoria.

Por fim, a GDF diferencia-se de outras teorias estrutural-funcionais também por se enquadrar em um modelo de interação verbal mais amplo, ilustrado na figura 1:

Figura 1— A GDF como parte de uma teoria mais ampla de interação verbal



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 6 - tradução nossa)

A figura 1 representa um modelo de interação no qual a GDF corresponde ao próprio **Componente Gramatical**, dentro do qual ocorrem as operações de Formulação e de Codificação. A operação de **Formulação** é responsável por converter a intenção comunicativa do falante em representações pragmáticas e semânticas segundo as regras de cada língua. Por isso, nessa operação, estão envolvidos os níveis Interpessoal e Representacional. Já a operação de **Codificação** é responsável por converter as representações pragmáticas e semânticas advindas da operação anterior em representações morfossintáticas e fonológicas. Assim, estão envolvidos na Codificação os níveis Morfossintático e Fonológico.

Por meio das operações de Formulação e de Codificação, o Componente Gramatical relaciona-se com outros três componentes do processo de interação: o Componente Conceitual, o Componente Contextual e o Componente de Saída.

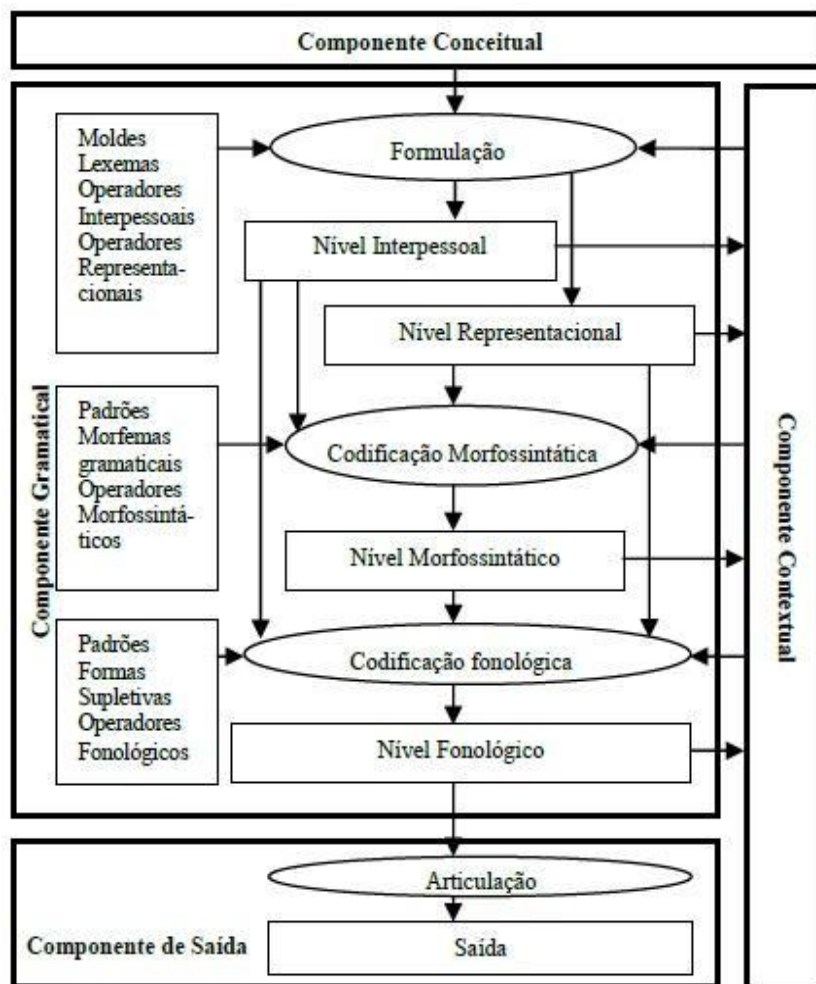
O **Componente Conceitual** atua como a força motriz para o Componente Gramatical, pois é no Componente Conceitual que as intenções comunicativas se desenvolvem e se combinam com as conceitualizações de eventos extralinguísticos relevantes para tais intenções. Assim, embora não faça parte da Gramática, é o Componente Conceitual que engatilha as operações gramaticais. Hengeveld e Mackenzie (2008) destacam, porém, que o Componente Conceitual não inclui toda a cognição do falante, mas apenas os aspectos cognitivos que afetam a intenção comunicativa imediata.

No **Componente Contextual**, por sua vez, estão armazenados os conhecimentos compartilhados pelos interlocutores (HENGEVELD, 2004, p. 369). Esse componente diz respeito ao domínio discursivo, por conter as informações produzidas no discurso precedente, bem como as percepções sobre o contexto real onde ocorre a comunicação e sobre as relações sociais entre os participantes. Como indicado pelas flechas na figura 1, o Componente Gramatical não só utiliza as informações disponíveis no Componente Contextual para a construção dos enunciados linguísticos subsequentes, como também alimenta o Componente Contextual, permitindo que sejam feitas referências às entidades relevantes em cada nível assim que elas são introduzidas na comunicação.

Já o **Componente de Saída** é o responsável por converter as estruturas finais advindas do Componente Gramatical em expressões gráficas, acústicas ou gestuais. Em outras palavras, esse componente tem a função de dar a uma informação digital, isto é, a uma representação abstrata da gramática, uma forma analógica, que pode ser percebida e compreendida no mundo físico.

A interação entre os diversos componentes do processo comunicativo ocorre de maneira dinâmica e segue sempre uma direção descendente: inicia-se com as intenções comunicativas provenientes do Componente Conceitual, que são convertidas em representações pragmáticas, semânticas, morfofossintáticas e fonológicas no Componente Gramatical, o qual extrai e fornece informações acerca do discurso e da situação de fala para o Componente Contextual, e culmina na articulação das expressões linguísticas, que ocorre no Componente de Saída. Para melhor ilustrar a relação entre os níveis da GDF e também entre os níveis e os componentes, a arquitetura do modelo é ampliada conforme a figura 2:

Figura 2 – Esquema geral da GDF



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13 – tradução nossa)

Nesse esquema, as operações que se realizam dentro do Componente Gramatical estão representadas em elipses, enquanto os níveis que atuam em cada processo são representados dentro de retângulos. Nas caixas, encontramos os primitivos, que, segundo

Hengeveld (2004), são unidades básicas pertencentes ao inventário de cada língua. Os primitivos são usados na construção dos níveis ao serem combinados pelas operações de Formulação e de Codificação, de modo que cada nível possui seus próprios primitivos.

Como afirma Hengeveld (2004), um modelo de gramática que reflita o processo de produção linguística deve garantir uma interpretação dinâmica desse processo, o que é representado na figura 2 por meio das flechas. Tendo em vista que, para Hengeveld (2005), um modelo gramatical será mais eficiente quanto mais se assemelhar ao modo de produção da linguagem nos indivíduos, o autor expõe que a implementação dinâmica da arquitetura da GDF se torna possível a partir de dois princípios: o Princípio da Profundidade, o qual garante que as informações de um certo nível sejam enviadas para um nível mais baixo assim que haja um *input* informacional necessário para que esse nível seja completado; e o Princípio da Profundidade Máxima, o qual postula que, na arquitetura da GDF, apenas os níveis relevantes para a construção de (certos aspectos de) um enunciado são utilizados na produção desse (aspecto do) enunciado.

Tendo em vista as propriedades da arquitetura da GDF expostas até o momento, é possível notar que, como afirmado por Hengeveld e Mackenzie (2008), tal modelo teórico é orientado pela forma, no sentido de que só são analisados os fenômenos linguísticos de motivação interpessoal e/ou representacional que são expressos morfossintática e/ou fonologicamente nas línguas. No entanto, a direção assumida pela GDF parte da função para a forma, já que a análise do sistema linguístico em si não é o foco desse aparato teórico, mas a busca pelas motivações funcionais que norteiam a composição dos enunciados.

2.2.1 A hierarquia dos níveis e camadas da GDF

Cada um dos quatro níveis que compõem a GDF – Nível Interpessoal, Nível Representacional, Nível Morfossintático e Nível Fonológico – apresenta uma estruturação própria, embora compartilhem entre si o fato de se organizarem em camadas hierarquicamente dispostas. Independentemente de a qual nível pertença, toda camada tem a seguinte estrutura:

$$(67) (\pi \ v_1: [\text{núcleo } (v_1)_\Phi]: [\sigma (v_1)_\Phi])_\Phi$$

Nessa representação, a variável (v_1) identifica a camada descrita, que, por sua vez, apresenta um núcleo. A camada pode ser ainda especificada por um ou mais operadores (π) ,

restringida por um ou mais modificadores (σ), bem como carregar uma função (ϕ). Núcleos e modificadores são estratégias lexicais, enquanto operadores e funções são estratégias gramaticais. A diferença entre operador e função é que o primeiro aplica uma informação gramatical à camada como um todo, enquanto a função é relacional, isto é, a informação gramatical por ela expressa diz respeito à relação entre duas unidades de uma mesma camada.

Hengeveld e Mackenzie (2008) argumentam que nem todas as unidades que compõem as camadas da GDF estão marcadas por uma relação hierárquica. As unidades podem ser equipolentes, estabelecendo entre si uma relação configuracional. Nesses casos, as unidades configuracionais são agrupadas entre colchetes.

Por opção metodológica, não lidaremos, neste trabalho, com o Nível Fonológico. Assim, na sequência, descreveremos com mais detalhes os níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático e suas camadas, dando maior ênfase àquelas em que a relação concessiva se manifesta.

2.2.1.1 O Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal ocupa a posição mais alta na arquitetura hierárquica da GDF. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), é responsabilidade desse nível lidar com todos os aspectos formais de um enunciado que refletem a interação entre falante e ouvinte. Keizer (2015) classifica o Nível Interpessoal como sendo um nível estratégico, visto que as representações nele produzidas dizem respeito às ações realizadas pelo falante na construção de um enunciado, isto é, aos passos adotados pelo falante a fim de guiar seu ouvinte a atingir os objetivos comunicativos desejados.

A camada mais alta do Nível Interpessoal é o Movimento (M), que é composto por um ou mais Atos Discursivos (A). Atos Discursivos podem ser formados por até quatro elementos em uma relação configuracional: uma Ilocução (F), um Falante (P)_S, um Ouvinte (P)_A e um Conteúdo Comunicado (C). Por fim, o Conteúdo Comunicado compõe-se de Subatos, que podem ser Atributivos (T) ou Referenciais (R). Tal organização interna é representada pela seguinte estrutura:²²

(68) (M₁: (A₁: [(F₁: ILL (F₁)) (P₁)_S (P₂)_A (C₁: [...(T₁) (R₁)...] (C₁))] (A₁)) (M₁))

²² As variáveis do Nível Interpessoal são sempre escritas com letra maiúscula.

O **Movimento** é a camada mais alta na hierarquia do Nível Interpessoal, sendo definido por Kroon (1995) como a menor unidade livre do discurso. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), o Movimento caracteriza-se por ser uma contribuição autônoma a um discurso em andamento, e tem a propriedade de provocar uma reação do ouvinte (como uma resposta, uma objeção, etc), que também se manifesta na forma de um Movimento, como vemos no exemplo a seguir:

- (69) A: Onde estão os livros de biologia?
 B: Estão na primeira prateleira à direita.

Em (69), verificamos a presença de dois Movimentos: um representado pelo turno de A, já que a pergunta exige do ouvinte uma reação; e o outro, sendo o turno de B, que responde à pergunta de A e contribui para o progresso da interação.

Além de corresponderem a uma unidade comunicativa, os Movimentos também se caracterizam por apresentarem uma unidade temática (KROON, 1997, p. 20), propriedade que pode ser notada nos casos em que um Movimento ocorre inserido em outro Movimento. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a inserção de um Movimento, que aqui denominamos Movimento Parentético,²³ em um discurso em andamento é uma estratégia realizada pelo falante que busca inserir as informações que considera necessárias para que o ouvinte compreenda a mensagem transmitida pelo Movimento interrompido. A atuação de um Movimento Parentético pode ser vista em (70):

- (70) [...] we had a seamstress and we were calling her Mietje. **But** I think we were calling everyone Mietje back then you know, I don't know why, but anyway, **so** that was also a Mietje. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 52).
 [[...] Nós tínhamos uma costureira e nós a chamávamos de dona Maria. **Mas** eu acho que nós chamávamos todo mundo de dona Maria naquela época você sabe, eu não sei por que, mas tanto faz, então era também uma dona Maria]

Em (70), o Movimento principal no qual o falante narra o fato de ter uma costureira chamada de dona Maria é interrompido por um outro Movimento – *eu acho que nós chamávamos todo mundo de dona Maria naquela época* – que introduz um comentário do falante a fim de esclarecer ao ouvinte o porquê da costureira ser chamada daquela forma. Os dois elementos em destaque correspondem, respectivamente, a um marcador do tipo *push – but (mas)* – que tem por função introduzir uma digressão, e um marcador do tipo

²³ Nomenclatura utilizada por Parra (2016).

pop – so (então) – que retoma o tópico narrativo desenvolvido no Movimento interrompido.

Um Movimento é composto por um ou mais **Atos Discursivos (A)**, que, como vimos anteriormente, constituem a unidade básica de análise da GDF. Atos Discursivos diferenciam-se de Movimentos por não terem a função de promover a comunicação a fim de conduzir o ouvinte a um determinado objetivo comunicativo, por isso Atos Discursivos podem funcionar como *backchannels*, ou seja, como respostas que encorajam o falante a continuar com seu discurso.

Atos Discursivos unem-se em um mesmo Movimento por relações de equipolência ou de dependência. Na relação de equipolência, os Atos Discursivos apresentam o mesmo estatuto comunicativo; na relação de dependência, por sua vez, o falante não confere o mesmo estatuto comunicativo aos Atos que compõem um mesmo Movimento. Nesses casos, segundo Keizer (2015), verifica-se a existência de um Ato Nuclear, comunicativamente mais importante por expressar a principal intenção do falante, e um Ato Subsidiário, que indica a motivação do falante para enunciar o Ato Nuclear. Dessa forma, é atribuída ao Ato Subsidiário uma função retórica, que marca o tipo de relação de dependência estabelecida com o Ato Nuclear. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), as funções retóricas podem ser de Motivação, Orientação, Correção e Concessão.²⁴ Essa última será abordada mais detalhadamente na seção 2.2.2 deste capítulo.

Como vimos anteriormente, um Ato Discursivo pode ser constituído por uma Ilocução, pelos Participantes da interação – Falante e Ouvinte –, e por um Conteúdo Comunicado, embora apenas a presença da Ilocução e do Falante sejam obrigatórias para a formação de um Ato.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a **Ilocução** é o núcleo do Ato Discursivo e pode ser definida como uma forma convencional disponível na língua que expressa formalmente a intenção comunicativa por trás do Ato Discursivo ao qual pertence. Segundo os autores, a camada da Ilocução pode ter seu núcleo formado por um ato performativo, por uma interjeição ou por uma Ilocução abstrata.

As Ilocuções abstratas levantadas por Hengeveld e Mackenzie (2008) a partir de uma perspectiva tipológica são: imperativa (IMPER), declarativa (DECL), interrogativa (INTER), proibitiva (PROH), optativa (OPT), imprecativa (IMPR), exortativa (HORT),

²⁴ Estudos posteriores a Hengeveld e Mackenzie (2008) apontam a existência de outras funções retóricas como a função apositiva (*aside*), elencada por Keizer (2015).

desexortativa (DISHORT), admoestativa (ADMON), compromissiva (COMM) e suplicativa (SUPPL).

A camada do **Conteúdo Comunicado** é preenchida pela mensagem que o falante deseja transmitir. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), um Conteúdo Comunicado contém a totalidade daquilo que o falante deseja evocar em sua comunicação. Dessa forma, o Conteúdo Comunicado é composto por **Subatos** – a menor camada do Nível Interpessoal –, que podem ser **Atributivos**, quando evocam uma propriedade, ou **Referenciais**, quando evocam um referente.

2.2.1.2 O Nível Representacional

O Nível Representacional lida com os aspectos semânticos das unidades linguísticas, sendo responsável por atribuir conteúdo semântico às representações advindas do Nível Interpessoal. Segundo Keizer (2015), nesse nível estão todos os aspectos do sentido que podem ser descritos independentemente da intenção comunicativa do falante, e que, por isso, não são contemplados no Nível Interpessoal.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), ao contrário do Nível Interpessoal, que se caracteriza por evocar entidades que representam uma dada intenção comunicativa, o Nível Representacional caracteriza-se por designar unidades linguísticas em termos de sua categoria semântica, isto é, a partir do papel que essas unidades desempenham no mundo extralinguístico.

A primeira camada do Nível Representacional é o Conteúdo Proposicional (p),²⁵ que pode ser composto por um ou mais Episódios (ep). Episódios, por sua vez, são formados por um ou mais Estados-de-Coisas (e), cujo núcleo é uma Propriedade Configuracional (f), isto é, uma combinação de categorias semânticas que não estabelecem uma relação hierárquica entre si, tais como: Indivíduo (x), Propriedade Lexical (f), Localização (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Quantidade (q). A disposição em camadas que forma o Nível Representacional é representada em (71):

(71) (p₁: (ep₁: (e₁: (f₁: [(f₂) (x₁) ...] (f₁)) (e₁)) (ep₁)) (p₁))

Hengeveld (2004) argumenta que as variáveis do Nível Representacional são definidas em termos de tipos de entidades no mundo externo, o que significa que as

²⁵ As variáveis do Nível Representacional são sempre escritas com letra minúscula.

unidades linguísticas desse nível são analisadas com base em sua função ideacional, ou seja, a função de designar partes do mundo extralinguístico.

Um **Conteúdo Proposicional** pode ser definido, nos termos de Lyons (1977), como uma entidade de terceira ordem, isto é, um constructo mental que não pode ser localizado nem no espaço nem no tempo, mas apenas na mente dos interlocutores. De acordo com Keizer (2015), um Conteúdo Proposicional, como o próprio nome indica, são conteúdos, isto é, uma informação que pode ser conhecida, acreditada, afirmada, questionada, esperada ou desejada.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), em virtude de sua natureza epistêmica, Conteúdos Proposicionais podem ser avaliados quanto a seu estatuto de verdade, sendo factuais quando revelam conhecimentos ou crenças sobre o mundo real, e não factuais quando expressam esperanças ou desejos sobre um mundo imaginário. Conteúdos Proposicionais também se caracterizam com base em dois parâmetros, que são: (i) as atitudes proposicionais do falante, pois o Conteúdo Proposicional pode expressar a certeza, a dúvida ou a descrença que o falante tem a respeito daquilo que enuncia, (ii) e a fonte de origem da informação transmitida no Conteúdo Proposicional, que pode surgir de um conhecimento compartilhado, ser fruto de evidências sensoriais ou partir de inferências. Um exemplo de Conteúdo Proposicional é dado em (72):

(72) Jenny believed that her mother would visit her. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 144)
[Joana acreditava que sua mãe a visitaria.]

A informação transmitida em (72) constitui um Conteúdo Proposicional, visto que não retrata um evento do mundo real, mas um conteúdo mental que apenas se localiza na mente das pessoas. Além disso, é possível acrescentar ao enunciado expressões que assinalem a atitude proposicional ou a fonte de origem da informação. Em (73a), por exemplo, o uso de *certamente* ou *talvez* indica, respectivamente, a certeza ou a dúvida de Joana quanto à real ocorrência da visita de sua mãe. Já em (73b), o uso de *dizem que* indica que a informação foi obtida por meio de outras pessoas:

- (73) a. Joana acreditava que **certamente/talvez** sua mãe a visitaria.
b. **Dizem que** Joana acreditava que sua mãe a visitaria.

Conteúdos Propositionais são formados por um ou mais **Episódios**, definidos como uma combinação tematicamente coerente de Estados-de-Coisas, que, por sua vez, caracterizam-se por apresentarem uma unidade de tempo, de localização e de indivíduos.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), uma importante característica do Episódio é o fato de localizar-se em um tempo absoluto, que pode ser um tempo passado, presente ou futuro. O tempo absoluto é marcado por um operador que escopa todo o Episódio, por isso, os Estados-de-Coisas que constituem o Episódio apresentam propriedades formais que refletem o tempo absoluto. No caso de línguas como o inglês, o português e o espanhol, que marcam o tempo por meio de desinências verbais, o tempo absoluto do Episódio é expresso pelo verbo de cada Estado-de-Coisas, conforme vemos no uso das desinências de passado – *heard*, *dropped* e *craned* – no exemplo (74):

- (74) I heard a car coming, and I dropped the book and craned out the front window to see if it was the Mighty UnButt Crack's truck. (KEIZER, 2015, p. 123)
[Eu ouvi um carro vindo, larguei o livro e ergui a janela da frente para ver se era o caminhão do Mighty UnButt Crack]

Estados-de-Coisas, por sua vez, são definidos como entidades de segunda ordem, de acordo com as categorias de Lyons (1977), o que significa que eles se localizam no espaço e no tempo, e são avaliados em termos de sua realidade. Assim, Estados-de-Coisas podem ser reais ou não, acontecer ou não, ocorrer ou não em um dado lugar e em um intervalo de tempo determinado. Ao contrário do Episódio, que se localiza em um tempo absoluto, Estados-de-Coisas se localizam em um tempo relativo, que toma por base o tempo do Episódio. No caso dos Estados-de-Coisas que formam o Episódio (74), podemos notar que todos eles ocorrem na mesma referência temporal, sendo, portanto, simultâneos.

Por fim, Estados-de-Coisas têm como núcleo uma Propriedade Configuracional, que é composta basicamente por uma Propriedade que se aplica a um ou mais Indivíduos, mas também pode apresentar unidades que especifiquem Localização, Tempo, Maneira, Razão e Quantidade. Vejamos o exemplo a seguir:

- (75) Na sexta-feira, o policial matou o bandido com uma arma no banco da cidade.

O Estado-de-Coisas descrito em (75) tem um núcleo configuracional, composto por uma Propriedade – *matar* – que está relacionada aos Indivíduos *o policial* e *o bandido*. As expressões *na sexta-feira* e *no banco da cidade* indicam quando e onde ocorreu o evento,

portanto referem-se às categorias semânticas de Tempo e de Localização. A Maneira como o assassinato ocorreu é indicada pela expressão *com uma arma*.

2.2.1.3 O Nível Morfossintático

Para Hengeveld e Mackenzie (2012), o Nível Morfossintático é responsável por todos os aspectos estruturais de uma unidade linguística. Esse nível tem por função codificar as distinções interpessoais e representacionais a fim de expressar a intenção comunicativa do falante. Logo, muitos dos fenômenos envolvendo o Nível Morfossintático são funcionalmente motivados pelo *input* fornecido pelos níveis anteriores.

As operações de codificação que acontecem no Nível Morfossintático seguem alguns princípios de ordenação das unidades linguísticas baseados na iconicidade, na busca por integridade de domínio e na preservação das relações de escopo. No entanto, Hengeveld e Mackenzie (2012) não desconsideram que o Nível Morfossintático tem seus próprios princípios de organização, resultando, assim, em padrões arbitrários de codificação.

As unidades que compõem o Nível Morfossintático são analisadas com base no constituinte sintático que representam, sendo elas a Expressão Linguística (Le), a Oração (Cl), os Sintagmas de vários tipos (Xp) e as Palavras de vários tipos (Xw). A disposição hierárquica dessas camadas é apresentada em (76), sendo que cada constituinte pode ocorrer mais de uma vez e pode combinar-se em camadas mais altas de forma independente:

(76) (Le₁: (Cl₁: (Xp₁: [(Xw₁)] (Xp₁)) (Cl₁)) (Le₁))

Uma Expressão Linguística é qualquer combinação de pelo menos uma unidade morfossintática, sendo que, quando houver mais de uma unidade em uma mesma Expressão Linguística, essas unidades compartilharão as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que podem se unir em uma Expressão Linguística são Orações, Sintagmas e Palavras. Vejamos o seguinte exemplo, adaptado de Keizer (2015, p. 181):

(77) A: Quantas canetas você comprou?
B: Cinco.

No diálogo em (77), cada um dos turnos representa morfossintaticamente uma Expressão Linguística, sendo que a Expressão Linguística produzida por A é composta por uma única Oração, enquanto a Expressão Linguística de B contém apenas um numeral, classificado como uma Palavra do tipo gramatical.

Orações podem combinar-se em uma Expressão Linguística por relações de coordenação, cosubordinação ou equiordenação, conforme vemos nos exemplos a seguir:

(78) Matthew bought two books and Mary bought a DVD. (KEIZER, 2015, p. 182)

[Matheus comprou dois livros e Maria comprou um DVD]

(79) As for the Beatles being boring, you should read Lennon's biography...(KEIZER, 2015, p. 183)

[Quanto aos Beatles serem chatos, você deveria ler a biografia de Lennon...]

(80) The longer it went on, the worse it got. (KEIZER, 2015, p. 183)

[Quanto mais o tempo passava, pior ficava.]

Na relação de coordenação, apresentada em (78), as Orações combinadas são independentes uma da outra, por isso poderiam ser usadas isoladamente para formar uma Expressão Linguística. Na relação de cosubordinação vista em (79), por sua vez, apenas uma das Orações combinadas pode ser usada independentemente – no caso, *você deveria ler a biografia de Lennon* –, enquanto a outra Oração – *quanto aos Beatles serem chatos* – é dependente daquela. Já na relação de equiordenação apresentada em (80), as duas Orações são mutuamente dependentes, e, por isso, não podem aparecer isoladas.

Uma Oração pode ser formada por uma combinação de Sintagmas, Palavras ou até mesmo outras Orações encaixadas em uma relação de subordinação, como no exemplo (81):

(81) Do you know **where Sue is**? (KEIZER, 2015, p. 184 – grifo nosso)

[Você sabe **onde a Sue está?**]

A Oração em (81) é composta por um Sintagma nominal com função sintática sujeito, formado pelo pronome *you* (você), um Sintagma verbal, cujo núcleo é o verbo *know* (saber), e uma Oração encaixada *where Susi is* (*onde a Sue está*), que exerce a função de Objeto da Oração principal.

Sintagmas também podem se formar por uma combinação de Palavras, outros Sintagmas e Orações encaixadas. Existe nas línguas uma diversidade de tipos de Sintagmas a depender da natureza sintática de seu núcleo, dentre os quais estão os Sintagmas nominais

(Np), os Sintagmas verbais (Vp), os Sintagmas adjetivais (Ap), os Sintagmas adverbiais (Advp) e os Sintagmas adposicionais (Adpp), grupo ao qual pertencem os Sintagmas preposicionais (Pp).

Como vimos anteriormente, um Sintagma pode formar sozinho uma Expressão Linguística; mas também pode se combinar com uma Oração ou com outros Sintagmas na construção de uma Le, como vemos nos exemplos a seguir:

- (82) As for the students, they have heard the news yesterday. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308)
[Quanto aos estudantes, eles ouviram a notícia ontem.]
- (83) (Can I take your order?) A Big Mac, French fries, and a Coke. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 309)
[(posso anotar o seu pedido?) Um Big Mac, batatas fritas e uma Coca-Cola.]
- (84) the bigger, the better. (KEIZER, 2015, p. 183)
[Quanto maior, melhor.]

Na Expressão Linguística apresentada em (82), o Sintagma *quanto aos estudantes* combina-se com a Oração *eles ouviram a notícia ontem* em uma relação extra-oracional. Nesse tipo de relação, verifica-se que a Oração é independente do Sintagma, e, por isso, pode ocorrer isoladamente, enquanto o Sintagma depende sintaticamente da Oração, e, por isso, não forma sozinho uma Le.

Em (83) e em (84), por sua vez, estão representados dois tipos de relação entre Sintagmas. O primeiro constitui uma listagem, em que diversos Sintagmas são coordenados de modo que cada um mantém sua independência. Em (84), no entanto, há uma dependência mútua entre os Sintagmas combinados, o que configura uma relação de equiordenação sintagmática.

Por fim, a camada da **Palavra**, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), pode ser formada por uma sequência de Morfemas, outras Palavras, Sintagmas e Orações. Os autores também propõem uma distinção entre Palavras Lexicais e Palavras Gramaticais. Palavras Lexicais provêm diretamente do Nível Representacional e ocupam o núcleo de Sintagmas. Palavras Gramaticais, por sua vez, operam diretamente no Nível Morfossintático e não podem nuclear Sintagmas, mas apenas fazer parte deles.

Como pudemos observar na apresentação do Nível Morfossintático, a GDF não faz distinção entre a análise de aspectos morfológicos e sintáticos. Tal separação não ocorre, porque, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2012), a GDF assume que os princípios

usados na formação de palavras são os mesmos empregados na formação de frases e orações. Os aspectos da codificação que não são contemplados pelo Nível Morfossintático ficam a cargo do Nível Fonológico, o último nível dentro do Componente Gramatical.

2.2.2 A relação concessiva e as camadas da GDF

Hengeveld e Mackenzie (2008) abordam explicitamente a presença de relação concessiva em duas camadas da GDF: a do Ato Discursivo, no Nível Interpessoal, e a do Conteúdo Proposicional, no Nível Representacional, sendo ambas as relações classificadas em Hengeveld (2017) como funções.

Quando atua na camada do Ato Discursivo, a concessão é uma função retórica exercida por um Ato Subsidiário em relação a um Ato Nuclear, como vimos anteriormente. Segundo Keizer (2015), o falante utiliza a função retórica Concessão para admitir, no Ato Subsidiário, que o conteúdo expresso no Ato Discursivo anterior – Ato Nuclear – pode não ter sido o esperado. Dada a admissão feita no Ato Subsidiário com função retórica Concessão, Hengeveld e Mackenzie (2008) afirmam que tais Atos podem vir acompanhados de expressões performativas como *eu admito que* ou *eu concedo que*, conforme vemos nos seguintes exemplos:

- (85) The work was fairly easy, **although (I concede that) it took me longer than expected.** (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 54)
[O trabalho foi bastante fácil, **embora (eu admito que) ele me tenha tomado mais tempo do que o esperado**]
- (86) We come here most days. **Although I must admit that to begin with I was a bit twitchy about the kids to a park** – even here in London . (KEIZER, 2015, p. 56)
[Nós viemos aqui quase todos os dias. **Embora eu deva admitir que, no começo, eu estava um pouco inquieta sobre as crianças em um parque** – mesmo aqui em Londres]

Nos dois exemplos extraídos do inglês, os Atos Discursivos em destaque, que recebem a função retórica Concessão, atuam como uma ressalva sobre o conteúdo expresso nos Atos Discursivos anteriores ao acrescentarem uma informação que o falante julga necessária para que a intenção comunicativa que ele tinha ao expressar o Ato Nuclear seja corretamente alcançada.

Hengeveld e Mackenzie (2008) atentam para a importância da posposição na codificação do Ato Discursivo com função retórica Concessão. Para Keizer (2015), o Ato Subsidiário concessivo sempre irá seguir o Ato Nuclear, pois o propósito do falante é indicar que ele comunica aquilo que é dito no Ato Nuclear, mesmo sabendo que tal

conteúdo pode representar algo não esperado pelo ouvinte. Para a autora, o Ato Subsidiário com função retórica Concessão é uma unidade separada do Ato Nuclear, constituindo um tipo de adendo.

Além da concessão enquanto função retórica, que marca um adendo a uma informação expressa anteriormente, uma relação concessiva também pode estabelecer-se semanticamente. Nesses casos, a concessão marca uma quebra de expectativa entre o que se sabe ou se espera e aquilo que verdadeiramente ocorre. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a relação concessiva semântica é marcada na camada do Conteúdo Proposicional, como no exemplo a seguir:

(87) **Although the work took longer than expected** it was easy. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55)
 [Embora o trabalho tenha levado mais tempo do que o esperado, ele foi fácil]

Em (87), a oração em destaque, iniciada pela conjunção concessiva *although*, expressa um conhecimento – *o trabalho levou mais tempo do que o esperado* – que levaria a uma dada conclusão – *o trabalho foi difícil*. Já a oração principal revela uma conclusão contrária àquela esperada a partir da subordinada ao afirmar que o trabalho foi fácil, rompendo, portanto, as expectativas criadas a partir da oração concessiva.

Em termos de GDF, a oração principal – *the work was easy* – corresponde, no Nível Representacional, ao Conteúdo Proposicional (p_i); a oração subordinada (*the work took longer than expected*) também corresponde a um Conteúdo Proposicional, marcado pela variante (p_j), sob o qual recai a função semântica de concessão.

Além da concessão enquanto função retórica e função semântica, os estudos de Garcia (2010) e de Stassi-Sé (2012), voltados para a concessão em português, bem como os de Parra (2016) e de Olbertz, Garcia e Parra (2016), voltados para as orações concessivas introduzidas por *aunque* no espanhol peninsular, observam que relações concessivas também podem ocorrer na camada do Movimento.²⁶ Como vimos anteriormente neste capítulo, a GDF propõe que Movimentos podem interromper outros Movimentos para promover digressões que, do ponto de vista do falante, acrescentam uma informação importante para a compreensão do Movimento que estava em andamento.

Garcia (2010) considera que, nesses casos, a relação concessiva volta-se para a interação entre os participantes da comunicação e a estrutura concessiva apresenta-se

²⁶ A atuação do jutor *aunque* em contextos mais discursivos já havia sido previamente identificada por Gasparini-Bastos e Parra (2015) sob a ótica da Gramática Funcional de Dik (1997a, 1997b).

independentemente, como um parêntese que interrompe o avanço do discurso. Stassi-Sé (2012) também reforça o caráter interacional das concessivas de Movimento. Para a autora, as estruturas concessivas de Movimento atuam na organização discursiva, introduzindo uma informação que contrasta com todo o conteúdo desenvolvido no Movimento principal.

Para ilustrarmos as relações concessivas na camada do Movimento, tomamos como exemplo as ocorrências de *aunque* analisadas por Parra (2016), juntor este que, além de ser objeto de estudo deste trabalho, também nos permite vislumbrar diferentes tipos de relações concessivas em termos de GDF.

Com base nas teorias de Jubran (2006a, 2006b) sobre o desenvolvimento de tópicos discursivos,²⁷ Parra (2016) observa que a conjunção concessiva *aunque* atua diretamente nos casos de **descontinuidade tópica**, em que o andamento de um tópico discursivo é bruscamente interrompido, como no exemplo a seguir:

(88) El aislamiento europeo de España es lamentable. Y lo es más por cuanto la queja del Gobierno por la insuficiente representación en las instituciones está justificada, **aunque existe alguna lógica compensatoria en el movimiento pendular: hasta hace muy poco había un número notable de avezados dirigentes y profesionales españoles al mando de la política exterior, de la política financiera de la Comisión, de la Eurocámara y en el BCE.** (PARRA, 2016, p. 118)

[O isolamento europeu da Espanha é lamentável. E o é mais porque a reclamação do Governo por causa da insuficiente representação nas instituições está justificada, **embora exista alguma lógica compensatória no movimento pendular: até muito pouco tempo havia um número notável de experientes dirigentes e profissionais espanhóis no comando da política exterior, da política financeira da Comissão, da Euro-câmara e no BCE**]

Em (88), um Movimento em andamento, no qual se discute o isolamento da Espanha no cenário europeu, é interrompido por um Movimento introduzido pela conjunção *aunque*, que traz como assunto a presença de representantes espanhóis em cargos de liderança no passado. O tópico tratado pelo Movimento interrompido, por sua vez, não é retomado e o texto progride a partir do novo tópico introduzido pelo Movimento concessivo.

Em outros casos, no entanto, o tópico do Movimento interrompido por *aunque* é retomado posteriormente. Nessas situações, a conjunção *aunque* abre uma breve digressão, na qual o falante acrescenta uma informação que julga relevante, conforme ilustra o exemplo (89):

²⁷ Segundo Jubran (2006a, p. 90-91), um tópico discursivo constitui o assunto principal para o qual se voltam os referentes dos enunciados linguísticos produzidos em um dado momento da comunicação.

- (89) y entonces pienso que fundamentalmente en un futuro// yo disfrutaré más de mi ambiente más cercano/// **aunque no quiero ni pensar que/ amigos fenomenales que tengo pues repartidos por el mundo entero// no los voy a ver ¿no? eso ni lo pienso creo que voy a estar en contacto// con ellos siempre//** pero/ pero/// así de pie quieto// estable y/ casi en exclusiva// mi sitio en mi casa (PARRA, 2016, p. 116)
[e então penso que fundamentalmente no futuro eu desfrutarei mais de meu ambiente mais próximo **apesar de que não quero nem pensar que não vou ver os amigos fenomenais que tenho espalhados pelo mundo inteiro, né? nem penso nisso, acho que vou estar em contato com eles sempre**, mas assim com os pés quietos, estável e quase exclusivamente no meu lugar em casa]

Em (89), o Movimento concessivo interrompe momentaneamente o Movimento anterior, no qual o falante traz como tema seu interesse por não viajar com tanta intensidade em sua velhice, para inserir novo tópico que trata da saudade que o falante sentirá dos amigos que tem espalhados pelo mundo. No entanto, ao contrário do que vimos em (88), em (89), há a retomada do Movimento principal e de seu tópico discursivo feita por *pero* (*mas*), que, em termos de GDF, corresponde a um marcador do tipo *pop*.

Em todos os casos de Movimento concessivo analisados por Parra (2016), o juntor *aunque* atua como um marcador do tipo *push*, já que é o responsável por introduzir uma digressão que suspende, momentânea ou definitivamente, um Movimento anterior, para inserir um novo tópico ou um novo aspecto do tópico já em desenvolvimento.

Parra (2016) também observa um outro tipo de relação concessiva marcada por *aunque*, localizado na camada da Ilocução, que, como vimos, é o núcleo do Ato Discursivo. Nesses casos, as estruturas concessivas iniciadas por *aunque* atuam como um modificador da Ilocução do Ato Discursivo, restringindo o modo como este deve ser compreendido pelo ouvinte. Vejamos os exemplos a seguir:

- (90) A: muy bien// **aunque eres joven** pero/ ¿hay algo que te hubiera gustado hacer que no hayas hecho? (PARRA, 2016, p. 123)
[A: muito bem, **embora você seja jovem**, há algo que você gostaria de ter feito e que não fez?]
- (91) **aunque yo soy mayor / que tú** pero bueno vamos a vamos a tratarnos de creo eh eh es la manera más informal ¿no? (PARRA, 2016, p. 124)
[**embora eu seja mais velho do que você**, vamos nos tratar de acho é da maneira mais informal, né?]

Nesses exemplos, o falante, por meio da oração concessiva, admite uma informação já compartilhada pelos interlocutores e que serviria como um empecilho para que o falante enunciasse o Ato Discursivo que segue. Assim, em (90), ao reconhecer que o ouvinte é uma

peessoa jovem, poderia soar estranho que se fizesse uma pergunta sobre as coisas que o ouvinte gostaria de ter feito e que ainda não fez, visto que ainda lhe resta muito tempo de vida. Similarmente, em (91), o fato de o falante ser uma pessoa mais velha que o ouvinte sugeriria um tratamento mais formal entre os participantes, expectativa que contraria a proposta de um tratamento informal feita pelo falante no Ato Discursivo subsequente.

A relação concessiva que vemos nos exemplos se configura, portanto, como uma estratégia de preservar a face do falante e, ao mesmo tempo, preparar o ouvinte para a enunciação do Ato Nuclear, a fim de motivá-lo a colaborar com a interação. Sendo assim, reavaliemos as concessivas da camada da Ilocução apresentadas por Parra (2016) como sendo outro tipo de função retórica, que aqui chamaremos função retórica Preparação, que também ocorre na camada do Ato Discursivo.

Um elemento que comprova a existência de dois Atos Discursivos nas ocorrências apresentadas em (90) e em (91) é a presença de ilocuições distintas para a oração concessiva e para a oração principal. Em (90), enquanto a oração introduzida por *aunque* apresenta uma ilocução declarativa, a oração principal possui uma ilocução interrogativa. Já em (91), a oração concessiva é de ilocução declarativa, já a principal é de ilocução exortativa. Portanto, assumimos que, nessas ocorrências, a relação concessiva se estabelece entre dois Atos Discursivos, sendo que o primeiro, introduzido pelo juntor, é o Ato Subsidiário, e o posterior, o Ato Nuclear.

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008) e nos estudos que adotam a GDF como aparato teórico para a descrição das estruturas concessivas, é possível defender a existência de três camadas principais onde se estabelecem a relação concessiva, sendo duas do Nível Interpessoal – as camadas do Movimento e do Ato Discursivo – e uma do Nível Representacional – a camada do Conteúdo Proposicional. Um breve resumo desses tipos concessivos é dado no quadro a seguir:

Quadro 2 – Principais tipos de relação concessiva na GDF

Nível	Camada	Usos da concessão
Interpessoal	Movimento	Função interativa/discursiva
	Ato Discursivo	Função retórica
Representacional	Conteúdo Proposicional	Função semântica

Fonte: Elaboração própria

Como podemos depreender, a concessão é um fenômeno motivado interpessoal ou representacionalmente. Logo, a existência de três tipos de relações concessivas distintos

caracterizam motivações funcionais também distintas, que podem ter surgido ao longo do tempo a partir da maior abstratização do valor semântico da concessão.

Por ser uma teoria tipologicamente baseada e adequada psicologicamente, a GDF não só permite que qualquer fenômeno linguístico morfossintático ou fonologicamente codificado em língua natural seja analisado segundo seus princípios teóricos, como também fornece uma base funcionalmente estruturada para que os diversos processos linguísticos sejam descritos e justificados. De acordo com Hengeveld (2017), a estrutura da GDF pode ser utilizada, inclusive, para descrever sistematicamente os casos de gramaticalização.

Assim, antes de demonstrarmos, a partir da proposta de Hengeveld (2017), a aplicação da GDF para o estudo da gramaticalização, definiremos esse processo de mudança linguística apresentando os princípios e mecanismos relevantes para o fenômeno aqui estudado. Neste trabalho, estamos lidando com a versão mais clássica da gramaticalização – conforme os trabalhos de Hopper e Traugott (2003), Heine et al. (1991), Gonçalves et al. (2007), entre outros – que possibilitou a emergência de um novo construto teórico que, associando princípios do Cognitivismo e da Gramática de Construções, manteve, em sua essência, os mecanismos básicos que permitem o reconhecimento do processo de gramaticalização como tal (Cf., por exemplo, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

2.3 A gramaticalização clássica: princípios, mecanismos básicos e concepções

Compreender a língua como sistema em constante processo de mudança é um aspecto fundamental para os estudos linguísticos de base funcionalista, pois ao identificar as variações linguísticas, seja em um plano sincrônico, seja em um plano diacrônico, o investigador pode observar a interferência dos aspectos pragmáticos e semânticos que regem o uso de uma variante e não de outra.

Dentre os diversos processos de mudança que podem ocorrer em uma língua, a *gramaticalização* caracteriza-se como o processo de criação de unidades que servirão à estrutura linguística, isto é, o surgimento de unidades gramaticais, termo utilizado pela primeira vez por Meillet (1912), ao definir o fenômeno pelo qual se atribui um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma.²⁸

²⁸ *l'attribution du caractere grammatical à un mot jadis autonome.* (MEILLET, 1912, p. 131).

A definição de Meillet (1912), no entanto, considera apenas a mudança de um item lexical para um item gramatical. Kurilowicz (1965), por sua vez, argumenta que o processo de mudança não termina quando um item lexical passa a atuar como um item gramatical, mas esse item já gramatical pode continuar o processo, tornando-se, ao longo do tempo, ainda mais gramaticalizado, como representado pelo seguinte *cline*:

(92) Item [- gramatical] > Item [+ gramatical]

Como afirma Traugott (1997, p. 1), a unidirecionalidade tem sido a característica chave para definir se uma dada mudança é ou não um caso de gramaticalização. Tendo em vista que o sentido básico da unidirecionalidade, apresentado por Hopper e Traugott (2003), é o de que, em uma relação entre dois estágios de mudança (A e B), o estágio A sempre ocorra antes do estágio B, e nunca o contrário, podemos conceber a gramaticalização como um fenômeno unidirecional, pois, como por meio dele itens menos gramaticais se tornam cada vez mais gramaticais, identificamos um estágio A (menos gramatical) que é sempre anterior ao estágio B (mais gramatical).

A unidirecionalidade do processo de gramaticalização é ilustrada pelo *cline* (92), uma vez que quanto mais à esquerda um item estiver, menos gramatical ele será, e quanto mais à direita estiver, mais gramaticalizado estará. A trajetória, indicada pelo símbolo > é sempre uma via de mão única, o que significa que, na mudança categorial, o caminho mais provável é sempre o da gramaticalização crescente. Trajetórias de mudança com caminho reverso, isto é, do mais para o menos gramatical, são casos tão esporádicos que não chegam a constituir contraexemplos à gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 138).

Nessa perspectiva, os *clines*, definidos por Hopper e Traugott (2003, p. 6) como “[...] uma metáfora para a observação empírica de que, interlinguisticamente, os itens tendem a sofrer os mesmos tipos de mudanças ou ter similares conjuntos de relações, em ordens similares”,²⁹ são uma representação útil para ilustrar processos de mudança que têm a unidirecionalidade como seu princípio norteador.

Traugott (1997), no entanto, chama a atenção para o grau de abstração e de generalidade que um *cline* precisa ter para configurar um modelo de trajetória aplicado como característica geral da gramaticalização. *Clines* voltados para itens ou categorias linguísticas específicas indicam uma trajetória de mudança que pode ser encontrada em

²⁹ No original: *The term “cline” is a metaphor for the empirical observation that cross-linguistically forms tend to undergo the same kinds of changes or have similar sets of relationships, in similar orders.*

outros itens ou categorias similares em outras línguas, mas isso não torna tal trajetória aplicável a todo ou qualquer fenômeno de gramaticalização. Como diz a autora, não devemos nos surpreender se diferentes *clines* levarem a diferentes resultados morfossintáticos, pois, desde que esses resultados não contradigam a unidirecionalidade do [- gramatical] > [+ gramatical], devem ser considerados como passíveis de estudo sob a ótica da gramaticalização.

A unidirecionalidade, enquanto princípio, é uma lei geral que identifica o fenômeno da gramaticalização, mas que precisa ser testada por meio de mecanismos, que, de acordo com Gonçalves et al. (2007), podem ser entendidos como as motivações ou causas para a gramaticalização. Esses mecanismos, por sua vez, são vários; logo, a presença de todos eles em uma trajetória de mudança não se faz essencial para caracterizar a gramaticalização. O importante, como diz os autores, é “[...] a apresentação conjunta dos mecanismos e do princípio que regem a gramaticalização.” (GONÇALVES et al., 2007, p. 38). Na sequência, veremos os mecanismos que atuam no processo de gramaticalização e que garantem a unidirecionalidade do processo.

2.3.1 Mecanismos cognitivos da gramaticalização

Como dito anteriormente, os mecanismos da gramaticalização são concebidos como fenômenos que tornam possível a mudança linguística ou a facilitam (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 39). Esses mecanismos não são absolutos, nem obrigatórios, por isso, a depender do fenômeno, é possível verificar a atuação de um único mecanismo ou de um agrupamento deles. Analisá-los, portanto, permite-nos observar o que motivou a mudança. Nesta seção, descreveremos os dois mecanismos principais da gramaticalização: a reanálise e a analogia.

Desde Meillet (1912), a **reanálise** é assumida como o mais importante mecanismo da gramaticalização. Por meio dele, um item tem suas propriedades sintáticas e/ou morfológicas alteradas e, com isso, também a semântica do item se modifica, fazendo-o receber uma nova interpretação. Na reanálise, formas linguísticas existentes ganham nova função na estrutura de que participam, promovida pela alteração das fronteiras de constituintes.

A reanálise morfológica, segundo Hopper e Traugott (2003, p. 39), ocorre quando o ouvinte interpreta a estrutura e o significado de um item de forma distinta daquela empregada pelo falante. Um exemplo citado pelos autores é a palavra *hamburger*, que, originalmente, era composta por dois grupos morfológicos, [*Hamburg*] + [*er*], indicando

um tipo de comida produzido na cidade de Hamburgo, Alemanha. Com o tempo, houve um novo agrupamento dos morfemas e a palavra passou a ser compreendida como [ham] + [burger].³⁰ É válido observar que tanto a forma original como a forma reanalisada se manifestam graficamente do mesmo modo, porque, como afirma Langacker (1977), a mudança estrutural não requer modificação imediata no modo como esses itens se manifestam superficialmente.

Um claro caso de reanálise sintática, por sua vez, pode ser observado na mudança de *that*, de demonstrativo a complementizador, motivado por contextos como: *[[He said **that**]: [John is coming]]* > *[He said [**that** John is coming]]*. Enquanto demonstrativo, *that* é uma pró-forma complemento do verbo da primeira oração, que tem seu sentido especificado pelo conteúdo da segunda oração, não sintaticamente dependente da primeira. Esse contexto de justaposição de orações permite que *that* seja reanalisado como complementizador integrante da oração subordinada finita, com consequente alteração de estatuto categorial, ainda que a estrutura superficial não tenha sofrido qualquer modificação.

A reanálise, em especial a reanálise sintática, gera uma mudança na categoria do item linguístico, fenômeno chamado de **descategorização**. Conforme Hopper e Traugott (2003), a descategorização implica que, durante a trajetória de gramaticalização, os itens tendem a um rebaixamento categorial, conforme ilustrado no *cline* a seguir:

(93) categoria maior (> categoria intermediária) > categoria menor

Segundo os autores, verbos plenos e nomes correspondem a categorias maiores, enquanto as categorias intermediárias são compostas por adjetivos e advérbios, e as categorias menores englobam as preposições, as conjunções, os verbos auxiliares e os pronomes. Hopper e Traugott (2003) explicam, no entanto, que a descategorização não deve ser interpretada como uma decadência ou deterioração do item linguístico; é, na realidade, uma mudança funcional na qual o item passa a exercer outro papel na organização do discurso.

A **analogia**, por sua vez, é definida como um mecanismo de generalização de regras linguísticas, porque regras ou padrões de uso são perpetuados dentro do sistema linguístico, modificando as manifestações superficiais dos itens. Enquanto a reanálise é

³⁰ Casos como a reanálise sofrida pela palavra *hamburger* são fenômenos representativos do objeto de estudo da abordagem construcional da gramática.

considerada por Meillet (1912) o mecanismo elementar da gramaticalização por possibilitar a criação de novos itens gramaticais, a analogia é caracterizada como um mecanismo secundário, porque durante muito tempo a interpretaram como um simples processo de regularização de irregularidades gramaticais, associada, muitas vezes, com a fase da aquisição da linguagem.

Um caso de analogia pode ser verificado na constituição do particípio em português: a regra geral implica que os verbos da segunda conjugação, isto é, os terminados em *-er* construam sua forma de particípio por meio do sufixo *-ido*, como em *vender – vendido*, *viver – vivido*; porém, alguns verbos têm uma forma irregular para o particípio, como o verbo *escrever*, cujo particípio é *escrito*. No entanto, um aprendiz da língua que desconhece os particípios irregulares pode, por analogia, aplicar a regra geral, produzindo a forma *escrevido*.

Estudos posteriores, como os de Kurylowicz (1966) e de Kiparsky (1968), deram um novo olhar à analogia. Os autores notaram que esse mecanismo não procede de modo aleatório, mas segue a tendência de substituir formas linguísticas mais restritas por formas mais gerais – no exemplo que oferecemos, o particípio irregular *escrito* é mais restrito do que *escrevido*, que segue uma regra geral para sua formação.

Hopper e Traugott (2003) também defendem que a analogia vai muito além de uma simples padronização de regras linguísticas e argumentam que sua importância não deve ser subestimada no estudo da gramaticalização, pois, enquanto a reanálise opera de modo encoberto nas línguas, os produtos da analogia são mais manifestos e, por isso são, em muitos casos, a primeira evidência de que uma mudança linguística está se processando.

Reanálise e analogia, portanto, são mecanismos complementares: enquanto a reanálise opera ao longo do eixo sintagmático da estrutura linear dos constituintes linguísticos, a analogia opera ao longo do eixo paradigmático das opções que podem ocupar qualquer posição no constituinte (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 64).

Como exemplo dessa relação, podemos retomar a já citada palavra *hamburger*, que, por reanálise, reagrupou, no eixo sintagmático, os morfemas [*hamburg*] + [*er*] em [*ham*] + [*burger*]. No entanto, tal mudança só se tornou perceptível quando, por meio da analogia, outras formas puderam ser utilizadas no lugar de *ham*, como, por exemplo, *cheese – cheeseburger* e *beef – beefburger*. As formas *ham*, *cheese* e *beef*, dentre outras, estão disponíveis no eixo paradigmático dos tipos de ingredientes que podem compor e diferenciar o alimento *burger*.

Além de operar a partir de uma reanálise morfológica, como no caso de *hamburger*, a analogia também se faz presente em um processo de mudança no qual há reanálise sintática. Um exemplo da relação entre analogia e reanálise sintática pode ser visto no surgimento da perífrase de futuro *ir* + *infinitivo*. Por meio da reanálise, o verbo de movimento *ir* passou a atuar como verbo auxiliar de futuro junto a verbos acionais. O uso auxiliar de *ir* foi, por meio da analogia, expandido para atuar com todos os tipos de verbos (volitivos, estativos, etc.), originando a perífrase verbal *ir* + *infinitivo*.³¹

Hopper e Traugott (2003) afirmam que, dada sua atuação conjunta, reanálise e analogia configuram os principais mecanismos da mudança linguística e, embora não sejam exclusivos da gramaticalização, esta não pode ocorrer sem eles. Tendo em vista a relevância da reanálise e da analogia, resumimos no quadro a seguir os pontos distintivos de cada uma:

Quadro 3 – Resumo das diferenças entre reanálise e analogia

Reanálise	Analogia
Cria novas estruturas gramaticais.	Generaliza regras gramaticais de um domínio limitado para um domínio mais amplo.
Atua no eixo sintagmático.	Atua no eixo paradigmático.
Mudanças não diretamente observáveis.	Mudanças evidentes, que tornam a reanálise observável.

Fonte: Elaboração própria.

2.3.2 A virada pragmática

Assim como a língua, os paradigmas teóricos também estão em constante modificação, sempre sujeitos à revisão e à ampliação, e não é difícil notar a existência de teorias variantes coexistindo dentro de um mesmo paradigma. No caso do paradigma da gramaticalização clássica não é diferente. Retomando o percurso histórico já tão bem estabelecido por estudos anteriores (Cf. LONGHIN, 2003; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; GONÇALVES et al., 2007) é possível notar uma tendência crescente de implementação da pragmática como fator desencadeante do processo de mudança linguística e o enfoque nas motivações funcionais ao invés de puramente descrever as mudanças formais sofridas por um item ao longo do tempo.

Um estudo pioneiro na relação entre pragmática e gramaticalização é encontrado em Givón (1979), para quem a gramaticalização é vista mais como um processo de sintatização e de morfologização, desencadeado não apenas por estruturas provindas do léxico, como define Meillet (1912), mas possibilitadas pelo discurso. Nessa perspectiva, formas de

³¹ Para mais detalhes sobre a perífrase *ir* + *infinitivo* no português, ver Fonseca (2010).

comunicação mais livres e menos planejadas tendem a possibilitar o surgimento de um modo de comunicação cada vez mais sintático, conforme observamos no *cline* proposto pelo autor:

(94) Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero

Givón (1979) sugere um modo mais amplo de enxergar as fontes para o surgimento de estruturas gramaticais, representando, assim, um salto muito importante nos estudos da gramaticalização por focar a relevância da pragmática, isto é, da força do discurso na determinação da estrutura linguística.

As ideias de Givón (1979) influenciaram outros linguistas, que adotaram as propostas do autor como passíveis de serem aplicadas a qualquer contexto de análise que envolvesse gramaticalização e empregadas como critério para julgar se a mudança de um item correspondia ou não a um caso de gramaticalização, de modo que o *cline* por ele proposto corresponderia ao único caminho válido para a gramaticalização de um item.

Nessa perspectiva, a gramaticalização passa a ser considerada um processo reducionista, marcado por perdas em todas as suas etapas: perda de liberdade discursiva, de significado, de autonomia sintática, de elementos fonéticos, até culminar no desaparecimento completo do próprio item.

Lehmann (1982) defende como característica da gramaticalização a perda da autonomia do item que se gramaticaliza, sob o entendimento de que a autonomia de um item é contrária ao estatuto gramatical(izado). Outro exemplo da visão reducionista é encontrado em Heine e Reh (1984), que propõem a seguinte definição para gramaticalização: “Com o termo ‘gramaticalização’ nos referimos essencialmente a uma evolução por meio da qual unidades linguísticas perdem em complexidade semântica, significância pragmática, liberdade sintática, e substância fonética.” (HEINE; REH, 1984, p. 15).³²

Assim, para que um processo de mudança fosse considerado um caso de gramaticalização, seria preciso que a trajetória de mudança do item analisado demonstrasse as características elencadas em tal definição. Observamos que tal caminho de mudança tende à redução do item ao longo de seu processo de gramaticalização, que perde, decresce

³² No original: *With the term ‘grammaticalization’ we refer essentially to an evolution whereby linguistic units lose in semantic complexity, pragmatic significance, syntactic freedom, and phonetic substance.*

e reduz suas propriedades e sua autonomia ao ser obrigatório em determinados contextos ou estar fundido a outro item.

Para Traugott (1997), por sua vez, ao se assumir a gramaticalização como um processo de perda de traços pragmáticos e semânticos em detrimento de um fortalecimento sintático, muitos fenômenos de mudança linguística que não se encaixam nesse perfil deixam de ser considerados processos de gramaticalização, embora seja verificada em sua essência uma trajetória do [- gramatical] para o [+ gramatical]. Tais fenômenos, como explica a autora, foram por muito tempo relegados a um segundo plano dentre os estudos linguísticos ou até mesmo analisados como simples contraexemplos à unidirecionalidade da gramaticalização.

Ao analisar a evolução diacrônica de três marcadores discursivos do inglês, a saber: *besides*, *in deed* e *in fact*, Traugott (1997) defende que a trajetória percorrida por esses marcadores revela um caso de gramaticalização, tendo em vista a presença de fenômenos como a descategorização, a redução fonológica e a generalização, que são comuns a outros processos de gramaticalização tradicionalmente aceitos. No entanto, o surgimento de marcadores discursivos conduz a um aumento do escopo e a uma maior liberdade sintática dos itens. Tais resultados contrariam os critérios apontados pelos modelos reducionistas, que defendem a redução de escopo e a perda de autonomia sintática como requisitos definidores da gramaticalização.

Para a autora, no entanto, o aumento de escopo e de liberdade sintática não devem ser tomados como contraexemplos aos casos de gramaticalização, visto que não afetam a unidirecionalidade do processo. Conforme a trajetória de mudança dos marcadores estudados pela autora, os itens investigados passam de um uso mais concreto para um uso mais abstrato quando evoluem de advérbios verbais para sentenciais, bem como quando passam de advérbios sentenciais para marcadores discursivos.

Outras duas características identificadas por Traugott (1997) no processo de gramaticalização dos marcadores discursivos são o aumento da subjetividade e o fortalecimento pragmático. Segundo a autora, os itens que evoluem para a categoria de marcadores discursivos tornam-se mais associados com as atitudes do falante, especialmente com as atitudes metatextuais, ou seja, voltadas para a interpretação textual e para o fluxo discursivo. Além disso, pragmaticamente, os itens que se gramaticalizam em marcadores discursivos tendem a sofrer, em seus estágios iniciais de gramaticalização, um fortalecimento de inferências e de implicaturas conversacionais presentes em seus usos originais.

Considerando, assim, as propostas de Traugott (1997) para o estudo da gramaticalização dos marcadores discursivos, apresentamos na sequência os principais processos pragmáticos que influenciam a gramaticalização e, em especial, a gramaticalização dos jutores concessivos aqui investigados.

2.3.2.1 Os processos pragmático-cognitivos da metáfora e da metonímia

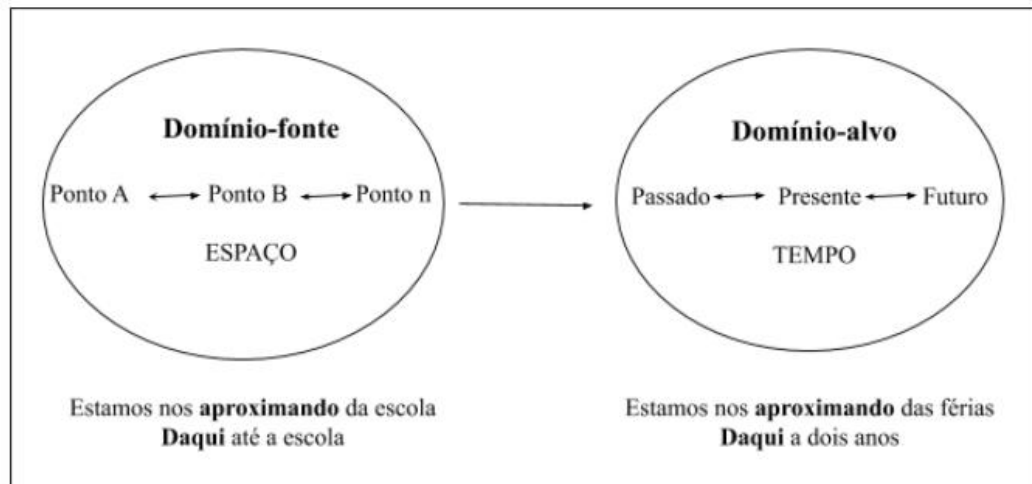
Lakoff e Johnson (1980) mencionam que nosso sistema conceitual, que determina nosso modo de pensar e de agir, é fundamentalmente de natureza metafórica [e também metonímica]. Nessa visão, metáfora e metonímia constituem dois processos conceituais voltados para o modo como organizamos e experienciamos a realidade, o que acaba se refletindo na linguagem, isto é, no modo como relatamos essas experiências.

A **metáfora** é, segundo Lakoff e Johnson (1980), o processo cognitivo que permite experienciar um domínio conceitual em termos de outro.³³ Esse processo ocorre porque determinados domínios conceituais podem ser diretamente experienciados graças aos nossos sentidos, como é o caso do domínio conceitual ESPAÇO, que pode ser organizado a partir de nossa disposição física. Já outros domínios conceituais mais abstratos não permitem que os acessemos por meio de nossa audição, olfato, visão ou disposição física. É o caso, por exemplo, do domínio TEMPO, que, cognitivamente, acaba sendo estruturado, compreendido, realizado e comentado em termos de outros domínios.

Na metáfora, verificamos, portanto, a existência de dois domínios conceituais: um domínio-fonte e um domínio-alvo, sendo o domínio-fonte mais concreto e a partir do qual se experiencia o domínio-alvo, de natureza mais abstrata. Na figura 3, podemos observar como, na metáfora TEMPO É ESPAÇO, o domínio-fonte ESPAÇO é projetado no domínio-alvo TEMPO:

³³ *The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another.* (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 5)

Figura 3 – A projeção metafórica do domínio-fonte ESPAÇO no domínio-alvo TEMPO



Fonte: Elaboração própria

A importância da metáfora em processos de gramaticalização está associada à unidirecionalidade do processo: a transferência metafórica parte de um domínio-fonte – mais concreto e apreensível –, para um domínio-alvo – mais abstrato e, portanto, mais difícil de compreender e retratar linguisticamente –, e nunca o contrário. (FERRARI, 2001, p. 98).

De acordo com Gonçalves et al. (2007), a metáfora, em gramaticalização, está associada aos processos de (de)semantização ou *bleaching* semântico da forma-fonte, que é estendida metaforicamente de domínios lexicais ou menos gramaticais para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais.

Hopper e Traugott (2003) defendem que os estágios iniciais da gramaticalização são fortemente motivados por processos metafóricos, porque, como sugerem Bybee e Pagliuca (1985), os usuários da linguagem humana são naturalmente propensos a realizar extensões metafóricas que conduzem ao aumento da frequência de uso de certos itens. Para Hopper e Traugott (2003), portanto, os processos metafóricos são concebidos como processos de inferência entre fronteiras conceituais, e tipicamente referidos em termos de mapeamento ou saltos associativos entre domínios, sendo esses mapeamentos, na visão dos autores, motivados pelas relações de analogia e de iconicidade entre os domínios conceituais envolvidos.

Embora tradicionalmente os processos metafóricos sejam considerados semânticos por provocarem uma mudança no significado dos itens linguísticos, Hopper e Traugott (2003) defendem que esses processos são pragmáticos, uma vez que se baseiam no uso comunicativo, posição partilhada também por Heine et al. (1991), ao reconhecerem que é por meio da metáfora que predicções pré-existentes são aplicadas a novos contextos de

uso com significados mais generalizados. Nessa visão, a transferência metafórica parte sempre de uma categoria mais básica para uma mais complexa e abstrata.

A **metonímia**, por sua vez, é definida por Lakoff e Johnson (1980, p. 35) como o processo pelo qual uma entidade é usada para se referir a outra entidade a ela relacionada. Nesse processo, predomina a relação de contiguidade entre as entidades envolvidas que permite a transferência semântica entre elas. Pensemos no seguinte enunciado:

(95) Precisamos de um novo **rosto** para a revista.

No exemplo, a palavra em destaque ilustra um processo metonímico, pois *rosto* não é utilizado com seu sentido básico de *cara, face*, mas é usado para fazer referência a uma nova pessoa em si, sendo *rosto* e *pessoa* entidades contíguas.

De acordo com Ferrari (2001), a metonímia exerce uma função *referencial*, uma vez que substitui ou identifica uma entidade por meio de outra. Essa propriedade a diferencia da metáfora que exerce uma função basicamente *predicativa*, visto que busca enquadrar uma dada entidade em uma nova categoria. Outra diferença apontada pela autora é o fato de a metonímia estabelecer uma relação entre entidades pertencentes a um mesmo domínio-matriz, ao contrário da metáfora, que ocorre entre dois domínios distintos. Assim, no caso da metonímia, um aspecto do domínio-matriz é ressaltado na relação de contiguidade.

Para Ferrari (2001), a metonímia não destaca simplesmente a parte de um todo, mas a parte relevante para a predicação, promovendo um realce de um domínio específico no âmbito de um domínio-matriz complexo e abstrato. Nesse sentido, Lakoff e Johnson (1980) defendem que a metonímia não é um dispositivo meramente referencial, mas também exerce a função de possibilitar a compreensão ao revelar uma seleção que coloca em foco determinados aspectos comunicativos que o falante deseja ressaltar. Logo, concluímos que, assim como a metáfora, a metonímia também é um processo pragmático.

Hopper e Traugott (2003) argumentam que os estudos em mudança linguística, por muito tempo, relegaram pouca importância aos processos metonímicos, enquanto consideravam a metáfora como um processo de maior relevância. Atualmente, no entanto, reconhece-se a relevância da metonímia, principalmente para os casos de gramaticalização, já que os processos metonímicos operam por reanálise, que, como vimos na seção anterior, representa o mecanismo principal para a criação de itens gramaticais. Em razão desse fato, muitos fenômenos de gramaticalização que antes eram estudados como resultantes de processos metafóricos foram revistos como casos de metonímia.

Traugott e König (1991) consideram que a metonímia promove o fortalecimento da informatividade de um item, processo muito comum nos estágios iniciais de gramaticalização. Considerando que a metonímia envolve a especificação de um sentido em termos de outro que está disponível no contexto, ela provoca a mudança do menos para o mais informativo, sendo que este valor mais informativo é, em princípio, apenas inferido.

Para sintetizar as diferenças no modo de operação da metáfora e da metonímia, oferecemos o seguinte quadro-resumo:

Quadro 4 – Resumo das diferenças entre metáfora e metonímia

Metáfora	Metonímia
Representa membros de um domínio semântico em termos de outro	Busca formas de regular a comunicação e a negociação durante a interação de falante e ouvinte
Projeção entre dois domínios	Projeção em um único domínio
Função predicativa	Função referencial
Opera por analogia	Opera por reanálise
Atua no eixo paradigmático	Atua no eixo sintagmático

Fonte: Elaboração própria

Metáfora e metonímia constituem processos cognitivos complementares que atuam pragmaticamente na resolução de problemas comunicativos voltados para a conceitualização de expressões em termos de outras. De acordo com Traugott e König (1991), enquanto a metáfora volta-se primariamente para a resolução de problemas de representação, a metonímia, enquanto convencionalização de sentidos conversacionais, está associada com a resolução de problemas relacionados à expressão das atitudes do falante. A convencionalização de sentidos inicialmente inferidos pelo contexto e seu papel no surgimento de novas formas gramaticais serão tratados na próxima seção.

2.3.2.2 A convencionalização de implicaturas

Hopper e Traugott (2003, p. 71) afirmam haver três principais motivações para a mudança linguística: a aquisição da linguagem, o contato entre línguas e entre comunidades linguísticas, e a interação falante-ouvinte na negociação dos sentidos em um contexto de interação. Segundo os autores, esta última motivação é a que mais interfere no processo de gramaticalização.

Na visão de Hopper e Traugott (2003), dizer que a gramaticalização é motivada pela interação falante-ouvinte significa voltar-se para o modo como a comunicação ocorre, isto é, para as estratégias utilizadas por ambos os participantes na produção e interpretação da mensagem, pois são essas estratégias que permitem atribuir novos significados a formas já

existentes, seja para criar novas formas de dizer uma mesma coisa, seja para fornecer uma interpretação o menos ambígua possível.

Segundo os autores, os ouvintes contribuem para a mudança linguística quando, na busca por interpretar o *input* fornecido pelo falante, acabam processando a mensagem de um modo que não corresponde à intenção comunicativa original. Os falantes, por sua vez, contribuem para a mudança linguística quando recorrem a novas estratégias linguísticas como forma de guiar seus ouvintes a atingirem os propósitos comunicativos desejados. Nesse processo interativo, entram em jogo a criatividade do falante e a rotinização de expressões já conhecidas: a primeira busca por formas mais expressivas, enquanto a segunda objetiva a economia e a simplicidade linguística.

Grice (1975) argumenta que todo ato interativo envolvendo falante e ouvinte é guiado pelo *Princípio da Cooperação*, isto é, por um esforço comunicativo de cada participante, que reconhece na interação um propósito ou uma direção comum. Desse modo, a produção e a interpretação de enunciados que respeitem esse princípio devem estar pautadas em quatro máximas, que são: a *quantidade* (de informação transmitida), a *qualidade* e a *relação* (da informação na troca conversacional), e o *modo* (como essa informação é transmitida). Essas máximas visam guiar o comportamento linguístico dos participantes da interação na busca por um melhor cumprimento do Princípio da Cooperação.

Ainda sobre a interação falante-ouvinte, Traugott e König (1991), por sua vez, pautados em Atlas e Levinson (1981), consideram que toda relação comunicativa é também guiada por um outro princípio, o *Princípio da Informatividade*, o qual propõe que a comunicação seja tão informativa quanto possível. Seguindo esse princípio, bem como respeitando a máxima da Quantidade de Grice (1975) – que propõem ao falante fazer uma contribuição tão comunicativa quanto é requerida, mas, ao mesmo tempo, não fazer uma contribuição mais informativa do que é preciso –, o falante buscará dizer não mais do que aquilo que é necessário; enquanto o ouvinte, em sua disposição de ser cooperativo e, pressupondo que seu interlocutor respeitou o Princípio da Cooperatividade, selecionará a interpretação mais informativa dentre as possíveis para aquilo que foi dito pelo falante.

Para obedecer ao Princípio da Cooperação – e suas máximas – e ao Princípio da Informatividade, os enunciados produzidos em uma interação falante-ouvinte significam mais do que aquilo que é codificado. Para Grice (1975), os sentidos que estão além daquilo que é dito geram **implicaturas**, que podem ou não se convencionalizar na língua.

Implicaturas convencionais, como definido por Hopper e Traugott (2003), são assumidas como parte da polissemia de uma palavra ou de uma construção, o que, para Traugott e König (1991), permitem a convencionalização de sentidos codificados lexicalmente, gramaticalmente ou prosodicamente. Já as **implicaturas conversacionais** surgem a partir de inferências produzidas pelo contexto e estão conectadas com as características do discurso (GRICE, 1975, p. 45). Vejamos os dois exemplos a seguir:

(96) The road was icy. She slipped. (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991, p. 193)
[A estrada estava congelada. Ela escorregou.]

(97) It is midnight and Mary is still working. (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991, p. 200)
[É meia noite e Maria ainda está trabalhando.]

Em (96), embora não haja nenhuma codificação formal que marque a relação entre as duas orações que compõem o enunciado, é possível inferir uma interpretação temporal, tendo em vista que as orações são enunciadas em sequência; bem como é possível atribuir a tal enunciado uma relação de causa-consequência do tipo *A estrada estava congelada, por isso ela caiu*. As interpretações inferidas de (96) são implicaturas conversacionais, porque, como explicam Traugott e König (1991, p. 194), não são extraídas a partir de um elemento particular do enunciado, mas resultam de um fortalecimento pragmático baseado na relevância de tal enunciado, isto é, quem ouve o que é dito em (96) interpreta o porquê de o falante ter julgado aquela informação como relevante e busca atribuir a esse enunciado a interpretação mais informativa possível.

O enunciado em (97), por sua vez, apresenta o item gramatical *e*, que carrega o sentido convencional de adição. Logo, uma primeira interpretação de (97) é a concomitância temporal entre as duas orações. Traugott e König (1991) argumentam que os itens gramaticais, como a conjunção *e*, oferecem instruções ao ouvinte de como devem interpretar o enunciado, restringindo, assim, as interpretações possíveis. No entanto, segundo os autores, tal restrição não é absoluta, e o enunciado pode produzir novas inferências, que resultam na atribuição de novos significados ao item gramatical. Assim, em (97), além da convencional leitura temporal, é possível inferir uma leitura concessiva, esta, por sua vez, conversacional, autorizada pelo contexto, visto que os conteúdos expressos pelas orações são considerados incompatíveis – o esperado seria que Maria não trabalhasse até meia-noite. Em termos informativos, por sua vez, a interpretação concessiva é mais relevante que a interpretação de concomitância temporal entre as duas orações, pois

a interpretação concessiva evoca a estratégia argumentativa do falante de orientar seu ouvinte a avaliar o fato de Maria trabalhar até meia-noite como sendo algo inesperado e, assim, romper com uma expectativa lógica.

Visto que determinadas formas linguísticas podem adquirir novos sentidos a partir das inferências autorizadas pelo contexto de uso dessas formas, a produção de inferências atua diretamente no processo de gramaticalização. Hopper e Traugott (2003) defendem que as mudanças de sentido produzidas pragmaticamente são comuns nos estágios iniciais da gramaticalização e estão intimamente vinculadas à busca por expressividade na comunicação.

Traugott e König (1991) também consideram que as inferências são um fator motivador do processo de gramaticalização. No entanto, explicam que os tipos de inferências variam a depender da função gramatical envolvida no processo. Os autores argumentam que a gramaticalização de jutores concessivos, fenômeno de interesse deste trabalho, se dá geralmente pela convencionalização de uma implicatura conversacional, cujo resultado é o fortalecimento da informatividade do item em processo de gramaticalização.

De acordo com Grice (1975), uma implicatura conversacional pode tornar-se convencional. A convencionalização de implicaturas, para Hopper e Traugott (2003), envolve um processo de semanticização, em que um sentido que antes era pragmático, gerado pelas inferências do contexto, torna-se semântico e passa a compor a polissemia daquela forma linguística. Esse processo é explicado por meio das palavras de Darl (1985):

Se uma condição começa a ser realizada frequentemente quando uma certa categoria é usada, uma associação mais forte pode se desenvolver entre a condição e a categoria de tal modo que a condição torna-se compreensível como uma parte integral do sentido da categoria. (DARL, 1985, p. 11).³⁴

Em termos de convencionalização de implicaturas, a explicação de Darl (1985) indica que, conforme um sentido originalmente inferido do contexto torna-se frequente, a relação entre esse sentido, o contexto de uso e a forma linguística se fortalece a ponto de constituir o próprio sentido da categoria. Observa-se que não é só o sentido pragmático,

³⁴ No original: *If some condition happens to be fulfilled frequently when a certain category is used, a stronger association may develop between the condition and the category in such a way that the condition comes to be understood as an integral part of the meaning of the category.*

gerado pelas inferências, que se convencionaliza, mas também o contexto de atuação da forma linguística que possibilitava tal interpretação.

Um exemplo da atuação do contexto na convencionalização dos sentidos de uma forma linguística é o caso de *since*, que, conforme Hopper e Traugott (2003), apresenta em sua polissemia um sentido temporal original e um sentido causal, desenvolvido posteriormente. Esses dois usos de *since* são ilustrados respectivamente nos exemplos a seguir:

- (98) I have done quite a bit of writing **since** we last got together. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 80 – grifo nosso)
[Eu tenho escrito um pouco **desde** a última vez que nos reunimos]
- (99) **Since** I have a final exam tomorrow, I won't be able to go out tonight. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 80 – grifo nosso)
[**Como** eu tenho um exame final amanhã, não posso sair hoje à noite.]

Como afirmam os autores, o sentido temporal de *since* é comum quando o item relaciona orações que se referem a eventos, em especial, eventos no passado, como vemos em (98). Já quando uma das orações apresenta um evento não passado ou um estado, o sentido de *since* é tipicamente causal, como em (99).

A respeito dos jutores concessivos, Traugott e König (1991) explicam que esses itens, em sua grande maioria, surgem de expressões que já eram utilizadas nas línguas com um outro sentido convencionalizado – como de tempo, coocorrência, negação, etc. – a partir do qual o sentido concessivo surge como uma implicatura conversacional, a qual, com o passar do tempo e com a rotinização de seu contexto de uso, convencionaliza-se. Após convencionalizado, o sentido concessivo pode ser o único disponível para aquela forma, ou pode ser um dos sentidos possíveis, convivendo com os outros sentidos originais.

2.3.2.3 A frequência de uso

De acordo com Hopper e Traugott (2003, p.71), como as motivações da mudança linguística podem ser diversas, em geral, verifica-se um embate entre as motivações que buscam garantir maior expressividade e aquelas que visam preservar a eficiência comunicativa a partir da economia. Em meio a esse duelo, encontramos a frequência como fator que opera nos dois sentidos apresentados ao recrutar termos relativamente frequentes na língua para lhes atribuir sentidos novos que antes eram atribuídos a itens que, de tão

frequentes, tornaram-se menos expressivos. O frequente uso de um item linguístico conduz, assim, à redução de sua estrutura fonológica e à rotinização de seu significado.

Bybee e Hopper (2001) caracterizam a **redução fonológica** como uma automatização de sequências neuromotoras que vêm com a repetição de palavras frequentes na língua, utilizadas principalmente em situações comunicativas informais. A repetição conduz a uma redução e sobreposição dos gestos articulatórios, permitindo uma fala mais rápida. Um exemplo do português é a evolução de forma e de sentido sofrida pela forma de tratamento *vossa mercê*, que, antes de uso restrito e particularizado na identificação do interlocutor, deu origem ao pronome pessoal *você*, de uso mais espalhado e generalizado na situação de interlocução. Esse processo continua ainda operante na língua, com a redução de *você* a *oce/cê*, permitindo, assim, um maior rebaixamento categorial da forma que, alcançando usos clíticos, pode, inclusive, ser empregada em estratégias discursivas de referenciação genérica, a exemplo do uso clítico de *se* ou de outras estratégias de indeterminação de sujeito agente (*ferver/ferva/ferve-se/você ferve um litro de água e...*).

A redução fonológica que acompanhou a gramaticalização de *vossa mercê* > *você* e, em especial hoje, a redução de *você* > *cê* não se dá livremente entre os falantes, pois eles sabem em quais contextos as reduções são permitidas e em quais não. Segundo Bybee e Hopper (2001), a redução fonológica promovida pela repetição apresenta valor pragmático, não só pelo fato de ser condicionada pela situação de fala, mas também por garantir uma comunicação eficiente com o menor esforço possível, pois “os falantes parecem ser capazes de medir quanta informação fonética o ouvinte necessita a fim de acessar a palavra correta.”³⁵ (BYBEE; HOPPER, 2001, p. 11).

Além da redução, os autores também apresentam outros efeitos causados pela frequência, que são: a formação de construções, o aumento da acessibilidade e a mudança funcional, conforme descrevemos a seguir.

A formação de construções é um dos efeitos da frequência visto que quanto mais uma sequência de palavras for repetida, mais os elementos que a compõem tendem a ser considerados uma única construção. É o caso, por exemplo, das sequências do inglês *want to* e *be going to*, que, em razão do frequente uso em contextos específicos, uniram-se em uma única construção: *wanna* e *gonna*, respectivamente.³⁶

³⁵ No original: *The speaker seems to be able to gauge how much phonetic information the hearer needs in order to access the correct word.*

³⁶ Bybee (2006) utiliza o termo *chunking* para denominar a construção que se forma por meio da repetição.

Já a relação entre frequência e acessibilidade pode ser explicada pelo fato de que itens altamente frequentes têm seus significados acessados mais facilmente dentro do repertório da língua. Esse é o caso das expressões idiomáticas como *cair um pé d'água*, que, por já estar cristalizada, não mais permite uma análise individual das palavras que a compõem.

Por fim, a repetição frequente de um item também pode provocar sua mudança funcional e sua generalização semântica. Como explicam Bybee e Hopper (2001), quando itens linguísticos altamente expressivos são usados em excesso, enfraquecem e, com isso, novos itens já existentes no repertório da língua são recrutados para desempenhar o efeito retórico do item anterior.

Em Hopper e Traugott (2003), esses processos de enfraquecimento e recrutamento de novas expressões são explicados como fenômenos de rotinização e de desrotinização. De acordo com os autores, no repertório linguístico existe uma gama variada de expressões capazes de significar uma mesma coisa. Ao selecionarmos uma dessas expressões e a utilizarmos frequentemente, seu valor comunicativo tende a ser cada vez menos expressivo, e sua forma, simplificada. A esse processo denomina-se **rotinização**.

Com certas expressões já rotinizadas, os falantes sentem a necessidade comunicativa de encontrar novos modos de se expressarem. Uma alternativa é buscar, no próprio repertório da língua, formas linguísticas já existentes e aplicar-lhes um novo sentido. É esse processo de aplicar um sentido que antes era desempenhado por uma forma antiga a uma forma nova que os autores chamam **desrotinização**.

Hopper e Traugott (2003) propõem que ao longo da trajetória de mudança linguística, o item tende a sofrer dois processos de **generalização**: (i) a generalização de seu significado e (ii) a generalização de sua função gramatical.

A **generalização do significado** indica que, ao longo da gramaticalização, o item perde seu significado mais concreto e desenvolve significados mais abstratos. Hopper e Traugott (2003) defendem, portanto, uma troca balanceada entre o velho e o novo significado, indo contra as teorias que veem a generalização como um enfraquecimento ou branqueamento (*bleaching*) semântico. Observemos, por exemplo, a palavra *show*, que, no português, além de apresentar o significado concreto de *apresentação*, *espetáculo*, também adquiriu ao longo do tempo a acepção abstrata de *muito bom*, presente nos usos de *show* como um avaliativo.

Já no que diz respeito à **generalização da função gramatical**, os autores argumentam que ao longo da gramaticalização, os itens passam a servir a um vasto número

de propósitos morfossintáticos, podendo, assim, atuar em vários contextos. Retomando nosso exemplo, o fato de a palavra *show* poder atuar como um adjetivo não anulou os casos de *show* como substantivo. A interpretação de uma ou outra função dependerá, portanto, do contexto.

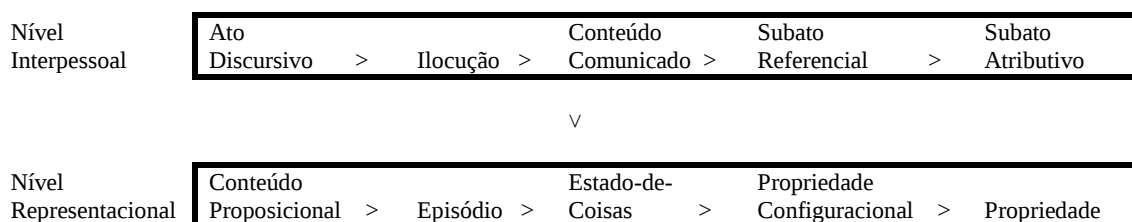
As motivações da mudança, tais como a busca por maior economia linguística, clareza, expressividade e rotinização, que estão intimamente vinculados à frequência, estão voltadas para o uso linguístico e para interação falante-ouvinte. Logo, podem ser consideradas de base pragmática, visto que se pautam na relação entre a língua e o contexto de interação em que a comunicação se estabelece.

2.4 A gramaticalização na GDF

Em termos de GDF, o processo de gramaticalização é definido como uma combinação de dois tipos de mudanças: as de conteúdo e as formais. (HENGEVELD, 2017, p. 11). **Mudanças de conteúdo** envolvem, segundo Hengeveld (2017), aumento de escopo, sendo *escopo* compreendido a partir dos níveis e camadas da GDF, mais especificamente as dos níveis Interpessoal e Representacional.

Como vimos na descrição da arquitetura da GDF, os níveis e camadas organizam-se hierarquicamente, de modo que os níveis e as camadas mais altos escopam os níveis e as camadas mais baixos, conforme resumido na seguinte figura:

Figura 4 – Relações de escopo na GDF



Fonte: Hengeveld (2017, p. 13 – tradução nossa)

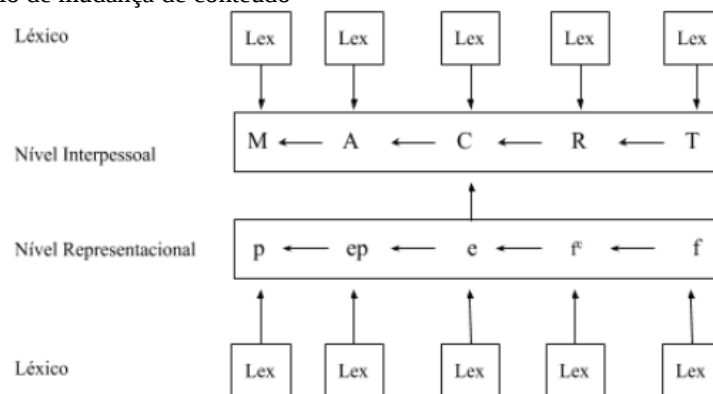
A figura 4 ilustra três diferentes relações de escopo: (i) uma relação que se estabelece entre as camadas do Nível Interpessoal; (ii) uma relação que se estabelece entre as camadas do Nível Representacional; e (iii) uma relação de escopo que se estabelece entre os níveis Interpessoal e Representacional. Assim, aplicando as relações de escopo à gramaticalização, pode-se dizer que um item que se gramaticaliza passa a ocupar uma

camada ou um nível mais alto do que aquele que ocupava quando era menos gramaticalizado.

Hengeveld (2017) considera que o processo de gramaticalização tem início quando um item lexical entra no sistema gramatical. Essa inserção pode ser feita em qualquer ponto da hierarquia apresentada na figura 4. A partir do momento que esse item é inserido no sistema gramatical, ele tende a subir de camada ou de nível conforme avança em seu processo de gramaticalização.

A mudança de conteúdo de um item em processo de gramaticalização implica, portanto, um gradual e sistemático aumento de escopo, visto que segue um caminho específico, que parte das camadas à direita para as camadas à esquerda, e do nível mais baixo para o mais alto. Os possíveis caminhos seguidos na mudança de conteúdo são esquematizados na figura 5:

Figura 5 – Um modelo de mudança de conteúdo



Fonte: Hengeveld (2017, p. 21 – tradução nossa)

O modelo oferecido por Hengeveld (2017) demonstra, assim, que um item lexical, ao se gramaticalizar, pode selecionar qualquer ponto do sistema, mas, a partir do momento que esse ponto é escolhido, o item não pode descer na escala hierárquica das camadas, assim como não pode se mover do Nível Interpessoal para o Nível Representacional.

Segundo Hengeveld (2017), unidades semânticas podem desenvolver-se diacronicamente em unidades pragmáticas, o que representa um aumento de escopo vertical, de modo que um elemento que antes ocupava uma camada do Nível Representacional passa a atuar em uma das camadas do Nível Interpessoal. Para o autor, no entanto, não é necessário que o item tenha ocupado todas as camadas do Nível Representacional para mover-se ao Nível Interpessoal. Essa passagem, como vemos na figura 5, pode ser feita em qualquer ponto dos dois níveis.

As mudanças de conteúdo podem, assim, atestar o processo de gramaticalização de um item, visto que o aumento de escopo obedece à unidirecionalidade do processo, à medida que o item, ao gramaticalizar-se, passa de uma camada menos subjetiva e menos geral, para uma camada mais subjetiva e mais geral. (HENGEVELD, 2017, p. 15).

A GDF compreende **mudança formal** não no sentido adotado pelos modelos reducionistas, que, como vimos, baseiam-se em categorias formais específicas que partem do uso de um item, antes lexical, como palavra gramatical, até sua completa desapareição, como vemos no *cline* a seguir, traduzido de Hengeveld (2017, p. 24):

(100) $\emptyset < \text{forma fusional} < \text{afixo aglutinativo} < \text{clítico} < \text{palavra gramatical} < \text{item de conteúdo}$

Hengeveld (2017) argumenta que o *cline* de mudança formal defendido pelas teorias reducionistas não é compatível com a proposta tipológica da GDF, visto que tal trajetória de mudança só pode ser aplicada e verificada em línguas fusionais, deixando de fora as línguas de morfologia isolante ou aglutinante.

Como solução, a GDF concebe as mudanças formais a partir do comportamento distribucional dos elementos gramaticalizados, tomando por base *clines* de mudança que considerem a funcionalidade morfossintática dos itens sob análise e que conduzam sempre a um declínio da lexicalidade. Um exemplo oferecido por Hengeveld (2017) é a escala de mudança formal elaborada a partir de Keizer (2007), que, tomando por base a arquitetura da GDF, defende que os itens linguísticos podem passar de lexemas a operadores lexicais e, por fim, a operadores, conforme a trajetória a seguir:

(101) $\text{lexemas} > \text{operadores lexicais} > \text{operadores}$

Lexemas são itens de conteúdo lexical que, além de ocupar a posição de núcleo da predicação, podem atuar como modificadores ao denotarem uma propriedade aplicada a uma entidade. Operadores, por sua vez, são elementos totalmente gramaticais, isto é, de natureza abstrata e cuja função é especificar as propriedades de uma entidade. Alguns itens linguísticos, tais como os numerais e os pronomes, são denominados por Keizer (2007, p. 50) *operadores lexicais*, visto que, por compartilharem traços lexicais e gramaticais, ocupam a posição intermediária entre essas duas categorias linguísticas.

Como observado por Hengeveld (2017), *clines* de mudança formal como em (101), extraído a partir dos estudos de Keizer (2007) sobre a categorização linguística, condizem com os propósitos funcionais da GDF, pois podem ser aplicados a qualquer língua independentemente de suas características tipológicas, uma vez que estão baseados em um comportamento gramatical específico, e não em categorias formais específicas, como fazem os modelos reducionistas.

Além de restritos, os modelos reducionistas também baseiam suas mudanças formais na chamada *hipótese de caminho paralelo*, segundo a qual os estágios de mudança formal estariam diretamente relacionados às mudanças de conteúdo, mantendo, assim, um comportamento biunívoco.

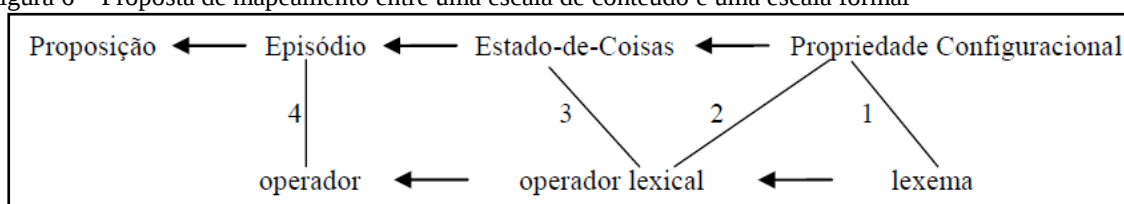
Para Hengeveld (2017), a partir do momento em que se admite que itens lexicais possam entrar no sistema gramatical em qualquer nível ou camada de Formulação, não é possível propor uma relação de um-para-um entre as mudanças de conteúdo e as mudanças formais. Assim, a GDF compreende que as mudanças de conteúdo e as mudanças formais são processos independentes e que não necessitam ocorrer simultaneamente, embora possam combinar-se em um processo de gramaticalização.

Como afirma Hengeveld (2017), a combinação entre as mudanças de conteúdo e as mudanças formais opera de um modo bastante limitado, seguindo sempre a unidirecionalidade dos dois tipos de mudança, de modo que um item que sobe na escala da mudança de conteúdo não pode descer na escala das mudanças formais, bem como um item que sobe na escala das mudanças formais não pode sofrer declínio na escala das mudanças de conteúdo.

Tendo em vista a independência dos dois tipos de mudança, o fato de um item subir de escopo na escala das mudanças de conteúdo não implica que, simultaneamente, esse item tenha que subir na escala formal. O item que se gramaticaliza pode permanecer no mesmo ponto em que se encontrava na escala formal antes da mudança de conteúdo acontecer. No entanto, se em algum momento tal item também sofrer uma mudança formal, o esperado é que sua trajetória na escala também seja ascendente. O mesmo ocorre com a escala de conteúdo, ou seja, se um item sofrer mudança formal, ele pode permanecer no ponto em que está na escala de conteúdo ou também sofrer um aumento de escopo, mas nunca mover-se ascendentemente em uma escala e descendentemente em outra.

Um exemplo de combinação entre mudanças de conteúdo e mudanças formais oferecido por Hengeveld (2017) é dado na figura 6:

Figura 6 – Proposta de mapeamento entre uma escala de conteúdo e uma escala formal



Fonte: Hengeveld (2017, p. 26 – tradução nossa)

A hipótese de mudança apresentada na figura 6 mostra, por meio dos números, os passos de gramaticalização de um determinado item linguístico. Em um primeiro momento, tal item constitui um lexema e atua na camada da Propriedade Configuracional. Com o tempo, esse item sofre uma mudança formal e passa a comportar-se como um operador lexical, mas sua camada de atuação permanece a mesma. Em um terceiro momento, o item sofre um aumento de escopo, passando a atuar na camada do Estado-de-Coisas, o que não implica uma mudança formal. Por fim, o item acaba subindo nas duas escalas, visto que, em termos de conteúdo, passa a ocupar a camada do Episódio e, formalmente, transforma-se em um operador.

No que tange a esta pesquisa, a autonomia entre as mudanças de conteúdo e as mudanças formais é um princípio que permite uma adequada análise da gramaticalização dos jutores concessivos sob o viés da GDF. Considerando que a concessão é definida por Hengeveld (2017, p. 13) como uma função, isto é “[...] uma relação entre a camada em consideração e outra unidade linguística”,³⁷ que, como apresentado em 2.2.2, pode atuar em três camadas – uma do Nível Representacional e duas do Nível Interpessoal –, a compreensão de mudança de conteúdo proposta pelo autor torna-se altamente relevante para verificar um possível *cline* de gramaticalização envolvendo o aumento de escopo nas relações marcadas pelos jutores concessivos aqui analisados.

Por sua vez, no caso da mudança formal, tendo em vista que os jutores em análise marcam a função concessiva, ou seja, são estratégias morfossintáticas ativadas por uma função existente nos níveis superiores, o estatuto categorial desses jutores será sempre o de marcador. Assim, a análise da mudança formal dos jutores concessivos, nesta pesquisa, restringe-se a apontar o tipo de marcador a que esses jutores correspondem com base na função concessiva que assinalam, isto é, se são marcadores do Nível Interpessoal ou do Nível Representacional.

³⁷ No original: *Functions, finally, express a relation of the layer under consideration with another linguistic unit.*

2.5 Em suma

Ao longo deste capítulo descrevemos o modelo teórico da GDF, organizado em níveis e camadas hierárquicos, sendo dois níveis de Formulação – o Interpessoal e o Representacional – e dois de Codificação – o Morfossintático e o Fonológico.

Apresentada sua estruturação, focamos no tratamento dado pela GDF à relação concessiva, isto é, nas camadas em que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008) e outros pesquisadores, é possível estabelecer uma concessão. Essas camadas são: Movimento e Ato Discursivo, camadas do Nível Interpessoal, e Conteúdo Proposicional, camada do Nível Representacional.

Enquanto modelo de análise tipológica e psicologicamente baseado, a GDF pode servir como uma representação sistemática para explicar, apontar e justificar fenômenos de mudança linguística, dentre eles a gramaticalização. Desse modo, abordamos os princípios e os mecanismos que regem os estudos em gramaticalização, em sua versão clássica. Tratamos brevemente dos mecanismos que atuam na gramaticalização e da relevância dos aspectos pragmáticos tais como processos cognitivos da metáfora e da metonímia, a convencionalização de implicaturas e dos efeitos da frequência.

Por fim, apresentamos a proposta de Hengeveld (2017) que combina a unidirecionalidade da gramaticalização à estrutura descendente da GDF. Nessa visão, quanto mais gramaticalizado um item se torna, mais ele tende a ocupar camadas e níveis mais altos da hierarquia do modelo. Tal mudança de escopo do item linguístico pode ser acompanhada de mudanças formais, que conduzem à perda de traços lexicais do item.

Por possibilitar uma análise diacrônica que considera as mudanças de conteúdo e as mudanças formais a partir do princípio da unidirecionalidade, mas sem impor um vínculo implicativo entre esses dois tipos de mudança, concluímos que o modelo da GDF se apresenta como um aparato sólido e coerente para explicar os processos de gramaticalização, incluindo a gramaticalização dos jutores concessivos.

CAPÍTULO III

OS ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

3.1 Motivação do capítulo

Neste capítulo, descrevemos a metodologia que norteia a pesquisa aqui apresentada. Para tanto, expomos primeiramente nossos objetivos – principal e específicos – na seção 3.2, pois, esclarecidos os propósitos da investigação, podemos apresentar com mais propriedade e coerência as ferramentas que utilizamos para atingir nossa empreitada. Na seção 3.3, discorremos sobre a problemática da periodização do espanhol, critério útil para organizar os dados em períodos históricos a fim de nos permitir uma análise diacrônica comparativamente mais eficaz. Em 3.4, descrevemos o corpus utilizado para o levantamento dos dados e os princípios que guiam a seleção das ocorrências. Por fim, em 3.5, apresentamos os fatores que norteiam a análise dos contextos de ocorrência dos jutores *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*. Concluímos nosso capítulo, em 3.6, com um resumo dos principais pontos aqui tratados.

3.2 Os objetivos da investigação e seus direcionamentos

O objetivo principal deste trabalho é realizar uma análise diacrônica dos jutores concessivos *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*, considerados os principais jutores concessivos do espanhol peninsular atual, a fim de propor uma trajetória de gramaticalização que considere seus usos não apenas no domínio semântico, estabelecendo uma relação de dependência entre duas unidades linguísticas, mas também no domínio pragmático, representando estratégias interpessoais.

Para tanto, unimos os estudos em gramaticalização ao modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF). Conforme visto no capítulo anterior, os estudos em gramaticalização definem os princípios, os mecanismos e os processos cognitivos que atuam na formação de itens gramaticais, enquanto o modelo da GDF, por estar organizado em níveis e camadas funcionais, permite observar como os mecanismos e os processos cognitivos de mudança atuam ao longo dos níveis Interpessoal (pragmático) e Representacional (semântico).

Nossa hipótese de trajetória é a de que os jutores investigados passam do uso de marcadores de função concessiva do Nível Representacional para o uso como marcadores de função concessiva do Nível Interpessoal, conforme representado no *cline* a seguir:

(102)

Marcador representacional	>	Marcador interpessoal
Nível Representacional	>	Nível Interpessoal
(semântico)		(pragmático)

O termo *marcador* é aqui utilizado para designar a unidade morfossintática que assinala uma função, que, em nosso caso, corresponde à função concessiva, passível de ocorrer tanto entre camadas do Nível Interpessoal, como entre camadas do Nível Representacional. Por assinalarem funções, os marcadores são, segundo a GDF, unidades gramaticais, por isso cabe a este estudo classificá-los apenas quanto ao tipo de função concessiva por eles designada.

Como objetivo específico, este trabalho observa a possível especialização de algum desses jutores em determinados contextos de uso. Além disso, investigamos a correlação entre as propriedades pragmáticas e semânticas das estruturas concessivas introduzidas por tais jutores e sua codificação morfossintática, a fim de observar um possível pareamento entre função e forma.

No que tange à pesquisa diacrônica, também são nossos objetivos comparar a trajetória de mudança dos jutores para um sentido mais gramaticalizado e assim verificar tanto os períodos de emergência dos usos mais gramaticalizados de cada jutor como a existência de graus de gramaticalização diferentes entre os jutores investigados. Com relação a esses objetivos, nossa hipótese é de que *aunque* esteja mais gramaticalizado que os demais jutores por ser o único a sofrer fusão dos elementos que compunham a locução que o originou, por sua alta frequência no espanhol atual e por atuar em um número maior de contextos que os demais jutores.

3.3 A periodização do espanhol peninsular

A divisão temporal, como a que se faz entre séculos, décadas ou anos, embora seja relevante para situar os indivíduos no momento sócio-histórico em que vivem, não é suficiente para delimitar as mudanças sofridas na estrutura interna das línguas, visto que as

mudanças linguísticas não operam em épocas pré-estabelecidas, mas seguem uma lógica própria, influenciada não só por aspectos externos vinculados ao ambiente socio-histórico-cultural, mas também por fatores de natureza interna, condizentes com a estruturação do sistema de cada língua. Como argumenta o filólogo Eberenz (1991):

Aplicada a modo de retículo, com unidades sempre iguais, a divisão em séculos permite captar o ritmo das transformações, como pode ser a frequência crescente de uma forma em detrimento de outra. Não quero negar a legitimidade deste procedimento; no entanto, torna-se óbvio que uma construção apriorística deste tipo não nos dispensa de buscar uma periodização que emane do próprio devir da língua. (EBERENZ, 1991, p. 83).³⁸

Sendo assim, este trabalho analisa a diacronia dos três principais juntores concessivos do espanhol tendo em vista a periodização desse idioma em fases que captam sua evolução. Utilizamos como base a periodização elaborada por Eberenz (1991, 2009), que, após analisar diversas segmentações presentes em gramáticas e dicionários do espanhol peninsular, propõe uma divisão que une os aspectos funcionais e culturais vinculados à evolução dessa língua.

Eberenz (1991) critica, em especial, aquelas periodizações que tomam por referência apenas fatos externos à língua, como acontecimentos políticos ou realizações culturais, o que leva a uma delimitação da língua de acordo com épocas ou até mesmo períodos literários. Como expõe o autor:

Seria conveniente evitar a vinculação a épocas e idades tradicionais da história geral, por ser a evolução interna da língua um processo paralelo e apenas muito indiretamente ligado a esta última (EBERENZ, 1991, p. 105).³⁹

O autor não nega que a história externa repercute na evolução de uma língua, porém cita que o ato de delimitar datas-chave não é o suficiente para transformá-las em marcos da trajetória linguística. Assim, a fim de abranger não só a história externa, mas principalmente a história interna da língua espanhola, o autor toma por base padrões de

³⁸ No original: *Aplicada a modo de retículo, con unidades siempre iguales, la división en siglos permite captar el ritmo de las transformaciones, como puede ser la frecuencia creciente de una forma en detrimento de otra. No quiero negar la legitimidad de este procedimiento; sin embargo, resulta obvio que una construcción apriorística de este tipo no nos dispensa de buscar una periodización que emane del propio devenir de la lengua.*

³⁹ No original: *Convendría evitar la vinculación a las épocas y edades tradicionales de la historia general, por ser la evolución interna de la lengua un proceso paralelo y sólo muy indirectamente ligado a esta última.*

mudanças fonológicas, morfossintáticas e léxico-semânticas para propor uma periodização que separa a evolução do espanhol em três momentos:⁴⁰

- Fase Antiga: de 1200 a 1450;
- Fase Média: de 1450 a 1650;
- Fase Moderna: de 1650 até os dias atuais.

A fase antiga, de acordo com o autor, caracteriza-se por ser um momento de relativa estabilidade das estruturas da língua escrita, graças à obra enciclopédica produzida pelo rei Alfonso X, com textos escritos em uma linguagem relativamente homogênea que seguem um sistema linguístico normalizado para o até então dialeto romance castelhano. A etapa evolutiva do espanhol nessa fase corresponde ao que Eberenz (2009) denomina *castelhano medieval*.

Já a fase média equivale a uma etapa de transição para o espanhol que conhecemos atualmente, sendo um período marcado por transformações mais perceptíveis nos níveis fonológicos e morfossintáticos, originando o que o autor chama de *espanhol clássico*.

A fase moderna, que abarca o que hoje conhecemos como *espanhol moderno*, corresponde, na visão de Eberenz (1991), a um novo período de estabilidade no sistema dessa língua quando comparamos os processos de mudança pelos quais passaram os sistemas fonológico, morfossintático e lexical que caracterizam o estado atual do espanhol. No entanto, dizer que o sistema de uma língua encontra-se em um período de estabilidade não significa que tal língua esteja estagnada, pois os fenômenos de mudança seguem ocorrendo gradualmente enquanto tal língua é empregada como instrumento de interação e comunicação.

Avaliando a periodização do espanhol proposta por Eberenz (1991), Sánchez Lancis (2009) considera que tal divisão finalmente reconhece o valor das mudanças internas no estabelecimento de lapsos de tempo linguísticos ao abandonar a divisão feita por séculos, que apenas observa fatores de ordem externa.

Neste trabalho, adotamos a segmentação temporal proposta por Eberenz (1991). Portanto, os resultados de nossa análise são oferecidos de acordo com cada um dos períodos históricos do espanhol: fase antiga, fase média e fase moderna, embora o

⁴⁰ Eberenz (1991) explica que também para o francês, para o inglês e para o alemão é adotada uma periodização ternária da evolução dessas línguas.

levantamento dos dados tenha seguido uma divisão em séculos. Mais detalhes sobre o levantamento e a quantificação dos dados são oferecidos na próxima seção.

3.4 A seleção do *córpus* e o levantamento dos dados

Para a análise diacrônica dos juntores, utilizamos como base de dados o *Corpus diacrónico del español* (*córpus* diacrônico do espanhol – doravante CORDE), que, organizado pela *Real Academia Española*, compõe-se de 250 milhões de registros de textos escritos desde o início do espanhol até o ano de 1974, o que o torna representativo para a análise de mudanças linguísticas, como afirmado por Sánchez Lancis (2009).

Além de sua representatividade, o CORDE foi escolhido por apresentar uma interface de fácil manipulação para a seleção e coleta dos dados. O banco de dados está disponível on-line no site <<<http://corpus.rae.es/cordenet.html>>> e permite que a consulta seja filtrada pelos critérios: nome do autor, nome da obra, cronologia, meio de publicação, região geográfica e tema. Neste trabalho, os critérios de seleção dos dados para a composição do *córpus* da pesquisa foram cronologia, meio de publicação, região geográfica e tema, conforme dispomos no quadro a seguir:

Quadro 5 – Critérios para a seleção dos dados

Critérios	Seleção
Cronológico	Fase antiga: séculos XIII, XIV e primeira metade do XV; Fase média: segunda metade do século XV, século XVI e primeira metade do século XVII; Fase moderna: segunda metade do século XVII, séculos XVIII, XIX e XX.
Meio de publicação	Livro
Região geográfica	Espanha
Tema	Lírica, Narrativa, Teatro, Didática, Ciência e Técnica, Sociedade, Religião, História e Documentos, e Direito.

Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à cronologia, assumimos a periodização proposta por Eberenz (1991), apresentada na seção anterior. No entanto, para o levantamento e contabilização dos dados, utilizamos a divisão dos séculos que compõem cada uma das fases do espanhol. O meio de publicação escolhido foi *livro* por permitir recuperar um número maior de ocorrências de períodos mais antigos do espanhol, ao contrário de outros meios de publicação, como *jornal* e *revista*, que possibilitariam apenas o levantamento de ocorrências mais recentes. Quanto à região geográfica, optamos pelos textos de origem espanhola, tendo em vista que nosso objeto de estudo se limita ao espanhol peninsular. Já

quanto à temática, elegemos as que estão dispostas no quadro por apresentarem textos predominantemente em prosa.

Fazendo uso desses critérios de seleção, obtivemos os números de ocorrências apresentados nas tabelas 1, 2 e 3, para cada um dos juntores.

Tabela 1– Número total de ocorrências de *aunque* nas diferentes fases do espanhol peninsular

Sincronias Temas	Espanhol Antigo				Espanhol Médio				Espanhol Moderno					Σ
	1200 - 1299	1300 - 1399	1400 - 1449	Σ	1450 - 1499	1500 - 1599	1600 - 1649	Σ	1650 - 1699	1700 - 1799	1800 - 1899	1900 - 1999	Σ	
Lírica	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10	45	55	55
Narrativa	7	124	613	744	1109	8092	7551	16752	561	1414	7386	6367	15728	33224
Teatro	0	0	0	0	111	640	242	993	40	123	146	409	718	1711
Didática	14	3	1057	1074	726	2462	1538	4726	379	3161	1874	2606	8020	13820
Ciência/Téc.	4	26	124	154	584	7288	3458	11330	168	1904	3880	8522	14474	25958
Sociedade	3	6	33	42	146	3414	2396	5956	266	778	3408	2644	7096	13094
Religião	0	33	220	253	465	7600	4318	12383	282	7	560	1663	2512	15148
História/Doc.	42	41	478	561	1448	10827	6023	18298	1282	1630	5639	3426	11977	30836
Direito	23	84	104	211	752	1288	2418	4458	533	340	1614	660	3147	7816
Σ	93	317	2629	3039	5341	41611	27944	74896	3511	9357	24517	26342	63727	141662

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2 – Número total de ocorrências de *a pesar de (que)* nas diferentes fases do espanhol peninsular

Sincronias Temas	Espanhol Antigo				Espanhol Médio				Espanhol Moderno				Σ	
	1200 - 1299	1300 - 1399	1400 - 1449	Σ	1450 - 1499	1500 - 1599	1600 - 1649	Σ	1650 - 1699	1700 - 1799	1800 - 1899	1900 - 1999		Σ
Lírica	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	8	8
Narrativa	12	1	6	19	8	111	200	319	8	144	2285	2366	4803	5141
Teatro	0	0	0	0	0	2	10	12	1	1	47	80	129	141
Didática	1	2	1	4	3	11	21	35	6	33	239	550	828	867
Ciência/Téc.	0	0	1	1	0	22	35	57	2	57	264	1899	2222	2280
Sociedade	0	0	0	0	0	10	2	12	2	6	430	658	1096	1108
Religião	2	0	3	5	0	24	11	35	4	0	38	371	413	453
História/Doc.	29	29	21	79	57	70	77	204	9	64	1332	715	2120	2403
Direito	20	12	2	34	20	22	2	44	3	14	116	102	235	313
Σ	64	44	34	142	88	272	358	718	35	319	4751	6749	11854	12714

Fonte: Elaboração própria

Tabela 3 – Número total de ocorrências de *por mucho (que)* nas diferentes fases do espanhol peninsular

Sincronias Temas	Espanhol Antigo				Espanhol Médio				Espanhol Moderno					Σ
	1200 - 1299	1300 - 1399	1400 - 1449	Σ	1450 - 1499	1500 - 1599	1600 - 1649	Σ	1650 - 1699	1700 - 1799	1800 - 1899	1900 - 1999	Σ	
Lírica	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1
Narrativa	10	7	26	43	49	211	43	303	5	4	183	200	392	738
Teatro	0	0	0	0	2	9	0	11	0	3	3	16	22	33
Didática	5	8	34	47	29	61	34	124	3	39	64	49	155	326
Ciência/Téc.	13	10	12	35	111	135	34	280	0	14	101	66	181	496
Sociedade	0	2	5	7	7	16	18	41	6	13	151	36	206	254
Religião	3	2	13	18	5	132	141	278	2	0	7	33	42	338
História/Doc.	21	48	19	88	66	111	40	217	17	19	112	55	203	508
Direito	41	28	4	73	25	14	18	57	1	5	10	5	21	151
Σ	93	105	113	311	294	689	328	1311	34	97	631	461	1223	2845

Fonte: Elaboração própria

Dado o grande número de ocorrências disponível no banco de dados consultado, optamos por analisar apenas as ocorrências dos textos de Narrativa e História e Documentos. Essas modalidades temáticas foram selecionadas por dois motivos: (i) por serem as que, no total de cada período, ofereceram o maior número de ocorrências dos itens investigados; e (ii) pela constância mantida por essas modalidades temáticas, apresentando ocorrências em todos os séculos e com todos os jutores analisados.

Mesmo delimitando as modalidades temáticas, ainda nos restou uma quantidade de ocorrências muito alta. Por isso, definimos como critério para a formação de nosso corpus o levantamento das primeiras 25 ocorrências concessivas de cada uma das modalidades temáticas nos casos em que havia um número de ocorrências maior do que esse. Nos casos em que o número de ocorrências não atingia 25, selecionamos o total disponível. Assim, foi analisado um total de 1147 ocorrências, sendo 479 ocorrências de *aunque*, 368 de *a pesar de (que)* e 300 de *por mucho (que)*, conforme dispomos nas tabelas a seguir.

Tabela 4 – Número de ocorrências selecionadas de *aunque* nas diferentes fases do espanhol peninsular

Sincronias	Espanhol Antigo				Espanhol Médio				Espanhol Moderno				Σ
	1200 - 1299	1300 - 1399	1400 - 1449	Σ	1450 - 1499	1500 - 1599	1600 - 1649	Σ	1650 - 1699	1700 - 1799	1800 - 1899	1900 - 1999	Σ
Temas													
Narrativa	7	25	25	57	25	25	25	75	25	25	25	25	100
História/Doc.	22	25	25	72	25	25	25	75	25	25	25	25	100
Σ	29	50	50	129	50	50	50	150	50	50	50	50	200

Fonte: Elaboração própria

Tabela 5 – Número de ocorrências selecionadas de *a pesar de (que)* nas diferentes fases do espanhol peninsular

Sincronias	Espanhol Antigo				Espanhol Médio				Espanhol Moderno				Σ
	1200 - 1299	1300 - 1399	1400 - 1449	Σ	1450 - 1499	1500 - 1599	1600 - 1649	Σ	1650 - 1699	1700 - 1799	1800 - 1899	1900 - 1999	Σ
Temas													
Narrativa	8	1	5	14	5	25	25	55	6	25	25	25	81
História/Doc.	18	25	17	60	25	25	25	75	8	25	25	25	83
Σ	26	26	22	74	30	50	50	130	14	50	50	50	164

Fonte: Elaboração própria

Tabela 6 – Número de ocorrências selecionadas de *por mucho (que)* nas diferentes fases do espanhol peninsular

Sincronias	Espanhol Antigo				Espanhol Médio				Espanhol Moderno				Σ
	1200 - 1299	1300 - 1399	1400 - 1449	Σ	1450 - 1499	1500 - 1599	1600 - 1649	Σ	1650 - 1699	1700 - 1799	1800 - 1899	1900 - 1999	Σ
Temas													
Narrativa	1	5	15	21	25	25	24	74	2	0	25	25	52
História/Doc.	2	10	13	25	18	25	21	64	6	8	25	25	64
Σ	3	15	28	46	43	50	45	138	8	8	50	50	116

Fonte: Elaboração própria

Embora tenhamos definido um critério para o levantamento dos dados na formação do corpus de análise, toda pesquisa com dados históricos envolve o pesquisador em alguns impasses metodológicos, tais como:

- a) a falta de elementos contextuais suficientes para permitir uma interpretação mais fiel do significado dos itens. Esse fator é ainda mais intensificado em bancos de dados que não permitem o acesso ao texto completo, mas apenas a excertos nos quais se localiza o item linguístico que norteia a busca, como é o caso do CORDE;
- b) a organização dos bancos de dados, como quantidade de textos para cada período e para cada tema abordado, segue os propósitos da instituição que os organiza, o que pode ou não corresponder aos propósitos das pesquisas que farão uso desses dados. Além disso, o número desigual de textos entre períodos e temáticas também está relacionada à conservação dos escritos, cuja preservação pode ter sido maior em uma época e menor em outra;
- c) a análise de aspectos linguísticos relacionados à fala é praticamente inviável em razão da falta de tecnologia que permitisse o registro oral em épocas mais antigas. Assim, a pesquisa diacrônica volta-se quase que exclusivamente à escrita, recorrendo às possibilidades de leitura identificadas pelo pesquisador para resolver problemas que seriam mais facilmente solucionados pela entonação ou por outros fenômenos fonológicos;
- d) a falta de uma convenção ortográfica na escrita dos séculos mais remotos dificulta a compreensão das ocorrências, bem como a busca pelo item em análise. No caso de *aunque*, por exemplo, foi necessário pesquisar por outras formas de escrita desse juntor, tais como: *haunque*, *havnque*, *avnque* e *ahunque*; já com relação a *a pesar de (que)*, identificamos ocorrências de *apesar de (que)*. Não foram encontradas variações de escrita em *por mucho (que)*.

3.5 Os fatores de análise

Definidos os objetivos desta pesquisa e apresentados os critérios que justificam a seleção do corpus aqui utilizado, descrevemos os fatores aplicados à análise das ocorrências levantadas. Tais fatores são aplicados aos três jutores estudados e estão divididos em quatro grupos, cada qual voltado para a análise de um aspecto da concessão: os aspectos discursivos, os pragmáticos, os semânticos e os morfossintáticos.

Com o grupo de fatores voltados para os aspectos discursivos, analisamos (i) a frequência *token* no uso de cada um dos três jutores concessivos nos períodos sincrônicos definidos e (ii) a camada de atuação da relação concessiva em cada ocorrência, tendo por base o modelo teórico da GDF. Como aspecto pragmático, analisamos a informatividade da estrutura concessiva. No grupo dos fatores voltados para os aspectos semânticos da concessão estão (i) a factualidade da estrutura concessiva, (ii) o valor de referência temporal da estrutura introduzida pelo jutor concessivo, (iii) a polaridade da construção concessiva como um todo, (iv) a unidade semântica representada pela estrutura concessiva, e, no caso dos referentes nominais, (v) a animacidade do referente da estrutura concessiva. Os fatores pragmáticos e semânticos estão voltados para a investigação dos aspectos da formulação dos enunciados concessivos, que ocorrem nos níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente.

Por fim, os fatores voltados para os aspectos morfossintáticos verificam a existência de um alinhamento entre as propriedades pragmáticas e semânticas com a codificação das ocorrências, que ocorre no Nível Morfossintático. Assim, observamos (i) o tipo de núcleo predicator da estrutura concessiva, (ii) a posição da estrutura concessiva com relação ao núcleo da estrutura principal, (iii) a codificação morfossintática da estrutura concessiva, e, no caso de estruturas oracionais, (iv) a codificação modo-temporal das orações concessivas.

Alguns dos fatores investigados aplicam-se, portanto, apenas à estrutura que é iniciada pelo jutor, enquanto outros se voltam para o enunciado concessivo como um todo. Assim, neste trabalho, utilizamos os termos *construção concessiva* e *enunciado concessivo* para definir o conjunto composto pela estrutura (oracional ou não) introduzida pelo jutor concessivo e a estrutura principal, com a qual a primeira se relaciona. Assim, o termo *estrutura* é empregado para designar cada um dos membros que compõe a construção concessiva. A *estrutura concessiva* é aquela introduzida pelo jutor e a *estrutura principal* aquela que está relacionada pragmática, semântica e/ou morfossintaticamente com a estrutura concessiva. Na sequência, definiremos com mais detalhe os fatores que compõem cada um dos aspectos que orientam nossa investigação diacrônica.

3.5.1 Fatores discursivos

3.5.1.1 Frequência dos jutores nos períodos sincrônicos

Como argumentado por Bybee (2003, 2006) e também discutido anteriormente neste trabalho, a frequência é o principal fator motivador para o processo de gramaticalização, sendo ao mesmo tempo causa e efeito desse processo. O método para fazer a contagem da frequência em estudos linguísticos, no entanto, pode ser de dois tipos, conforme sugere a autora: um deles averigua a frequência *token* e o outro, a frequência *type*.

A frequência *token* é compreendida como a frequência textual de uma unidade linguística e pode ser analisada observando-se o número de vezes que essa unidade aparece na sequência textual (BYBEE, 2006, p. 9), independentemente do valor que assume. Para a autora, os efeitos da frequência *token* são três: a conservação, a redução e a autonomia.

O efeito da conservação demonstra que a repetição de uma dada unidade linguística fortalece a representação que temos dessa unidade em nossa memória, tornando-a mais acessível. Já o efeito da redução implica que unidades altamente frequentes são suscetíveis a sofrer redução fonológica para tornar a articulação dessas unidades mais eficiente. Enquanto a autonomia, como o terceiro efeito da frequência *token*, sugere que unidades altamente frequentes possam ser acessadas independentemente de itens a ela relacionados.

A frequência *type*, por sua vez, diz respeito à frequência de um padrão linguístico. De acordo com Bybee (2006), na frequência *type* é feita a contagem do número de itens distintos que podem ocorrer em um *slot* aberto de uma construção ou o número de itens que exemplificam um dado padrão.

Para o presente estudo, ao tratarmos da análise da frequência dos jutores *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* nos períodos sincrônicos delimitados estamos nos referindo à frequência *token*. A análise da frequência *type* será realizada por meio dos fatores de análise que descreveremos ainda neste capítulo e que estão voltados aos padrões de uso desses jutores definidos pelo tipo de núcleo que acompanham, a codificação modo-temporal, o tipo de unidade semântica representada, etc.

3.5.1.2 Tipo de relação concessiva

Vimos no capítulo II que Parra (2016), tendo por base o modelo de estruturação em níveis e camadas da GDF, identificou diferentes tipos de relações concessivas marcadas por *aunque*: a função semântica concessão, localizada na camada do Conteúdo Proposicional – pertencente ao Nível Representacional –, a função retórica Concessão e a função retórica que aqui denominamos Preparação, presentes na camada do Ato Discursivo, bem como a

concessão enquanto função discursiva, na camada do Movimento – pertencentes ao Nível Interpessoal.

Retomando brevemente a classificação apresentada no capítulo anterior, temos que a relação concessiva estabelecida na camada do Conteúdo Proposicional marca uma quebra de expectativa ao apresentar na estrutura principal uma conclusão oposta ao que se poderia esperar a partir do que se comunica na estrutura concessiva. Nesses casos, a concessão é uma função semântica que põe em conflito crenças ou aspectos do conhecimento, como podemos ver no exemplo (103):

- (103) [...] **aunque algunas entidades [bancarias] aplican códigos de buenas prácticas**, el conjunto del sistema está lejos de la responsabilidad social y la transparencia deseables. (PARRA, 2016, p. 96)
 [embora algumas entidades [bancárias] apliquem códigos de boas práticas, o conjunto do sistema está longe da responsabilidade social e da transparência desejáveis]

A relação concessiva localizada na camada do Ato Discursivo, por sua vez, configura uma função retórica que pode ser dois tipos. O primeiro é a função retórica Concessão, que estabelece um contraste entre o Ato Subsidiário e o Ato Nuclear. Nessas condições, um Ato Subsidiário realiza um adendo (uma correção, um comentário ou esclarecimento) a respeito do Ato Nuclear pronunciado anteriormente, a fim de impedir uma interpretação equivocada por parte do ouvinte, conforme observamos em (104):

- (104) Los candidatos tienen, pues, un perfil común, **aunque esto no significa que no puedan desarrollar una personalidad propia**. (PARRA, 2016, p. 107)
 [Os candidatos têm, pois, um perfil comum, **apesar de que isso não significa que não possam desenvolver uma personalidade própria**]

O segundo tipo de função retórica, aqui denominada Preparação, caracteriza-se pela relação entre dois Atos Discursivos, de modo que o Ato Subsidiário, formado pela estrutura concessiva, serve de obstáculo ineficaz à enunciação do Ato Nuclear. Nesses casos, o Ato Subsidiário visa à proteção da face do falante, como vemos em (105):

- (105) **aunque la jubilación está lejos**/// ¿qué piensas hacer cuando te jubiles// o cómo organizarías tu jubilación? (PARRA, 2016, p. 126)
 [embora a aposentadoria esteja longe, o que você pensa em fazer quando se aposentar ou como você organizaria a sua aposentadoria?]

Conforme visto no capítulo II, casos como (105) correspondem ao que Parra (2016) denomina *concessivas de ilocução*. Neste trabalho, porém, assumimos que esse tipo de relação concessiva corresponde a uma função retórica por haver dependência entre dois Atos Discursivos. No entanto, essa função retórica diferencia-se da função retórica Concessão prevista pela GDF, pois, como podemos notar em (105), o Ato Subsidiário em destaque não introduz um adendo, mas prepara o ouvinte para a enunciação do Ato Nuclear. Assim, propomos o termo *função retórica Preparação* para designar a relação de dependência expressa em (105).

Por sua vez, a relação concessiva presente na camada do Movimento caracteriza-se por introduzir um novo tópico discursivo, interrompendo, dessa forma, o fluxo do Movimento anterior, que pode ou não ser retomado. Os Movimentos introduzidos pelo juntor *aunque*, portanto, estabelecem uma descontinuidade tópica (JUBRAN, 2006a), em que o Movimento acompanhado pelo juntor abre uma digressão ao Movimento em andamento. Vejamos o exemplo a seguir:

- (106) En el horizonte, más allá de las elecciones europeas de 2014, se plantea la necesidad de una reforma de los tratados, la que aguarda Cameron para lanzar un posible órdago. **Aunque el juego ha cambiado: esta vez es necesario diseñar en serio la unión política, la federación de Estados nación de la que hablaba Jacques Delors, y asentar un proyecto que, de otro modo, puede derivar en un total dominio alemán o morir de forma calamitosa.** (PARRA, 2016, p. 115)

[Em um horizonte, muito além das eleições europeias de 2014, se prevê a necessidade de uma reforma dos tratados, a qual aguarda Cameron para lançar uma possível jogada. **Apesar de que o jogo mudou: desta vez é necessário planejar seriamente a união política, a federação dos Estados nações mencionada por Jacques Delors, e assentar um projeto que, de outro modo, pode gerar um domínio total alemão ou morrer de forma calamitosa.**]

Os estudos de Garcia e Fante (2015, 2016) a respeito de *a pesar de (que)* comprovam a possibilidade de esse juntor atuar tanto em camadas do Nível Interpessoal como do Representacional no espanhol atual, conforme vemos nos exemplos oferecidos pelas autoras, nos quais em (107) a estrutura em destaque atua na camada do Ato Discursivo, enquanto em (108), atua na camada do Conteúdo Proposicional:

- (107) Para la gran mayoría la muerte es oscura, fría, el paso a la nada, **a pesar de que las creencias y las religiones busquen justificaciones y sacrificios en vida para un después tan eterno y maravilloso como aburrido.** (GARCIA; FANTE, 2016, p. 190)

[Para a grande maioria, a morte é obscura, fria, um passo para o nada, **apesar de as crenças e religiões buscarem justificativas e sacrifícios durante a vida para um depois tão eterno e maravilhoso quanto chato.**]

- (108) hacía años que no participaba en este campeonato, y la verdad es que, **a pesar de hacer unos obligatorios mediocres**, hay que tener en cuenta también que era la segunda vez que los realizaba desde el campeonato del mundo de Stuttgart (GARCIA; FANTE, 2016, p. 191)
[fazia anos que não participava deste campeonato e, a verdade é que, **apesar de fazer uns obrigatórios medíocres**, devemos levar em consideração também que era a segunda vez que os realizava desde o campeonato do mundo de Stuttgart]

Com relação a *por mucho (que)*, Garcia e Amorim (2017) também demonstram uso desse junctor na camada do Conteúdo Proposicional, no Nível Representacional, e na camada do Ato Discursivo, no Nível Interpessoal, como ilustram, respectivamente, os exemplos (109) e (110) fornecidos pelas autoras:

- (109) yo creo que **por mucho que le dijese y por mucho que le aconsejase** / sería bastante difícil que dejase de fumar mi padre (GARCIA; AMORIM, 2017, p. 48)
[eu acho que **por mais que lhe dissesse e por mais que lhe aconselhasse**, seria bastante difícil meu pai deixar de fumar]
- (110) claro que hay asignaturas que no te vas a convertir en un experto en notación o/ o en según qué cosas ¿no? ee/ en materia no te vas a convertir en un experto en un año ¿no? **por mucho que trabajes** ¿no? (GARCIA; AMORIM, 2017, p. 50)
[claro que há matérias nas quais você não vai se tornar um especialista em notação ou em outras coisas, né? não vai se tornar especialista em uma matéria em um ano, né? **por mais que você trabalhe**, né?]

Tendo sido comprovada a presença dos jutores *aunque, a pesar de (que)* e *por mucho (que)* em níveis e camadas distintos na sincronia atual do espanhol peninsular pelos estudos apresentados, cabe a este trabalho revelar se a atuação da função concessiva nesses contextos diversos corresponde a um caso de gramaticalização. Considerando que, para a GDF, a gramaticalização ocorre seguindo a hierarquia dos níveis e camadas, a trajetória de mudança que propomos como hipótese ao estudo desse fator pode ser assim esquematizada:

- (111) Conteúdo Proposicional > Ato Discursivo > Movimento
Nível Representacional > Nível Interpessoal

Mudanças nos aspectos discursivos da relação concessiva podem resultar em alterações de ordem pragmática, semântica e morfossintática. Esse possível alinhamento

entre os níveis da GDF são aqui estudados a partir dos fatores que descrevemos na sequência.

3.5.2 Fator pragmático: informatividade da estrutura concessiva

Ao analisarmos a informatividade do conteúdo introduzido pelos juntores concessivos em questão, buscamos observar o estatuto *dado x novo* da informação transmitida. Assim como em Parra (2016), assumimos a informatividade como uma estratégia interpessoal por meio da qual o falante supõe o que integra e o que não integra o conhecimento de seu ouvinte e, a partir dessa suposição, constrói seu enunciado.

Dessa forma, uma informação é considerada **dada**, quando o falante a expressa como já sendo conhecida pelo ouvinte por ter sido enunciada anteriormente na interação, por fazer parte do contexto situacional, ou porque o falante supõe que tal informação já faça parte do conhecimento de mundo do seu interlocutor. Em termos de GDF, uma informação dada é aquela que já está armazenada no Componente Contextual e, por isso, pode ser recuperada para a elaboração de novos enunciados. Enquanto a informação **nova**, é aquela que não foi enunciada anteriormente, não pode ser recuperada no contexto situacional ou é considerada não fazer parte do conhecimento de mundo do seu interlocutor. Uma informação nova, portanto, é aquela inserida pela primeira vez no Componente Contextual.

Podemos observar nessas definições que o contexto, bem como o conhecimento de mundo e as crenças dos participantes são aspectos que definem o caráter *dado x novo* da estrutura concessiva. O tratamento conferido à informatividade, neste trabalho, está embasado nos estudos de Prince (1981), Ying (2013) e de Pérez Quintero (2002), que consideram a informatividade uma propriedade dos enunciados linguísticos, sendo estes, por sua vez, sempre vistos em sua relação com os elementos da situação comunicativa, com os participantes do ato comunicativo e com os demais enunciados produzidos.

A gramática da *Real Academia Española* (2009) menciona que uma estrutura concessiva pode tanto apresentar uma informação como sendo dada mesmo que ela não tenha sido expressa no contexto textual precedente, bem como pode apresentar uma informação explicitamente dada como sendo nova. No primeiro caso, o falante considera que tal informação faz parte do conhecimento implícito de seu interlocutor, então, mesmo que não tenha sido comentado sobre ela durante a interação, seu conhecimento já é pressuposto. No segundo caso, a RAE (2009) defende que, a depender de suas intenções comunicativas, o falante pode apresentar uma informação recuperável pelo ouvinte como sendo uma informação nova em um determinado momento da interação.

A fim de distinguir o que consideramos uma informação dada de uma informação nova, observemos os exemplos a seguir, analisados por Parra (2016) com relação a *aunque*:

(112) A: ¿te gusta cocinar?

B: no/// lo odio// mi marido es cocinero [...]

A: bien/ ¿cómo prepararías una fiesta familiar?// es decir/ **aunque no te guste cocinar**/ imagínate que vas a preparar el cumpleaños de tu hija. (PARRA, 2016, p. 125)

[A: você gosta de cozinhar?

B: não, odeio, meu marido é cozinheiro [...]

A: como você prepararia uma festa familiar? ou seja, **embora você não goste de cozinhar** imagine que vai preparar o aniversário da sua filha]

(113) sigue habiéndola actualmente una máquina// pensada para el desayuno que/ le das a un botón y sale pues zumo/ de naranja/ **aunque en realida(d) son polvos color naranja mezcla(d) con agua** (PARRA, 2016, p. 108)

[continua havendo atualmente uma máquina feita para o café da manhã que você coloca uma ficha e sai suco de laranja, **embora na realidade seja um pó cor de laranja misturado com água**]

Em (112), temos uma estrutura concessiva com um conteúdo dado, pois nela se recupera uma informação dita anteriormente. Já em (113), o conteúdo da estrutura concessiva é uma informação nova, tendo em vista que o falante, ao avaliar seu Ato Discursivo anterior, resolve oferecer mais detalhes sobre o *suco* servido na máquina da faculdade a fim de esclarecer que não se trata de um produto de boa qualidade.

Hengeveld (1998) e Pérez Quintero (2002), ao observarem o papel da informatividade nas orações adverbiais, destacam a relação desse fator com a factualidade. Segundo Pérez Quintero (2002), a noção de informação dada dentro do domínio factual implica reconhecer que uma proposição é verdadeira, conforme representamos no exemplo (112), no qual a informação de que o entrevistado não gosta de cozinhar é verdadeira e compartilhada pelos interlocutores. Já quando temos uma informação dada no domínio não factual, reconhece-se a falsidade da proposição expressa pela estrutura subordinada, como vemos a seguir:

(114) si aprobase la oposición **aunque tuviese plaza para Madrid** yo me iría fuera (PARRA, 2016, p. 99)

[se eu fosse aprovado no concurso, **mesmo que houvesse vaga em Madri**, eu iria para fora]

Em (114), a estrutura concessiva carrega uma proposição que ambos os interlocutores sabem que não se cumprirá no mundo real, pois o concurso para o qual o

informante se inscreveu não oferece vagas em Madri. Por isso, a suposição criada pelo falante só pode ser sustentada em um mundo imaginário, que é projetado pela conjunção condicional *si*.

Como vimos por meio dos exemplos apresentados, o juntor *aunque* pode introduzir tanto conteúdos dados como novos. O mesmo acontece com o uso de *a pesar de (que)*, pois, de acordo com Flamenco García (1999) e Cerrolaza (2005), esse juntor pode tanto recuperar informações já compartilhadas pelos interlocutores ou acompanhar informações novas, como vemos respectivamente nos dois exemplos a seguir.

(115) A: Según parece, esta vez no van a ganar los socialistas.

B: Pues, **a pesar de que se {dice/diga} eso**, ya verás cómo remontan en el último momento. (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3835 – grifo nosso)

[A: Parece que desta vez os socialistas não vão ganhar.

B: **Apesar de se dizer isso**, logo você vai ver como se sobressaem no último momento]

(116) **A pesar de que me he tomado varias pastillas**, no siento ninguna mejora. (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3835 – grifo nosso)

[**Apesar de ter tomado vários comprimidos**, não sinto nenhuma melhora.]

Em (115), a estrutura introduzida por *a pesar de que*, pronunciada pelo interlocutor B, retoma a informação de que os socialistas não vencerão as eleições, conforme havia sido comentada pelo interlocutor A; trata-se, portanto, de uma informação dada. Já a informação em (116) pode ser considerada nova, uma vez que não há evidências de que a informação de que o falante havia tomado vários comprimidos é compartilhada.

Quanto ao uso de *por mucho (que)*, Cerrolaza (2005) afirma que esse juntor pode acompanhar informações conhecidas ou não. Também em Flamenco García (1999) encontramos exemplos de *por mucho (que)* acompanhando contextos dados e novos, ainda que o autor não fale explicitamente da relação entre a informatividade e o juntor:

(117) **Por mucho que lea**, nunca será un genio. (adaptado de FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3837 – grifo nosso)

[**Por mais que leia**, nunca será um gênio.]

(118) A: Ten cuidado con este. Sabe muchas cosas.

B: Pues **por mucho que sepa**, a mí no me va a acomplejar. (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3837 – grifo nosso)

[A: Tenha cuidado com este. Sabe muitas coisas

B: Pois, **por mais que saiba**, não vai me inibir]

No exemplo (117), há uma informação de conteúdo novo, pois não é possível saber se a pessoa de quem se fala irá ler muito ou não. Já em (118), a estrutura em destaque retoma a informação dita pelo interlocutor A de que uma determinada pessoa sabe muitas coisas. Portanto, nesse exemplo, a informação introduzida pelo juntor *por mucho que* é dada.

Nossa hipótese inicial com relação a esse fator é de que usos mais gramaticalizados desses jutores transmitam, com mais frequência, informações novas. A presença de informações novas indica que a estrutura concessiva é comunicativamente relevante, característica essa que se reflete em uma maior independência da estrutura concessiva com relação a uma principal.

Na sequência, descreveremos com mais detalhes os critérios semânticos, dentre eles a factualidade, que, como vimos, está bastante associada à informatividade dos conteúdos introduzidos pelos jutores concessivos em análise.

3.5.3 Fatores semânticos

3.5.3.1 Factualidade da estrutura concessiva

A factualidade, segundo Pérez Quintero (2002), configura um fator de análise independente que pode ser aplicável a todos os tipos de entidades linguísticas, distinguindo as estruturas em factuais e não factuais.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), Conteúdos Proposicionais podem ter sua natureza epistêmica avaliada por meio de termos que indiquem a atitude proposicional do falante, tal como certeza, dúvida e descrença. Assim, Conteúdos Proposicionais **factuais** expressam conhecimentos ou crenças assumidos como verdadeiros em relação ao mundo real, ao contrário dos Conteúdos Proposicionais **não factuais**, que expressam esperanças ou desejos que podem se realizar ou não em um mundo imaginário.

Ao avaliarmos as condições de verdade das estruturas concessivas, consideramos factuais aquelas que representam uma proposição avaliada como verdadeira, mas que, ainda assim, não é suficiente para impedir a conclusão que se obtém na estrutura principal (RAE, 2009, p. 3607). Um exemplo de concessiva factual é oferecido em (119):

- (119) Y **aunque [Obama] ha cumplido la promesa de la retirada de Irak**, las tropas estadounidenses aún están enfangadas en Afganistán (PARRA, 2016, p. 106)
[E **embora Obama tenha cumprido a promessa de retirada do Iraque**, as tropas estadounidenses ainda estão atoladas no Afeganistão]

A estrutura concessiva relata um Conteúdo Proposicional factual, pois assume como verdadeira a informação de que o então presidente dos Estados Unidos havia retirado suas tropas do Iraque. No entanto, o fato de essa informação ser verdadeira não impede que a informação transmitida na estrutura principal também o seja. Assim, embora o presidente tenha cumprido sua promessa, ainda é verdade que os soldados permanecem no Afeganistão.

No caso das estruturas concessivas que expressam um Conteúdo Proposicional não factual, observa-se a incerteza do falante em relação à verdade da proposição representada. Como afirma Flamenco García (1999), em uma estrutura concessiva não factual, o falante não se expressa abertamente quanto à verdade da proposição, mas estabelece a possibilidade de que seja ou se torne verdadeira. Um exemplo desse tipo é visto em (120):

- (120) **Aunque Merkel y su partido lleguen a lograr un destacado primer lugar**, se han abierto las dudas sobre qué coalición gobernará Alemania (PARRA, 2016, p. 104)
 [Mesmo que Merkel e seu partido cheguem a conquistar um destacado primeiro lugar, começaram as dúvidas sobre qual coalizão governará a Alemanha]

No exemplo (120), o Conteúdo Proposicional introduzido por *aunque* não pode ser avaliado nem como verdadeiro, nem como falso, mas pode ser considerado um fato possível de ocorrer. *Merkel vencer as eleições na Alemanha* é, portanto, uma hipótese que, independentemente de sua realização ou não, não afeta o estatuto factual do que se afirma na estrutura principal, pois, ainda que Merkel e seu partido ganhem, não há uma certeza sobre a coalizão política que governará o país.

Alguns autores, dentre eles Pérez Quintero (2002) e Hengeveld (1998), consideram que apenas os casos factuais representam uma relação concessiva propriamente dita, enquanto os casos não factuais constituem estruturas híbridas que compartilham traços tanto da concessividade como da condicionalidade, por isso são tradicionalmente chamadas **concessivo-condicionais** (KÖNIG, 1986; HASPELMATH; KÖNIG, 1998), conforme descritas no capítulo I. Porém, tanto as estruturas concessivas factuais como as não factuais estabelecem um contraste com a estrutura principal e não afetam o valor de verdade do conteúdo desta independentemente do que se manifesta na concessiva.

No que diz respeito aos juntores em análise, vimos por meio dos exemplos acima que *aunque* pode tanto acompanhar conteúdos factuais como não factuais. Sobre o uso de *a pesar de (que)*, Flamenco García (1999) argumenta que esse juntor se especializou para a

expressão de conteúdos factuais, como vimos no exemplo (116), discutido pelo autor, e também no exemplo (121), extraído de Matte Bon (1995). Já o uso de *a pesar de (que)* acompanhando situações hipotéticas, isto é, não factuais, é considerado bastante raro por Flamenco García, que classifica como inadequados enunciados como (122):

(121) – ¿Y qué tal su inglés?

– **A pesar de que he seguido varios cursos**, todavía tengo dificultades. (MATTE BON, 1995, p. 213 – grifo nosso)

[–E como está o seu inglês?

– **Apesar de ter feito vários cursos**, ainda tenho dificuldades.]

(122) ***A pesar de que ahora {haga/hiciera} sol**, no me moveré de casa. (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3835 – grifo nosso)

[**Apesar de agora fazer sol**, não me moverei de casa.]

Quanto a *por mucho (que)*, Flamenco García (1999) explica que esse juntor é utilizado principalmente para fazer menção a situações não factuais, propriedade ligada ao fato de *por mucho (que)* pertencer à categoria dos quantificadores universais, que, como apresentamos anteriormente, introduzem as chamadas estruturas concessivo-condicionais universais. Flamenco García (1999), no entanto, ressalta que apesar de seu uso predominantemente não factual, *por mucho (que)*, em alguns casos, também pode expressar conteúdos factuais, como quando retoma uma informação dada. Exemplos de *por mucho (que)* introduzindo conteúdos factuais e não factuais são oferecidos, respectivamente, a seguir:

(123) Pero **por mucho que maquinaran**, no lograban borrar lo que estaba en ellos desde el principio. (RAE, 2009, p. 3617 – grifo nosso)

[Mas **por mais que tramassem**, não conseguiam apagar o que estava neles desde o princípio.]

(124) **Por mucho que comas**, será difícil engordar. (MATTE BON, 1995, p. 215 – grifo nosso)

[**Por mais que você coma**, será difícil engordar]

Em (123), o juntor concessivo introduz uma informação factual, pois é considerada verdadeira – *eles verdadeiramente tramaram muito* –; já em (124), *por mucho que* introduz uma informação não factual, pois o ato de comer muito é colocado como uma ação possível de vir a ocorrer ou não.

3.5.3.2 Valor de referência temporal da estrutura concessiva

Assim como Sebastián (1991) e Coan (2000), assumimos a referência temporal de uma estrutura linguística como uma categoria semântica e que não pode ser confundida com a classificação gramatical da forma verbal utilizada.

Baseados em Reichenbach (1947), Ilari e Basso (2008) propõem a separação entre tempo e referência temporal. Segundo os autores, **tempo**, ou **tempo verbal**, refere-se à morfologia verbal, isto é, às flexões que um verbo recebe a partir das regras gramaticais de uma dada língua. Já a **referência temporal** é a localização de um evento em um tempo cronológico, e, portanto, assume uma natureza física ou psicológica.

A diferença entre tempo e referência temporal pode ser notada quando uma mesma forma verbal codifica relações temporais distintas. De acordo com Sebastián (1991), essa relação não biunívoca entre forma verbal e referência temporal ocorre porque os contrastes morfológicos que distinguem um tempo gramatical de outro nem sempre são regulares, como vemos no exemplo a seguir:

- (125) a. Mañana **viajo** a Paris
b. Amanhã **viajo** a Paris

No exemplo (125a-b), observamos que o verbo viajar, tanto em espanhol como em português está conjugado no tempo verbal do presente do indicativo, mas a referência temporal da ação é futura. Logo, outra maneira possível de codificar essa informação em espanhol e em português seria pelo tempo verbal do futuro do indicativo *viajaré/viajarei*.

Como demonstra o exemplo (125a-b), a forma verbal não pode ser considerada o único elemento que permite interpretar a referência temporal no caso de uma estrutura oracional. Segundo Coan (2000), a referência temporal só pode ser descrita se considerados os aspectos pragmáticos e semânticos envolvidos nessa estrutura.

Para determinar a referência temporal, Ilari e Basso (2008) recorrem à teoria de Reichenbach (1947), que define a existência de três momentos: o momento do evento (ME), o momento da fala (MF) e o momento de referência (MR). Nessa perspectiva, a localização temporal do ME se torna possível quando o comparamos com o momento de realização da fala, o MF, ou quando tomamos por referência outro marco temporal, o MR.

Assim, de acordo com Ilari e Basso (2008), as noções temporais de presente, passado e futuro indicam uma relação de anterioridade, simultaneidade e posterioridade cronológica entre o ME e algum outro tempo de referência, que pode ser o MF e/ou o MR. Dessa forma, temos uma referência temporal de passado quando o ME é anterior ao MF,

relação esta que é representada pela notação *ME-MF*. A referência temporal de presente, por sua vez, ocorre quando ME e MF são simultâneos, relação representada por *ME*, *MF*. Já a referência temporal de futuro se dá quando o ME é posterior ao MF, convencionalmente representado por *MF-ME*.

Como demonstra Parra (2016), o jutor *aunque* pode introduzir conteúdos que se referem tanto a situações passadas, presentes ou futuras com relação ao momento de fala, conforme vemos respectivamente nos exemplos (126)-(128):

- (126) Es lo que ha ocurrido con las elecciones en Israel. Netanyahu se equivocó al adelantarlas: su partido, el Likud, acompañado de la derecha de Avigdor Lieberman, ha sufrido un claro retroceso, **aunque haya logrado un destacado primer lugar.** (PARRA, 2016, p. 111)

[É o que aconteceu com as eleições em Israel. Netanyahu se equivocou ao adiantá-las: seu partido, o Likud, acompanhado da direita de Avigdor Lieberman, sofreu um claro retrocesso, **embora tenha conseguido um destacado primeiro lugar**]

- (127) **aunque el Rey carece de capacidad constitucional para ejercer un papel político**, ciertos episodios han afectado a su prestigio como árbitro y moderador del entramado institucional. (PARRA, 2016, p. 98)

[**embora o rei careça de capacidade constitucional para exercer um papel político**, certos episódios afetaram seu prestígio como árbitro e moderador do emaranhado institucional]

- (128) Es una visión miope porque, **aunque la recuperación acabará por llegar**, si no hay una orientación hacia el crecimiento, la fase de reactivación llegará tarde y mal (PARRA, 2016, p. 104)

[É uma visão míope porque, **embora a recuperação acabe chegando**, se não houver uma orientação para o crescimento, a fase de reativação chegará tarde e mal]

No material bibliográfico consultado, nada foi encontrado a respeito das referências temporais que acompanham *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*. Uma análise prévia realizada no mesmo corpus sincrônico levantado por Parra (2016) para o estudo de *aunque* revelou a possibilidade de encontrarmos no espanhol atual o uso de *a pesar de (que)* e de *por mucho (que)* introduzindo estruturas que tomam por referência o passado, o presente e o futuro, como vemos nos exemplos (129)-(131) sobre o uso de *a pesar de (que)*:

- (129) y todo ello en el marco de una cierta desaceleración del crecimiento, que no logra avanzar con paso firme **a pesar de que ya han transcurrido cinco años desde la explosión de Lehman Brothers.** (ED287-24/05/2013)

[e tudo isso no marco de uma certa desaceleração do crescimento, que não consegue avançar com passo firme **apesar de já terem transcorrido cinco anos desde a explosão de Lehman Brothers.**]

- (130) **A pesar de que el Gobierno insiste en que España está a punto de salir de la recesión**, las estadísticas públicas siguen reflejando una situación depresiva (ED59-31/01/2013)

[**Apesar de o Governo insistir em que a Espanha está a ponto de sair da recessão**, as estatísticas públicas continuam refletindo uma situação depressiva]

- (131) es más necesario que los pisos nuevos que se pudieran vender / eeh se promocionará el aire acondicionado/ más que la calefacción / **a pesar de que la calefacción pues puede ocurrir que / que sea necesaria unos cuantos días / al año.** (PRESEEA_ALCALA_H33_051)

[é mais necessário que os apartamentos novos que se possam vender ofereçam o ar-condicionado mais do que o aquecimento, **apesar de que pode acontecer que o aquecimento seja necessário alguns dias no ano.**]

Nos exemplos (132)-(134), a seguir, observamos *por mucho (que)* introduzindo, respectivamente, conteúdos que se referem a uma situação passada, presente e futura:

- (132) El error socava su imagen de infalibilidad, **por mucho que se haya cobrado la cabeza del director de la Administración penitenciaria.** (ED438-06/08/2013)

[O erro socava sua imagem de infalibilidade, **por mais que se tenha cobrado a cabeça do diretor da Administração penitenciária.**]

- (133) Los generales siguen equivocándose, por más que muchos egipcios hayan visto el ominoso rostro real de los Hermanos Musulmanes y su sectario desprecio por los más elementales principios democráticos durante su desastroso año de Gobierno; y **por mucho que los obedientes medios de comunicación se refieran ahora a la organización como un grupo terrorista.** (ED539-25/09/2013)

[Os generais continuam equivocando-se, por mais que muitos egípcios tenham visto o abominável rosto real dos Irmãos Muçulmanos e seu sectário desprezo pelos mais elementares princípios democráticos durante seu desastroso ano de Governo; e **por mais que os obedientes meios de comunicação se refiram agora à organização como um grupo terrorista.**]

- (134) El jefe del Gobierno enfrió también la posibilidad de cambios en otros terrenos, al reiterar que no cederá en materia de reforma laboral ni de estabilidad presupuestaria, **por mucho que se lo reclamen.** (ED306-02/06/2013)

[O chefe do Governo esfriou também a possibilidade de mudanças em outros terrenos, ao reiterar que não cederá em matéria de reforma trabalhista nem de estabilidade orçamentária, **por mais que o reivindiquem**]

Assim, os três jutores a serem analisados introduzem, no espanhol peninsular atual, situações que assumem um valor de referência temporal passado, presente ou futuro.

3.5.3.3 Polaridade do enunciado concessivo

Outra propriedade que pode ser observada nas construções concessivas é a ausência ou presença de polaridade, que, segundo Neves et al. (2008, p. 981), consiste na

possibilidade de dar à determinada estrutura uma forma afirmativa ou negativa. As autoras afirmam que, em razão do fato de o pensamento concessivo implicar uma oposição entre a estrutura concessiva e a principal, marcando uma relação de incompatibilidade entre elas, era de se supor que todos os enunciados concessivos apresentassem polaridade, isto é, que um dos membros estivesse na forma negativa, enquanto o outro estivesse na afirmativa. Porém, ao analisarem os enunciados concessivos do português, as autoras verificam a existência de três tipos de construções concessivas.

O primeiro tipo é formado pela presença de negativa na estrutura principal. Neste caso, a estrutura concessiva traz uma inferência afirmativa que será frustrada por meio da negação presente na outra estrutura. Ilustramos esse tipo de ocorrência tomando o exemplo encontrado no *cópus* de Parra (2016):

- (135) **aunque** me puedan decir mira/ hablas como un niño de dos o tres años// **no** me importa (PRESEEA_GRANADA_H32_09)
[**Ainda que** me possam dizer: “olha, você fala como um menino de dois ou três anos”, **não** me importa.]

Já o segundo tipo apontado pelas autoras corresponde à presença de negativa apenas na estrutura concessiva, como ocorre no exemplo (136). Neste caso, a inferência negativa contida na estrutura concessiva é frustrada pela expressão afirmativa da estrutura principal.

- (136) **aunque no** seas una persona muy constante tienes que tener algo de disciplina (PRESEEA_GRANADA_H32_09)
[**Ainda que** você **não** seja uma pessoa muito constante, tem que ter alguma disciplina]

Por fim, o terceiro tipo, considerado por Neves et al (2008) o mais característico de uma construção concessiva, é aquele que apresenta as duas estruturas na forma afirmativa. Nesse caso, a inferência afirmativa que acompanha o *juntor* concessivo não se frustra pela presença de negação, mas sim pelos aspectos semânticos contrastivos expressos pela própria combinação das informações expressas nas duas estruturas da construção concessiva, como vemos no exemplo (137):

- (137) me inclinaba mucho por la por la medicina// me encantaba poder haber sido psiquiatra o o pediatra// **aunque es la la/ contraposición** pero bueno/ y al final ni psiquiatra ni pediatra// (PRESEEA_GRANADA_H32_08)
[me inclinava muito pela medicina, eu adoraria poder ter sido psiquiatra ou pediatra, **embora seja uma contraposição**, mas ao final nem psiquiatra nem pediatra]

Embora não mencionado pelas autoras com relação aos dados do português, os dados do espanhol peninsular analisados por Parra (2016) mostram um quarto tipo de construção concessiva, que apresenta elementos negativos nas duas estruturas, como ilustra o exemplo (138):

- (138) La razón de esa zozobra **no** es tanto la cuantía económica de la decisión, **aunque tampoco** sea este un capítulo baladí. (ED149-17/03/2013)
[A razão dessa inquietude **não** é tanto a quantia econômica da decisão, **embora também não** seja este um capítulo sem importância.]

Os linguistas e gramáticos da língua espanhola consultados não comentam a respeito da polaridade nas construções concessivas. Os exemplos apresentados já demonstram que os quatro tipos de construção são possíveis de ocorrer com o jutor *aunque*. No entanto, a partir de dados extraídos de corpus variados e da Internet, podemos afirmar que os mesmos tipos de construções também são possíveis de ocorrer com os jutores *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*. Nos casos apresentados de (139) a (142), vemos ocorrências de *a pesar de (que)* do primeiro, segundo, terceiro e quarto tipo de construção, respectivamente:

- (139) **A pesar de que** las huelgas aereas se repiten con cierta frecuencia, todavía **no** se ha encontrado el modo de evitar el daño a los pasajeros retenidos en los aeropuertos (ED63-02/02/2013)
[**Apesar de que** as greves aéreas se repetem com certa frequência, ainda **não** se encontrou o modo de evitar o prejuízo aos passageiros retidos nos aeroportos]
- (140) Ahora, San Isidoro me... encantó, me gustó muchísimo, **a pesar de que no** tu... teníamos mucho tiempo para verlo (DAVIS, 2002 – Corpus del español)
[Agora, Santo Isidoro me encantou, gostei muitíssimo, **apesar de que não** tínhamos muito tempo para vê-lo]
- (141) **A pesar de que** una posible intervención militar en Siria haya deteriorado la estabilidad, los indicadores de crecimiento económico en la eurozona son menos adversos que hace un año. (ED493-03/09/2013)
[**Apesar de que** uma possível intervenção militar na Síria tenha deteriorado a estabilidade, os indicadores de crescimento econômico na zona do euro são menos adversos que há um ano.]
- (142) Distinguida señora y amiga: – **No** puedo resistir al deseo que tengo de decirle **a pesar de que no** he tenido el placer de corresponder con usted (DAVIS, 2002 – Corpus del español)
[Distinta senhora e amiga: – **Não** posso resistir ao desejo que tenho de lhe falar **apesar de que não** tive o prazer de me corresponder com a senhora.]

Já nos exemplos de (143) a (146), temos o juntor *por mucho (que)* atuando em cada um dos quatro tipos de construções concessivas classificados a partir da polaridade:

- (143) **no** te vas a convertir en un experto en un año ¿no? **por mucho que** trabajes (PRESEEA_GRANADA_M31_05)
[Você **não** vai se tornar um expert em um ano, né? **por mais que** trabalhe]
- (144) **Por mucho que no** tengan la visibilidad pública de los préstamos, las garantías constituyen un servicio fundamental para la realización de aquéllos (Internet, <<[<http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2003:0132:FIN:ES:PDF>>](http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2003:0132:FIN:ES:PDF)>>)
[**Por mais que não tenham** a visibilidade pública dos empréstimos, as garantias constituem um serviço fundamental para a realização deles.]
- (145) **por mucho que** le aconsejase / sería bastante difícil que dejase de fumar mi padre (PRESEEA_VALENCIA_H13_20)
[**por mais que o aconselhasse**, seria bastante difícil que meu pai deixasse de fumar.]
- (146) Decirle al ministro español de Exteriores que “saque sus narices” de Venezuela (**por mucho que** la del ministro **no** fuera una declaración afortunada) [...] **no** parecen los pasos más adecuados para apuntalar una imagen de estadista. (PARRA, 2016 – ED261-11/05/2013)
[Dizer ao ministro espanhol de Exteriores que “tire seu nariz” da Venezuela (**por mais que** a declaração do ministro **não** fosse uma declaração feliz) **não** parecen os passos mais adequados para sustentar uma imagem de estadista]

Assim, vemos que no espanhol atual, os três jutores podem acompanhar estruturas com polaridade negativa – estando o operador negativo na estrutura principal, na estrutura concessiva ou em ambas – e com polaridade positiva – em que há ausência de um operador negativo em ambas as estruturas do enunciado.

Com relação a esse fator, levantamos a hipótese inicial de que, quanto mais gramaticalizados estiverem os jutores, menor será a presença de partículas que marquem a negação. Nos casos mais gramaticalizados, portanto, esperamos que predomine a polaridade positiva, de modo que o sentido de oposição se dê não por uma marca formal, mas pelo sentido de oposição advindo de uma estratégia interacional ou discursiva.

3.5.3.4 Unidade semântica representada pela estrutura concessiva

O presente fator analisa a natureza semântica da estrutura concessiva. Para tanto, fazemos uso das categorias pertencentes ao Nível Representacional, descritas pela GDF. Como vimos no capítulo II, as unidades do Nível Representacional são definidas de acordo com o tipo de entidade que elas representam, isto é, de acordo com a categoria ontológica por elas indicada.

Seguindo a hierarquia proposta pela GDF, a categoria superior é a do **Conteúdo Proposicional**, que, baseado em Lyons (1977), é descrito por Hengeveld e Mackenzie (2008) como um construto mental que não existe nem no tempo, nem no espaço, mas apenas na mente dos interlocutores. Como já descrito neste capítulo, Conteúdos Proposicionais podem ser avaliados em factuais e não factuais de acordo com seu valor de verdade.

Conteúdos Proposicionais também podem ser qualificados tanto em relação à atitude proposicional do falante com relação ao fato comunicado – tal como certeza, dúvida ou descrença –, como em termos de sua fonte ou origem desse conhecimento, que pode ser um conhecimento compartilhado, ou ter sido obtido por meio de evidências sensoriais ou por inferência. Tais qualificações podem ser feitas pelo uso de expressões lexicais ou gramaticais, a depender das propriedades de cada língua. Vejamos os exemplos a seguir:

(147) I'll **certainly** go broke. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 154- grifo nosso)
[Eu **certamente** irei falir.]

(148) Lima-?yuu.
dance-**vis.evid**
‘He danced (I saw it).’ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 155 –grifo nosso).
[Ele dançou (Eu vi isso)]

O Conteúdo Proposicional apresentado em (147) é modificado em termos de atitude proposicional pelo uso de *certamente*, que indica certeza em relação ao fato enunciado. Já o exemplo (148) demonstra que a língua Maricopa possui uma marca para indicar uma evidência visual.

A categoria abaixo do Conteúdo Proposicional é a do **Episódio**, definido por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 157) como uma combinação coerente de Estados-de-Coisa, enquanto **Estados-de-Coisas** são, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 166), entidades que se localizam no espaço e no tempo e são avaliadas em termos de realidade. Assim, podemos dizer que um Estado-de-Coisas acontece ou não, ocorre ou não em um ponto ou um intervalo de tempo. Para compreendermos as diferenças e a relação entre essas duas categorias, observemos o exemplo a seguir:

(149) He will go to London and she to Paris. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 161).
[Ele irá para Londres e ela para Paris.]

O exemplo oferecido em (149) configura um único episódio que é composto por dois Estados-de-Coisas: *Ele irá para Londres* e *Ela irá para Paris*. Cada um dos Estados-de-Coisas apresenta uma unidade de tempo, de localização e de indivíduos. No que se refere à unidade de tempo, mais especificamente, cada Estado-de-Coisas pode receber um modificador que indique tempo relativo, conforme nos revela a paráfrase em (149’):

(149’) He will go to London **before lunch** and she to Paris **after dinner**. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 161- grifo nosso).
[Ele irá para Londres **antes do almoço** e ela irá para Paris **depois do jantar**.]

Episódios, por sua vez, recebem modificador de tempo absoluto, que escopa todos os Estados-de-Coisas que o compõem, conforme (149’’):

(149’’) **Tomorrow** he will go to London before lunch and she to Paris after dinner. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 161- grifo nosso).
[**Amanhã** ele irá para Londres antes do almoço e ela irá para Paris depois do jantar.]

Outra unidade apresentada pela GDF é a **Propriedade** que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 131), não têm existência por si própria, podendo ser caracterizada somente em termos de sua aplicabilidade, visto que fornece a informação descritiva necessária para designar as entidades às quais se aplicam. De acordo com os autores, as Propriedades podem ser configuracionais ou não configuracionais. Dizemos que uma Propriedade é configuracional quando faz parte de um esquema de predicação, como em (229) e em (230):

(150) Sheila is **ill**. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 181- grifo nosso).
[Sheila está **doente**.]

(151) The man **bought** a house. (KEIZER, 2015, p. 155 – grifo nosso).
[O homem **comprou** uma casa.]

Nos exemplos, os termos em destaque correspondem a Propriedades configuracionais, pois atribuem uma descrição a uma entidade. Propriedades configuracionais podem apresentar um núcleo adjetival, como em (150), ou verbal, como em (151). Já as Propriedades não configuracionais dizem respeito à categoria dos lexemas de uma língua.

A unidade semântica **Indivíduo** é composta por entidades concretas e tangíveis que ocupam um lugar no espaço. São exemplos dessa categoria as entidades *bicicleta*, *água* e *rebanho*.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 131) consideram que as unidades *Conteúdo Proposicional*, *Estado-de-Coisas*, *Propriedade* e *Indivíduos* são básicas para a análise de qualquer língua, mas descrevem outras unidades menores que também podem ser evocadas em línguas individuais. São elas: *Localização*, *Tempo*, *Maneira*, *Razão* e *Quantidade*, ilustradas respectivamente pelos exemplos de (152) a (156).

(152) I stayed **in the house**. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 248 – grifo nosso).
[Eu fiquei **em casa**.]

(153) I saw him **yesterday**. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 258 – grifo nosso).
[Eu o vi **ontem**.]

(154) Joan talked to me **cheekily**. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 265 – grifo nosso).
[Joana falou comigo **descaradamente**.]

(155) Felicity eats a large **amount of** cheese every day. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 268 – grifo nosso).
[Felícia come **uma grande quantidade** de queijo todos os dias.]

(156) It's unclear to me **why he left**. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 273 – grifo nosso).
[Não está claro para mim **por que ele saiu**.]

As unidades *Propriedade*, *Indivíduo*, *Localização*, *Tempo*, *Maneira*, *Razão* e *Quantidade* são equipolentes entre si, o que significa que entre elas não existe uma hierarquia, e quando combinadas atuam na construção de um Estado-de-Coisas.

No que diz respeito aos propósitos desta pesquisa, elencar quais unidades semânticas são representadas pelas estruturas concessivas iniciadas por *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* em cada período sincrônico nos permitirá observar se houve alguma ampliação nos tipos de unidades representadas ao longo de sua trajetória diacrônica, tendo em vista que o aumento da variabilidade de contextos de uso de um dado item é um indício de sua gramaticalização.

3.5.3.5 Animacidade do referente da estrutura concessiva nominal

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 317), a animacidade, por ser uma noção semântica, é tratada no Nível Representacional, e apresenta um alinhamento direto

com o Nível Morfossintático. Isso significa que as diferenças semânticas dos traços de animacidade são refletidas na codificação morfossintática, sem precisar que antes haja uma motivação pragmática para tal.

Nesta pesquisa, assumimos a análise da animacidade apenas para os casos em que a estrutura concessiva corresponde semanticamente a Indivíduos, unidade já descrita anteriormente. Desse modo, os indivíduos serão classificados por meio de uma escala envolvendo os traços [humano] e [animado]:

(157) [+ humano] > [- humano, + animado] > [- humano, - animado]

Indivíduos classificados com o traço [+ humano] são morfossintaticamente codificados por uma palavra lexical ou por um sintagma nominal que evoca um ser humano como *a mulher*, *o menino*, ou por um pronome que tenha como referência um humano, por exemplo *ela* em *Ela comprou o pão, nós, Vossa senhoria*, etc. Também integram essa categoria os seres que, embora pertencentes a um mundo imaginário ou espiritual, são representados conceptualmente por uma forma humana, como *bruxa*, *Deus* e *anjo*.

Os traços [- humano, + animado] são atribuídos aos Indivíduos que, embora não sejam seres humanos, ainda possuem vida, como animais e plantas. Assim, morfossintaticamente teremos palavras lexicais ou sintagmas que evocam qualquer entidade viva, como *o cachorro*, *a árvore*, bem como pronomes que façam referência a esses seres, como *ele* em *O gato não morreu porque ele tem sete vidas*. Também é atribuído esse traço aos seres pertencentes ao mundo imaginário e espiritual que sejam conceitualmente concebidos como seres vivos, tais como *espírito* e *monstro*.

Por fim, Indivíduos avaliados com o traço [- humano, - animado] são aqueles que evocam objetos, isto é, entidades sem vida que podem ser codificados por uma palavra lexical ou sintagma, como *a casa*, *o carro*, ou retomados por um pronome como *aquele* em *Meu guarda-chuva é aquele*.

Esperamos que a análise da animacidade nos Indivíduos representados pelas estruturas concessivas possa revelar uma abstratização dos contextos de uso dos jutores concessivos a depender dos traços semânticos que predominam em uma e em outra fase observada.

3.5.4 Fatores Morfossintáticos

3.5.4.1 Núcleo predicador da estrutura concessiva

Conforme consta em Flamenco García (1999) e na gramática da RAE (2009, 2010), os três jutores concessivos aqui estudados – *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* – podem introduzir estruturas com núcleo verbal e não verbal. Nesse último caso, o papel de predicador pode ficar a cargo de um substantivo, de um adjetivo, de um advérbio, de um pronome ou de alguma outra classe de palavra lexical ou gramatical.

Nos exemplos (158) e (159) vemos *aunque* introduzir respectivamente uma estrutura de núcleo verbal e não verbal, sendo, nesse caso, um advérbio:

- (158) **Aunque se lo explicaron muy bien**, no lo entendió. (RAE, 2010, p. 898 – grifo nosso)
[**Embora o explicassem muito bem**, não entendeu]

- (159) La misma Reforma contribuyó, **aunque indirectamente**, a desarrollar estas semillas impías. (RAE, 2009, p. 3601 – grifo nosso).
[A mesma Reforma contribuiu, **embora indiretamente**, para desenvolver essas sementes ímpias.]

Com relação a *a pesar de (que)*, o jutor pode acompanhar uma estrutura de núcleo verbal, como em (160), ou de núcleo não verbal, como em (161), em que o núcleo da estrutura concessiva é um pronome pessoal:

- (160) **A pesar de que el temor al dolor pesaba más que nunca** [...], se levantó con seguridad. (RAE, 2009, p. 3599 – grifo nosso).
[**Apesar de que o medo à dor pesava mais do que nunca**, se levantou com segurança.]
- (161) **A pesar de ella**, conseguí quedarme con los niños. (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3835 – grifo nosso).
[**Apesar dela**, consegui ficar com as crianças.]

Também *por mucho (que)* pode acompanhar estruturas com núcleo verbal, como em (162), e com núcleo não verbal, como em (163), cujo núcleo predicador é um substantivo:

- (162) **Por mucho que lo intentemos** no vamos a conseguir montar este armario. (CERROLAZA, 2005, p. 233 – grifo nosso)
[**Por mais que tentemos** não vamos conseguir montar este armário.]
- (163) Sé que, **por mucha satisfacción que te produjera mi muerte**, tú no faltarías a las leyes de la hospitalidad. (RAE, 2009, p. 3599 – grifo nosso).
[Sei que, **por mais satisfação que te desse a minha morte**, você não faltaria com as leis da hospitalidade.]

Nesta pesquisa, consideramos que a análise do núcleo predador da estrutura concessiva pode revelar padrões de codificação morfossintática desses juntores ao longo dos períodos sincrônicos. E o tipo de núcleo adotado pode estar associado com os tipos de unidades semânticas representadas pelas estruturas concessivas.

3.5.4.2 Posição da estrutura concessiva

Para Flamenco García (1999), a principal propriedade sintática das estruturas concessivas, e que as diferencia de outras estruturas contrastivas como as adversativas, é a sua mobilidade. Essa propriedade permite à estrutura concessiva ocorrer tanto posposta como anteposta à estrutura principal.⁴¹ Segundo o autor, no entanto, a reversibilidade das estruturas concessivas está associada a fatores de ordem pragmática e estilística, como a informatividade do conteúdo que o juntor introduz. No caso de *aunque*, Flamenco García (1999) afirma que esse juntor acompanha estruturas concessivas antepostas quando a estratégia do falante é de polemizar sobre um discurso já conhecido ou supostamente conhecido pelo interlocutor. Já quando *aunque* introduz uma estrutura posposta, a estratégia empregada pelo falante é a de refutar uma possível objeção por parte do ouvinte. Vejamos os exemplos fornecidos pelo autor:

(164) **Aunque ya es tarde**, acabaré de explicar este tema. (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3815 – grifo nosso)
[**Embora já seja tarde**, acabarei de explicar esse tema.]

(165) Acabaré de explicar este tema, **aunque ya es tarde**. (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3815- grifo nosso)
[Acabarei de explicar este tema, **embora já seja tarde**.]

Em (164), o falante parte de uma informação compartilhada para mostrar que, embora ele reconheça que seja tarde, explicará o tema. Já em (165), a informação de que está tarde é apresentada como nova, e serve como um adendo à afirmação feita anteriormente.

A gramática da RAE (2009, p. 3602) também prevê uma relação entre a posição ocupada pela estrutura concessiva introduzida por *aunque* e o caráter temático ou remático de seu conteúdo. Assim, é considerado temático, isto é, já conhecido, o conteúdo da estrutura concessiva que se encontra anteposta; e remático, ou novo, o conteúdo da

⁴¹ Neste trabalho, consideramos que a anteposição ou posposição da estrutura concessiva toma por referência o núcleo da estrutura principal.

estrutura concessiva que aparece posposta. A gramática, no entanto, afirma que o conteúdo de uma estrutura concessiva anteposta pode ser considerado temático mesmo que a informação introduzida pelo juntor não tenha sido pronunciada anteriormente. Observemos o exemplo (166):

- (166) **Aunque solo tenga cuatro años**, ya sabe leer y escribir. (RAE, 2009, p. 3602 – grifo nosso)
[**Embora só tenha quatro anos**, já sabe ler e escrever.]

Conforme afirmam os autores da gramática, em construções como (166), a informação introduzida por *aunque* pode não ter aparecido em um discurso prévio, mas ao codificá-la como primeiro membro da construção, o falante busca, ainda que veladamente, indicar que essa informação não é totalmente desconhecida pelo ouvinte ou apresentá-la como se assim fosse. Estratégia similar pode ocorrer com estruturas pospostas que, ainda que conhecidas, são apresentadas pelo falante como sendo novas em determinado fragmento do discurso:

- (167) Ya sabe leer y escribir **aunque solo tenga cuatro años**. (RAE, 2009, p. 3602 – grifo nosso)
[Já sabe ler e escrever **embora só tenha quatro anos**.]

Com relação aos demais jutores concessivos, nenhum dos autores consultados trata das posições ocupadas pelas estruturas que introduzem, mas uma busca preliminar realizada no corpus sincrônico de Parra (2016) revela que tanto *a pesar de (que)* como *por mucho (que)* introduzem estruturas concessivas antepostas ou pospostas. Os exemplos (168) e (169) estão relacionados ao uso de *a pesar de (que)*, e (170) e (171), ao uso de *por mucho (que)*:

- (168) **A pesar de que son ya seis años de crisis**, las decisiones de las autoridades comunitarias y de los Gobiernos más influyentes, con Alemania a la cabeza, siguen sin encontrar la fórmula del crecimiento. (ED270-16/05/2013).
[**Apesar de serem já seis anos de crise**, as decisões das autoridades comunitárias e dos Governos mais influentes, com a Alemanha na liderança, continuam sem encontrar a fórmula do crescimento.]
- (169) Bernanke sabe que un endurecimiento monetario acabaría con su estrategia para crecer y crear empleo; también sabe que los ortodoxos de la inflación quieren acabar con la inundación de liquidez, **a pesar de que en Estados Unidos está controlada**. (ED287-24/05/2013).

[Bernanke sabe que um endurecimento monetário acabaria com sua estratégia para crescer e criar empregos; também sabe que os ortodoxos da inflação querem acabar com a inundação da liquidez, **apesar de estar controlada nos Estados Unidos.**]

(170) **Por mucho que se invoque al Espíritu Santo**, es un hecho que su máximo líder ha de ser un hombre con visión política. (ED134-09/03/2013).

[**Por mais que se invoque o Espírito Santo**, é fato que seu líder máximo terá que ser um homem com visão política.]

(171) olía a pesca(d)o/// **por mucho que se quisiera limpiar**
(PRESEEA_GRANADA_H33_15)

[cheirava peixe, **por mais que se quisesse limpar.**]

Além da informatividade, a posição da estrutura concessiva pode codificar morfossintaticamente a relação de dependência existente entre a estrutura concessiva e a principal. Decat (1999) observa que, no caso das construções subordinadas do português, a anteposição é utilizada quando a estrutura subordinada apresenta uma dependência semântica e sintática com a principal. Já a posposição revela um *desgarramento* da estrutura considerada tradicionalmente como subordinada, de modo que passa a ser independente tanto do ponto de vista semântico como do ponto de vista sintático com relação à estrutura a ela vinculada.

Assumimos, portanto, que a análise da posição pode não só relevar aspectos pragmáticos da estrutura concessiva como indicar uma maior independência semântico-sintática dessas estruturas com relação a uma estrutura principal, sendo este um dos aspectos comprovados por Traugott (1997) na gramaticalização de marcadores discursivos.

3.5.4.3 Codificação morfossintática da estrutura concessiva

Tendo por base as camadas descritas no Nível Morfossintático da GDF, apresentadas no capítulo II, consideramos que as estruturas concessivas aqui analisadas podem ser codificadas morfossintaticamente na forma de uma oração ou de um sintagma.

Retomando brevemente as unidades morfossintáticas já apresentadas neste trabalho, temos primeiramente a **Oração**, definida por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 293; 310) como uma combinação de Palavras, Sintagmas e outras Orações (encaixadas) que segue um modelo para a ordenação desses constituintes e apresenta expressões morfológicas de conectividade como concordância (*agreement*) e regência (*government*). Como aponta Keizer (2015), é nesta camada que as funções sintáticas Sujeito e Objeto são atribuídas. Vejamos o exemplo oferecido pela autora:

- (172) John put the money into the safe. (KEIZER, 2015, p. 195)
[João colocou o dinheiro no cofre.]

A Expressão Linguística em (172) é uma Oração composta por dois Sintagmas Nominais – *João* e *o dinheiro*, sendo que o primeiro recebe a função sintática Sujeito, e o segundo, a função sintática Objeto –, por um Sintagma Verbal – *colocou* – e por um Sintagma Preposicional – *no cofre*.

Um **Sintagma** é, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 376), uma combinação também sequenciada de Palavras, outros Sintagmas e Orações encaixadas, que tem como núcleo um item lexical advindo do Nível Interpessoal ou do Representacional. Os tipos de Sintagmas apontados pelos autores são: Sintagma Verbal, Sintagma Nominal, Sintagma Adjetival, Sintagma Adverbial e Sintagma Preposicional. Observemos os exemplos:

- (173) A very expensive car. (KEIZER, 2015, p. 230).
[Um carro muito caro.]

- (174) The money that he had stolen. (KEIZER, 2015, p. 230).
[O dinheiro que ele tinha roubado.]

Os dois exemplos configuram morfossintaticamente Sintagmas Nominais. O primeiro, apresentado em (173), é composto pelo núcleo *car* (*carro*), que corresponde a uma Palavra Lexical, pela Palavra Gramatical *a* (*um*), que atua como artigo, e por um Sintagma Adverbial *very expensive* (*muito caro*), que por sua vez está formado por duas Palavras: o advérbio *very* (*muito*) e o adjetivo *expensive* (*caro*). Já o Sintagma apresentado em (174) tem por núcleo a Palavra Lexical *money* (*dinheiro*), um substantivo, que é acompanhado do artigo *the* (*o*), uma Palavra Gramatical, e modificado pela Oração encaixada *que ele tinha roubado*.

Com relação aos jutores concessivos investigados, Flamenco García (1999) e a gramática da RAE (2009) demonstram a atuação de *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* acompanhando estruturas oracionais e sintagmáticas, conforme vimos ao tratar dos tipos de núcleo predicador das estruturas concessivas.

O jutor utilizado, no entanto, pode receber alterações em sua forma a depender do tipo de codificação morfossintática assumido pela estrutura concessiva. No caso de *aunque*, a forma conjuncional do jutor não se altera com o tipo de codificação da estrutura concessiva. Assim, esse jutor pode introduzir Orações, como em (175), ou Sintagmas, como em (176), cuja estrutura concessiva assume a forma de um Sintagma preposicional:

- (175) **Aunque** estaba muy cansada por el viaje, impartió una conferencia magnífica. (RAE, 2009, p. 3599 – grifo nosso).
[**Embora** estivesse muito cansada por causa da viagem, ministrou uma conferência magnífica]
- (176) **Aunque** con alguna dificultad, el abuelo conseguía valerse por sí mismo en las tareas cotidianas. (RAE, 2010, p. 903 – grifo nosso).
[**Embora** com alguma dificuldade, o avô conseguia fazer sozinho as tarefas cotidianas]

Com relação a *a pesar de (que)*, o juntor assume a forma *a pesar de que* quando integra Orações com verbos finitos, como representamos em (177), e a forma *a pesar de* para acompanhar Sintagmas e Orações com verbos não finitos, como está ilustrado respectivamente em (178) e em (179):

- (177) [...] se compró el coche, **a pesar de que** no podía pagarlo. (CERROLAZA, 2005, p. 56)
[comprou o carro, **apesar de que** não podia pagar por ele]
- (178) **A pesar de** todos los problemas que ha tenido para adaptarse al país, ahora se encuentra bastante bien. (MATTE BON, 1995, p. 213 – grifo nosso)
[**Apesar de** todos os problemas que teve para adaptar-se ao país, agora está muito bem]
- (179) **A pesar de** salir tan tarde, llegamos a tiempo. (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3835 – grifo nosso).
[**Apesar de** sair tão tarde, chegamos a tempo.]

Também *por mucho (que)* pode acompanhar estruturas oracionais e sintagmáticas. A diferença está no fato de que, quando a Oração tiver um verbo finito, o juntor se apresenta com a forma *por mucho que*, como em (180). Já com Sintagmas, por sua vez, a estrutura concessiva assume a forma *por mucho + núcleo do sintagma + que*, de modo que, no caso de núcleos compostos por substantivos, *mucho* concordará com o núcleo em gênero e número, conforme (181). Para o presente estudo, no entanto, limitamos nossa busca à forma *por mucho*, por possibilitar tanto dados oracionais como sintagmáticos.

- (180) qué libro, cuál opción; [...] la cual fama, **por mucho que** dure, en fin se ha de acabar con el mismo mundo (RAE, 2010, p. 407 – grifo nosso)
[que livro, que opção; [...] cuja fama, **por mais que** dure, enfim se acabará com o mesmo mundo]
- (181) **por muchos** libros **que** lea (RAE, 2010, p. 488 – grifo nosso)
[**por mais** livros **que** leias]

Quanto a esse fator de análise, nossa expectativa inicial é de que, diacronicamente, possa haver uma ampliação nas formas de codificar as estruturas concessivas introduzidas por *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*, o que revelaria uma generalização dos contextos de uso de tais jutores e poderia refletir morfossintaticamente uma ampliação das unidades semânticas representadas por essas estruturas. Além disso, ao compararmos os três jutores, é possível que ao longo do tempo tenha sido criada uma preferência por algum jutor a depender do tipo de codificação recebido pela estrutura concessiva.

3.5.4.4 Codificação modo-temporal das estruturas concessivas

Flamenco García (1999) afirma que tanto *aunque* como *a pesar de (que)* podem acompanhar todas as formas verbais do sistema modo-temporal do espanhol. Assim, quando esses jutores introduzem estruturas oracionais, elas podem apresentar o verbo conjugado nos tempos do modo indicativo ou do subjuntivo. No entanto, a seleção do modo verbal é motivada por fatores de ordem pragmática e semântica.

Segundo Flamenco García (1999, p. 3827), o modo verbal a ser utilizado na estrutura concessiva é determinado tanto pela factualidade como também pela informatividade de seu conteúdo, visão também defendida por De Kock (1995) e pela gramática da RAE (2009).

A RAE (2009, p. 3609) afirma que, em contextos factuais, é possível utilizar tanto o indicativo como o subjuntivo. O modo indicativo, que ocorre predominantemente nesses contextos, está relacionado à transmissão de informação nova. Já o subjuntivo em contextos factuais está vinculado à recuperação de uma informação dada. Vejamos os exemplos:

- (182) [...] te aseguro que salió a caminar **aunque llovía a cántaros**. (RAE, 2009, p. 3606 – grifo nosso)
[te garanto que ele saiu para caminhar **embora chovesse intensamente**]
- (183) **Aunque hayas tenido buenas calificaciones en los estudios hasta ahora**, en adelante deberás esforzarte más. (RAE, 2009, p. 3606 – grifo nosso)
[**Embora você tenha conseguido boas notas nos estudos até agora**, a partir desse momento deverá se esforçar mais]

Nos dois exemplos apresentados, temos uma estrutura concessiva factual. A diferença entre elas está no fato de *aunque* introduzir uma informação nova em (182) e uma informação dada em (183). A diferença na informatividade é refletida na codificação

verbal, sendo o verbo do primeiro exemplo codificado no indicativo, e o do segundo, no subjuntivo.

Flamenco García (1999) denomina **subjuntivo temático** ou **subjuntivo polêmico** o uso desse modo verbal em contextos factuais. Para o autor, o uso do indicativo ou do subjuntivo em contextos factuais, além de indicar se a situação comunicada é dada ou nova, também reflete uma estratégia argumentativa do falante: enquanto o indicativo sinaliza uma tentativa do falante de informar seu interlocutor sobre algo que pode ser desconhecido para este, o uso do subjuntivo indica a estratégia de refutar um argumento já conhecido, colocando em dúvida a sua validade como obstáculo ao que se enuncia na estrutura principal.

Rodríguez Rosique (2012, p. 112) afirma que o subjuntivo atribui ao conteúdo da estrutura concessiva um sentido de irrelevância frente ao conteúdo da estrutura principal, o que não se verifica nas estruturas concessivas com indicativo. Ao apresentar o conteúdo da concessiva como irrelevante, o conteúdo da principal adquire maior força argumentativa.

Parra (2016), no entanto, identifica casos em que a estrutura concessiva factual de conteúdo dado apresenta verbo no indicativo. Segundo a autora, a diferença entre os dois modos verbais está no fato de que o subjuntivo não só retoma uma informação conhecida como lhe confere um matiz avaliativo, o que não ocorre quando a informação é retomada por meio do modo indicativo.

(184) existe la droga/ **aunque haya se haya vigilancia** (PARRA, 2016, p. 111)
[a droga existe **embora haja vigilância**]

(185) **aunque yo soy mayor / que tú** pero bueno vamos a vamos a tratarnos de creo eh eh es la manera más informal ¿no? (PARRA, 2016, p. 124)
[**embora eu seja mais velho do que você**, vamos nos tratar da maneira mais informal, né?]

As duas estruturas destacadas nos exemplos carregam uma informação factual e dada; a diferença entre elas reside no fato de, em (184), essa informação conhecida ser avaliada pelo falante como irrelevante, insignificante para anular a factualidade do que se afirma na estrutura principal. Essa avaliação não acontece em (185), na qual o fato de uma pessoa ser mais velha que outra é comunicado como sendo um obstáculo real e efetivo para um tratamento informal, mas que ainda assim não o impede de ocorrer.

Segundo Rivas (1990), o uso do subjuntivo na expressão de conteúdos factuais é documentado desde o latim, sendo que também nessa língua o emprego desse modo verbal era utilizado para marcar uma valoração subjetiva a respeito do fato relatado. Para a autora,

“[...] dentro das concessivas reais, a oposição subjuntivo/indicativo atua como um indicador da presença/ausência de uma tomada de postura por parte do emissor.”⁴² (RIVAS, 1990, p. 165), conforme podemos observar em (186a-b):

- (186) a. **Aunque conozco la respuesta**, no puedo dártela. (RIVAS, 1990, p. 165 – grifo nosso)
 [Embora eu saiba a resposta, não posso te dar.]⁴³
- b. **Aunque conozca la respuesta**, no puedo dártela. (RIVAS, 1990, p. 165 – grifo nosso)
 [Embora eu saiba a resposta, não posso te dar.]

Enquanto em (186a), a estrutura concessiva enuncia um fato real por completo, pois é afirmado que o falante sabe a resposta, em (186b), o uso do modo subjuntivo atenua o fato de o falante saber a resposta, bem como seu possível compromisso em oferecê-la ao interlocutor.

Rivas (1990, p. 166) afirma que o modo subjuntivo em concessivas factuais também serve para provocar um distanciamento intencional da realidade por parte do falante, como podemos notar ao comparar os enunciados em (187a-b):

- (187) a. **Aunque eres mi hijo**, te desheredo. (RIVAS, 1990, p. 166 – grifo nosso).
 [Embora você seja meu filho, te deserdo]
- b. **Aunque seas mi hijo**, te desheredo. (RIVAS, 1990, p. 166 – grifo nosso).
 [Embora você seja meu filho, te deserdo]

Tanto (187a) como (187b) apresentam uma estrutura concessiva factual. No entanto, em (187b), ao utilizar o modo subjuntivo, o falante provoca um maior distanciamento da realidade relatada do que em (187a), marcada com verbo no indicativo. Tal alternância modal pode estar relacionada a estratégias de polidez ou de reforço argumentativo.

Já nas estruturas concessivas não factuais, o subjuntivo é o modo verbal prototípico, como aponta Rodríguez Rosique (2012). A predominância desse modo verbal nos contextos não factuais se deve ao seu caráter não assertivo, que impede a avaliação da informação transmitida como sendo verdadeira ou falsa. Com relação ao uso de *aunque*, Flamenco

⁴² No original: [...] dentro de las concesivas reales la oposición subjuntivo/indicativo actúa como indicador de la presencia /ausencia de una toma de postura por parte del emisor.

⁴³ Nas traduções com *embora*, optamos por manter o verbo da estrutura concessiva no subjuntivo, mesmo que o verbo da estrutura em espanhol esteja no indicativo, para seguir a norma culta do português.

García (1999) também afirma ser o subjuntivo o modo verbal mais frequente quando esse juntor introduz um conteúdo não factual, conforme ilustra o exemplo a seguir:

- (188) **Aunque me ofrezcan una buena indemnización**, no tengo intención de dejar el trabajo. (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3831 – grifo nosso).
[**Ainda que me ofereçam uma boa indenização**, não tenho a intenção de deixar o trabalho.]

A estrutura concessiva em (188) é não factual, pois relata a possibilidade de que ofereçam uma boa indenização para que o falante deixe seu trabalho. Por ser uma situação possível, não pode ser avaliada como verdadeira ou falsa.

Embora o subjuntivo seja o modo mais frequente para os contextos não factuais, Flamenco García (1999) não nega a possibilidade de indicativo nos casos em que o falante considera muito provável a realização daquilo que comunica, como exemplificado em (189):

- (189) **Aunque ahora estará en su cuarto**, no debemos molestarle. (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3830 – grifo nosso).
[**Ainda que agora esteja no seu quarto**, não devemos incomodá-lo]

No que diz respeito às estruturas introduzidas por *a pesar de que*, Flamenco García (1999, p. 3835) afirma que esse juntor pode acompanhar verbos no indicativo e no subjuntivo. O primeiro modo é empregado quando se apresentam situações de uma maneira neutra, isto é, como uma concessão efetuada a uma afirmação expressa na estrutura principal sem que haja uma avaliação dessa concessão. Já o subjuntivo é empregado quando se polemiza com uma informação dada. Segundo o autor, são raros os casos de subjuntivo introduzindo conteúdos não factuais, tendo em vista a inadequação do uso desse juntor em contextos hipotéticos.

Cerrolaza (2005) também concorda com a associação entre a informatividade do conteúdo introduzido por *a pesar de que* e o modo verbal empregado, pois afirma que o indicativo está associado com a enunciação de um impedimento novo, enquanto o subjuntivo apresenta um impedimento como sendo uma ideia conhecida, conforme vemos nos exemplos (190) e (191), respectivamente:

- (190) Paco salió con sus amigos, **a pesar de que su mujer se encontraba mal**. (CERROLAZA, 2005, p. 23 – grifo nosso)
[Paco saiu com seus amigos, **apesar de sua mulher se encontrar mal**.]

- (191) A Lucía le dolía la cabeza y, **a pesar de que su mujer se encontrara mal**, Paco salió con sus amigos. (CERROLAZA, 2005, p. 23 – grifo nosso)
[Lúcia tinha dor de cabeça e, **apesar de sua mulher se encontrar mal**, Paco saiu com seus amigos]

Por mucho que, por sua vez, somente ocorre com verbos no subjuntivo, como afirma Flamenco García (1999):

- (192) **Por mucho que esperen su dimisión**, seguirá de presidente. (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3837 – grifo nosso)
[**Por mais que esperem sua demissão**, continuará como presidente.]

A relevância da codificação modo-temporal enquanto critério de análise está no fato de que, como vimos, esse aspecto morfossintático pode ser motivado por fatores de ordem pragmática – como a informatividade – e de ordem semântica – como a factualidade da informação transmitida. Desse modo, observar os tempos e modos empregados nas estruturas introduzidas por *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* em cada período sincrônico pode servir como um indício de um aumento de independência das estruturas concessivas, realçando, assim, o processo de gramaticalização por elas sofrido.

3.6 Em suma

Considerando o objetivo principal deste trabalho, que é definir uma trajetória de gramaticalização para os jutores *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* no espanhol peninsular, apresentamos neste capítulo a metodologia a ser utilizada a fim de atingir tal propósito. Para lidar com dados históricos do espanhol, optamos por assumir a periodização elaborada por Eberenz (1991, 2009) e adotamos como corpus o banco de dados CORDE.

Além de nosso objetivo geral, também definimos como objetivo específico observar uma possível correlação entre função-forma ao longo do processo de gramaticalização dos jutores investigados. Assim, ao determinarmos nossos fatores de análise, buscamos elencar critérios que abarcassem tanto aspectos discursivos da relação concessiva, como aspectos relacionados às propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas das estruturas concessivas levantadas. Esses critérios estão resumidos no quadro a seguir:

Quadro 6 – Fatores de análise e suas possibilidades

Aspectos discursivos da relação concessiva	
Frequência dos jutores nos períodos sincrônicos	Fase antiga
	Fase média

	Fase moderna
Tipo de relação concessiva	Movimento Ato Discursivo Conteúdo Proposicional
Aspectos da atuação da estrutura concessiva no Nível Interpessoal	
Informatividade da estrutura concessiva	Informação dada Informação nova
Aspectos da atuação da estrutura concessiva no Nível Representacional	
Factualidade da estrutura concessiva	Conteúdo factual Conteúdo não factual
Valor de referência temporal da estrutura concessiva	Passado Presente Futuro
Polaridade do enunciado concessivo	Negativa na estrutura concessiva Negativa na estrutura principal Positiva nas duas estruturas Negativa nas duas estruturas
Unidade semântica representada pela estrutura concessiva	Conteúdo Proposicional Episódio Estado-de-Coisas Propriedade Indivíduo Localização Tempo Modo Razão Quantidade
Animacidade do referente da estrutura concessiva nominal	[+ humano] [- humano, + animado] [- humano, - animado]
Aspectos da atuação da estrutura concessiva no Nível Morfossintático	
Núcleo predador da estrutura concessiva	Verbo Substantivo Adjetivo Pronome Advérbio
Posição da estrutura concessiva	Anteposta Posposta
Codificação morfossintática da estrutura concessiva	Oração Sintagma nominal Sintagma preposicional Sintagma adjetival Sintagma adverbial
Codificação modo-temporal das orações concessivas	Presente de indicativo Pretérito Perfecto de indicativo Pretérito Imperfecto de indicativo Pretérito Indefinido de indicativo Pretérito Pluscuamperfecto de indicativo Futuro Perfecto de indicativo Futuro Imperfecto de indicativo Condicional Simple de indicativo Condicional Compuesto de indicativo Presente de subjuntivo Pretérito Perfecto de subjuntivo Pretérito Imperfecto de subjuntivo Pretérito Pluscuamperfecto de subjuntivo Futuro de subjuntivo

Fonte: Elaboração própria

De posse desses fatores, apresentaremos, no próximo capítulo, a análise diacrônica das ocorrências iniciadas por *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* e avaliaremos os resultados obtidos conjugando os princípios da gramaticalização com o modelo da GDF.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE MUDANÇA DOS JUNTORES *AUNQUE*, *A PESAR DE (QUE)* E *POR MUCHO (QUE)*

4.1 Motivação do capítulo

Este último capítulo apresenta a análise das ocorrências introduzidas por *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* a partir dos critérios definidos no capítulo anterior. Primeiramente, oferecemos a análise sincrônica de cada juntor nas fases antiga, média e moderna, para, posteriormente, realizar a análise diacrônica de todas as etapas descritas, observando os critérios que apontam para a gramaticalização desses itens linguísticos. Assim, em 4.2, tratamos da análise de *aunque*; em 4.3, da análise de *a pesar de (que)* e, em 4.4, da análise de *por mucho (que)*. Em 4.5, comparamos o desenvolvimento dos três jutores concessivos a fim de apontar uma trajetória de gramaticalização comum a todos eles. Encerramos nosso capítulo com uma retomada dos principais resultados da análise em 4.6.

4.2 Análise de *aunque*

Aplicando os critérios apresentados no capítulo anterior para a seleção dos dados, levantamos um total de 479 ocorrências do juntor *aunque* com valor concessivo dentro dos três períodos sincrônicos, conforme mostra a disposição das ocorrências apresentada na tabela a seguir:

Tabela 7 – Número de ocorrências de *aunque* concessivo em cada período sincrônico

Fase antiga	Fase média	Fase moderna
129	150	200

Fonte: Elaboração própria

Podemos notar pela tabela que o número de ocorrências de *aunque* aumenta de sincronia para sincronia como resultado da abstratização desse juntor e de sua gramaticalização para além do papel de unir duas estruturas que rompem com uma relação causal esperada, conforme veremos na análise dos períodos que apresentamos na sequência.

Nos textos oferecidos pelo banco de dados consultado, é possível identificar casos em que *aunque* não tem valor concessivo, mas corresponde ao uso do advérbio focalizador

aun unido à conjunção *que*, construção esta *que*, como vimos no capítulo I, adquire, posteriormente, valor concessivo. Em tais ocorrências não concessivas, observamos a presença de uma sequência de acontecimentos ou regras, na qual cada elemento é antecedido pela conjunção *que*, sendo, porém, o último elemento da enumeração enfatizado pelo uso de *aun* antes de *que*, resultado, assim, em um efeito escalar, conforme ilustrado em (193):

- (193) el Rey gradescio ge lo mucho porque fazien como deuien. & prometio les bien & merced & que los manternie en iusticia & en derecho & en sos fueros como fizieran los qui ante del uinieran. **& aunque meiorarie lo que fuesse de meiorar.** & querellaron se le ellos luego de fuerças & tuertos muchos que se fazien por el regno. (An.FA.HD:CORDE)⁴⁴
[o rei lhes agradeceu muito porque faziam como deveriam. E prometeu-lhes bens e favores e que os manteria em justiça e em direito e em suas jurisdições como fizeram os que antes dele vieram. **E ainda que melhoraria o que fosse para melhorar.** E eles queixaram-se das forças e dos muitos agravos que se faziam pelo reino]

Em (193), o trecho apresentado relata em discurso indireto as promessas feitas pelo rei diante de seus súditos. Nesse caso, *aunque* não corresponde à conjunção concessiva, mas à fusão de *que*, conjunção que relaciona a estrutura subordinada com sua principal – e *prometeu-lhes que melhoraria o que fosse de melhorar* –, com o advérbio *aun*, que focaliza o último elemento prometido como sendo o mais inesperado ou o principal dentre aqueles prometidos pelo rei. Além disso, a forma *aunque* é antecédida pela conjunção aditiva *e*, que coloca em evidência a sequencialidade na qual a estrutura introduzida por *que* está inserida. Assim, a fusão do advérbio *aun* com a conjunção *que* nesses contextos se justifica pela falta de padronização da escrita na época, e não pela presença de um valor concessivo em tais construções. Ocorrências como essas, portanto, não são consideradas em nossa análise.

Na sequência, apresentamos os resultados da análise de *aunque* com valor concessivo em cada um dos períodos sincrônicos adotados nesta pesquisa.

4.2.1 *Aunque* na fase antiga

Nessa fase, foram levantadas 129 ocorrências em que *aunque* já atua como um juntor concessivo. A análise dessas ocorrências com relação à camada de atuação da

⁴⁴ O código que acompanha as ocorrências está organizado da seguinte maneira: (juntor.fase.tipo textual:cópus). Para identificar o juntor, utilizamos “An” para *aunque*, “Ap” para *a pesar de (que)* e “Pm” para *por mucho (que)*. Quanto às fases sincrônicas, temos “FA” para fase antiga, “FM” para fase média e “FMo” para fase moderna. O tipo textual é classificado como “Nr” para Narrativa e “HD” para História e Documentos. O cópus utilizado é o CORDE.

relação concessiva demonstra que, nesse período, *aunque* pode estabelecer relações concessivas na camada do Conteúdo Proposicional, no Nível Representacional, e na camada do Ato Discursivo, no Nível Interpessoal, conforme os dados apresentados na tabela a seguir:⁴⁵

Tabela 8 – Tipo de relação concessiva marcado por *aunque* na fase antiga

Camada	Freq.	%
Conteúdo Proposicional	116	89,9
Ato Discursivo	13	10,1

Fonte: Elaboração própria

Na grande maioria das ocorrências analisadas, *aunque* estabelece uma relação semântica concessiva, localizada na camada do Conteúdo Proposicional, conforme representado pelas ocorrências (194) e (195):

(194) Et vós, señor conde Lucanor, pues veedes que estos son miedos et espantos, et es contienda que, **aunque la comencedes**, non la podedes acabar, quanto más suffriéredes estos miedos et estos espantos, tanto seredes más esforçado. (An.FA.Nr:CORDE)

[E vós, senhor conde Lucanor, pois vês que estes são medos e espantos, e é briga que, **ainda que a comeceis**, não podereis acabar com ela, quanto mais sofreis estes medos e estes espantos, tanto mais sereis valente].

(195) la muchedumbre de los perssianos non yguarie con la muchedumbre de todos los nuestros. ca mas somos nos que ellos. maguer que ellos son muchos. & **aunque fuessen mas que nos**. & pongo que fuessen ciento tantos non podrien connusco & uencerlos emos nos. (An.FA.HD:CORDE)

[a multidão dos persianos não é igual à multidão de todos os nossos, pois nós somos mais que eles. Embora eles sejam muitos e **ainda que fossem mais que nós** e suponho que fossem cento e tantos não poderiam conosco e os venceremos]

Nessas ocorrências, há uma quebra de expectativa entre a estrutura em destaque e a estrutura que a segue. Em (194), a estrutura introduzida por *aunque* carrega a premissa de que uma briga terá início e conduz à conclusão de que um dia essa briga terá um fim, pois o conhecimento comum indica que tudo o que começa um dia acaba. No entanto, a afirmação apresentada na estrutura posterior revela uma conclusão oposta ao esperado ao afirmar que a briga não terminará. Em (195), a hipótese introduzida por *aunque* de que os persianos poderiam ser maiores em número, leva à conclusão esperada de que eles venceriam, no entanto, o autor conclui que ainda assim os persianos perderiam.

⁴⁵ A apresentação dos tipos de relação concessiva não segue a organização hierárquica da GDF, e sim a ordem descendente da frequência por permitir visualizar com mais clareza o aumento de escopo dos juntores.

As ocorrências de Ato Discursivo, por sua vez, correspondem a apenas 10,1% dos casos. Em todas elas, *aunque* atua como marcador da função retórica Concessão, que ocorre entre um Ato Subsidiário e um Ato Nuclear, como vemos em (196) e em (197):

- (196) E por las hazañas cosas & dignas de admiración que hizo, en las quales creían las gentes que Dios le ayudava, llamáronle el Cavallero de Dios, el qual no menos fue temeroso de Dios & obediente a sus mandamientos que esforçado en las cosas de la cavallería & amador de verdad y de justicia. E por ser tal, alcançó a ser rey, **aunque, antes que en tal estado viniesse, passó muchas necessidades & trabajos, assí en guerras como fuera dellas, como aquí oiréis.** (An.FA.Nr:CORDE)

[E pelas heróicas coisas e dignas de admiração que fez, nas quais acreditavam as pessoas que Deus lhe ajudava, chamaram-lhe o Cavaleiro de Deus, o qual não foi menos temente a Deus e obediente aos seus mandamentos que dedicado nas coisas da cavalaria e amante da verdade e da justiça. E por ser assim, alcançou ser rei, **embora, antes que a tal estado viesse, tivesse passado muitas necessidades e trabalhos, tanto em guerras como fora delas, como aqui ouvireis**]

- (197) Y Dios, que es vencedor, quiso ayudar a los christianos, e fueron vençidos todos los moros, e tambien Ozmin, **aunque llego a la postre**, como los primeros. (An.FA.HD:CORDE)

[E Deus, que é vencedor, quis ajudar os cristãos, e foram vencidos todos os mouros, e também Ozmin, **embora chegasse ao final**, como os primeiros.]

Em (196), *aunque* introduz um Ato Discursivo Subsidiário que tem a função de atenuar a informação transmitida no Ato Discursivo Nuclear, anteriormente expresso, pois, a afirmação de que aquele cavaleiro tornou-se rei poderia levar o leitor a pensar que a vida de tal personagem teria sido fácil; por isso, o autor sente a necessidade de acrescentar a informação de que o cavaleiro sofreu bastante antes de atingir tal posição na tentativa de evitar uma interpretação equivocada do seu enunciado. Na ocorrência (197), também vemos que o Ato Subsidiário *chegou ao final* marca o acréscimo de um comentário do falante a fim de ressaltar o Ato Nuclear *e também Ozmin como os primeiros*, esclarecendo, assim, que Ozmin não chegou à batalha junto com os mouros, embora tenha morrido igual a eles.

O resultado da análise dos aspectos da estrutura concessiva no Nível Interpessoal e no Nível Representacional é apresentado na tabela a seguir:

Tabela 9 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de *aunque* na fase antiga

Nível	Propriedades da estrutura concessiva		Freq.	%
NI	Informatividade da estrutura concessiva	Informação nova	81	62,8
		Informação dada	48	37,2
NR	Factualidade da estrutura concessiva	Não Factual	79	61,2
		Factual	50	38,8
	Valor de referência temporal da estrutura concessiva	Passado	56	43,4
		Presente	42	32,6
		Futuro	31	24
	Polaridade do enunciado concessivo	Positiva nas duas estruturas	52	40,3
		Negativa na estrutura principal	47	36,4
		Negativa na estrutura concessiva	27	21
		Negativa nas duas estruturas	3	2,3
	Unidade semântica representada pela estrutura concessiva	Conteúdo Proposicional	128	99,2
		Modo	1	0,8

Fonte: Elaboração própria

Na fase antiga, observamos que o jutor *aunque* é utilizado muito frequentemente para introduzir estruturas concessivo-condicionais que, como vimos no capítulo I, carregam um conteúdo hipotético. Isso justifica o fato de, nesse período, tal jutor acompanhar principalmente informações novas e de valor não factual, como nas ocorrências a seguir:

- (198) Onde quien bive en grand medida et a honra de sí et de sus amigos, maguer poco biva, de luenga vida es; et el que bive en angostura, faziendo poco algo a sí et a sus amigos, **aunque mucho biva**, de poca vida es. (An.FA.Nr:CORDE)

[Onde quem vive em grande medida e à honra de si e de seus amigos, ainda que pouco viva, de longa vida é; e o que vive de forma estreita, fazendo pouca coisa para si e para seus amigos, **mesmo que muito viva**, de pouca vida é.]

- (199) et que ellos auenturassen el rey et lo leuassen a tal lugar do por aventura no podrie acabar su intencion et que se huuiesse a tornar a çagua, que serie grant vituperio et desonor; mas que el rey fincando en Valençia et que ellos fuessen alia, **avnque a ellos conteciesse algun mal et desbarato**, el lo podrie todo emendar et reparar. (An.FA.HD:CORDE)

[e que eles aventurassem o rei e o levassem a tal lugar onde porventura não poderia acabar sua intenção e que se tivessem que voltar à saga, que seria grande vitupério e desonra; mas se o rei ficar em Valência e eles forem para lá, **mesmo se a eles acontecesse algum mal e desbarato**, ele poderia emendar e reparar tudo]

Nas duas ocorrências apresentadas, *aunque* introduz um conteúdo de valor concessivo-condicional, pois é não factual, visto que expressa um fato possível de ocorrer, e que não afeta a verdade do conteúdo expresso na estrutura com a qual se relaciona. Assim, em (198), mesmo que a pessoa viva por muito tempo, sua vida não será de grande importância; e, em (199), algo de ruim pode acontecer ou não, mas se ocorrer, o rei terá o poder de consertar a situação.

Com relação ao valor de referência temporal assumido pelas estruturas iniciadas por *aunque*, predomina a referência de passado, seguida da de presente e de futuro. Consideramos que o predomínio da referência de passado está relacionado ao tipo textual adotado no corpus, pois, por se tratar de textos de caráter narrativo e histórico-documental, é comum que se refiram a acontecimentos anteriores ao momento da fala, como expresso pela ocorrência (197), anteriormente apresentada, e também pela ocorrência (200), a seguir:

- (200) Et después envió por doña Vascuñana et guisó assí don Álvaro Hãñez que se encontraron en el camino, pero que non fablaron ningunas razones entre sí nin ovo tiempo, **aunque lo quisiessen fazer**. (An.FA.Nr:CORDE)
[E depois enviou por dona Vascuñana e cuidou Dom Álvaro Hãñez que se encontrassem no caminho, mas não falaram nada entre si nem houve tempo, **mesmo que o quisessem fazer**]

A análise da polaridade, por sua vez, demonstra que a maioria das ocorrências introduzidas por *aunque* não apresenta elementos negativos que marquem o contraste. A relação de oposição se dá, portanto, entre o conteúdo semântico das estruturas que compõem a construção concessiva, como vemos nas ocorrências (201) e (202):

- (201) E aun se demuestra la manera que los amigos tienen en sus ayudas, que, **aunque pretendan en ello alguna utilitat**, todavía dan a entender que lo hacen de cortesía e de libre voluntad. (An.FA.Nr:CORDE)
[E ainda se demonstra a maneira que os amigos têm em ajudar, que, **mesmo que façam com algum interesse**, ainda dão a entender que o fazem por cortesia e de livre vontade]
- (202) El rey philippo treuiese por el poderio en que se ueye. & non cataua como era muy mayor ell otro. Ca el Regno de persia & de Media. & de babilonna. & dotras tierras dond era sennor Artaxerses; mucho es mayor poder & mayor cosa que toda grecia **aunque fuesse toda dun sennor**. (An.FA.HD:CORDE)
[O rei Felipe se atreveu (?) pelo poderio em que se ouve (?) e não via como era maior o outro. Porque o Reino da Pérsia e de Média e da Babilônia e de outras terras de onde Artaxerses era senhor tem muito mais poder e maiores coisas que toda a Grécia **mesmo que fosse toda de um senhor**]

Já no que diz respeito ao tipo de unidade semântica representada pela estrutura concessiva, vemos que *aunque* acompanha quase que exclusivamente proposições, como observamos pelas ocorrências já apresentadas nesta análise, tendo sido encontrado apenas um caso – ilustrado em (203) – em que a estrutura introduzida por *aunque* indica Modo:

- (203) Velo llama a la cubierta ho palliación con que los poethas suelen falar; que, así como el velo cubre la cosa sobre que está, pero non tancto que por su delgadez non se conosca que algo está deyuso e se muestra, **aunque non tan claramente como sin velo**, así los dezires poéthicos fablan por tales encubiertas (An.FA.Nr:CORDE)

[Véu se chama a simulação ou suavização com que os poetas costumam falar; que, assim como o véu cobre a coisa sobre a qual está, mas não tanto que por sua finura não se conheça que algo está debaixo e se mostra, **embora não tão claramente como sem véu**, assim os dizeres poéticos falam por tais ocultações]

Com relação aos aspectos morfossintáticos, identificamos os seguintes resultados:

Tabela 10 – Aspectos morfossintáticos na análise de *aunque* na fase antiga

Nível	Propriedades da estrutura concessiva	Freq.	%
NM	Núcleo predador da estrutura concessiva	Verbo	95 73,6
		Adjetivo	21 16,3
		Substantivo	9 7
		Advérbio	3 2,3
		Pronome	1 0,8
	Posição da estrutura concessiva	Anteposta	79 61,2
		Posposta	50 38,8
	Codificação morfossintática da estrutura concessiva	Oração	128 99,2
		Sintagma adverbial	1 0,8
	Codificação modo-temporal das estruturas concessivas	Presente de subjuntivo	44 34,4
		Pretérito Imperfecto de subjuntivo	40 31,3
		Presente de indicativo	14 10,9
		Pretérito Imperfecto de indicativo	14 10,9
		Pretérito Indefinido de indicativo	11 8,6
		Pretérito Perfecto de subjuntivo	3 2,3
		Condicional Simple de indicativo	1 0,8
		Pretérito Pluscuamperfecto de indicativo	1 0,8

Fonte: Elaboração própria

Durante a fase antiga, o jutor *aunque* atua principalmente em estruturas que apresentam um verbo como núcleo predador, mas também ocorre com núcleos não verbais, compostos por adjetivos, substantivos, advérbios ou pronomes. Vejamos as ocorrências:

(204) Et si muriéredes en servicio de Dios, viviendo en la manera que vos yo he dicho, seredes mártir et muy bienaventurado; et **aunque non murades por armas**, la buena voluntat et las buenas obras vos farán mártir. (An.FA.Nr:CORDE)
[E se morrerdes em serviço de Deus, vivendo na maneira que vos disse, sereis mártir e muito bem-aventurado; e **mesmo que não morrais por armas**, a boa vontade e as boas obras vos farão mártir]

(205) Mas **aunque la verdat sea menospreciada**, abraçatvos bien con ella et preciadla mucho, ca cierto seed que por ella seredes bienandante (An.FA.Nr:CORDE)
[Mas **ainda que a verdade seja menosprezada**, abraçai-vos bem com ela e apreciái-a muito, porque certo é que por ela sereis feliz]

(206) non quiere perdonar et quiere quel perdonen; es escarnidor et él es el escarnido; querría engañar si lo sopiesse fazer; de todo lo que se pagaría tiene que es lo mejor, **aunque lo non sea** (An.FA.Nr:CORDE)

[não quer perdoar e quer que o perdoem; é escarnecedor e ele é o escarnecido; queria enganar se o soubesse fazer; de tudo o que se pagaria tem que é o melhor, **mesmo que não o seja**]

Na ocorrência (204), o núcleo da estrutura introduzida por *aunque* é o verbo *morrer*; já em (205), o núcleo da estrutura concessiva é um adjetivo, categoria morfossintática que, depois do verbo, é a mais comum de ocupar a função de núcleo predicativo nas ocorrências analisadas. Nessa ocorrência, *menosprezada* é unido ao sujeito oracional por um verbo cópula. Em (206), por sua vez, o núcleo da estrutura concessiva é o pronome *lo*, que retoma anaforicamente a propriedade de *ser o melhor*, anunciada no discurso precedente.

Já com relação à posição das estruturas iniciadas por *aunque*, são mais frequentes nesse período os casos em que a estrutura introduzida por *aunque* aparece anteposta. Como vemos por meio das ocorrências (204) e (205), anteriormente expressas, a anteposição da estrutura concessiva está relacionada à quebra de expectativa, estratégia argumentativa que marca a relação concessiva estabelecida na camada do Conteúdo Proposicional.

Além disso, na fase antiga, *aunque* introduz principalmente orações, tendo sido encontrada apenas uma ocorrência em que esse juntor encabeça um sintagma adverbial, que é o caso da ocorrência (203), anteriormente apresentada.

As estruturas oracionais introduzidas por *aunque*, em sua maioria, carregam o verbo conjugado nos tempos do presente do subjuntivo ou do pretérito imperfeito do subjuntivo. Essa configuração morfossintática está relacionada principalmente com o fato de as estruturas concessivas apresentarem, em sua maioria, conteúdo não factual, e se referirem, no caso do pretérito imperfeito do subjuntivo, a um evento de referência temporal passada. Vejamos a utilização dessas duas codificações modo-temporais nas ocorrências a seguir:

(207) Et vós, señor conde Lucanor, con estos vuestros vezinos passat assí: con el que avedes tales debdos que en toda guisa quered que sienpre seades amigos et fazedle sienpre buenas obras; et **aunque vos faga algunos enojos**, datles passada et acorredle sienpre al su mester (An.FA.Nr:CORDE)

[E vós, senhor conde Lucanor, com estes vossos vizinhos fazei assim: com aquele que tendes tais dívidas, quereis de toda maneira que sempre sejais amigos e fazei-lhe sempre boas obras; e **ainda que vos faça alguma ofensa**, sede tolerante e socorrei-lhe sempre em sua necessidade]

(208) Et ante que uviassen guarescer, sopo quel entrava el rey de Navarra por la tierra, et mandó a los suyos que endereçassen a lidiar con los navarros. Et todos los suyos dixiéronle que tenían muy cansados los cavallos et aun los cuerpos; et **aunque por esto non lo dexasse**, que lo devía dextar porque él et todos los suyos estaban muy mal feridos, et que esperasse fasta que fuessen guaridos él et ellos. (An.FA.Nr:CORDE)

[E antes que tivessem ajuda, soube que o rei de Navarra entrava por terra, e mandou aos seus que fossem lutar com os navarros. E todos os seus disseram-lhe que estavam muito cansados os cavalos e os corpos; e **mesmo que por isso não o deixasse**, que o deveria deixar porque ele e todos os seus estavam muito feridos, e que esperasse até que fossem socorridos]

Nas duas ocorrências apresentadas, verificamos que o conteúdo expresso pela estrutura concessiva é não factual, aspecto semântico que, morfossintaticamente impulsiona o uso do modo subjuntivo. Em (207), temos uma situação possível de ocorrer em um momento futuro, por isso o verbo *fazer* está no presente do subjuntivo, e, em (208), temos uma possibilidade levantada em um momento passado, por isso o verbo *deixar* está conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Observamos, portanto, que a codificação morfossintática das estruturas introduzidas por *aunque* na fase antiga, tais como a posição e a codificação modo-temporal por elas assumida, está relacionada às propriedades pragmáticas e semânticas que caracterizam o tipo concessivo prototípico dessa fase: as relações concessivo-condicionais.

4.2.2 *Aunque* na fase média

Foram levantadas 150 ocorrências de *aunque* presentes em textos da fase média. Observemos na tabela a seguir os resultados referentes aos tipos de relações concessivas estabelecidos por *aunque* nesse período:

Tabela 11 – Tipo de relação concessiva marcado por *aunque* na fase média

Camada	Freq.	%
Conteúdo Proposicional	116	77,3
Ato Discursivo	30	20
Movimento	4	2,7

Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar pela tabela, ainda predominam nesse período os casos em que *aunque* estabelece uma relação concessiva na camada do Conteúdo Proposicional, porém há um número significativo de relações localizadas na camada do Ato Discursivo. Também nessa fase surgem pela primeira vez ocorrências de *aunque* na camada do Movimento. Esses tipos de ocorrências são apresentados, respectivamente, em (209), (210) e (211):

(209) ¡Juro al Cuerpo de Di[os] y por la amistad que tuve una tenporada con el conde d'Alva de Liste, que yo me folga con tanta devoçione, porque **aunque yo soy christiano** nunca rezé una Ave María! (An.FM.HD:CORDE)

[Juro ao Corpo de Deus e pela amizade que tive uma temporada com o conde d'Alva de Liste que eu me folgo com tanta devoção, porque **embora eu seja cristão**, nunca rezei uma Ave Maria!]

- (210) Y porque de más fablarte, pues no espero verte, no recibas la pasión que de tu muerte recibo, acorto la fabla, **aunque es larga la pena**, faziéndote cierto que pagaré a tu alma lo que a tu cuerpo, tu muerte y mi poca dicha no me dexaron quanto la muerte me dexa. (An.FM.Nr:CORDE)

[E porque de mais falar, não espero te ver, não receba a paixão que da tua morte recebo, encurto a fala, **embora seja grande o pesar**, fazendo-te certo que pagarei à tua alma o que a teu corpo, tua morte e minha pouca sorte não me deixaram quanto a morte me deixa]

- (211) De aquí nació la indignación de Pío Cuarto contra el Cardenal, que le obligó a dejar a Roma y recogerse a su Obispado. No le desamparó don Francisco por eso, antes con mucho contento se determinó de seguirle, queriendo más padecer en compañía de quien tanto amor le mostraba que todas esas otras esperanzas de la Corte, **aunque ya en este tiempo había muerto en Autillo don Jerónimo de Reinoso, su padre, y don Pedro, su hermano mayor, que le ponían en nuevos cuidados, porque le era forzoso acudir al remedio de su casa y familia que notablemente quedaba desamparada y pobre**. (An.FM.HD:CORDE)

[Daqui nasceu a indignação de Pio Quarto contra o Cardeal, que lhe obrigou a deixar Roma e recolher-se em seu Bispado. Não lhe desamparou Dom Francisco por isso, antes com muito contentamento se determinou a seguir-lhe, querendo mais padecer em companhia de quem tanto amor lhe mostrava que todas essas outras esperanças da Corte, **embora já neste tempo tivesse morto em Autilho Dom Jerônimo de Reinoso, seu pai, e Dom Pedro, seu irmão mais velho, que lhe colocavam em novos cuidados, porque lhe era forçoso acudir o remédio de sua casa e família que notavelmente ficava desamparada e pobre.**]

Podemos notar que, nessas três ocorrências, o juntor *aunque* marca distintas relações: em (209) o juntor marca uma quebra de expectativa entre o que se enuncia na estrutura subordinada – ser cristão – e na principal – não fazer as orações próprias dessa religião –, portanto, marca uma relação concessiva da camada do Conteúdo Proposicional. Já em (210), *aunque* marca a função retórica Concessão ao introduzir uma ressalva ao Ato Discursivo anterior, na qual se enfatiza que, embora irá parar de falar, o sentimento de tristeza do autor continua sendo grande. E em (211), o papel de *aunque* é introduzir um novo assunto, isto é, um novo Movimento, que contribui para a progressão da história que estava sendo contada.

Os resultados da análise dos aspectos pragmáticos e semânticos são apresentados na tabela a seguir:

Tabela 12 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de *aunque* na fase média

Nível	Propriedades da estrutura concessiva		Freq.	%
NI	Informatividade da estrutura concessiva	Informação nova	85	56,7
		Informação dada	65	43,3
NR	Factualidade da estrutura concessiva	Factual	105	70
		Não Factual	45	30
	Valor de referência temporal da estrutura concessiva	Passado	87	58
		Presente	38	25,3
		Futuro	25	16,7
	Polaridade do enunciado concessivo	Positiva nas duas estruturas	82	54,7
		Negativa na estrutura principal	49	32,7
		Negativa na estrutura concessiva	16	10,7
		Negativa nas duas estruturas	3	2
	Unidade semântica representada pela estrutura concessiva	Conteúdo Proposicional	137	91,3
		Propriedade	6	4
		Modo	4	2,7
		Episódio	1	0,7
		Tempo	1	0,7
		Quantidade	1	0,7

Fonte: Elaboração própria

Na fase média, as estruturas introduzidas por *aunque* apresentam um novo padrão quanto à factualidade quando comparadas aos resultados obtidos na fase antiga, já que nesse novo período, a maior parte das estruturas concessivas transmite uma informação factual, conforme vemos nas ocorrências a seguir:

- (212) Fué el caso que había más de diez años que don Manuel hablaba una dama de la ciudad, ni la más hermosa, ni la más honesta, y **aunque casada**, no hacía ascos de ningún galanteo porque su marido tenía buena condición (An.FM.Nr:CORDE)
[Foi o caso que havia mais de dez anos que Dom Manuel falava com uma dama da cidade, nem a mais bonita, nem a mais honesta, e **embora casada**, não tinha asco de nenhum galanteio porque seu marido tinha boa condição]
- (213) Don Pedro de Guzmán dio otro memorial en que dezía que, **aunque era hijo tercero de la casa de Medina Sidonia**, que si su boto se tomase, él sería el primero (An.FM.HD:CORDE)
[Dom Pedro de Guzmán deu outro memorial em que dizia que, **embora fosse o terceiro filho da casa de Medina Sidonia**, que se o seu voto fosse tomado, ele seria o primeiro]

Nas ocorrências apresentadas, a estrutura em destaque acrescenta ao enunciado uma informação factual, isto é, assumida pelo falante como verdadeira. Assim, considera-se que, em (212), a mulher era de fato casada, e em (213), que Dom Pedro era verdadeiramente o terceiro filho.

Outra diferença apresentada nessa fase é a ampliação dos tipos de unidades semânticas representadas. Embora ainda predominem os casos em que o juntor acompanha um Conteúdo Proposicional ou uma unidade indicativa de Modo, *aunque* também integra

as unidades semânticas Propriedade, Episódio, Tempo e Quantidade, como vemos, respectivamente, nas ocorrências (214), (215), (216) e (217):

- (214) Y como se vió sin favor humano, quiso valerse de su industria y buscar a quien servir, que es el último remedio que los hombres cuerdos buscan en sus necesidades, **aunque muy trabajoso**. (An.FM.HD:CORDE)

[E como se viu sem favor humano, quis valer-se de sua indústria e buscar a quem servir, que é o último remédio que os homens prudentes buscam em suas necessidades, **embora muito trabalhoso**]

- (215) a historia buelve a contar de cómo la se-renísima reyna de Portugal se partió de Tordesillas para Portugal y Su Magestad dexó mandado que con ella fuese el ylustrísimo duque de Béjar, porque en la verdad le quería bien y le tenía por bueno, **aunque se hallava que este duque, jugando un día con la reyna Germana (en vida del Rei Católico) a la primera y el duque no supiese el juego, tomó consigo a don Pedro de Çúñiga, hermano del conde de Miranda, y la reyna tenía * con quarenta y dos puntos y el duque no tenía nada. Y el duque de Béjar quiso dar caçada a la reyna** (An.FM.HD:CORDE)

[a história volta a contar como a sereníssima rainha de Portugal partiu de Tordesilhas para Portugal e sua majestade deixou mandado que com ela fosse o ilustríssimo duque de Béjar, porque na verdade lhe queria bem e lhe tinha por bom, **embora se conhecia que este duque, jogando um dia com a rainha Germana (na vida do Rei Católico) a primeira e o duque não soubesse o jogo, tomou consigo a dom Pedro de Sunhiga, irmão do conde de Miranda, e a rainha tinha quarenta e dois pontos e o duque não tinha nada. E o duque de Béjar quis perseguir a rainha**]

- (216) E las manos, **aunque tarde**, viendo cómo el cuerpo todo yva a morir, y ellas mismas con él, traen las viandas y manjares en abundancia, pero no le aprovechavan por quanto no las podía tomar ni comer. (An.FM.Nr:CORDE)

[E as mãos, **embora tarde**, vendo como o corpo todo ia morrer, e elas mesmas com ele, trazer a comida e os manjares em abundância, mas não lhe aproveitavam enquanto não as podia tomar nem comer]

- (217) pues unas veces se hallaba ya entre las manos de la muerte, y otras (**aunque pocas**) con más alivio (An.FM.Nr:CORDE)

[pois umas vezes se encontrava já nas mãos da morte, e outras (**embora poucas**) com mais alívio]

Em relação à informatividade, ao valor de referência temporal e à polaridade, não verificamos mudanças entre a fase antiga e a fase média. No que diz respeito à informatividade, continuam sendo mais frequentes as estruturas concessivas que transmitem um conteúdo novo. Já com relação à referência temporal, são mais comuns as ocorrências que fazem menção a um momento passado, seguidas das que se referem a uma situação presente e a uma situação futura. Quanto à polaridade, são mais frequentes as construções com polaridade positiva.

A análise dos aspectos morfossintáticos revela a preferência por uma codificação das estruturas introduzidas por *aunque* que condiz com as alterações semânticas discutidas acima. Vejamos os resultados:

Tabela 13 – Aspectos morfossintáticos na análise de *aunque* na fase média

Nível	Propriedades da estrutura concessiva	Freq.	%
NM	Núcleo predador da estrutura concessiva	Verbo	107
		Adjetivo	30
		Substantivo	9
		Advérbio	3
		Pronome	1
	Posição da estrutura concessiva	Anteposta	96
		Posposta	54
	Codificação morfossintática da estrutura concessiva	Oração	136
		Sintagma adjetival	7
		Sintagma Preposicional	6
		Sintagma adverbial	1
	Codificação modo-temporal das estruturas concessivas	Pretérito Imperfecto de indicativo	38
		Presente de subjuntivo	37
		Presente de indicativo	21
		Pretérito Imperfecto de subjuntivo	19
		Pretérito Indefinido de indicativo	13
		Pretérito Pluscuamperfecto de indicativo	4
		Pretérito Perfecto de indicativo	2
		Pretérito Perfecto de subjuntivo	1

Fonte: Elaboração própria

Conforme os dados da tabela 13, o tipo de núcleo mais comum nas estruturas introduzidas por *aunque* na fase média continua sendo o verbal e a posição predominante dessas estruturas continua sendo a anteposição.

No que diz respeito ao tipo de codificação morfossintática assumido pelas estruturas concessivas, embora a estrutura oracional continue sendo a mais frequente, há aumento e diversificação dos sintagmas introduzidos por *aunque*, além do adverbial, presente na fase anterior. Assim, na fase média, identificamos ocorrências em que *aunque* acompanha um sintagma adjetival e um sintagma preposicional, conforme vemos, respectivamente, nos exemplos a seguir:

- (218) [...] contaré aquí la gentileza que de pura gracia usó con una persona de gran virtud y doctrina, que fué el doctor Córdoba, que a la sazón era Colegial de Santa Cruz de Valladolid, **aunque muy necesitado y pobre** (An.FM.HD:CORDE)
 [contarei aqui a gentileza que de pura graça usou com uma pessoa de grande virtude e doutrina, que foi o doutor Córdoba, que na época era aluno do colégio Santa Cruz de Valladolid, **embora muito necessitado e pobre**].

(219) Oyendo esto, los amigos amonestaron e rogaron al filósofo que lo sacase de su poder e lo diera a la cosa pública a Ysopo. Entonces el filósofo, **aunque no de grado**, ante todo el pueblo, díxole: – ¡Ysopo, sey libre e franco! (An.FM.Nr:CORDE)

[Ouvindo isso, os amigos advertiram e rogaram ao filósofo que o tirasse de seu poder e aplicasse o regime de coisa pública a Isopo. Então o filósofo, **embora não de boa vontade**, diante de todo o povo, disse: – Isopo, seja livre e franco!]

Com respeito à codificação modo-temporal das estruturas concessivas, identificamos outra mudança: 28,1% das ocorrências oracionais apresentam o verbo conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, enquanto o presente do subjuntivo ocupa a segunda posição mais frequente, com 27,4% das ocorrências. De maneira geral, é possível observar um aumento dos casos com verbo no modo indicativo. Essa alteração na codificação morfosintática das estruturas concessivas deve-se ao aumento dos casos factuais introduzidos por *aunque* nessa fase. Vejamos a ocorrência a seguir:

(220) y vila con tanto pesar, y los ojos bañados en agua que, no como ella era hermosa, mas como si verdaderamente estoviera muerta, estava amarilla, perdida la habla, vencida la fuerça; y en tal dispusición la vi que más compasión avía de vella que a Leriano, **aunque estava muerto** (An.FM.Nr:CORDE).

[e a vi com tanto pesar, e os olhos banhados em água que, não como ela era bonita, mas como se verdadeiramente estivesse morta, estava amarela, perdida a fala, vencida a força; e em tal disposição a vi que mais compaixão havia de ver em ela que em Leriano, **embora estivesse morto**.]

Nessa ocorrência, temos uma estrutura concessiva factual, pois se remete a uma informação verdadeira relacionada a um momento passado, propriedades que são morfosintaticamente codificadas pela forma verbal de *estar*, conjugado no pretérito imperfeito do indicativo.

4.2.3 *Aunque* na fase moderna

Levantamos e analisamos 200 ocorrências de *aunque* extraídas dos textos da fase moderna. Observemos a análise do tipo de relação concessiva, cujos resultados são apresentados na tabela a seguir:

Tabela 14 – Tipo de relação concessiva marcado por *aunque* na fase moderna

Camada	Freq.	%
Conteúdo Proposicional	144	72
Ato Discursivo	47	23,5
Movimento	9	4,5

Fonte: Elaboração própria

Também na fase moderna predominam as relações concessivas estabelecidas na camada do Conteúdo Proposicional, como ilustra a ocorrência (221):

- (221) En este, pues, sepulcro de vivientes se oían tristes lamentos; apliqué el oído por si podía entender algo y, **aunque conocí ser persona humana**, no pude entender lo que articulaba su voz (An.FMo.Nr:CORDE).
[Neste, pois, sepulcro de viventes se ouviam tristes lamentos; apliquei o ouvido para ver se poderia entender algo e, **embora tenha reconhecido ser pessoa humana**, não pude entender o que articulava sua voz]

Em (221), o uso conjuncional de *aunque* marca a quebra de expectativa entre a premissa enunciada na estrutura subordinada – reconhecer que é um humano – e a conclusão enunciada na estrutura principal – não conseguir entender o que dizia. Temos, portanto, uma relação concessiva estabelecida na camada do Conteúdo Proposicional.

Também são frequentes nesse período as ocorrências de Ato Discursivo, em que *aunque* estabelece a função retórica Concessão, como vemos em (222):

- (222) y ella, que desde los primeros momentos dio a conocer su desahogada condición, no tardó en franquearse con él en esta forma: "Yo, señor, no soy mujer de naide, **aunque no es por culpa mía**, que bien quise y bien quisieron mis padres darme marido por la Iglesia santísima. (An.FMo.Nr:CORDE)
[e ela, que desde os primeiros momentos deu a conhecer sua desafogada condição, não demorou em franquear-se com ele nesta forma: "Eu, senhor, não sou mulher de ninguém, **embora não seja por culpa minha**, porque bem quis e bem quiseram meus pais dar-me um marido pela Igreja santíssima"]]

Em (222), *aunque* introduz um comentário pessoal do falante que visa ressaltar a afirmação anterior. Ao dizer que não era casada, a enunciadora sente a necessidade de esclarecer que isso não aconteceu porque ela ou sua família quiseram. Essa ressalva busca evitar uma interpretação equivocada de seu interlocutor a partir da informação transmitida no Ato Discursivo anterior.

Com relação à frequência, ocorre um aumento das concessivas de Ato Discursivo e de Movimento quando comparadas às sincronias anteriores. Um caso de *aunque* atuando como marcador da camada do Movimento é representado em (223):

- (223) Es un espectáculo cotidiano. Uno termina antes que el otro, sí, pero con muy pocos minutos de diferencia. Y el que primero termina se marcha antes, acaso para no tener que hablar al otro. Se limitan a decirse: "Buenos días", al llegar y al marchar: sin desabrimiento, sin orgullo. El uno, con la humildad del santo, el otro, con la del pecador, que son iguales humildades. Pero esta mañana, cosa extraña, se han mirado. Han osado mirarse después de comprobar que las lampreas no acuden. Y han

hablado, y han explorado juntos las aguas próximas y las lejanas, y al final de aquella operación conjunta y casi silenciosa, han exclamado al mismo tiempo que el río está vacío y que ya no hay nada que hacer. **Aunque las cosas no sean en realidad tan fáciles, porque si el río se ha vaciado, ¿de qué va a comer la gente? ¿De qué van a alimentar, el uno, su santidad, y el otro, el recuerdo de sus pecados?** (An.FMo.Nr:CORDE)

[É um espetáculo cotidiano. Um termina antes do outro, sim, mas com muitos poucos minutos de diferença. E o que primeiro termina vai embora antes, talvez para não ter que falar com o outro. Se limitam a dizer-se: “Bom dia”, ao chegar e ao sair: sem aspereza, sem orgulho. Um, com a humildade do santo, o outro, com a do pecador, que são igualmente humildes. Mas esta manhã, coisa estranha, se olharam. Ousaram olhar-se depois de comprovar que as lampreias não vinham. E falaram, e exploraram juntos as águas próximas e distantes, e ao final daquela operação conjunção e quase silenciosa, exclamaram ao mesmo tempo que o rio está vazio e que já não há nada a fazer. **Embora as coisas não sejam na realidade tão fáceis, porque se o rio se esvaziou, o que as pessoas vão comer? De que vão alimentar, um sua santidad, e o outro a lembrança de seus pecados?**]

Em (223), *aunque* não mais estabelece uma oposição entre uma premissa e uma conclusão, nem se volta para atenuar um Ato anterior, como ocorre nas camadas inferiores. Nessa ocorrência, o juntor concessivo introduz um novo tópico discursivo, que, no caso, interrompe a narrativa para introduzir uma avaliação do narrador sobre os efeitos negativos da falta de peixes e que não haviam sido considerados pelos personagens.

Os aspectos pragmáticos e semânticos das estruturas concessivas introduzidas por *aunque* nessa fase são avaliados com base nos resultados dispostos na tabela 15:

Tabela 15 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de *aunque* na fase moderna

Nível	Propriedades da estrutura concessiva		Freq.	%	
NI	Informatividade da estrutura concessiva	Informação nova	121	60,5	
		Informação dada	79	39,5	
	Factualidade da estrutura concessiva	Factual	145	72,5	
		Não Factual	55	27,5	
	Valor de referência temporal da estrutura concessiva	Presente	90	45	
		Passado	77	38,5	
		Futuro	33	16,5	
	NR	Polaridade do enunciado concessivo	Positiva nas duas estruturas	114	57
			Negativa na estrutura principal	44	22
			Negativa na estrutura concessiva	38	19
Negativa nas duas estruturas			4	2	
Unidade semântica representada pela estrutura concessiva		Conteúdo Proposicional	160	80	
		Propriedade	16	8	
		Modo	13	6,5	
		Quantidade	5	2,5	
		Indivíduo	2	1	
		Lugar	2	1	
	Episódio	1	0,5		
	Estado-de-Coisas	1	0,5		
Animacidade do referente da estrutura concessiva nominal	Humano	1	50		
	Inanimado	1	50		

Fonte: Elaboração própria

Continuam sendo mais frequentes as ocorrências de *aunque* introduzindo uma informação nova e factual. Em relação à referência temporal, no entanto, tornam-se mais frequentes as ocorrências que tomam o presente por valor de referência temporal, seguidas daquelas que se referem ao passado e ao futuro, respectivamente. Já com relação à polaridade, as construções com polaridade positiva mantêm-se como as mais frequentes. Essas propriedades são encontradas nas ocorrências (224) e (225):

(224) Yo empezaré a enviar los artículos contratados desde el lunes próximo, **aunque ignoro si inmediatamente y sin interrupción los insertarán**; pero ahí lo veréis en El Imparcial (An.FMo.HD:CORDE)

[Eu começarei a enviar os artigos contratados desde a próxima segunda-feira, **embora ignore se serão incluídos imediatamente e sem interrupção**; mas aí o vereis no Imparcial]

(225) Voy a poner la demanda conducente, y si logro la posesión de ellos no hay duda en que vuestro padre entrará gustoso en nuestro casamiento. Si os parece bien este modo de pensar, esperaré la oportunidad que me proporciona esta acaso para no malograr nuestros intentos, y si no, haré lo que me mandéis". Me parece que este medio es el más oportuno, y fiada en vuestras promesas y palabras desde luego convengo en esta demora, **aunque el Cielo sabe las lágrimas que me costará vuestra ausencia** (An.FMo.Nr:CORDE)

[Vou colocar a demanda conducente, e se consigo a posse deles não haverá dúvidas de que vosso pai terá gosto em nosso casamento. Se vos parece bem este modo de pensar, esperarei a oportunidade que me proporciona esta por casualidade para não perder nossos propósitos, e se não, farei o que me mandais. Me parece que este meio é o mais oportuno, e confiando em vossas promessas e palavras certamente concordo com esta demora, **embora o Céu saiba as lágrimas que me custará a vossa ausência**]

As ocorrências ilustram o uso de *aunque* introduzindo um conteúdo novo, factual e que faz referência a uma situação que perdura durante o momento da fala. Podemos observar que as construções concessivas não apresentam partículas negativas e, assim, o contraste estabelecido pela relação de concessão é devido à semântica das estruturas que as compõem.

No que diz respeito à unidade semântica, observamos que as estruturas introduzidas por *aunque* representam preferencialmente Conteúdos Proposicionais. Porém, verificamos nessa fase um novo aumento nos tipos de entidades representadas pela estrutura concessiva. Assim, além dos casos de Conteúdo Proposicional, Episódio, Propriedade, Modo e Quantidade, as estruturas iniciadas pelo jutor representam também Estado-de-Coisas, Indivíduo e Lugar, como vemos, respectivamente, nas ocorrências a seguir:

- (226) Tellagorri también fue muy felicitado por tener un sobrino de tanto valor y audacia. El viejo, muy contento, **aunque haciéndose el indiferente**, decía: – Este sobrino mío va a dar mucho que hablar. (An.FMo.Nr:CORDE)
[Tellagorri também foi muito parabenizado por ter um sobrinho de tanto valor e audácia. O velho, muito contente, **embora fazendo-se de indiferente**, dizia: – Este sobrinho meu vai dar muito o que falar.]
- (227) Quanto peso tenga el motivo de aquél (**aunque sencillo sacerdote**) contra los ministros de la república no es propio de este lugar i tiempo el disputarlo. (An.FMo.HD:CORDE)
[Qualquer que seja o peso que tenha o motivo daquele (**embora simples sacerdote**) contra os ministros da república não é próprio deste lugar e tempo disputá-lo]
- (228) derramaban aún aquellas disciplinas y lecciones sobre mi mente, **aunque lumbre pálida y fría**, era reflejo de un sol vivo, de un sol vivificante, del sol de la ciencia. (An.FMo.HD:CORDE)
[derramavam ainda aquelas disciplinas e lições sobre minha mente, **embora luz pálida e fria**, era reflexo de um sol vivo, de um sol vivificante, do sol da ciência]
- (229) En llegando estas horas se queda dormido donde primero le coge, **aunque sea en el borde de un precipicio...** (An.FMo.Nr:CORDE)
[E chegando estas horas adormece onde primeiro lhe abrigam, **ainda que seja na borda de um precipício...**]

Em (226), a unidade introduzida por *aunque* corresponde a um Estado-de-Coisas, pois *hacer-se de indiferente* é um evento que pode ser localizado no espaço e no tempo. Nas ocorrências (227) e (228), por sua vez, *aunque* acompanha a unidade semântica Indivíduo, sendo que, em (227), *sacerdote* carrega o traço [+ humano]; já em (228), *luz* carrega os traços [- humano; - animado]. Em (229), porém, a unidade semântica introduzida por *aunque* é Lugar, visto que indica um espaço físico *a borda de um precipício*.

Os resultados referentes à análise dos aspectos morfossintáticos estão apresentados na tabela a seguir:

Tabela 16 – Fatores morfossintáticos na análise de *aunque* na fase moderna

Nível	Propriedades da estrutura concessiva	Freq.	%
NM	Núcleo predador da estrutura concessiva	Verbo	136
		Substantivo	33
		Adjetivo	29
		Advérbio	1
		Pronome	1
	Posição da estrutura concessiva	Posposta	105
		Anteposta	95
	Codificação morfosintática da estrutura concessiva	Oração	169
		Sintagma adjetival	15
		Sintagma Preposicional	13
		Sintagma Nominal	2
		Sintagma adverbial	1
	Codificação modo-temporal da estrutura concessiva	Presente de subjuntivo	47
		Presente de indicativo	46
		Pretérito Imperfecto de subjuntivo	23
		Pretérito Imperfecto de indicativo	20
		Pretérito Indefinido de indicativo	18
		Pretérito Perfecto de indicativo	4
		Futuro Imperfecto de indicativo	2
		Pretérito Perfecto de subjuntivo	2
		Pretérito Pluscuamperfecto de indicativo	1
		Futuro de subjuntivo	1

Fonte: Elaboração própria

Nesse período sincrônico, ainda predominam os casos em que *aunque* introduz uma estrutura de núcleo verbal. Porém, uma das mudanças verificadas quanto à forma dessas estruturas está relacionada à posição, visto que a posposição das estruturas concessivas torna-se mais recorrente que a anteposição. Esse fator está relacionado com o aumento das ocorrências de concessão no Nível Interpessoal, que revelam maior independência semântica e pragmática com relação a uma estrutura principal, exercendo, portanto, o papel de adendo a uma estrutura anteriormente apresentada. Associado a esse fator está também o alto número de ocorrências com informação nova, que tendem a aparecer posposta por ser essa a posição que marca o membro com a função rema dentro do enunciado.

Com relação à codificação morfosintática das estruturas introduzidas por *aunque*, também na fase moderna predominam os casos em que esse jutor introduz uma oração. No entanto, verificamos que as codificações modo-temporais predominantes são o presente do subjuntivo e o presente do indicativo, cujo aumento de frequência está relacionado ao valor de referência temporal presente. Vejamos as ocorrências a seguir:

- (230) Creedme, amado Lisandro, siempre estaré con vos, os llamaré, os hablaré y os tendré siempre en mi corazón, **aunque la desgraciada suerte dispone que estéis distante.** (An.FMo.Nr:CORDE)

[Acreditei em mim, amado Lisandro, sempre estarei com vós, vos chamarei, vos falarei e vos terei sempre em meu coração, **embora a desgraçada sorte disponha que estejais distante**]

- (231) No, señora. El verdadero amante teme declararse **aunque se crea correspondido**, porque su mucho amor le representa la imagen que idolatra superior a su mérito (An.FMo.Nr:CORDE)

[Não, senhora. O verdadeiro amante teme declarar-se **mesmo que acredite ser correspondido**, porque seu muito amor lhe representa a imagem que idolatra superior a seu mérito]

- (232) –¡Qué sé yo! No me parece que en este pueblo se haya inventado la pólvora. [...] – Ya ve usted – dijo el extranjero – que, **aunque a usted le parezca este pueblo tan desagradable**, hay gente que le tiene cariño. (An.FMo.Nr:CORDE)

[– O que sei eu! Não me parece que neste povoado haja alguma coisa interessante.

– Veja o senhor – disse o estrangeiro – que, **embora este povoado pareça ao senhor um tanto desagradável**, há gente que tem carinho por ele]

Em (230), a estrutura concessiva iniciada por *aunque* expressa uma informação nova e factual, que se volta para o momento da fala; por isso, morfossintaticamente, ao assumir a forma oracional, tem seu verbo conjugado no presente do indicativo. Em (231), no entanto, temos uma estrutura concessiva que transmite um conteúdo novo e não factual, que toma por referência o presente, por isso o verbo *crer* está conjugado no presente do subjuntivo. Já em (232), embora o verbo *parecer* também esteja conjugado no presente do subjuntivo, a informação transmitida pela estrutura concessiva é factual. O que motiva o uso do subjuntivo nesse último caso é o fato de tal informação ser dada, isto é, no contexto precedente o personagem já havia enunciado que não achava o povoado um lugar interessante.

Outra diferença em relação às outras sincronias é o aparecimento de *aunque* acompanhando sintagmas nominais, conforme vimos nas ocorrências (227) e (228), retomadas aqui em (233) e em (234):

- (233) Quanto peso tenga el motivo de aquél (**aunque sencillo sacerdote**) contra los ministros de la república no es propio de este lugar i tiempo el disputarlo. (An.FMo.HD:CORDE)

[Qualquer que seja o peso que tenha o motivo daquele (**embora simples sacerdote**) contra os ministros da república não é próprio deste lugar e tempo disputá-lo]

- (234) derramaban aún aquellas disciplinas y lecciones sobre mi mente, **aunque lumbre pálida y fría**, era reflejo de un sol vivo, de un sol vivificante, del sol de la ciencia. (An.FMo.HD:CORDE)

[derramavam ainda aquelas disciplinas e lições sobre minha mente, **embora luz pálida e fria**, era reflexo de um sol vivo, de um sol vivificante, do sol da ciência]

Verificamos na fase moderna, portanto, uma ampliação dos tipos de codificação morfossintática assumidos pelas estruturas iniciadas por *aunque* quando comparados aos períodos sincrônicos anteriores.

4.2.4 A evolução diacrônica de *aunque*

Com base nas descrições sincrônicas de *aunque* oferecidas nas seções precedentes, sua evolução na história do espanhol peninsular pode ser observada na comparação dos resultados apurados para cada sincronia, conforme seguem apresentados na tabela 17, a seguir:

Tabela 17 – Propriedades da concessiva introduzida por *aunque* nas diferentes fases do espanhol peninsular

Propriedades da estrutura concessiva / Sincronia			Antiga		Média		Moderna	
			Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Relação concessiva		Conteúdo Proposicional	116	89,9	116	77,3	144	72
		Ato Discursivo	13	10,1	30	20	47	23,5
		Movimento	-	-	4	2,7	9	4,5
NI	Informatividade	Informação nova	81	62,8	85	56,7	121	60,5
		Informação dada	48	37,2	65	43,3	79	39,5
NR	Factualidade	Não Factual	79	61,2	45	30	55	27,5
		Factual	50	38,8	105	70	145	72,5
	Referência temporal	Passado	56	43,4	87	58	77	38,5
		Presente	42	32,6	38	25,3	90	45
		Futuro	31	24	25	16,7	33	16,5
	Polaridade	Positiva nas duas	52	40,3	82	54,7	114	57
		Negativa na estrutura principal	47	36,4	49	32,7	44	22
		Negativa na estrutura concessiva	27	21	16	10,7	38	19
		Negativa nas duas	3	2,3	3	2	4	2
	Unidade semântica representada	Conteúdo Proposicional	128	99,2	137	91,3	160	80
		Episódio	-	-	1	0,7	1	0,5
		Estado-de-Coisas	-	-	-	-	1	0,5
		Indivíduo	-	-	-	-	2	1
		Propriedade	-	-	6	4	16	8
		Lugar	-	-	-	-	2	1
		Tempo	-	-	1	0,7	-	-
		Modo	1	0,8	4	2,7	13	6,5
		Quantidade	-	-	1	0,7	5	2,5
	Animacidade	Humano	-	-	-	-	1	50
		Inanimado	-	-	-	-	1	50
		Animado [-humano; + animado]	-	-	-	-	-	-
NM	Núcleo predicador	Verbo	95	73,6	107	71,3	136	68
		Adjetivo	21	16,3	30	20	29	14,5
		Substantivo	9	7	9	6	33	16,5
		Advérbio	3	2,3	3	2	1	0,5
		Pronome	1	0,8	1	0,7	1	0,5
	Posição	Anteposta	79	61,2	96	64	95	47,5
		Posposta	50	38,8	54	36	105	52,5
	Codificação morfossintática	Oração	128	99,2	136	90,7	169	84,5
		Sintagma adverbial	1	0,8	1	0,7	1	0,5
		Sintagma adjetival	-	-	7	4,7	15	7,5
		Sintagma preposicional	-	-	6	4	13	6,5
		Sintagma nominal	-	-	-	-	2	1
	Codificação modo-temporal	Presente de indicativo	14	10,9	21	15,6	46	28
		Pretérito Perfecto de indicativo	-	-	2	1,5	4	2,4
		Pretérito Imperfecto de indicativo	14	10,9	38	28,1	20	12,2
		Pretérito Indefinido de indicativo	11	8,6	13	9,6	18	11
		Futuro Imperfecto de indicativo	-	-	-	-	2	1,2
		Condicional Simple de indicativo	1	0,8	-	-	-	-
		Pretérito Pluscuamperfecto de indicativo	1	0,8	4	3	1	0,6
		Presente de subjuntivo	44	34,4	37	27,4	47	28,7
		Pretérito Perfecto de subjuntivo	3	2,3	1	0,7	2	1,2
		Pretérito Imperfecto de subjuntivo	40	31,3	19	14,1	23	14
		Futuro de subjuntivo	-	-	-	-	1	0,6

Fonte: Elaboração própria

Cotejando os resultados acima, mudanças que se verificam na estrutura concessiva introduzida por *aunque* nas diferentes sincronias do espanhol peninsular podem ser assim resumidas:

(1) na fase média, é ampliada a atuação das concessivas das camadas do Conteúdo Proposicional e do Ato Discursivo para a camada do Movimento;

(2) no NI, não se verificam alterações no padrão de informatividade da estrutura concessiva, com informação nova sempre prevalecendo sobre informação dada, em todas as sincronias;

(3) no NR, há certa estabilidade dos parâmetros factualidade, referência temporal e polaridade das estruturas concessivas, com alterações apenas em termos de frequência, mas não de padrões emergentes: das fases antiga e média para a fase moderna, usos predominantes de concessivas com referência temporal de passado dão lugar a usos com referência de presente; e da fase antiga para as fases médias e modernas, usos predominantemente não factuais dão lugar a usos predominantemente factuais. Em todas as sincronias prevalece ausência de negação no enunciado concessivo, sendo rara polaridade negativa simultânea nas duas estruturas do enunciado concessivo, embora ela possa ocorrer, em menor frequência ou na estrutura principal ou na estrutura concessiva; ainda no NR, ao longo das três sincronias, observa-se um aumento gradativo no número de tipos de unidade semântica representada pela estrutura concessiva: dois tipos já reconhecidos na fase antiga (Conteúdo Proposicional e Modo) permanecem inalterados até a fase moderna; na fase média, emergem quatro outros tipos (Episódio, Propriedade, Tempo e Quantidade), mas apenas três desses (Episódio, Propriedade e Quantidade) se mantêm no espanhol moderno, fase em que a estrutura concessiva passa a representar maior variedade de tipos de unidade semântica, ao emergirem Estado-de-Coisas e Indivíduos e também a entidade Lugar; assim, aos dois tipos de unidade semântica da fase antiga (Conteúdo Proposicional e Modo), acrescentam-se seis outros (Episódio, Estado-de-Coisas, Indivíduo, Propriedade, Lugar e Quantidade) na fase moderna. Destaque-se que, na fase moderna, a não representação da entidade Tempo não necessariamente é contingência de seu desaparecimento do sistema da língua;

(4) no NM, a mudança relevante que se verifica diz respeito apenas aos padrões de codificação morfossintática da estrutura concessiva, os quais se ampliam gradativamente ao longo das três sincronias: aos dois únicos padrões da fase antiga (oração e sintagma advérbial), acrescentam-se, na fase média, dois outros (sintagma adjetival e preposicional), chegando-se à apuração, na fase moderna, de cinco diferentes padrões, pela possibilidade de codificação também por sintagma nominal. Os demais parâmetros do NR experimentam certa estabilidade de uma sincronia para outra, com algumas diferenças verificadas mais em termos de alteração de frequência do que de emergência de padrões novos: (i) quanto ao núcleo predador da concessiva, sobressaem-se os verbos e, ocasionalmente, adjetivos ou substantivos, sendo raros os casos de advérbio ou pronome; (ii) a posição preferida da

concessiva, nas fases antiga e média é a anteposição, mas na fase moderna, é a posposição; (iii) a codificação modo-temporal é variada, desde a fase antiga; na fase média emergem casos de *pretérito perfecto de indicativo* e desaparecem os de *condicional simple de indicativo*; na fase moderna, surgem casos de *futuro imperfecto de indicativo* e de futuro do subjuntivo; em termos de frequência, enquanto se verifica, na fase antiga, a prevalência dos tempos do presente e do pretérito imperfeito do subjuntivo, na fase média o pretérito imperfeito do subjuntivo dá lugar ao do indicativo, para se alcançar, na fase moderna, usos mais recorrentes dos presentes do indicativo e do subjuntivo. Por fim, deve-se observar que o número de padrões modo-temporais sobe de oito para 10 da fase antiga para a moderna.

Observando-se essas alterações na evolução diacrônica do jutor *aunque*, o primeiro aspecto a ser notado é sua frequência, que aumenta consideravelmente de sincronia para sincronia. Como discutimos ao longo deste trabalho, a alta frequência de uma forma conduz ao processo de generalização de seu uso e de seu significado. No caso de *aunque*, essa generalização pode ser vista a partir da análise do tipo de relação concessiva marcado por esse jutor. Ao longo das três sincronias descritas, predominam os casos em que *aunque* introduz uma relação concessiva estabelecida na camada do Conteúdo Proposicional, pertencente ao Nível Representacional. Nesses usos, o jutor atua como um marcador da função semântica concessiva ao estabelecer uma quebra de expectativa entre uma premissa e uma conclusão afirmada.

Também é possível notar diacronicamente aumento dos casos em que *aunque* estabelece relação entre Atos Discursivos e entre Movimentos, camadas do Nível Interpessoal. Nos casos de Ato Discursivo, o jutor marca a função retórica Concessão; já na camada do Movimento, *aunque* atua como marcador *push* ao iniciar um novo tópico. Ao partir de um uso mais concreto – marcador de função semântica – para um uso abstrato – marcador de função retórica e discursiva –, podemos defender a atuação de um processo metafórico que contribui para tornar o jutor ainda mais gramaticalizado.

A análise diacrônica das propriedades pragmáticas e semânticas das estruturas introduzidas por esse jutor também reforça a tese de sua gramaticalização. Na fase antiga, *aunque* atua principalmente em contextos hipotéticos ao introduzir estruturas de conteúdo não factual voltados para a possível realização de uma ação no passado. Morfossintaticamente, essas estruturas são codificadas em orações com verbo no *presente* do subjuntivo ou no *pretérito imperfecto de subjuntivo*, e antepostas à estrutura principal.

Na fase média, por sua vez, o tipo de estrutura prototipicamente introduzida por *aunque* passa a apresentar outras propriedades: são agora factuais, mas que ainda tomam o

passado como referência temporal. Tais mudanças são refletidas morfossintaticamente, pois, ainda que predominem as estruturas com núcleo verbal e antepostas ao núcleo da estrutura principal, a codificação modo-temporal mais frequente passa a ser o *pretérito imperfecto de indicativo*, seguida pelo presente do subjuntivo.

Comportamento muito similar é encontrado na fase moderna. Nesse período, *aunque* também introduz com mais frequência estruturas factuais, mas agora predomina a referência temporal de presente. Morfossintaticamente, há uma mudança na codificação modo-temporal, que passa a ser predominantemente o presente do subjuntivo e o presente do indicativo. O uso do modo subjuntivo é tanto empregado em contextos não factuais como factuais com informação dada. Além disso, a posição ocupada pela estrutura concessiva se fixa como predominantemente posposta à principal.

Também verificamos, diacronicamente, uma ampliação dos tipos de unidades semânticas representados pelas estruturas concessivas iniciadas por *aunque*. Tal generalização no domínio semântico conduz a novas formas de codificação da estrutura concessiva no domínio morfossintático. Assim, enquanto na fase antiga as estruturas introduzidas por esse jutor representam apenas Conteúdos Proposicionais e Modo, com o passar do tempo elas passam a representar Episódios, Estados-de-Coisas, Propriedades, Indivíduo, Tempo, Lugar e Quantidade. Morfossintaticamente, as estruturas introduzidas por *aunque* na fase antiga são codificadas somente como orações e sintagmas adverbiais. Nos períodos sincrônicos posteriores, observamos *aunque* introduzindo também sintagmas nominais, sintagmas adjetivais e sintagmas preposicionais. Tais mudanças demonstram uma ampliação gradual nos contextos de uso – semânticos e morfossintáticos – de tal jutor.

Logo, a análise diacrônica de *aunque* revela uma escala de abstratização e subjetivização crescente que pode ser compreendida via extensão metafórica, pois tal jutor passa de um uso mais concreto – marcador de função semântica – para usos mais pragmáticos – marcador de função retórica e discursiva –, distanciando-se, portanto, da noção de causalidade. Como reflexo da abstratização de *aunque* há uma maior variedade dos contextos de uso desse jutor em suas fases mais recentes, como podemos notar a partir da análise dos padrões de codificação morfossintática das estruturas concessivas e de codificação modo-temporal, que são ampliados ao longo das sincronias.

Além disso, a alteração do padrão de ordenação predominante nas fases antiga e média para a fase moderna também é um indício de um menor compromisso das relações marcadas por *aunque* com a relação de causa-consequência. Enquanto a noção de

causalidade está fortemente presente nos usos mais concretos e iniciais desse *juntor*, justificando o predomínio da anteposição, com a abstratização dos usos de *aunque* tal noção sofre um apagamento, não havendo, portanto, um compromisso das estruturas relacionadas em manter a ordenação causa-consequência, o que explica o predomínio da posposição das estruturas concessivas iniciadas por esse *juntor* na fase moderna.

4.3 Análise de *a pesar de (que)*

Tendo em vista nossos critérios de seleção para a composição do *cópus*, foram selecionadas para a análise 368 ocorrências de *a pesar de (que)* com valor concessivo. Na tabela 18, vemos a disposição desses dados com relação a cada período sincrônico investigado:

Tabela 18 – Número de ocorrências de *a pesar de (que)* concessivo em cada período sincrônico

Fase antiga	Fase média	Fase moderna
74	130	164

Fonte: Elaboração própria

Notamos que *a pesar de (que)* aumenta sua frequência de sincronia para sincronia. Não foram considerados no levantamento dos dados os casos em que *pesar* é um verbo, com sentido de *determinar o peso*, como em (235), nem os casos em que *pesar* ainda apresenta seu sentido original de *sofrimento, dor, lamento*, como em (236):

(235) corre, llama al platero, que venga **a pesar la plata** y por su dinero.
(Ap.FM.Nr:CORDE)

[corre, chama o prateiro, que venha **pesar a prata** e pelo seu dinheiro]

(236) E traxieron ant'él un ladrón, e mandó-lo enforcar, e dixo-le el ladrón: Señor, lo que yo fize, fize-lo **a pesar de mí**. E dixo-le: Por eso te enforcarán **a pesar de ti**.
(Ap.FA.Nr:CORDE).

[E trouxeram ante ele um ladrão, e mandou enforcá-lo, e disse-lhe o ladrão: Senhor, o que eu fiz, **fiz com pesar**. E disse-lhe: Por isso te enforcarão **para o seu pesar**.]

Visto que o objetivo de nosso trabalho é estudar a gramaticalização dos *juntores* a partir de seu valor concessivo, apresentamos na sequência a análise das ocorrências com *a pesar de (que)* enquanto *juntor* concessivo em cada período sincrônico.

4.3.1 *A pesar de (que)* na fase antiga

As 74 ocorrências levantadas nessa fase estabelecem uma relação concessiva apenas na camada do Conteúdo Proposicional, como vemos em (237) e em (238):

- (237) Ca este fue el primero Rey delos godos que **apesar delos Romanos** fue señor de toda españa (Ap.FA.HD:CORDE)
[Pois este foi o primeiro rei dos godos que **apesar dos romanos** foi senhor de toda Espanha]
- (238) Capitulo. De commo llego el Rey con su yente al castiello del Daron **a pesar de los moros**. (Ap.FA.Nr:CORDE)
[Capítulo de como chegou o rei com sua gente ao Castelo de Daron **apesar dos mouros**]

Como podemos notar pelas ocorrências apresentadas, as estruturas introduzidas por *a pesar de (que)* tem por função introduzir um obstáculo que deveria impedir o acontecimento daquilo que se enuncia na estrutura principal, mas não impede. Assim, esperava-se que os romanos impediriam o rei godo de assumir o trono, bem como os mouros não permitiriam que as pessoas chegassem até o castelo, mas, essas ações acontecem. Logo, a relação estabelecida nesses enunciados é de uma quebra de expectativa, por isso a concessão se estabelece na camada do Conteúdo Proposicional.

Os resultados da análise dos aspectos pragmáticos e semânticos dessas estruturas são apresentados na tabela 19:

Tabela 19 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de *a pesar de (que)* na fase antiga

Nível	Propriedades da estrutura concessiva		Freq.	%
NI	Informatividade da estrutura concessiva	Informação nova	66	89,2
		Informação dada	8	10,8
	Factualidade da estrutura concessiva	Factual	65	87,8
		Não Factual	9	12,2
NR	Valor de referência temporal da estrutura concessiva	Passado	66	89,2
		Futuro	6	8,1
		Presente	2	2,7
	Polaridade do enunciado concessivo	Positiva nas duas estruturas	74	100
	Unidade semântica representada pela estrutura concessiva	Indivíduo	72	97,3
		Quantidade	2	2,7
	Animacidade do referente da estrutura concessiva nominal	Humano	70	97,2
		Inanimado	2	2,8

Fonte: Elaboração própria

Nessa fase, a análise dos fatores informatividade, factualidade e referência temporal demonstram que predominam as estruturas com conteúdo novo, factual e que tomam por referência o passado, sendo que todos os enunciados apresentam polaridade positiva, propriedades essas que podemos ver empregadas nas ocorrências a seguir:

- (239) Los godos fueron aquellos que por fuerça de batalla conquistaron toda Inglaterra e mataron al Rey della, e la tovieron en su poder **a pesar de quantos la defender quisieron**. (Ap.FA.HD:CORDE)

[Os godos foram aqueles que por força de batalha conquistaram toda a Inglaterra e mataram o rei dela, e a tiveram em seu poder **apesar de quantos a quiseram defender**.]

- (240) Et desde ujo el Rey don Alfonso sennor de Castiella & de Leon el que gano Toledo de moros & la poblo de xristianos; el Conde don Remon so yerno que era casado con la Reyna donna hurraca su fija que era finado ouo su conseio de casar esta so fija donna hurraca con este don Alfonso de Aragon el batallero; & este casamiento de su fija fizo el Rey don Alfonso **a pesar de muchos dela so tierra**. (Ap.FA.HD:CORDE)

[E desde que viu o Rei Dom Afonso senhor de Castilha e León o que ganhou Toledo dos mouros e a povooou de cristãos, o conde dom Ramón cujo genro que era casado com a rainha dona Hurraca sua filha era finado, teve seu conselho de casar esta sua filha dona Hurraca com este dom Alfonso de Aragão, o batalhador; e fez este casamento de sua filha com o rei dom Alfonso **apesar de muitos da sua terra**.]

Nas duas ocorrências apresentadas, a estrutura introduzida por *aunque* transmite uma informação nova, visto que não foram expressas nos enunciados precedentes e não fazem parte da informação compartilhada pelos interlocutores. Tal informação também possui a propriedade de ser factual, por se tratar de algo verdadeiro. Além disso, a ideia de oposição não se dá pela presença de partículas negativas no enunciado, mas pela semântica do juntor *a pesar de (que)*.

Quanto à unidade semântica codificada pela estrutura concessiva, podemos observar que *a pesar de (que)* introduz, na grande maioria dos casos, Indivíduos, podendo também acompanhar expressões de Quantidade, como vemos nas ocorrências a seguir:

- (241) Estonçes entraron dentro a priessa. & passaron de la otra parte **a pesar de los turcos** & fueron ferir en ellos & fue alli el torneo muy grant. (Ap.FA.Nr:CORDE)

[Então adentraram com pressa e passaram a outra parte **apesar dos turcos** e foram feri-los e foi ali um torneio muito grande]

- (242) Pues començaron de tirar los engenynos de fuera et de dentro, et dixo en Gizpert de Barbera que el mostrarie a fer vn mantel que yrie sobre ruedas entro al vallado dela villa, **a pesar delos engenynos et ballestas qui eran dentro** (Ap.FA.HD:CORDE)

[Começaram a tirar os engenhos de fora e de dentro, e disse em Gizpert de Barbera que ele mostraria ao fazer uma toalha que iria sobre rodas, entrou aos muros da vila, **apesar dos engenhos e das balistas que estavam dentro**.]

- (243) E el Infante que desamava mortalmente a Tenderus, **a pesar de quantos le ayudavan** fue a él e diole tres golpes con su espada por cima de la cabeça (Ap.FA.HD:CORDE)

[E o infante que odiava mortalmente a Tenderus, **apesar de quantos o ajudavam** foi a ele e lhe deu três golpes com sua espada por cima da cabeça]

Nas duas primeiras ocorrências, as unidades semânticas representadas pela estrutura concessiva são Indivíduos. A análise da animacidade dessas unidades demonstra que os Indivíduos introduzidos por *a pesar de* na fase antiga são predominantemente humanos, como os *turcos*, em (241). O número de Indivíduos com o traço [- humano; - animado] é restrito, sendo um exemplo a ocorrência (242), visto que *engenhos* e *balistas* representam armas de guerra, e, portanto, referem-se a Indivíduos inanimados. Em (243), por sua vez, vemos uma ocorrência em que a estrutura concessiva representa uma unidade semântica de Quantidade, marcada pelo pronome *quantos*.

Os resultados referentes à análise dos aspectos morfossintáticos são apresentados na tabela a seguir:

Tabela 20 – Aspectos morfossintáticos na análise de *a pesar de* na fase antiga

Nível	Propriedades da estrutura concessiva		Freq.	%
NM	Núcleo predador da estrutura concessiva	Substantivo	50	67,6
		Pronome	17	22,9
		Verbo	7	9,5
	Posição da estrutura concessiva	Posposta	54	73
		Anteposta	20	27
	Codificação morfossintática da estrutura concessiva	Sintagma Preposicional	67	90,5
		Oração	7	9,5
	Codificação modo-temporal das estruturas concessivas	Pretérito Imperfecto de subjuntivo	5	71,4
		Pretérito Imperfecto de indicativo	1	14,3
		Pretérito Indefinido de indicativo	1	14,3

Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar pelo resultado da análise, as ocorrências introduzidas por *a pesar de (que)* nessa fase apresentam predominantemente um núcleo não verbal, podendo ser um substantivo ou um pronome. As estruturas que apresentam um núcleo verbal correspondem a apenas 9,4% do total das ocorrências.

(244) Mas ellos touieron se toda uia en uno defendiendo sse fasta que fueron al logar que querien acorrer. E plogo adios que fincaron sus tiendas **a pesar de sus enemigos**. (Ap.FA.Nr:CORDE)

[Mas eles estiveram ainda defendendo-se até que foram ao lugar em que queriam se refugiar. E rogou a Deus que fincaram suas tendas **apesar de seus inimigos**.]

(245) E tan grand será el poder del su lineage d'aquest que en todas las tierras de los otros sus hermanos fincará sus tiendas **a pesar d'ellos** (Ap.FA.HD:CORDE)

[E tão grande será o poder da linhagem daquele que em todas as terras dos seus outros irmãos fincará suas tendas **apesar deles**.]

Em (244), *a pesar de* introduz uma estrutura nominal que tem por núcleo o substantivo *inimigos*; já em (245), o núcleo é o pronome *eles*.

Com relação à posição, notamos que, na fase antiga, predominam as ocorrências em que a estrutura introduzida por *a pesar de* aparece posposta à estrutura principal. Nesses casos, observamos, no entanto, que a posposição não está motivada pela independência da estrutura concessiva, isto é, por seu caráter de adendo ou de comentário *a posteriori*, dada a inexistência de relações concessivas interpessoais nessa fase. De acordo com Rosário (2012), além de marcar a função de adendo, a posposição pode ser empregada também quando a estrutura concessiva está mais restrita ao conteúdo textual expresso pela estrutura anterior, o que faz com que a estrutura concessiva tenha uma noção mais local. Nesses casos, segundo o autor, a estrutura concessiva desempenha um papel figurativo ao trazer uma carga comunicativa menor do que a estrutura a ela anteposta. Consideramos, portanto, que a posposição das estruturas concessiva levantadas nesse período está associada ao caráter ainda restrito da estrutura concessiva e de seu estreito vínculo com o conteúdo transmitido pela estrutura principal.

Considerando a codificação morfossintática das estruturas concessivas dessa fase, notamos que prevalecem os casos de sintagmas preposicionais, isto é, em que o juntor é acompanhado apenas da preposição *de*, formando a locução concessiva *a pesar de*. Nos poucos casos oracionais, a codificação modo-temporal que predomina nessa fase é o pretérito imperfeito do subjuntivo, o que indica que, em geral, essas estruturas apresentam um conteúdo hipotético no passado, conforme vemos pela ocorrência (246):

- (246) Señora, sabed que él ha tomada a Costantinopla, e conquís toda la tierra, e y tomó corona **a pesar de quien pesase**. (Ap.FA.Nr:CORDE)
[Senhora, sabeis que ele tomou Constantinopla, e conquistou toda a terra, e tomou a coroa **apesar de a quem pesasse**].

Nessa ocorrência, a existência de pessoas que poderiam ter sofrido com a tomada da coroa é colocada como uma hipótese. Assim, não se comenta sobre pessoas específicas que poderiam estar infelizes com o novo rei, mas sim que, se essas pessoas existiram, o pesar delas não importou para o rei, que assumiu o trono apesar delas. Nos casos oracionais identificados na fase antiga, vemos a locução concessiva acompanhada por um pronome relativo como *a pesar de quien* e *a pesar de quantos*, vistos nas ocorrências aqui apresentadas. Não são encontrados, por sua vez, casos oracionais introduzidos pela locução *a pesar de que*.

4.3.2 *A pesar de (que)* na fase média

Na fase média, foram encontradas 130 ocorrências de *a pesar de (que)* concessivo. Nessa fase, surge também a primeira ocorrência cuja relação concessiva se localiza na camada do Ato Discursivo, conforme vemos na tabela 21:

Tabela 21 – Tipo de relação concessiva marcado por *a pesar de (que)* na fase média

Camada	Freq.	%
Conteúdo Proposicional	129	99,2
Ato Discursivo	1	0,8

Fonte: Elaboração própria

(247) Aprendió algo tarde a leer y escribir, y sus padres le pusieron al estudio en Salamanca, siendo ya de catorce años; pero esto con tan poca gana suya y tan contra su voluntad cuanto fue posible. Porque su inclinación natural fue otra que letras, por ser de condición altivo, amigo de tratar cosas de armas y de entender en travesuras. Por lo cual duró muy poco en el estudio, y **a pesar de sus padres** se volvió a Medellín, con dos años de gramática mal entendida. (Ap.FM.HD:CORDE)

[Aprendeu um pouco tarde a ler e escrever, e seus pais o puseram a estudar em Salamanca, tendo já catorze anos; mas isso com pouca vontade sua e contra a sua vontade o quanto foi possível. Porque sua inclinação natural era outra ao invés das letras, por ser de condição altivo, amigo de tratar das coisas de armas e de entender de travessuras. Pelo qual ficou muito pouco no estudo, e **apesar de seus pais** voltou à Medellín, com dois anos de gramática mal entendida].

(248) Hacía una sangría por excelencia (o por señoría), * pero había de ser en ayunas, que después de haber bebido (porque él no comía jamás) de cinco picadas apenas acertaba una; y como mi padre le conocía la enfermedad, aplicábale la mañana por remedio. Era tan noble que jamás sacó sangre baja: siempre picaba alto. Cuando sangraba del tobillo a alguna dama, asistía mi padre con una luz, y mi tío traía la sangre más peligrosa, **a pesar de los humores más ocultos**. (Ap.FM.Nr:CORDE)

[Fazia uma sangria por excelência (ou por senhoria), mas tinha que ser em jejum, porque depois de ter bebido (porque ele não comia nunca) de cinco picadas quase não acertava uma; e como o meu pai conhecia sua enfermidade, aplicava-lhe de manhã por remédio. Era tão notável que jamais tirou sangue baixo: sempre furava alto. Quando sangrava o tornozelo de alguma dama, assistia meu pai com uma luz, e meu tio trazia o sangue mais perigoso, **apesar dos humores mais ocultos**].

Observamos que, em (247), a relação concessiva marcada por *a pesar de* estabelece-se na camada do Conteúdo Proposicional, pois a estrutura concessiva representa um obstáculo ineficiente para que uma dada situação ocorra. Assim, os pais representam aquilo que deveria impedir, mas que não impede o retorno do filho à sua cidade. Em (248), por sua vez, notamos que a estrutura iniciada por *a pesar de* não constitui um obstáculo ao que se enuncia anteriormente, mas constitui um comentário pessoal do autor para dizer que, mesmo fazendo um bom trabalho, seu tio apresentava uma personalidade peculiar,

atenuando, assim, a impressão que o leitor poderia ter desse personagem. Logo, em (248), a relação concessiva estabelece-se na camada do Ato Discursivo, no Nível Interpessoal.

Sobre os aspectos pragmáticos e semânticos das estruturas introduzidas por esse juntor, vejamos os dados apresentados na tabela a seguir:

Tabela 22 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de *a pesar de (que)* na fase média

Nível	Propriedades da estrutura concessiva		Freq.	%
NI	Informatividade da estrutura concessiva	Informação nova	96	73,8
		Informação dada	34	26,2
	Factualidade da estrutura concessiva	Factual	127	97,7
		Não Factual	3	2,3
	Valor de referência temporal da estrutura concessiva	Passado	109	83,8
		Presente	13	10
Futuro		8	6,2	
NR	Polaridade do enunciado concessivo	Positiva nas duas estruturas	129	99,2
		Negativa na estrutura principal	1	0,8
	Unidade semântica representada pela estrutura concessiva	Indivíduo	100	76,9
		Propriedade	12	9,2
		Quantidade	9	6,9
		Estado-de-Coisas	6	4,6
		Tempo	2	1,5
		Conteúdo Proposicional	1	0,8
	Animacidade do referente da estrutura concessiva nominal	Humano	86	86
		Inanimado	14	14

Fonte: Elaboração própria

A análise dos fatores informatividade, factualidade, valor de referência temporal e polaridade apresenta resultados semelhantes aos encontrados na fase anterior, visto que continuam predominando na fase média as estruturas concessivas com conteúdo novo, factual e que tomam por referência o passado. Além disso, predominam os enunciados com polaridade positiva, tendo sido identificado apenas uma ocorrência com partícula negativa na estrutura principal.

Com relação à unidade semântica representada pela estrutura concessiva, vemos uma ampliação nas unidades semânticas introduzidas por *a pesar de (que)* quando comparadas ao período sincrônico anterior, em que o juntor concessivo só introduz Indivíduos e expressões de Quantidade. Nessa fase, verificamos que *a pesar de (que)* também introduz Conteúdo Proposicional (249), Estado-de-Coisas (250), Propriedade (251) e unidades de Tempo (252):

(249) Este tal graduado, al cabo de algunos años de recogimiento, se dio a entender que estaba cuerdo y en su entero juicio, y con esta imaginación escribió al arzobispo

suplicándole encarecidamente y con muy concertadas razones le mandase sacar de aquella miseria en que vivía, pues por la misericordia de Dios había ya cobrado el juicio perdido, pero que sus parientes, por gozar de la parte de su hacienda, le tenían allí, y **a pesar de la verdad** querían que fuese loco hasta la muerte. (Ap.FM.Nr:CORDE)

[Este tal graduado, ao final de alguns anos de recolhimento, deu-se a entender que estava lúcido e em seu inteiro juízo, e com esta imaginação escreveu ao arcebispo suplicando-lhe encarecidamente e com muitas razões corretas que lhe mandasse sair daquela miséria em que vivia, pois pela misericórdia de Deus tinha já recuperado o juízo perdido, mas que seus parentes, para gozar da parte de seus bens, o tinham ali, e **apesar da verdade** queriam que fosse louco até a morte.]

- (250) E los Infantes levaron dozientos omes de su linaje e pasaron el puerto de Moncayo (e) mucho adelante de Ruy Velázquez, **a pesar de Nuño Salido, su amo que los avía criado, diziéndoles que si allí pasaban que nunca tornarían a Salas** (Ap.FM.HD:CORDE)

[E os infantes levaram duzentos homens de sua linhagem e passaram o porto de Moncayo muito adiante de Ruy Velázquez, **apesar de Nuño Salido, seu amo que os tinha criado, dizendo-lhes que se ali passavam nunca voltariam a Salas**]

- (251) Mas Dios lo ha tenido y tiene de su mano para que se conserve y guarde y guardará **a pesar de ruynes.** (Ap.FM.HD:CORDE)

[Mas Deus os teve e tem em sua mão para que se conserve e guarde e guardará **apesar de ruins**]

- (252) Tu honor antiguo y tu perdida gloria.

Y **apesar de los días,**

Menospreciando edades, desafias

Los siglos, de quien burlas confiada (Ap.FM.HD:CORDE)

[Tua honra antiga e tua perdida glória/ E **apesar dos dias,**/ Menosprezando idades, desafias/
Os séculos, de quem debochas confiante]

Vemos que, em (249), *a pesar de* introduz um Conteúdo Proposicional de núcleo lexical *verdade*; já em (250), temos a ação de dizer realizada por Nuño Salido enquanto os infantes passavam o porto, que configura um Estado-de-Coisas. Em (251), o juntor introduz a Propriedade *ruins*, enquanto em (252) a configuração de Tempo se dá por *os dias*.

Os aspectos morfossintáticos das estruturas introduzidas por *a pesar de (que)* na fase média estão representados na tabela 23:

Tabela 23 – Aspectos morfossintáticos na análise de *a pesar de (que)* na fase média

Nível	Propriedades da estrutura concessiva		Freq.	%
NM	Núcleo predador da estrutura concessiva	Substantivo	86	66,2
		Pronome	25	19,2
		Verbo	12	9,2
		Adjetivo	7	5,4
	Posição da estrutura concessiva	Posposta	83	63,8
		Anteposta	47	36,2
	Codificação morfossintática da estrutura concessiva	Sintagma Preposicional	118	90,8
		Oração	12	9,2
	Codificação modo-temporal das estruturas concessivas	Pretérito Imperfecto de indicativo	4	44,4
		Pretérito Imperfecto de subjuntivo	2	22,2
		Presente de indicativo	2	22,2
		Pretérito Indefinido de indicativo	1	11,1

Fonte: Elaboração própria

Na fase média, ainda predominam as estruturas que têm por núcleo um substantivo, como em (253). Verificamos, no entanto, uma ampliação dos tipos de núcleo não verbal introduzidos por *a pesar de*, que passa a introduzir estruturas cujo núcleo corresponde a um adjetivo (254), categoria que não aparece no período sincrônico anterior:

(253) Y desde los ovieron enterrado a los dos, la donzella se partió **a pesar de su padre**, llevando consigo dos escuderos (Ap.FM.Nr:CORDE).

[E desde que os tiveram enterrado aos dois, a donzela partiu **apesar de seu pai**, levando consigo dois escudeiros]

(254) Intitulábase en donde quiera que estaba, "el conde don Hernando Bachicao, almirante y capitán general de la mar del Sur". Este soberbioso título se ponía con gran arrogancia, y decía más, que en siendo rey Gonzalo Pizarro se lo había de confirmar todo, y otros más, **a pesar de bellacos**, pues lo merecía muy bien. (Ap.FM.HD:CORDE)

[Intitulava-se onde quer que estava “o conde Dom Hernando Bachicao, almirante e capitão geral do mar do sul”. Este soberbo título se colocava com grande arrogância, e dizia mais, que em sendo rei Gonzalo Pizarro o havia de confirmar tudo, e outros mais, **apesar de velhacos**, pois o merecia muito]

Consideramos que a ampliação nas categorias morfossintáticas de núcleos introduzidos por *a pesar de (que)* está vinculada ao aumento nos tipos de unidades semânticas representadas pelas estruturas iniciadas por esse juntor que acontece nessa fase.

Nas estruturas concessivas com verbo conjugado, notamos que, na fase média, há um uso mais frequente dos tempos verbais do modo indicativo, com predominância das ocorrências no pretérito imperfeito do indicativo:

(255) Don Duardos punó de passar la puerta, mas allí fue la cuita y la priessa, que de tantos golpes le cargaron que lo fizieron arrodillar y él muy fuertemente tuvo su espada en la mano y lo mejor que él pudo se detovo y se tornó a levantar y puso toda su fuerça. Y **a pesar de todos quantos gelo defendían**, entró por las puertas y, como él fue dentro, cessó toda aquella vuelta (Ap.FM.Nr:CORDE)

[Dom Duardos insistiu de passar a porta, mas ali foi a ânsia e a pressa, que de tantos golpes que lhe deram o fizeram ajoelhar e ele muito fortemente teve sua espada na mão e o melhor que ele pode se deteve e voltou a levantar e pôs toda a sua força. E **apesar de todos quantos dele o defendiam**, entrou pelas portas e, com ele dentro, cessou toda aquela disputa]

A predominância dos tempos do indicativo frente aos do subjuntivo, que dominam a fase anterior, está relacionada à transmissão de conteúdos factuais por meio das estruturas concessivas, como podemos ver pela ocorrência apresentada em (255).

Quanto à posição ocupada pelas estruturas concessivas, ainda são mais recorrentes nessa fase os casos em que *a pesar de (que)* introduz uma estrutura concessiva posposta. E com relação ao tipo de codificação morfosintática assumido pelas estruturas concessivas, vemos que o continuam sendo mais frequentes os sintagmas preposicionais, introduzidos pela locução *a pesar de*.

4.3.3 A *a pesar de (que)* na fase moderna

Na fase moderna são encontradas 164 ocorrências de *a pesar de (que)*. Embora ainda prevaleçam as relações concessivas estabelecidas na camada do Conteúdo Proposicional, do Nível Representacional, vemos um aumento nas relações que se estabelecem nas camadas do Nível Interpessoal, conforme revela a tabela 24:

Tabela 24 –Tipo de relação concessiva marcado por *a pesar de (que)* na fase moderna

Camada	Freq.	%
Conteúdo Proposicional	136	82,9
Ato Discursivo	27	16,5
Movimento	1	0,6

Fonte: Elaboração própria

Um caso de relação concessiva na camada do Conteúdo Proposicional é o que oferecemos em (256):

(256) Déjate de extravagancias, no irrites mi furor. No, no lo pienses. He dado mi palabra, y **a pesar del mundo entero** he de cumplirla. (Ap.FMo.Nr:CORDE)

[Deixa-te de extravagâncias, não irrites meu furor. Não, não o penses. Dei minha palavra, e **apesar do mundo inteiro** hei de cumpri-la]

Nessa fase, há um número mais alto de ocorrências com relações concessivas do Nível Interpessoal quando comparadas às fases anteriores. Entre as relações que se estabelecem na camada do Ato Discursivo notamos que, além dos casos em que o Ato introduzido por *a pesar de (que)* exerce a função retórica Concessão com respeito ao Ato Discursivo anterior, como vemos em (257), em duas ocorrências, sendo uma delas representada em (258), *a pesar de* introduz um Ato Discursivo que exerce a função retórica Preparação com relação ao Ato Discursivo posterior:

(257) Pero salgamos de las honduras en que nos hemos metido, y terminemos este artículo, que va siendo ya sobrado largo, afirmando que el libro del señor Taylor es muy agradable de leer, **a pesar de los defectillos que hemos notado** (Ap.FMo.HD:CORDE)

[Mas saíamos das funduras em que nos metemos, e terminemos este artigo, que já está muito longo, afirmando que o livro do senhor Taylor é muito agradável de ler, **apesar dos defeitinhos que notamos**]

(258) Sí, amada Rosalía, éste ha sido mi ánimo; cumpliöse mi deseo como esperaba, y **a pesar de todos los respetos que pudieran detenerme**, os juro ser vuestro esposo (Ap.FMo.Nr:CORDE)

[Sim, amada Rosalía, este foi meu ânimo, cumpriu-se meu desejo como esperava, e **apesar de todos os respetos que me poderiam deter**, te juro ser teu esposo]

Em (257), o Ato Discursivo iniciado por *a pesar de* traz uma ressalva à afirmação de que o livro era muito agradável de ler, pois indica ao leitor que a obra não é perfeita. Já em (258), o Ato Discursivo em destaque não promove uma atenuação do Ato Discursivo anterior, mas se volta para o Ato Discursivo posterior, revelando a estratégia de preparar o ouvinte para o Ato Discursivo a ser enunciado. Nesse caso, o Ato Discursivo iniciado por *a pesar de* contém um obstáculo que poderia impedir a enunciação do Ato Discursivo que segue: a relação socialmente estabelecida de respeito entre uma dama e um cavaleiro da época deveria impedir que o falante realizasse o juramento de vir a ser seu esposo, mas, mesmo reconhecendo essa ruptura com os padrões da época, ele faz a jura de amor. Assim, consideramos que as duas relações se estabelecem na camada do Ato Discursivo, sendo (257) um caso de função retórica Concessão, e (258), um caso de função retórica Preparação.⁴⁶

Na fase moderna surge o primeiro caso de *a pesar de (que)* introduzindo Movimento, apresentado em (259):

⁴⁶ Os casos de função retórica Preparação, como visto no capítulo II, correspondem ao que Parra (2016) denomina Concessivas de Ilocução.

(259) En el año veinte cuando los apuros de la patria eran mucho mayores, que en los años once y doce, en que se fijó el máximun de los sueldos en cuarenta mil reales, las Cortes en lugar de haberle bajado de nuevo, le alzaron a su vista, sin haber tomado en la oposición que conmigo hicieron algunos diputados la menor parte, **a pesar de que él estaba tan penetrado de la necesidad de este máximun, que una de sus primeras órdenes, antes de reunirse las Cortes, fue reducir a él todos los sueldos, sin más excepciones que las contenidas en los decretos que le fijaron.** (Ap.FMo.HD:CORDE)

[No ano vinte quando os apuros da pátria eram muito maiores que nos anos onze e doze em que se fixou o máximo dos salários em quarenta mil reais, as Cortes em lugar de tê-lo abaixado de novo o aumentaram ao seu parecer, sem ter tomado a menor parte na oposição que fizeram comigo alguns deputados, **apesar de que ele estava tão penetrado na necessidade deste máximo que uma de suas primeiras ordens, antes de as Cortes de reunirem, foi reduzir a ele todos os salários, sem mais exceções que as contidas nos decretos que fixaram**]

Nessa ocorrência, observamos que *a pesar de que* introduz um novo tópico discursivo que se opõe a todo o Movimento que vinha sendo desenvolvido anteriormente. Assim, no início, o locutor explica o cenário econômico da época e as mudanças ocorridas até que o tópico em andamento é interrompido para explicar a necessidade de estabelecer um teto para os salários e as medidas tomadas para isso. Em (259), portanto, *a pesar de que* atua na camada do Movimento, a mais alta do Nível Interpessoal.

Com relação aos aspectos pragmáticos e semânticos das ocorrências da fase moderna, observemos a tabela a seguir:

Tabela 25 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de *a pesar de (que)* na fase moderna

Nível	Propriedades da estrutura concessiva		Freq.	%
NI	Informatividade da estrutura concessiva	Informação nova	94	57,3
		Informação dada	70	42,7
NR	Factualidade da estrutura concessiva	Factual	161	98,2
		Não Factual	3	1,8
	Valor de referência temporal da estrutura concessiva	Passado	103	62,8
		Presente	54	32,9
		Futuro	7	4,3
	Polaridade do enunciado concessivo	Positiva nas duas estruturas	133	81,1
		Negativa na estrutura principal	30	18,3
		Negativa na estrutura concessiva	1	0,6
	Unidade semântica representada pela estrutura concessiva	Propriedade	50	30,5
		Estado-de-Coisas	47	28,7
		Indivíduos	30	18,3
		Conteúdo Proposicional	28	17,1
		Modo	5	3
		Quantidade	4	2,4
	Animacidade do referente da estrutura concessiva nominal	Inanimado	18	60
		Humano	11	36,7
		Animado	1	3,3

Fonte: Elaboração própria

A análise dos fatores informatividade, factualidade, valor de referência temporal e polaridade mantém, na fase moderna, os mesmos padrões que observamos ao longo dos demais períodos sincrônicos: são mais frequentes as concessivas com informação nova, factuais, que tomam o passado por referência temporal e que se estruturam em enunciados com polaridade positiva. Tais propriedades são evidenciadas na ocorrência a seguir:

- (260) Bien notaba Rosalía que siempre que la miraba su amo mudaba de color, quería hablarle, se detenía y a veces caían de sus ojos algunas lágrimas, **a pesar de su disimulo**. (Ap.FMo.Nr:CORDE)
 [Bem notava Rosalía que sempre que seu amo a olhava mudava de cor, queria falar com ele, se detinha e às vezes caíam de seus olhos algumas lágrimas, **apesar da sua dissimulação**]

Nessa ocorrência, a estrutura concessiva em destaque apresenta a informação verdadeira de que Rosalía tentava esconder seu choro. Por se tratar de uma narrativa, o valor de referência temporal é passado, e o enunciado concessivo não apresenta marcas de polaridade negativa. Assim, a oposição marcada por *a pesar de* se dá entre o ato de tentar disfarçar as lágrimas, mas ainda ser possível vê-las caindo.

A maior mudança verificada dentre os aspectos semânticos, quando comparamos os resultados da fase moderna com os dos períodos sincrônicos anteriores, é com relação à unidade semântica representada pelas estruturas iniciadas por *a pesar de (que)*. Nessa fase, predominam as Propriedades, seguida dos Estados-de-Coisas, como exemplificam, respectivamente, as ocorrências a seguir:

- (261) Todas sus máximas eran muy opuestas a la virtud de Rosaura, la cual sufría con la mayor humildad todos sus insultos y ultrajes. **A pesar de la modestia y respeto que notaba en su esposa**, fue aumentando sus malos tratamientos de tal modo que ya la aborrecía. (Ap.FMo.Nr:CORDE)
 [Todas as suas máximas eram muito opostas à virtude de Rosaura, a qual sofria com a maior humildade todos seus insultos e ultrajes. **Apesar da modéstia e respeito que notava em sua esposa**, foi aumentando seus maus tratamentos de tal modo que já a aborrecia.]

- (262) Es todo de fuertes bóvedas de las que el arte llama media caña; de suerte que toda la iglesia y capilla, el convento con todos los claustros, escaleras, refectorio, sacristía y demás oficinas son de bóvedas muy hermosas y fuertes de piedra; tanto, que **a pesar de los grandes temblores que aquella ciudad ha padecido, principalmente en los años de 1645 y 1658**, nuestro convento no ha padecido lo que otros. (Ap.FMo.HD:CORDE)
 [É todo de fortes abóbodas das que a arte chama de meia cana; de sorte que toda a igreja e capela, o convento com todos os claustros, escadas, refeitório, sacristia e os demais escritórios são de abóbodas muito bonitas e fortes de pedra; tanto que, **apesar dos grandes**

tremores que aquela cidade padeceu, principalmente nos anos de 1645 e 1658, nosso convento não padeceu o mesmo que os outros.]

A categoria Indivíduo, que ocupa o primeiro lugar em frequência nas fases anteriores, passa a ocupar o terceiro lugar na fase moderna. Além disso, predominam nessa fase não mais os Indivíduos com traço [+ humano], mas os inanimados, isto é, com os traços [- humano; - animado]. E aparece pela primeira vez uma ocorrência com Indivíduo animado com traços [- humano; + animado]. Vemos em (263), (264) e (265) ocorrências com Indivíduos inanimado, humano e animado, respectivamente:

- (263) En la * parte exterior de este salón hay una galería con columnas medio góticas; sobre una de las puertas que * dan entrada a la sala hay otro Tito Livio, que, **a pesar de la inscripción que tiene debaxo**, me pareció una Santa Theresa (Ap.FMo.HD:CORDE)

[E na parte exterior deste salão há uma galeria com colunas meio góticas; sobre uma das portas que dão entrada à sala há outro Tito Livio, que, **apesar da inscrição que tem debaixo**, me pareceu uma Santa Teresa]

- (264) ¿Pero quién enfrenaba a un pensamiento que mordía en el fruto de la ciencia del mal? "¡El cristianismo, al fin, y **a pesar de la Magdalena**, es religión de hombres – se decía Gertrudis (Ap.FMo.Nr:CORDE)

[Quem freava um pensamento que mordia no fruto da ciência do mal? “O cristianismo, ao fim, e **apesar da Madalena**, é religião de homens – se dizia Gertrudis]

- (265) Del divino crisol purificada,
la pureza más pura y más sublime,
la que es del Trino y Uno mancipada,
la que, sin tener culpa, la redime,
debe ser por los siglos celebrada,
a pesar del dragón, que furia esgrime,
que mal puede tocalla mancha alguna
a la pura cual Sol, clara cual Luna. (Ap.FMo.Nr:CORDE)

[Do divino crisol purificada/ a pureza mais pura e mais sublime,/ a que é do Trino e Uno sujeitada,/ a que, sem ter culpa, a redime,/ deve ser pelos séculos celebrada,/ **apesar do dragão**, que fúria esgrime,/ que mal pode tocar-lhe mancha alguma/ ao modo puro como o Sol, clara como a Lua]

Temos, assim, que em (263), o Indivíduo representado pela estrutura concessiva é inanimado – *inscrição* -, enquanto o Indivíduo representado em (264) é humano – *Madalena* – e o Indivíduo representado em (265) é animado, mas não humano – *dragão*.

Na tabela 26, seguem resultados referentes aos parâmetros morfossintáticos.

Tabela 26 – Aspectos morfossintáticos na análise de *a pesar de (que)* na fase moderna

Nível	Propriedades da estrutura concessiva		Freq.	%
NM	Núcleo predador da estrutura concessiva	Substantivo	123	75
		Verbo	19	11,6
		Pronome	16	9,8
		Adjetivo	4	2,4
		Advérbio	2	1,2
	Posição da estrutura concessiva	Anteposta	107	65,2
		Posposta	57	34,8
	Codificação morfossintática da estrutura concessiva	Sintagma Preposicional	141	86
		Oração	23	14
	Codificação modo-temporal das estruturas concessivas	Pretérito Imperfecto de indicativo	9	60
		Presente de indicativo	2	13,3
		Pretérito Indefinido de indicativo	2	13,3
		Pretérito Perfecto de indicativo	1	6,7
		Pretérito Pluscuamperfecto de indicativo	1	6,7

Fonte: Elaboração própria

Na fase moderna, continuam sendo mais frequentes os casos em que o núcleo predicativo da estrutura concessiva é um substantivo, como revelamos nas ocorrências (263), (264) e (265), anteriormente apresentadas, bem como a codificação das estruturas concessivas por meio de sintagmas preposicionais marcados por *a pesar de*. No entanto, nessa sincronia, o uso da locução *a pesar de que* torna-se mais usual para introduzir orações.

Com relação ao modo e tempo verbal adotados nessa fase, é possível notar a consolidação do indicativo como modo a ser utilizado nas estruturas com verbo conjugado, tendo o pretérito imperfeito do indicativo ocupado a posição de tempo mais frequente desde o período sincrônico anterior. O uso desse tempo é ilustrado pela ocorrência (266):

(266) – Aquí estoy tan seguro como en la posada – se dijo –. Allí me tienen en sus manos, y aquí también; luego estoy igual. Durmamos. Veremos lo que se hace mañana.

A pesar de que su imaginación se le insubordinaba, pudo conciliar el sueño y descansar profundamente. (Ap.FMo.Nr:CORDE)

[– Aqui estou tão segura como na pousada – disse a si mesma –. Ali me têm em suas mãos, e aqui também; logo estou igual. Durmamos. Veremos o que se faz amanhã.

Apesar de que sua imaginação lhe insubordinava, pode conciliar o sono e descansar profundamente]

O uso não apenas do pretérito imperfeito do indicativo, como vemos em *insubordinaba*, em (266), mas também dos demais tempos do modo indicativo identificados no corpus está relacionado ao caráter factual das ocorrências levantadas, demonstrando morfossintaticamente, portanto, a predileção da locução *a pesar de que* para acompanhar informações verdadeiras nessa fase.

A posição da estrutura concessiva também é um fator importante para definir as características das ocorrências da fase moderna, visto que em sua grande maioria as estruturas iniciadas por *a pesar de (que)* ocorrem antepostas ao núcleo da estrutura principal, como pudemos observar na ocorrência (266). Nos demais períodos sincrônicos, verificamos o predomínio da posposição relacionada principalmente ao vínculo estrito entre as estruturas que compõem o enunciado concessivo.

A ocorrência que apresentamos em (266) nos revela um caráter mais dissociado entre estrutura concessiva e estrutura principal, mantendo-se entre elas forte vínculo semântico de ruptura causal. A anteposição das estruturas iniciadas por *a pesar de (que)* revela um fortalecimento da noção concessiva transmitida por esse juntor, visto que, ao ocupar a posição inicial do enunciado, a estrutura concessiva exerce o papel argumentativo de antecipar uma possível contra-argumentação de seu interlocutor, trazendo de antemão o elemento que poderia contradizer, mas que não contradiz, aquilo que se expressa na sequência do discurso.

4.3.4 A evolução diacrônica de *a pesar de (que)*

A evolução diacrônica de *a pesar de (que)* pode ser observada no confronto dos resultados apurados nas três sincronias apresentados na tabela 27, a seguir:

Tabela 27 – Propriedades da concessiva introduzida por *a pesar de (que)* nas diferentes fases do espanhol peninsular

Propriedades da estrutura concessiva / Sincronia			Antiga		Média		Moderna	
			Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Relação concessiva		Conteúdo Proposicional	74	100	129	99,2	136	82,9
		Ato Discursivo	-	-	1	0,8	27	16,5
		Movimento	-	-	-	-	1	0,6
NI	Informatividade	Informação nova	66	89,2	96	73,8	94	57,3
		Informação dada	8	10,8	34	26,2	70	42,7
NR	Factualidade	Não Factual	9	12,2	3	2,3	3	1,8
		Factual	65	87,8	127	97,7	161	98,2
	Referência temporal	Passado	66	89,2	109	83,8	103	62,8
		Presente	2	2,7	13	10	54	32,9
		Futuro	6	8,1	8	6,2	7	4,3
	Polaridade	Positiva nas duas	74	100	129	99,2	133	81,1
		Negativa na estrutura principal	-	-	1	0,8	30	18,3
		Negativa na estrutura concessiva	-	-	-	-	1	0,6
		Negativa nas duas	-	-	-	-	-	-
	Unidade semântica representada	Conteúdo Proposicional	-	-	1	0,8	28	17,1
		Episódio	-	-	-	-	-	-
		Estado-de-Coisas	-	-	6	4,6	47	28,7
		Indivíduo	72	97,3	100	76,9	30	18,3
		Propriedade	-	-	12	9,2	50	30,5
		Lugar	-	-	-	-	-	-
		Tempo	-	-	2	1,5	-	-
		Modo	-	-	-	-	5	3
		Quantidade	2	2,7	9	6,9	4	2,4
	Animacidade do referente	Humano	70	97,2	86	86	11	36,7
		Inanimado	2	2,8	14	14	18	60
		Animado [-humano; + animado]					1	3,3
NM	Núcleo predicador	Verbo	7	9,4	12	9,2	19	11,6
		Adjetivo	-	-	7	5,4	4	2,4
		Substantivo	50	67,6	85	65,4	123	75
		Advérbio	-	-	-	-	2	1,2
		Pronome	17	23	25	19,2	16	9,6
		Numeral	-	-	1	0,8	-	-
	Posição	Anteposta	20	27	47	36,2	107	65,2
		Posposta	54	73	83	63,8	57	34,8
	Codificação morfossintática	Oração	7	9,5	12	9,2	23	14
		Sintagma adverbial	-	-	-	-	-	-
		Sintagma adjetival	-	-	-	-	-	-
		Sintagma preposicional	67	90,5	118	90,8	141	86
		Sintagma nominal	-	-	-	-	-	-
	Codificação modo-temporal	Presente de indicativo	-	-	2	22,2	2	13,3
		Pretérito Perfecto de indicativo	-	-	-	-	1	6,7
		Pretérito Imperfecto de indicativo	1	14,3	4	44,4	9	60
		Pretérito Indefinido de indicativo	1	14,3	1	11,1	2	13,3
		Futuro Imperfecto de indicativo	-	-	-	-	-	-
		Condicional Simple de indicativo	-	-	-	-	-	-
		Pretérito Pluscuamperfecto de indicativo	-	-	-	-	1	6,7
		Presente de subjuntivo	-	-	-	-	-	-
		Pretérito Perfecto de subjuntivo	-	-	-	-	-	-
		Pretérito Imperfecto de subjuntivo	5	71,4	2	22,2	-	-
		Futuro de subjuntivo	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria

No cotejo dos resultados da tabela 27, ao longo das três sincronias do espanhol peninsular, podem ser detectados os seguintes indícios mais relevantes de mudança na estrutura concessiva introduzida por *a pesar de (que)*:

- (1) emergência gradativa das camadas em que atua, da fase antiga até a moderna, obedecendo-se a seguinte trajetória: Conteúdo Proposicional > Ato Discursivo > Movimento;
- (2) no NI, também não se verifica alterações no padrão de informatividade da estrutura concessiva, com informação nova sempre prevalecendo sobre informação dada, em todas as sincronias;
- (3) no NR, ao longo das três sincronias, são estáveis os padrões definidos pelos parâmetros de factuality e referência temporal das estruturas concessivas, que codificam predominantemente informação factual e referência temporal sempre com valor de passado;
- (4) ainda no NR, há indícios de mudança no padrão de polaridade, na unidade semântica representada pela estrutura concessiva e na animacidade de referentes nominais: (i) embora prevaleça nas três sincronias polaridade positiva nas estruturas do enunciado, operador de negação emerge primeiramente na estrutura principal durante a fase média e, na estrutura concessiva, somente na fase moderna; em nenhuma sincronia há presença de negação nas duas estruturas do enunciado; (ii) quanto às unidades semânticas possíveis de serem representadas pela estrutura concessiva, observa-se, a partir da fase média, um aumento considerável de tipos: na fase antiga, representa somente unidades de níveis mais baixos, com Indivíduo prevalecendo sobre Quantidade; na fase moderna emergem Conteúdo Proposicional e Estado-de-Coisas, de níveis mais altos da hierarquia, e Propriedade e Tempo, dos níveis mais baixos, com a prevalência da entidade Indivíduo sobre as demais; na fase moderna, o quadro de unidades representadas permanece quase inalterado, com diferenças apenas em termos de frequência, quando ganham preferência Estado-de-Coisas e Propriedade às expensas dos demais tipos (Conteúdo Proposicional, Indivíduo, Modo e Quantidade); (iii) a animacidade do referente nominal presente na concessiva torna-se mais abstrata na medida em que, na fase antiga, referentes humanos prevalecem somente sobre inanimados, e na fase moderna, inanimados prevalecem sobre humanos e animados;
- (5) no NM, a mudança diz respeito apenas ao núcleo predicador e à codificação modo-temporal da concessiva; padrões relativos à posição e à codificação morfossintática da concessiva alteram-se somente em termos de frequência de uso: (i) apesar de, nas três sincronias, o núcleo predicador ser preferentemente codificado por substantivo, outras categorias emergem da fase antiga para a moderna (adjetivos, advérbios e pronome); (ii) a prevalência do pretérito imperfeito do subjuntivo, na fase antiga, cede lugar ao pretérito imperfeito do indicativo, na fase moderna, ampliando, ao longo do tempo, as formas de codificação modo-temporal.

Correlacionando as mudanças nas propriedades das estruturas iniciadas por *a pesar de (que)* acima observadas, constatamos a preferência por introduzir informações novas e factuais, que, morfossintaticamente assumem, com maior preferência, a forma de sintagma preposicional de núcleo substantivo. Embora essa seja a configuração prototípica das ocorrências levantadas, ao longo dos períodos sincrônicos, observamos uma constante abstratização do uso de *a pesar de (que)*, acompanhado de modificações na forma assumida pelas estruturas concessivas que inicia.

O principal aspecto de mudança na diacronia de *a pesar de (que)* é a gradual abstratização dos elementos que, acompanhados desse jutor, formam a estrutura concessiva. Advindo de um sentido lexical, o jutor *a pesar de (que)*, em sua fase inicial como locução concessiva, tende a acompanhar principalmente Indivíduos marcados pelo traço [+ humano], propriedade essa que mantém uma herança com o sentido original da expressão de indicar o sofrimento de alguém. Em termos funcionais, a relação concessiva expressa por esse jutor durante toda a fase antiga e, predominantemente nas demais, localiza-se na camada do Conteúdo Proposicional, no Nível Representacional.

Com o passar do tempo, as unidades semânticas iniciadas por *a pesar de (que)* são ampliadas de modo que, na fase moderna, passam a predominar unidades mais abstratas que a de Indivíduo, como Propriedades e Estados-de-Coisas, que, em termos de GDF, representam uma ampliação de escopo por corresponderem a camadas mais altas na hierarquia do modelo.

Embora as ocorrências representativas de Indivíduos continuem sendo comuns nas últimas fases, os traços semânticos dessas entidades passam também do [+ humano] para o [- humano; - animado], tendo em vista que na fase moderna predominam os casos em que *a pesar de (que)* acompanha Indivíduos inanimados. Esse cenário de ampliação de unidades semânticas está associado ao enriquecimento pragmático de *a pesar de (que)*, que, em termos funcionais, passa a estabelecer relações concessivas interpessoais, sendo o primeiro caso de relação concessiva na camada do Ato Discursivo observado na fase média, e o aparecimento da relação concessiva na camada do Movimento, na fase moderna. Nesse processo de abstratização, generalização e pragmatização, vale ressaltar a importância do constante aumento de frequência sofrido pelo jutor ao longo do tempo.

Em termos morfossintáticos, observamos que o jutor se fixa como sendo utilizado predominantemente em estruturas sintagmáticas de núcleo não verbal. No entanto, um importante aspecto da gramaticalização de *a pesar de (que)* pode ser notado quando observamos as estruturas com verbo conjugado. Na fase antiga, a maioria dos verbos é

conjugada nos tempos do subjuntivo. Ao observarmos as ocorrências encontradas, verificamos que esse modo é utilizado principalmente para a codificação de informações não factuais. Já nas fases seguintes, notamos um maior uso do modo indicativo, utilizado unicamente na expressão de conteúdos factuais, até o ponto de ser o único empregado na fase moderna. Assim, vemos que, como *aunque, a pesar de (que)* em contextos oracionais passa de um uso concessivo-condicional até o uso prototipicamente concessivo.

A expansão de domínios sofrida por *a pesar de (que)* pode, por fim, ser percebida pela mudança na posição típica das estruturas introduzidas por esse juntor. Como dito anteriormente, nos seus usos iniciais, *a pesar de (que)* veicula um sentido concessivo ainda muito restrito a um contexto prévio e, por isso, as estruturas por ele introduzidas tendem a ocorrer em posição posposta à estrutura principal. Com o passar do tempo, a partir da convencionalização do valor concessivo de *a pesar de (que)*, as estruturas concessivas por ele iniciadas passam a atuar argumentativamente na antecipação de objeções e na condução de premissas capazes de gerar uma ruptura do raciocínio lógico vigente, aparecendo, portanto, antepostas à conclusão não esperada.

4.4 Análise de *por mucho (que)*

O corpus aqui analisado é formado por 300 ocorrências concessivas de *por mucho (que)*. Esse total está distribuído pelos períodos sincrônicos conforme revela a tabela 28:

Tabela 28 – Número de ocorrências de *por mucho (que)* concessivo em cada período sincrônico

Fase antiga	Fase média	Fase moderna
46	138	116

Fonte: Elaboração própria

Podemos notar que há um aumento no número de ocorrências do juntor entre a fase antiga e a fase média. No entanto, a quantidade de ocorrências encontradas no banco de dados utilizado é menor na fase moderna do que na fase média. Esse resultado justifica-se pelo baixo número de ocorrências de *por mucho (que)* nos dois primeiros séculos da fase moderna: no período de 1650 a 1699 como no de 1700 a 1799 foram encontrados apenas 8 casos de *por mucho (que)* concessivo.⁴⁷

Não são contemplados nesse levantamento os casos em que *por mucho* expressa valor quantitativo, como vemos em (267) e em (268):

⁴⁷ Atribuímos o baixo número de ocorrências de *por mucho (que)* no início da fase moderna às propriedades do corpus adotado, que pode estar composto por poucos textos desse período.

- (267) Por lo demás, Madrid, una vez reconquistado, ha seguido teniendo **por mucho tiempo** los dos nombres de antes: Mayrit, como propio de la población mudéjar; y Matrit o Madrit, de la mozárabe. (Pm.FMo.HD:CORDE)
[Ademais, Madri, uma vez reconquistada, continuou tendo **por muito tempo** os dois nomes de antes: Mayrit, como próprio da população mudéjar, e Matrit ou Madrit, do moçárabe.]
- (268) Podrán no construir -construyen, a la vista está-, desaparecer regímenes -no desaparece-, pero España desde que hay vacaciones pagadas tiene agarrada a Europa por el estómago y no la soltará ni ésta querrá librarse. Único país (tal vez con Bélgica) donde todavía -de nuevo- se come como hace más de medio siglo platos hechos de verdad, no para paladearse sino para eructar; sólo en el sur de Francia, pero allí en cantidades menores y **por mucho más dinero**. (Pm.FMo.HD:CORDE)
[Poderão não construir – constroem, à vista está -, desaparecer regimes – não desaparece -, mas a Espanha desde que há férias pagas tem a Europa agarrada pelo estômago e não a soltará nem esta quererá livrar-se. Único país (talvez com a Bélgica) onde ainda – de novo – se come aproximadamente a mais de meio século pratos feitos de verdade, não para saborear-se, mas sim para arrotar; só no sul da França, mas ali em quantidades menores e **por muito mais dinheiro**.]

Nessas ocorrências, *mucho* quantifica os substantivos *tiempo* (*tempo*) e *dinero* (*dinheiro*), que atuam como núcleo da estrutura introduzida pela preposição *por*. A análise que apresentamos na sequência se centra nas ocorrências em que *por mucho* (*que*) já atua como juntor concessivo.

4.4.1 *Por mucho* (*que*) na fase antiga

As 46 ocorrências de *por mucho* (*que*) identificadas na fase antiga mostram o juntor atuando no Nível Representacional como um marcador da função semântica concessiva, estabelecida na camada do Conteúdo Proposicional, como vemos a seguir:

- (269) El rey, que fincava en el baño non sabiendo desto ninguna cosa, quando entendió que era tiempo para salir del baño, llamó a aquellos camareros et aquellos que estavan con él. Et **por mucho que los llamó**, non respondió ninguno dellos, que eran ydos todos, cuydando que yvan con el rey. (Pm.FA.Nr:CORDE)
[O rei, que ficava no banho sem saber nada disto, quando entendeu que era tempo de sair do banho, chamou aqueles criados e aqueles que estavam com ele. E **por mais que os chamou**, nenhum deles respondeu, porque se haviam ido todos, acreditando que iam com o rei.]
- (270) E como su hermano de Enrique vio que Almediar lo matara, tomó una lança a un cavallero que estava cerca dél, e púsola so el braço, e diole de travieso tan grande golpe que luego cayó con tres palmos de asta metidos por el cuerpo. E Abín, su hermano, que lo vio dexóse ir a su hermano de Enrique, e travó dél que **por mucho que fizo** nunca dél se pudo escabullir, e diole con la punta del espada tantos golpes por la cara que lo mató, e cayó luego en tierra. (Pm.FA.HD:CORDE)

[E como o irmão de Enrique viu que Almediar o matara, tomou a lança de um cavaleiro que estava perto dele e colocou-a debaixo de seu braço, e deu-lhe de atravessado tão grande golpe que logo caiu com três palmos da lança metidos pelo corpo. E Abín, seu irmão, que o viu, deixou-se ir ao irmão de Enrique, e lutou com ele que **por mais que fez** nunca dele se pode escapar, e deu-lhe com a ponta da espada tantos golpes na cara que o matou e caiu logo em terra.]

Nessas ocorrências, embora o uso de *mucho* reitere a frequência dos eventos *chamar*, em (269), e *fazer*, em (270), o sentido da estrutura introduzida pelo juntor é concessivo, tendo em vista a ruptura de expectativa que se estabelece entre chamar muito e não ser ouvido, bem como entre fazer muito e não conseguir escapar. Visto que a relação concessiva presente nesses enunciados se caracteriza por uma quebra semântica, a função concessiva marcada por *por mucho que* se localiza na camada do Conteúdo Proposicional, no Nível Representacional.

Os resultados quanto à análise dos aspectos pragmáticos e semânticos dessas ocorrências são apresentados na tabela 29:

Tabela 29 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de *por mucho (que)* de na fase antiga

Nível	Propriedades da estrutura concessiva		Freq.	%
NI	Informatividade da estrutura concessiva	Informação nova	30	65,2
		Informação dada	16	34,8
NR	Factualidade da estrutura concessiva	Não Factual	27	58,7
		Factual	19	41,3
	Valor de referência temporal da estrutura concessiva	Passado	20	43,5
		Presente	15	32,6
		Futuro	11	23,9
	Polaridade do enunciado concessivo	Negativa na estrutura principal	30	65,2
		Positiva nas duas estruturas	15	32,6
		Negativa nas duas estruturas	1	2,2
	Unidade semântica representada pela estrutura concessiva	Conteúdo Proposicional	40	87
		Propriedade	4	8,7
		Estado-de-Coisas	2	4,3

Fonte: Elaboração própria

Os dados pertencentes a essa fase apresentam como propriedade característica o fato de apresentarem uma informação nova e de caráter não factual, como vemos a seguir:

(271) E assí no pueden perder la costumbre que usaron dende su niñez, assí como la olla, que tarde o nunca puede perder el sabor que toma quando nueva, **por mucho que la laven**. (Pm.FA.Nr:CORDE)

[E assim não podem perder o costume que usaram desde a sua infância, assim como a panela que tarde ou nunca pode perder o sabor que toma quando nova, **por mais que a lavem**].

Nessa ocorrência, a estrutura em destaque tem um conteúdo novo e não factual, visto que o ato de lavar muitas vezes a panela pode vir a acontecer ou não, mas independentemente de qual seja a ação que se concretize, ela não altera o sabor da panela.

As ocorrências analisadas também adotam o passado como principal referência temporal e representam, em termos semânticos, Conteúdos Proposicionais, como vemos em (272). No entanto, também são encontrados casos em que a estrutura iniciada por *por mucho (que)* representa Propriedade (273) e Estado-de-Coisas (274):

(272) E prueba lo que dize por evidente razón, diziéndoles cuál era la desventura de aquel caimiento, que non solamente el terreno adjutorio les era fallescido, mas aun el divino; que **por mucho que invocavan sus dioses e los sacerdotes con extrema devoçión recorrían a fazer oración e sacrificios, arrebatados en sus templos, non** avían respuestas consolativas nin les recudían con ayuda ho defensión conosco. (Pm.FA.Nr:CORDE)

[E prova o que diz por evidente razão, dizendo-lhes qual era a desventura daquele desânimo, que não somente em terreno auxílio lhes era acabado, mas ainda no divino; que **por mais que invocavam seus deuses e os sacerdotes com extrema devoção recorriam a fazer orações e sacrificios, arrebatados nos templos, não** havia respostas consolativas nem lhes acudiam com ajuda ou defesa conhecida.]

(273) Aun otra rrazón te do con que amar non te consejo, por quanto toda sabiesa su ofício pierde, sy a desonesto amor se diere el letrado o sabidor; por quanto, **por mucho que sea sabio el onbre, e letrado**, sy en tal aucto de amar e luxuria se pusyere, non sabe de allý adelante tener en sý tenprança alguna, nin aun los auctos de la luxuria en sý rrefrenar. (Pm.FA.Nr:CORDE)

[Ainda outra razão te dou com que não te aconselho amar, porque toda a inteligência perde seu ofício, se a desonesto amor se der o letrado e sábio; porque, **por mais que seja sábio o homem, e letrado**, se em tal ato de amar e luxuria se puser, não sabe dali em diante ter em si temperança alguma, nem ainda os atos da luxúria refrear em si.]

(274) Como la lluvia non puede fazer nacer en la piedra, assí el nescio non se aprovecha **por mucho aprender**. (Pm.FA.Nr:CORDE)

[Como a chuva não pode fazer nascer na pedra, assim o néscio não se aproveita **por mais que aprenda**.]

Na ocorrência apresentada em (272), o tempo de referência é passado e a estrutura introduzida por *por mucho que* retoma um aspecto do conhecimento, isto é, um fato passível de ser analisado como verdadeiro ou falso, por isso representa um Conteúdo Proposicional. Já em (273), a estrutura concessiva representa uma Propriedade – *sábio e letrado* –, enquanto em (274), um Estado-de-Coisas: *aprender*.

Diferentemente do que observamos nas análises de *aunque* e de *a pesar de (que)*, é frequente o uso de elemento negativo na estrutura principal dos enunciados relacionados por *por mucho (que)*, como atesta a presença de *non* e *nin* em (272).

Quanto aos aspectos morfossintáticos das estruturas introduzidas por *por mucho (que)*, guiaremos nossa descrição tendo por base os seguintes resultados:

Tabela 30 – Aspectos morfossintáticos na análise de *por mucho (que)* na fase antiga

Nível	Propriedades das estruturas concessivas		Freq.	%
NM	Núcleo predador da estrutura concessiva	Verbo	38	82,6
		Adjetivo	5	10,9
		Substantivo	3	6,5
	Posição da estrutura concessiva	Anteposta	30	65,2
		Posposta	16	34,8
	Codificação morfossintática da estrutura concessiva	Oração	42	91,3
		Sintagma Nominal	3	6,5
		Sintagma Adjetival	1	2,2
	Codificação modo-temporal das estruturas concessivas	Presente de subjuntivo	21	51,2
		Pretérito Indefinido de indicativo	10	24,4
		Pretérito Imperfecto de subjuntivo	7	17,1
		Pretérito Imperfecto de indicativo	2	4,9
		Presente de indicativo	1	2,4

Fonte: Elaboração própria

Morfossintaticamente, *por mucho (que)* acompanha principalmente núcleos verbais, como vemos em (275), embora também possa acompanhar estruturas que tenham por núcleo um substantivo ou um adjetivo, como vemos em (276) e em (277), respectivamente:

- (275) E como en los ombres de grandes fechos e de gran sangre así como vós sodes se fallan todos los bienes que ombre puede pensar, e que nunca cansan en lo continuar e levar adelante, antes se cuidan que **por mucho que fagan** no se tienen por contentos dello (Pm.FA.HD:CORDE)

[E como nos homens de grandes feitos e de grande sangue assim como vós sois se encontram todos os bens que um homem pode pensar, e que nunca cansam em o continuar e levar adiante, antes se cuidam que **por mais que façam** não se têm por contentes disso]

- (276) E otro día vino el rey a le conocer que era verdad que fisiera aquella carta, e rogóle mucho afincadamente e pidióle por merced que, pues él ge lo conocía, que le dixese quién ge lo dixerá o cómo lo sopiera; e desto la afincó mucho, mas la reyna nunca ge lo quiso desir **por mucho afincamiento que el rey le fiso**. (Pm.FA.HD:CORDE)

[E outro dia veio o rei a saber que era verdade que fizera aquela carta, e rogou-lhe muito insistentemente e pediu-lhe por favor que, visto que ele o conhecia, que lhe dissesse quem o dissera e como o soubera; e disto insistiu muito com ela, mas a rainha nunca lhe quis dizer isso **por mais que o rei insistisse**]

- (277) E ya llama de fuego non es al mundo tan ardiente como es el ardor e la grand cobdicia de mi vengança. Non es río nin aguas corrientes al mundo por adesora, ni mar por mucho que sea afortunada, ni viento **por mucho que sea fuerte** (Pm.FA.HD:CORDE)

[E já a chama de fogo não é ao mundo tão ardente como é o ardor e a grande cobiça da minha vingança. Não é o rio nem as águas correntes ao mundo por agora (?), nem mar por muito que seja afortunado, nem vento **por mais que seja forte**]

As estruturas introduzidas por *por mucho (que)* assumem com mais frequência a forma oracional, tendo, na maioria dos casos analisados, o verbo conjugado no presente do subjuntivo, como vemos representado pelas ocorrências (275) e (277), mostradas anteriormente. O uso desse tempo verbal está associado principalmente à transmissão de conteúdos não factuais, bastante recorrentes nessa fase.

Além de orações, encontramos também sintagmas nominais e adjetivais, introduzidos pelo juntor *por mucho*, como vemos respectivamente em (278) e em (279):

- (278) Bien es verdad quel enemigo de Dios, diablo Sathanás, muy dulçes cosas promete a los que de gusto * careçen por seguir su apetito e propia voluntad, consejando: Faz, que Dios es piadoso, que perdona: asaz te cunple, **por mucho mal que fagas**; arrepentimiento a la fin, e serás salvo. (Pm.FA.Nr:CORDE)

[Bem é verdade que o inimigo de Deus, o diabo Satanás, coisas muito doces promete aos que de gosto carecem para seguir seu apetite e vontade própria, aconselhando: Faça, que Deus é piedoso, que perdoa: muito te basta, **por mais mal que faça**, arrependimento no fim, e será salvo.]

- (279) E do la tal sequedad se causa, conviene rremediar de contrario para su curación, pues los contrarios con contrarios son de curar -como dize Aristóteles-, conviene, pues, beber e rremojar por apagar el tal fuego con cosas frías, muchas veses beviendo; aunque cosas ay de sy que, aunque sean al aspecto frías, pero son mucho calyentes, como el vino, **por mucho frío que lo bevas**, sy puro e muchas veses sea bevido, como él de sy se caliente, quema los fígados e altera la persona, e tanto lo calyenta que apenas sentyrá frío. (Pm.FA.Nr:CORDE)

[E onde a tal secura se causa, convém remediar de contrário para a sua cura, pois os contrários com contrários são de curar – como diz Aristóteles –, convém, pois, beber e molhar para apagar o tal fogo com coisas frias, muitas vezes bebendo; embora haja coisas que, embora sejam de aspecto frio, são muito quentes, como o vinho, **por mais frio que o beba**, se puro e muitas vezes seja bebido, como ele de si se esquite, queima os fígados e altera a pessoa, e tanto o esquenta que quase não sentirá frio.]

Quanto à posição, predomina a anteposição da estrutura concessiva, o que demonstra que tais unidades atuam principalmente na antecipação de argumentos que poderiam servir como obstáculos ao que se enuncia na estrutura principal, como em (280):

- (280) Y tú, que has libertat para tornarte, no quieras ser assente de mí; ca mi padre Yrcario me costringe a partirme del viudo lecho, y maldize continuada-mente tus luengas tardanças; y **por mucho que él me maltrae**, conviene que sea dicha tuya, y dicha tuya en manera que yo, Penelope, siempre seré muger de Ulixes. (Pm.FA.Nr:CORDE)

[E você, que tem liberdade para regressar-te, não queira ser ausente de mim; porque meu pai Icário me obriga a partir-me do viúvo leito, e maldiz continuamente suas longas demoras;

e **por mais que ele me maltrate**, convém que seja dita sua, e dita sua de modo que eu, Penélope, sempre serei mulher de Ulisses.]

Nessa ocorrência, a estrutura concessiva em destaque introduz a ideia de que o pai de Penélope a maltrata, razão que a poderia levar a acatar suas ordens de se casar novamente. No entanto, esse fato é incapaz de fazer Penélope mudar de opinião. Logo, ao introduzir primeiramente o argumento que poderia justificar um novo casamento de Penélope, o autor nega essa premissa como suficiente para levar a personagem a aceitar um novo marido.

4.4.2 *Por mucho (que)* na fase média

Na fase média, *por mucho (que)* opera tanto na camada do Conteúdo Proposicional, do Nível Representacional, como na camada do Ato Discursivo, do Nível Interpessoal, como vemos a seguir:

Tabela 31 – Tipo de relação concessiva marcada por *por mucho (que)* na fase média

Camada	Freq.	%
Conteúdo Proposicional	137	99,3
Ato Discursivo	1	0,7

Fonte: Elaboração própria

Na fase média, predominam ainda as relações concessivas representacionais, como vemos em (281), mas surge pela primeira vez um caso de função retórica Concessão marcado por *por mucho (que)*, representado em (282):

(281) Y quando le vido tan flaco y tan desfigurado, **por mucho que quiso** no pudo tener las lágrimas, antes lloró muy amargamente antes que nada le dixiese. (Pm.FM.Nr:CORDE)

[E quando lhe viu tão fraco e tão desfigurado, **por mais que quis** não pode conter as lágrimas, antes chorou muito amargamente antes que nada lhe dissesse.]

(282) Yo conozco, Señor excm.º, que no merezco que mis dichas permanezcan, pues menos merecidas de mí, no las agrauia mi fortuna; mas ¿cómo puedo dexas de sentir, **por mucho que no la tema**, las memorias de aquellos tiempos en que Vex.^a no caminaua ni aun a Alcalá sin Lope? (Pm.FM.HD:CORDE)

[Eu sei, senhor Exmo., que não mereço que minhas felicidades permaneçam, pois menos merecidas de mim, não as agrava minha sorte; mas como posso deixar de sentir, **por mais que não a tema**, as memórias de aqueles tempos em que V.Ex.^a não caminhava nem mesmo a Alcalá sem Lope?]

Enquanto em (281) há uma quebra de expectativa lógica entre o querer e mesmo assim não conseguir conter o choro; em (282), a estrutura introduzida por *por mucho que* insere um comentário pessoal do falante, como um adendo, na tentativa de esclarecer ao seu ouvinte que não há temor quanto às lembranças do passado, embora elas lhe causem melancolia.

O resultado referente à análise dos aspectos pragmáticos e semânticos dessa fase é disposto na tabela a seguir:

Tabela 32 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de *por mucho (que)* de na fase média

Nível	Propriedades das estruturas concessivas		Freq.	%
NI	Informatividade da estrutura concessiva	Informação nova	104	75,4
		Informação dada	34	24,6
	Factualidade da estrutura concessiva	Factual	72	52,2
		Não Factual	66	47,8
NR	Valor de referência temporal da estrutura concessiva	Passado	78	56,5
		Futuro	38	27,5
		Presente	22	16
	Polaridade do enunciado concessivo	Negativa na estrutura principal	82	59,4
		Positiva nas duas estruturas	53	38,4
		Negativa na estrutura concessiva	3	2,2
	Unidade semântica representada pela estrutura concessiva	Conteúdo Proposicional	128	92,8
		Propriedade	5	3,6
		Indivíduo	3	2,2
		Modo	1	0,7
		Estado-de-Coisas	1	0,7
	Animacidade do referente da estrutura concessiva nominal	Inanimado	3	100

Fonte: Elaboração própria

Na fase média, ainda predominam as concessivas com informação nova, mas prevalecem as estruturas de conteúdo factual frente às de conteúdo não factual. Com relação ao valor de referência temporal e à polaridade, seguem mais frequentes as ocorrências que tomam por referência o passado e que apresentam polaridade negativa na estrutura principal. Essas propriedades são atestadas em (283):

(283) La Reina mi madre me embió con las otras donas que la Donzella de Denamarcha me traxo, una capa muy hermosa y bien hecha que nunca se vistió ni se ha visto en toda esta tierra, y aquélla será para que vos, señora, levéis; y luego la traxeron ende y metieron a Oriana en una cámara, y vestiéndola de la forma que havia de ir, con sus lúas en las manos y sus antifazes, la traxeron delante Beltenebros, y **por mucho que él y ellas la miraron a todas partes**, nunca pudieron hallar cosa por donde conoçida dellos ni de ninguno otro ser pudiesse (Pm.FM.Nr:CORDE)

[A rainha minha mãe me enviou com as outras donas que a Donzela de Denamarcha me trouxe uma capa muito bonita e bem feita que nunca se vestiu nem se viu em toda esta terra,

e aquela será para que vós, senhora, leveis; e logo a trouxeram ali e colocaram Oriana em uma câmara, e vestindo-a com a forma que tinha de ir, com suas luvas nas mãos e com suas máscaras, a trouxeram diante de Beltenebros, e **por mais que ele e elas a olhavam por todas as partes**, não puderam encontrar alguma coisa conhecida deles nem que pudesse ser conhecida de nenhum outro ser]

Nessa ocorrência, a estrutura em destaque traz uma informação nova e verdadeira, que se situa em um tempo passado. Além disso, podemos notar que a estrutura com a qual se relaciona apresenta as marcas de polaridade negativa *nunca* e *ni* (*nem*).

Com relação às unidades semânticas representadas, ocorre ampliação nos tipos de unidades iniciadas por *por mucho* (*que*) em comparação com a fase anterior, que só apresenta Conteúdos Proposicionais, Estados-de-Coisas e Propriedades. Na fase média, além dessas unidades, as estruturas concessivas também representam Indivíduo (284) e Modo (285), embora continuem sendo mais frequentes os casos de Conteúdo Proposicional (286):

(284) Para que conozcas (oh Praxaspe) que **por mucho vino que beba** no salgo fuera de mí (Pm.FM.Nr:CORDE)

[Para que conheça (ó Praxaspe) que **por mais vinho que beba** não saio fora de mim]

(285) Quanto a mayordomos, es cosa perdida ver lo que pasa. Basta uno déstos a destruir el más grueso mayorazgo, y más en la forma que se usan hoy los señores. Conviene, aunque se tenga el tal por factor diligente, no descuidarse con él, dejando de mirar a menudo los libros de renta y gasto. [...] De cualquier modo, no ha de faltar para el banquete, para la gala, para el vicio, **por mucho rigor que con él se use** (Pm.FM.Nr:CORDE)

[Quanto aos mordomos, é coisa perdida ver o que acontece. Basta um destes para destruir o mais forte legado, e mais na forma que se usam hoje os senhores. Convém, embora se tenha o tal por fator diligente, não se descuidar dele, deixando de olhar frequentemente os livros de renda e gastos. De qualquer modo, não faltará para o banquete, para a gala, para o serviço, **por mais rigor que com ele se use**]

(286) Amadís estando, y sus hermanos y su cormano Agrajes, con la nueva reina Briolanja en el reino de Sobradisa, donde della muy honrados y de todos los del reino muy servidos eran, pensando siempre Amadís en su señora Oriana y en la su gran hermosura, de grandes angustias, de grandes congoxas su corazón era atormentado, derramando tantas lágrimas durmiendo y velando, que **por mucho que las él quería encubrir**, manifiestas a todos eran (Pm.FM.Nr:CORDE)

[Amadís estando, e seus irmãos e seu meio-irmão Agrajes, com a nova rainha Briolanja no reino de Sobradisa, onde todos eram muito honrados e muito bem auxiliados por ela, pensando sempre Amadís em sua senhora Oriana e em sua grande beleza, de grandes angústias, de grandes angústias, de grandes aflições seu coração era atormentado, derramando tantas lágrimas dormindo e velando, que **por mais que ele as queria encobrir**, eram manifestas a todos.]

Em (284), a estrutura introduzida por *por mucho (que)* representa um Indivíduo, cujos referentes nessa fase são inanimados ([- humano; - animado]), como é o caso de *vinho* (*vinho*). Já em (285), a estrutura em destaque representa o modo rigoroso com que se pode ou não tratar o mordomo. Enquanto em (286), *por mucho que* introduz informação que pode ser avaliada quanto ao seu teor de verdade, portanto se trata de um Conteúdo Proposicional.

A tabela 33, por sua vez, apresenta os resultados referentes aos aspectos morfossintáticos das estruturas analisadas:

Tabela 33 – Aspectos morfossintáticos na análise de *por mucho (que)* na fase média

Nível	Propriedades da estrutura concessiva	Freq.	%
NM	Núcleo predicador da estrutura concessiva	Verbo	126 91,3
		Substantivo	9 6,5
		Pronome	2 1,4
		Adjetivo	1 0,7
	Posição da estrutura concessiva	Anteposta	104 75,4
		Posposta	34 24,6
	Codificação morfossintática da estrutura concessiva	Oração	129 93,5
		Sintagma Nominal	9 6,5
	Codificação modo-temporal das estruturas concessivas	Presente de subjuntivo	54 42,2
		Pretérito Indefinido de indicativo	38 29,7
		Pretérito Imperfecto de indicativo	15 11,7
		Pretérito Imperfecto de subjuntivo	11 8,6
		Pretérito Perfecto de subjuntivo	5 3,9
		Presente de indicativo	3 2,3
		Pretérito Perfecto de indicativo	1 0,8
		Pretérito Pluscuamperfecto de indicativo	1 0,8

Fonte: Elaboração própria

Assim como na fase antiga, na fase média, são mais comuns as estruturas que têm por núcleo um verbo, como atestado nas ocorrências apresentadas ao longo desta seção, sendo possível também substantivos e adjetivos ocuparem a posição nuclear. A diferença está que, na fase média, identificados casos em que o pronome pode ocupar a posição nuclear, como vemos em (287), o qual recupera por anáfora *solitarias*, propriedade atribuída às ruas:

- (287) Íbamos todas las noches con amigos, con nuestros rosarios rezando, no hacia el Prado, por huir el mucho concurso de la gente, sino a calles solas, que **por mucho que lo sean** siempre hay la gente que basta para compañía. (Pm.FM.Nr:CORDE)
 [Íamos todas as noites com amigos, com nossos rosários rezando, não em direção ao Prado, para fugir da muita concorrência das pessoas, mas sim às ruas solitárias, que **por mais que o sejam** sempre há gente suficiente para a companhia].

Com relação à posição, seguem predominantes os casos em que a estrutura concessiva aparece anteposta a uma estrutura principal, como também em (287). Outro padrão morfossintático que se mantém com relação à fase anterior é o predomínio dos casos oracionais frente aos sintagmáticos. Nessas orações, o presente do subjuntivo continua sendo o tempo verbal mais utilizado, como ilustram as ocorrências a seguir:

- (288) Yo me culpo porque te pido galardón sin haverte hecho servicio, aunque si recibes en cuenta del servir el penar, **por mucho que me pagues** sienpre pensaré que me quedas en deuda. (Pm.FM.Nr:CORDE)
 [Eu me culpo porque te peço prêmios sem te ter feito serviço, embora se recebe por conta do servir o penar, **por mais que me pague** sempre pensarei que você me fica devendo]

Embora o maior número de ocorrências na fase média seja de conteúdo factual, observamos que a principal codificação modo-verbal dessa época está relacionada à transmissão de conteúdos não factuais, como apresentado na ocorrência (288). Verificamos, porém, uma maior variedade de combinações modo-temporais na fase média do que na fase antiga, demonstrando uma ampliação nos contextos de uso desse juntor e uma maior variedade de codificações possíveis para marcar conteúdos factuais.

4.4.3 *Por mucho (que)* na fase moderna

Na fase moderna, as ocorrências iniciadas por *por mucho (que)* não demonstram um perfil muito diferente do que é encontrado na fase média em termos da funcionalidade das estruturas concessivas, visto que, na grande maioria dos casos, o juntor marca uma relação concessiva da camada do Conteúdo Proposicional. São muito restritos os casos de função retórica Concessão, na camada do Ato Discursivo, e nenhum caso de *por mucho (que)* introduzindo Movimentos foi encontrado durante a análise, como vemos na tabela 34:

Tabela 34 –Tipo de relação concessiva marcado por *por mucho (que)* na fase moderna

Camada	Freq.	%
Conteúdo Proposicional	113	97,4
Ato Discursivo	3	2,6

Fonte: Elaboração própria

Em (289), a função concessiva se estabelece na camada do Conteúdo Proposicional, enquanto em (290) a função concessiva é estabelecida entre Atos Discursivos:

- (289) Tres gotas de aceite pidieron permiso para entrar en un cántaro de agua; el agua se negó, porque decía: "Si entráis no os mezclaréis, subiréis a lo más alto, y **por**

mucho que hagamos después para lavar el cántaro, siempre quedará aceitoso.”
(Pm.FMo.HD:CORDE)

[Três gotas de aceite pediram permissão para entrar em um cântaro de água; a água negou, porque dizia: “Se entrarem não se misturarão, subirão ao mais alto, e **por mais que façamos depois para lavar o cântaro**, sempre ficará oleoso.”]

- (290) La tercera y última jornada del gran drama de 1808 en Madrid tuvo su desenlace en los primeros días de diciembre, cuando Napoleón en persona, al frente de un ejército numeroso, penetró en ella, no ya (como un tiempo se imaginaron sus moradores) cual amigo y aliado, sino como dominador y dueño absoluto de imponerla su yugo. Pero antes de realizarse esta gran desdicha, y en los meses que mediaron desde el 2 de mayo, ocurrieron sucesos, alternaron vicisitudes tales, que sería imposible de todo punto prescindir de ellas, si ha de darse el enlace debido a esta sencilla narración, **por mucho que pretenda reducirla a los términos que me propuse**.
(Pm.FMo.HD:CORDE)

[A terceira e última jornada do grande drama de 1808 em Madri teve seu desenlace nos primeiros dias de dezembro, quando Napoleão em pessoa, à frente de um exército numeroso, penetrou nela, não já (como em um tempo imaginaram seus moradores) qual um amigo e aliado, mas sim como dominador e dono absoluto de impor-lhe seu jugo. Mas antes de realizar-se esta grande infelicidade, e nos meses que mediaram desde 2 de maio, ocorreram sucessos, alternaram vicissitudes tais, que seria completamente impossível prescindir delas, se há de dar-se o enlace devido a esta simples narração, **por mais que pretenda reduzi-la aos termos que me propus**.]

A concessão marcada por *por mucho que*, em (289), revela uma relação frustrada de causa e consequência, de modo que se esperaria que, ao lavar o cântaro, esse perdesse a oleosidade causada pelas gotas de aceite; no entanto, independentemente de quantidade de vezes que se lave, a oleosidade permanecerá. Já em (290), a estrutura em destaque se volta para a afirmação anterior na tentativa de esclarecer que, embora tenha que apresentar alguns detalhes sobre os acontecimentos prévios a 1808, o autor não se esquecerá de seus propósitos de fazer uma narrativa breve.

Vejamos na tabela 35 os resultados da análise dos aspectos pragmáticos e semânticos das ocorrências analisadas:

Tabela 35 – Aspectos pragmáticos e semânticos na análise de *por mucho (que)* de na fase moderna

Nível	Aspectos da atuação da estrutura concessiva no Nível Interpessoal		Freq.	%
NI	Informatividade da estrutura concessiva	Informação nova	87	75
		Informação dada	29	25
	Factualidade da estrutura concessiva	Não Factual	78	67,2
		Factual	38	32,8
NR	Valor de referência temporal da estrutura concessiva	Presente	45	38,8
		Futuro	41	35,3
		Passado	30	25,9
	Polaridade do enunciado concessivo	Negativa na estrutura principal	63	54,3
		Positiva nas duas estruturas	52	44,8
		Negativa na estrutura concessiva	1	0,9
	Unidade semântica representada pela estrutura concessiva	Conteúdo Proposicional	101	87,1
		Propriedade	11	9,5
		Indivíduo	3	2,6
		Estado-de-Coisas	1	0,9
	Animacidade do referente da estrutura concessiva nominal	Inanimado	3	100

Fonte: Elaboração própria

Tendo em vista os dados apresentados na tabela 35, podemos notar uma mudança nas propriedades pragmáticas e semânticas predominantes nas estruturas concessivas introduzidas por *por mucho (que)* na fase moderna em comparação com a fase média.

Na fase moderna, *por mucho (que)* tende a introduzir informações novas e não factuais, como acontece na fase antiga, mas com a diferença de que o valor temporal assumido por essas estruturas é, preferencialmente, o presente e o futuro, não mais o passado, como vemos nas fases anteriores. Observemos as ocorrências a seguir:

- (291) El primer día que probó Tristana las muletas, fueron ocasión de risa y chacota sus primeros ensayos en tan extraño sistema de locomoción. "No hay manera -decía con buena sombra-, de imprimir al paso de muletas un aire elegante. No, **por mucho que yo discurra**, no inventaré un bonito andar con estos palitroques. (Pm.FMo.Nr:CORDE)

[O primeiro dia que Tristana provou as muletas, foram ocasião de riso e chacota seus primeiros ensaios com tão estranho sistema de locomoção. "Não tem como – dizia com simpatia -, imprimir ao andar com muletas um ar elegante. Não, **por mais que eu discorra**, não inventarei um bonito andar com estes gravetos]

- (292) Un hombre, **por mucho que valga**, vale menos que el volumen de aire que desaloja. (Pm.FMo.Nr:CORDE)

[Um homem, **por mais que valha**, vale menos que o volume de ar que desaloja]

Nas duas ocorrências apresentadas, *por mucho que* introduz uma informação nova e não factual, visto se tratar de hipóteses que podem ou não se tornar verdadeiras. A

diferença entre elas está que em (291) o valor de referência assumido é o futuro, pois a ação de discorrer pode vir a acontecer muitas vezes ou não, já em (292) o tempo assumido é o presente, pois um homem pode, naquele momento, valer muito ou não.

Propriedades similares entre as ocorrências da fase moderna e as das fases anteriores é a forte presença de um elemento de polaridade negativa na estrutura principal, como vemos em (291) com o uso de *no (não)*, e a predominância de Conteúdos Proposicionais introduzidos por *por mucho (que)*, como ilustram também as ocorrências (291) e (292), visto se tratarem de conjecturas avaliadas a partir de sua possibilidade de ocorrência.

Além de Conteúdos Proposicionais, as estruturas introduzidas por *por mucho (que)* representam Propriedades, Estados-de-Coisas e Indivíduos. Com relação a esses últimos, todos são inanimados, como em (293):

(293) El nombre sólo de Mina era ya terrible para los franceses, que ponen a precio su cabeza, procurando vencerle por la traición, ya que no pueden por las armas. Pero no había españoles capaces de tanta villanía, **por mucho oro que se ofreciera**. (Pm.FMo.HD:CORDE)

[Só o nome de Mina já era terrível para os franceses, que colocam a preço sua cabeça, procurando vencer-lhe por traição, já que não podem por armas. Mas não havia espanhóis capazes de tanta vilania, **por mais ouro que se oferecesse**.]

Na tabela 36 estão os dados referentes à análise dos aspectos morfossintáticos das estruturas concessivas dessa fase:

Tabela 36 – Aspectos morfossintáticos na análise de *por mucho (que)* na fase moderna

Nível	Propriedades da estrutura concessiva	Freq.	%
NM	Núcleo predador da estrutura concessiva	Verbo	101
		Substantivo	13
		Adjetivo	2
	Posição da estrutura concessiva	Anteposta	76
		Posposta	40
	Codificação morfossintática da estrutura concessiva	Oração	101
		Sintagma Nominal	14
		Sintagma Adjetival	1
	Codificação modo-temporal das estruturas concessivas	Presente de subjuntivo	75
		Pretérito Imperfecto de subjuntivo	14
		Pretérito Indefinido de indicativo	6
		Presente de indicativo	2
		Pretérito Imperfecto de indicativo	2
		Pretérito Perfecto de subjuntivo	1
		Pretérito Pluscuamperfecto de subjuntivo	1

Fonte: Elaboração própria

Com relação à codificação morfossintática, as estruturas iniciadas por *por mucho (que)* não se diferenciam formalmente das estruturas das fases anteriores. São predominantes as estruturas com núcleo verbal e que assumem a forma oracional. Nesses casos, predomina o uso do modo subjuntivo, sendo mais frequente o presente do subjuntivo, como em (294):

- (294) Su palidez intensa declaraba su grande emoción. "Está guapísima -me dijo-, y la toca blanca da a su rostro una expresión enteramente mística. Nunca, **por mucho que viva**, olvidaré esa cara (Pm.FMo.Nr:CORDE)
[Sua palidez intensa declarava sua grande emoção. "Está lindíssima – me disse -, e a toca branca dá ao seu rosto uma expressão inteiramente mística. Nunca, **por mais que viva**, esquecerei essa cara]

Como já dito, o uso do subjuntivo está relacionado ao conteúdo não factual da estrutura concessiva, conforme vemos em (294), em que não se sabe quanto tempo o autor poderá viver, podendo ser muitos anos ou poucos, mas, mesmo que sejam muitos, esses anos serão incapazes de apagar aquele rosto de sua memória.

Além dos casos oracionais, *por mucho* também introduz, ainda que menos frequentemente, sintagmas, como em (295):

- (295) Y si don Julián Besteiro opina de una manera y él de otra, **por mucho respeto que le tenga al profesor**, él mantiene su opinión: contraria, sí, señor. (Pm.FMo.Nr:CORDE)
[E se Don Julián Besteiro opina de uma maneira e ele de outra, **por mais respeito que tenha ao professor**, ele mantém sua opinião: contrária, sim, senhor.]

Nessa ocorrência, *por mucho* introduz um sintagma nominal, que tem por núcleo o substantivo *respeto (respeito)*.

4.4.4 A evolução diacrônica de *por mucho (que)*

O comportamento diacrônico da concessiva introduzida por *por mucho (que)* nas três sincronias do espanhol peninsular pode ser observado no confronto dos resultados anteriormente expostos, os quais seguem lado a lado na tabela 37, dada a seguir.

Tabela 37 – Propriedades da concessiva introduzida por *por mucho (que)* nas diferentes fases do espanhol peninsular

Propriedades da estrutura concessiva / Sincronia			Antiga		Média		Moderna	
			Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Relação concessiva		Conteúdo Proposicional	46	100	137	99,3	113	97,4
		Ato Discursivo	-	-	1	0,7	3	2,6
		Movimento	-	-	-	-	-	-
NI	Informatividade	Informação nova	30	65,2	104	75,4	87	75
		Informação dada	16	34,8	34	24,6	29	25
NR	Factualidade	Não Factual	27	58,7	66	47,8	78	67,2
		Factual	19	41,3	72	52,2	38	32,8
	Referência temporal	Passado	20	43,5	78	56,5	30	25,9
		Presente	15	32,6	22	16	45	38,8
		Futuro	11	23,9	38	27,5	41	35,3
	Polaridade	Positiva nas duas	15	32,6	53	38,4	52	44,8
		Negativa na estrutura principal	30	65,2	82	59,4	63	54,3
		Negativa na estrutura concessiva	-	-	3	2,2	1	0,9
		Negativa nas duas	1	2,2	-	-	-	-
	Unidade semântica representada	Conteúdo proposicional	40	87	128	92,8	101	87,1
		Episódio	-	-	-	-	-	-
		Estado-de-coisas	2	4,3	1	0,7	1	0,9
		Indivíduo	-	-	3	2,2	3	2,6
		Propriedade	4	8,7	5	3,6	11	9,5
		Lugar	-	-	-	-	-	-
		Tempo	-	-	-	-	-	-
		Modo	-	-	1	0,7	-	-
		Quantidade	-	-	-	-	-	-
	Animacidade	Humano	-	-	-	-	-	-
		Inanimado	-	-	3	100	3	100
		Animado [-humano; + animado]	-	-	-	-	-	-
NM	Núcleo predicator	Verbo	38	82,6	126	91,3	101	87
		Adjetivo	5	10,9	1	0,7	2	1,8
		Substantivo	3	6,5	9	6,5	13	11,2
		Advérbio	-	-	-	-	-	-
		Pronome	-	-	2	1,4	-	-
	Posição	Anteposta	30	65,2	104	75,4	76	65,5
		Posposta	16	34,8	34	24,6	40	34,5
	Codificação morfossintática	Oração	42	91,3	129	93,5	101	87,1
		Sintagma adverbial	-	-	-	-	-	-
		Sintagma adjetival	1	2,2	-	-	1	0,9
		Sintagma preposicional	-	-	-	-	-	-
		Sintagma nominal	3	6,5	9	6,5	14	12
	Codificação modo-temporal	Presente de indicativo	1	2,4	3	2,3	2	2
		Pretérito Perfecto de indicativo	-	-	1	0,8	-	-
		Pretérito Imperfecto de indicativo	2	4,9	15	11,7	2	2
		Pretérito Indefinido de indicativo	10	24,4	38	29,7	6	5,9
		Futuro Imperfecto de indicativo	-	-	-	-	-	-
		Condicional Simple de indicativo	-	-	-	-	-	-
		Pretérito Pluscuamperfecto de indicativo	-	-	1	0,8	1	1
		Presente de subjuntivo	21	51,2	54	42,2	75	74,2
		Pretérito Perfecto de subjuntivo	-	-	5	3,9	1	1
		Pretérito Imperfecto de subjuntivo	7	17,1	11	8,6	14	13,9
		Futuro de subjuntivo	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria

Comparando os resultados da tabela 37, as principais mudanças na estrutura concessiva introduzida por *por mucho (que)* ao longo das três sincronias do espanhol peninsular, podem ser assim resumidas:

- (1) a relação concessiva, restrita na fase antiga à camada do Conteúdo Proposicional, incorpora, a partir da fase média, a do Ato Discursivo, não chegando à do Movimento;
- (2) No NI, o padrão de informatividade não se altera nas três sincronias, com a concessiva sempre veiculando informação nova na grande maioria das ocorrências;
- (3) No NR, apenas padrões de referência temporal da estrutura concessiva mantêm-se estáveis no tempo, prevalecendo valores de passado nas fases antiga e média e, na fase moderna, valores de presente e de futuro; padrões referentes aos parâmetros de polaridade, unidade semântica representada pela concessiva e animacidade do referente nominal experimentam as seguintes mudanças: (i) polaridade negativa na estrutura principal prevalece em todas as sincronias sobre os demais tipos, com emergência de operador negativo reconhecida a partir da fase média; restrita à fase antiga, polaridade negativa nas duas estruturas raramente ocorre; (ii) Conteúdo Proposicional é a unidade semântica que mais se manifesta na estrutura concessiva em todas as sincronias; a única mudança relevante é a emergência da entidade Indivíduo a partir da fase média, para referentes inanimados;
- (4) No NM, reconhece-se certa estabilidade nos padrões definidos pelo núcleo predicator, pela codificação morfossintática da estrutura concessiva e pela posição que ela ocupa no enunciado: (i) prevalece, nas três sincronias, núcleo verbal sobre adjetival e substantivo; raros são os casos de núcleo com pronome, presente somente na fase média; (ii) há preferência por concessivas antepostas em todas as sincronias; (iii) concessivas codificadas por oração ocorrem com acentuada frequência nas três sincronias, sendo raros os casos de codificação por sintagmas; o único indício de mudança envolve a codificação modo-temporal, com emergência de um número maior de formas, a partir da fase média; em todas as sincronias prevalecem formas do presente de subjuntivo sobre as demais, que se manifestam mais escassamente nas formas do presente do indicativo, do pretérito imperfeito e indefinido do indicativo e do pretérito imperfeito de subjuntivo.

Interpretando os resultados acima expostos, primeiramente, podemos notar a diminuição de frequência do *juntor* na passagem da fase média para a fase moderna, cujo declínio pode estar relacionado à preferência dos falantes em utilizar outros *juntores* concessivos que não esse.

Com relação ao tipo de camada em que a relação concessiva se estabelece, *por mucho (que)* predominantemente introduz relações concessivas do Nível Representacional, estabelecidas na camada do Conteúdo Proposicional em todos os períodos sincrônicos. Os casos de relação concessiva no Nível Interpessoal têm início na fase média, mas são raros

até mesmo na fase moderna, e limitados à camada do Ato Discursivo. Não aparecem ocorrências de *por mucho (que)* na camada do Movimento.

Em termos pragmáticos e semânticos, verificamos uma alteração em relação à factualidade ao longo dos períodos sincrônicos. Na fase antiga, 58,7% das ocorrências levantadas são não factuais, isto é, são construções concessivo-condicionais; na fase média, por sua vez, predominam, ainda que relativamente, as concessivas factuais; já na fase moderna, vemos que *por mucho (que)* se especializa nos casos não factuais, cujo índice de ocorrência passa a ser de 75%.

Outra mudança verificada está relacionada ao valor de referência temporal, sendo o passado o principal valor de referência nas fases antiga e média, enquanto o presente, seguindo do futuro, passa a predominar na fase moderna. Essa evidência indica uma mudança de perspectiva das estruturas introduzidas por *por mucho (que)*, antes voltadas para narrar elementos do passado ainda associadas ao tipo textual empregado, mas que, com o decorrer de seu uso, volta-se para elaboração de conjecturas no presente e no futuro.

Com exceção da factualidade, os demais aspectos pragmáticos e semânticos seguem um mesmo padrão: as estruturas concessivas introduzem uma informação nova, com um elemento negativo na estrutura principal marcando a oposição entre os elementos do enunciado, e representam semanticamente Conteúdos Proposicionais. Notamos, no entanto, uma ampliação das unidades semânticas representadas pelas estruturas iniciadas por *por mucho (que)*.

Com relação aos aspectos morfossintáticos, verificamos também um mesmo padrão entre as ocorrências dos três períodos sincrônicos: as estruturas introduzidas por *por mucho (que)* são principalmente orações cujo verbo é conjugado no presente do subjuntivo. Esse tempo verbal está relacionado à transmissão de conteúdos hipotéticos, embora também possa ocorrer em estruturas com informação verdadeira, mas já conhecida pelos interlocutores. Além disso, a posição predominante é sempre a anteposição, o que demonstra o caráter semântico das estruturas concessivas introduzidas por *por mucho (que)* e o papel argumentativo que desempenham na ruptura de conclusões esperadas a partir de uma premissa anteriormente oferecida.

4.5 Considerações gerais sobre a trajetória de gramaticalização dos jutores

Tendo em vista a análise diacrônica dos três jutores investigados, a saber: *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*, concluímos que esses jutores concessivos se

encontram em estágios de gramaticalização distintos, cujo *cline* pode ser esquematizado conforme (296):

- (296) *por mucho (que) > a pesar de (que) > aunque*
 [- gramaticalizado] ----- [+ gramaticalizado]⁴⁸

A diferença nos estágios de gramaticalização desses jutores é notada quando observamos o período de emergência de suas atuações nas camadas de nível mais alto da hierarquia da GDF. No caso de *aunque*, o surgimento de relações concessivas na camada do Ato Discursivo acontece já na fase antiga e tem seu uso intensificado nos demais períodos. As concessivas de Movimento iniciadas por esse jutor passam a ocorrer na fase média e também aumentam sua frequência na fase moderna. Embora mais tardiamente, *a pesar de (que)* também experimenta mudanças de conteúdo, ao marcar a função retórica Concessão a partir da fase média. Os casos de Movimento iniciados por esse jutor aparecem, mas somente na fase moderna. *Por mucho (que)* também amplia seu escopo e passa a marcar a relação entre Atos Discursivos na fase média e na fase moderna. No entanto, o número de ocorrências desse jutor no Nível Interpessoal é muito reduzido – apenas quatro casos em todo o corpus – e todas as ocorrências operam na camada do Ato Discursivo. Nos dados investigados não há ocorrências desse jutor na camada do Movimento, o que indica que *por mucho (que)* está em uma etapa de gramaticalização mais recente do que os outros jutores, que tem em *aunque* o modelo de jutor mais gramaticalizado.

Ressaltamos, no entanto, que a atuação desses jutores em camadas do Nível Interpessoal não provoca o desaparecimento nem a diminuição dos casos representacionais. Esse resultado é esperado visto que a concessão é o tipo de relação semântica mais prototípico marcado por um jutor concessivo e que caracteriza a relação concessiva como tal.

Apesar de estarem em estágios diferentes, é possível afirmar que todos esses jutores seguem a mesma trajetória de gramaticalização, confirmando, assim, a hipótese inicial deste trabalho, pois passam de um uso semântico para um uso pragmático. Em termos de GDF, essa trajetória pode ser representada como uma mudança de conteúdo que ocorre tanto entre níveis como entre camadas, conforme representamos no quadro a seguir:

⁴⁸ O presente cline sugere que haja uma diferença no estatuto categorial dos itens investigados, de modo que *por mucho (que)* e *a pesar de (que)* se comportem como operadores lexicais, enquanto *aunque* se comporte como operador gramatical.

Quadro 7 – Mudança de conteúdo sofrida pelos jutores concessivos

Aumento de escopo entre níveis da função concessiva Nível Representacional > Nível Interpessoal
Aumento de escopo entre camadas da função concessiva Conteúdo Proposicional > Ato Discursivo > (Movimento)

Fonte: Elaboração própria

Nos *clines* apresentados no quadro 7, observamos que as mudanças de conteúdo sofridas pelos jutores concessivos preservam a unidirecionalidade da trajetória de gramaticalização, que, seguindo a hierarquia da GDF, parte de um nível mais baixo para um nível mais alto, e de camadas mais baixas para camadas mais altas.

As mudanças de conteúdo são acompanhadas por uma abstratização da categoria morfossintática desses jutores, que passam de marcadores de função semântica, para marcadores de função retórica, podendo atuar como marcadores do tipo *push*, responsáveis por abrir novos tópicos no discurso. Portanto, os jutores, ao adquirirem valor concessivo, atuam primeiramente em um uso mais local – relacionando os membros de um mesmo enunciado –, avançam para um uso retórico – atuando diretamente na relação falante-ouvinte – e podem chegar a um uso textual – organizando as informações ao longo da interação. A escala de abstratização crescente sofrida pelos jutores estudados é esquematizada no quadro a seguir:

Quadro 8 – Abstratização sofrida pelos jutores concessivos

Papéis assumidos pelos jutores concessivos			
Marcador de função semântica	>	Marcador de função retórica	> (Marcador <i>push</i>)
Função semântica concessão	>	Função retórica Concessão (e Preparação)	> Função discursiva
Relação [+ concreta]-----		Relação [+ abstrata]	

Fonte: Elaboração própria

A análise diacrônica dos aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos que caracterizam as estruturas iniciadas pelos jutores concessivos ao longo dos períodos sincrônicos comprova que eles apresentam graus distintos de gramaticalidade em uma escala de gramaticalização aferida diacronicamente, e tendem a se especializar para marcar a concessão em contextos de usos distintos.

No caso de *aunque*, os primeiros usos conjuntivos desse jutor não são propriamente concessivos, mas sim concessivo-condicionais, voltados para introduzir informações hipotéticas; no entanto, a partir da fase média, passa a introduzir

principalmente informações factuais, contexto que, para Flamenco García (1999), representa o valor concessivo propriamente dito.

Considerando que o uso de *aunque* é mais comum em orações, as mudanças na factualidade das estruturas iniciadas por ele são notadas morfossintaticamente pela conjugação verbal. Assim, enquanto na fase antiga predominam os tempos no modo subjuntivo, a partir da fase média, são mais comuns os tempos do indicativo. Outro aspecto morfossintático observado é a posição das estruturas iniciadas por *aunque*, que, nas duas primeiras fases, é predominantemente anteposta, e, na fase moderna, passa a ser predominantemente posposta. Associamos essa mudança com o aumento do número de casos do Nível Interpessoal na última fase analisada, tendo em vista que as relações concessivas interpessoais marcam um contraste com um Ato Discursivo ou com um Movimento anteriormente expresso, relações estas nas quais há um maior distanciamento da noção de causalidade com a qual a concessão se vincula em seus usos mais concretos.

A pesar de (que) apresenta um contexto de aparição prototípico distinto de *aunque*, visto que aquele juntor é mais recorrente em estruturas sintagmáticas. A abstratização do valor concessivo desse juntor torna-se evidente quando focalizadas as unidades semânticas representadas pelas estruturas concessivas. Como herança de seu sentido original de *sofrimento* e *dor*, o uso concessivo de *a pesar de (que)* na fase antiga é quase exclusivamente relacionado à unidade semântica Indivíduo (97,3% das ocorrências), os quais são, em sua maioria, humanos (70% das ocorrências de indivíduos). Embora verificamos um grande aumento na variedade de unidades semânticas iniciadas por esse juntor na fase média, ainda predominam as representações de Indivíduos humanos. No entanto, na fase moderna, as estruturas iniciadas por esses jutores são predominantemente Propriedades e Estados-de-Coisas, entidades que, em termos de GDF, correspondem a camadas mais altas que a do Indivíduo. Além disso, os Indivíduos representados pelas estruturas concessivas são, em 60% dos casos, inanimados.

Embora sejam poucos em termos quantitativos, os casos em que *a pesar de (que)* introduz orações também revelam a ampliação de seu estatuto gramatical ao longo do tempo. Observamos que, em termos de factualidade, a presença de conteúdos factuais predomina em todos os períodos sincrônicos; no entanto, quando isolamos os casos oracionais dos sintagmáticos observamos nos primeiros uma trajetória que aproxima *a pesar de (que)* do juntor *aunque*.

Na fase antiga, das sete ocorrências oracionais encontradas, cinco transmitem informação não factual, o que corresponde a 71,4% dos casos oracionais, mesmo valor

percentual do uso do pretérito imperfeito do subjuntivo. Na fase média, no entanto, os conteúdos factuais passam a predominar sobre os não factuais, pois das 12 ocorrências oracionais, 10 são factuais (83,3% dos casos oracionais). Morfossintaticamente isso se reflete no maior número de tempos verbais no modo indicativo do que no subjuntivo. Já na fase moderna, todas as 23 ocorrências são factuais e todos os verbos são conjugados em um tempo do indicativo. Assim, vemos que, embora tenha advindo de uma origem distinta da de *aunque*, *a pesar de (que)*, em contextos oracionais, passa de um uso concessivo-condicional para um uso tipicamente concessivo.

Em suas fases iniciais, *por mucho (que)* também apresenta uma trajetória de gramaticalização que parte de um uso concessivo-condicional para um uso puramente concessivo, pois enquanto os casos não factuais são mais comuns na fase antiga, os factuais são mais comuns na fase média. No entanto, na fase moderna, os casos não factuais correspondem a 67,2% das ocorrências. Tendo em vista que *por mucho (que)* atua principalmente em estruturas oracionais, consideramos que a sua especialização em contextos não factuais nos anos mais recentes do espanhol peninsular esteja relacionado à concorrência paradigmática que esse juntor enfrenta com *aunque* e *a pesar de que*, uma vez que esses tendem a introduzir contextos factuais e são mais frequentes do que *por mucho (que)* na fase moderna.

Assim, as mudanças sofridas por *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* ocorrem tanto no âmbito discursivo, a partir das mudanças de conteúdo, como no âmbito pragmático-semântico, ao passarem de estruturas concessivo-condicionais para estruturas concessivas e ao ampliarem suas categorias semânticas, principalmente na transição entre a fase antiga e a fase média. A partir da fase moderna, verificamos o aparecimento de contextos favoráveis à ocorrência de um ou outro juntor: *aunque* é predominantemente utilizado em estruturas oracionais de conteúdo factual; *a pesar de (que)* é utilizado com mais frequência em estruturas sintagmáticas de conteúdo factual; e dada a sua concorrência com *aunque* – assumido como o juntor típico do espanhol para marcar concessão – em contextos oracionais, *por mucho (que)* é utilizado com mais frequência em contextos não factuais.

Desse modo, ao compararmos a evolução diacrônica de *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* – juntores advindos de fontes distintas – é possível propor uma trajetória de gramaticalização genérica aos juntores concessivos investigados. Essa trajetória é totalmente cumprida por *aunque* e por *a pesar de (que)* visto que atingem a camada mais alta da escala diacrônica (a camada do Movimento). No caso de *por mucho (que)*, embora

esse juntor não atinja a camada mais alta do Nível Interpessoal, a comparação com os outros jutores nos indica que, caso siga sua trajetória de gramaticalização, esse juntor passará a atuar na camada do Movimento.

4.6 Em suma

Aumento de escopo, fortalecimento pragmático, aumento da subjetividade e aumento de liberdade sintática são propriedades identificadas por Traugott (1997) na gramaticalização dos marcadores discursivos em inglês e que podem ser atestadas na análise diacrônica dos jutores concessivos *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* apresentada neste capítulo.

O aumento de escopo é notado no aumento dos níveis e camadas de atuação dos jutores, bem como na ampliação das unidades semânticas representadas pelas estruturas concessivas principalmente na transição da fase antiga para a fase média. O fortalecimento pragmático e o aumento da subjetividade são vistos dada a trajetória que parte do Nível Representacional para o Nível Interpessoal, e nas mudanças formais que levam o juntor a atuar não somente como um conector de unidades dentro de um mesmo enunciado, mas volta-se para a relação falante-ouvinte e para a organização dos tópicos discursivos dentro do texto.

O aumento de liberdade sintática é observado principalmente na mudança de factualidade, do não factual para o factual, que se reflete no uso do modo indicativo frente ao modo subjuntivo; assim como nas mudanças da posição prototípica das estruturas concessivas introduzidas por *aunque*, que de antepostas passam a pospostas, e das estruturas concessivas introduzidas por *a pesar de (que)*, que passam de pospostas para antepostas. Embora pareça contraditório afirmar que ambas as mudanças indicam um aumento de liberdade sintática, basta lembrar que a posposição, no caso de *aunque*, é motivada pelo caráter de adendo das construções do Nível Interpessoal, mostrando, assim, a passagem de um uso mais argumentativo para um uso mais retórico; já em *a pesar de (que)*, a frequente posposição das estruturas concessivas está relacionada ao escopo mais local dessas unidades, ainda vinculadas ao predicado da estrutura principal.

Assim, embora advenham de fontes distintas – jutores formados a partir de um conectivo originalmente condicional ou temporal, como é o caso de *aunque*; jutores que derivam da noção *desprezo*, como é o caso de *a pesar de (que)*; e jutores formados a partir de um elemento também usado em uma quantificação universal, como é o caso de *por*

mucho (que) –, os juntores concessivos analisados neste trabalho partem de um uso semântico para um uso pragmático. Concluímos, assim, que os juntores concessivos são uma fonte para o surgimento de marcadores interpessoais em espanhol a partir da abstratização do valor concessivo, que, do plano do enunciado passa a atuar no plano do discurso.

CONCLUSÕES

A partir da análise diacrônica de *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*, o presente estudo objetivou apresentar uma trajetória de gramaticalização comum aos jutores concessivos do espanhol peninsular. Para isso, recorremos aos princípios teóricos da Gramaticalização, em sua versão clássica, bem como aos estudos que observam a influência dos aspectos pragmático-cognitivos na mudança linguística.

O modelo teórico adotado para a análise das ocorrências foi a Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), que por sua orientação funcionalista, parte da intenção comunicativa para a articulação dos enunciados. Desse modo, a GDF organiza-se em níveis e camadas hierárquicos. Essa arquitetura confere adequação psicológica e pragmática ao modelo, o que lhe permite a análise de diversos fenômenos linguísticos, dentre eles o da gramaticalização. Dentro da teoria, a gramaticalização é vista como uma combinação de mudanças de conteúdo – de modo que elementos menos gramaticalizados tendem a atuar em níveis e camadas mais baixos do que os elementos mais gramaticalizados – e de mudanças formais, relacionadas ao papel morfosintático desempenhado pelos elementos linguísticos, que tendem a se distanciar cada vez mais do léxico à medida que se gramaticalizam.

Em nossa análise, observamos as ocorrências introduzidas por *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* em textos da fase antiga, média e moderna do espanhol peninsular disponíveis no banco de dados CORDE. Os dados foram analisados a partir de fatores voltados para os aspectos funcionais, pragmáticos, semânticos e morfosintáticos das estruturas introduzidas por esses jutores.

Os resultados da análise diacrônica demonstram que, com relação aos aspectos funcionais, a frequência dos jutores aumenta em cada período sincrônico analisado, o que propicia maior generalização e abstratização em seus contextos de uso ao longo do tempo. Além disso, tais jutores sofrem aumento de escopo, nos termos da GDF, visto que seus níveis e camadas de atuação são ampliados: no Nível Representacional, atuam como marcadores de uma função semântica na camada do Conteúdo Proposicional, função concessiva prototípica dos três jutores. A partir desse uso, passam a marcar uma função retórica na camada do Ato Discursivo, podendo chegar a atuar como marcadores *push* na camada do Movimento, ambas pertencentes ao Nível Interpessoal. Nesse sentido, notamos que há uma diferença no grau de gramaticalização dos jutores, visto que *aunque* é o jutor mais gramaticalizado, por atuar nas camadas mais altas com mais frequência do que *a*

pesar de (que). *Por mucho (que)*, no entanto, é o menos gramaticalizado, visto que ainda não atingiu a camada do Movimento. A trajetória de gramaticalização que, percorrida diacronicamente pelos três juntores, revela seus diferentes estatutos de gramaticalidade no espanhol contemporâneo, pode ser sintetizada, em função dos componentes da GDF, como segue:

Figura 7 – Trajetória de gramaticalização dos juntores concessivos diacronicamente atestada

		NR(p)	>	NI (A)	>	(M)
Espanhol Antigo	<i>aunque</i>	+		+		
	<i>a pesar de (que)</i>	+				
	<i>por mucho (que)</i>	+				
Espanhol Médio	<i>aunque</i>	+		+		+
	<i>a pesar de (que)</i>	+		+		
	<i>por mucho (que)</i>	+		+		
Espanhol Moderno	<i>aunque</i>	+		+		+
	<i>a pesar de (que)</i>	+		+		+
	<i>por mucho (que)</i>	+		+		

Fonte: Elaboração própria

Com relação aos aspectos pragmáticos e semânticos, notamos que, nas fases iniciais, os três juntores atuam em contextos concessivo-condicionais, introduzindo informações novas e não factuais que marcam um obstáculo hipotético à realização do que se afirma na estrutura principal. Com o passar do tempo, entretanto, passam a introduzir também estruturas factuais portadoras de informação nova ou dada, contexto que, para autores como Flamenco García (1999), carregam o sentido prototípico da concessão. Em termos representacionais, as estruturas introduzidas por esses juntores também sofrem uma ampliação de categoria semântica, seguindo sempre a trajetória do mais concreto para o mais abstrato. Ressaltamos, nesse sentido, a abstratização sofrida por *a pesar de (que)*, que inicialmente voltado para introduzir nomes humanos, tem, na fase moderna, um maior número de ocorrências em que acompanha nomes inanimados.

As mudanças nos aspectos discursivos, pragmáticos e semânticos das estruturas introduzidas por *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)* são refletidas na codificação morfossintática dessas estruturas. Mudanças na factualidade alteram a codificação modo-temporal das estruturas concessivas oracionais, de forma que quando não factuais predominam os tempos do subjuntivo, e quando factuais predominam os tempos do indicativo. A posição também é outro aspecto indicativo da gramaticalização: no caso de

aunque temos a passagem da posição predominantemente anteposta para a posição posposta das estruturas concessivos por causa do caráter de adendo dessas estruturas nas fases mais modernas, o que reflete seu maior desgarramento com relação a uma estrutura principal. Já no caso de *a pesar de (que)*, as estruturas introduzidas por esse juntor passam de predominantemente pospostas, visto que nas fases iniciais estavam ainda muito presas ao conteúdo das estruturas com as quais se relacionavam, para predominantemente antepostas, marcando, assim, um uso mais argumentativo das estruturas concessivas.

Assim, consideramos que a principal contribuição deste trabalho é oferecer, a partir dos resultados obtidos na análise de *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*, uma trajetória de mudança que pode ser generalizada para a história de outros jutores concessivos, servindo, desse modo, como base para a investigação da gramaticalização de jutores não só do espanhol, como também de outras línguas.

Nosso trabalho também reafirma a proposta de Traugott (1997), para quem o surgimento de marcadores discursivos deve ser incluído nos estudos em gramaticalização, não em sua visão mais restrita, mas a partir da influência da pragmática na mudança semântica. Ademais, somado a outros trabalhos que aplicam o modelo teórico da GDF para a descrição de fenômenos de gramaticalização (Cf. SOUZA, 2009; FONTES, 2016; HENGVELD; NARROG; OLBERTZ, 2017; entre outros), este estudo confirma a validade do aparato da GDF para a análise da mudança linguística, em especial da gramaticalização, por ser um modelo que permite observar sistematicamente o ponto de transição funcional e formal de um uso menos gramaticalizado para um uso mais gramaticalizado de dado elemento linguístico.

REFERÊNCIAS

- ALGEO, J. E. The concessive conjunction in Medieval Spanish and Portuguese; its function and development. *Romance philology*, Belgium, n. 26, p. 532-545, 1973.
- AMORIM, C. R. *Construções QU-quiera que sea no espanhol sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019.
- ATLAS, J. D.; LEVINSON, S. C. It-clefts, informativeness, and logical form. In: COLE, P. (ed.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981, p. 1-61.
- BARTOL HERNÁNDEZ, J. A. *Oraciones consecutivas y concesivas en las Siete Partidas*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1986.
- BUTLER, C. S. *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602- 623.
- BYBEE, J. *Frequency of use and the organization of language*. New York: Oxford University Press, 2006.
- BYBEE, J. L.; HOPPER, P. J. Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. In: BYBEE, J. L.; HOPPER, P. J. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Philadelphia: John Benjamins, 2001. p. 1-24.
- BYBEE, J. L.; PAGLIUCA, W. Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning. In: FISIAK, J. (ed.). *Historical semantics and historical word-formation*. Berlin: Mouton, 1985. p. 59-84.
- CERROLAZA, O. *Diccionario práctico de gramática: uso correcto del español*. Madrid: Edelsa, 2005.
- COAN, M. A importância do contexto na atribuição de referência temporal: incursões no terreno do pretérito perfeito simples. *Working papers em Linguística*, UFSC, n. 4, p. 24-39, 2000.
- CORA CORALINA. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1997, p. 145.
- CUERVO, R. J. *Diccionario de construcción y régimen de la lengua castellana*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, v. I, 1886.
- DAHL, Ö. *Tense and Aspect Systems*. Oxford: Blackwell, 1985.

DECAT, M. B. N. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 23-38, jan/jun. 1999.

DE KOCK, J. Aunque con indicativo o subjuntivo en España y América, en español escrito y hablado. *Lenguaje y textos*, n. 6-7, p. 145-160, 1995.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Part 1: The Structure of the Clause. HENGVELD, K. (ed.). 2. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997a.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Part 2: Complex and Derived Constructions. HENGVELD, K. (ed.). 2. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997b.

EBERENZ, R. Castellano antiguo y español moderno: reflexiones sobre la periodización en la historia de la lengua. *Revista de Filología Española*, Madrid, v. LXXI, n. 1/2, p. 79-106, 1991. Disponível em: <http://xn--revistadefilologiaespaola-uoc.revistas.csic.es/index.php/rfe/article/viewArticle/652>. Acesso em: 18 abr. 2017.

EBERENZ, R. La periodización de la historia morfosintáctica del español: propuestas y aportaciones recientes. *Cahiers d'études hispaniques médiévales*, Paris, n. 32, p. 181-201, 2009. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/cehm_1779-4684_2009_num_32_1_2072. Acesso em: 18 abr. 2017.

ELVIRA, J. Sobre el origen de la locución concesiva *por mucho que* y similares. *Estudios ofrecidos al Profesor José Jesús de Bustos Tovar*, Madrid, v. I, p. 217-231, 2003.

ELVIRA, J. Metonímia y enriquecimiento pragmático: a propósito de aunque. *Dicenda*, Cuadernos de Filología Hispánica, Madrid, n. 23, p. 71-84, 2005. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/DICE/article/view/DICE0505110071A/12011>. Acesso em: 2 fev. 2015.

ELVIRA, J. Mal que le pese, pese a que y otros ‘pesares’. Gramaticalización y lexicalización en la lengua medieval. In: MIGUEL, E.; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, S. U.; SERRADILLA CASTAÑO, A.; ANCA RADULESCU, R.; BATUIKOVA, O.; Fundación San Millán de la Cogolla: Cilengua, 2009. p. 273-294.

FANTE, B. R. *As orações prefaciadas por "incluso si" no espanhol escrito peninsular à luz da gramática discursivo-funcional*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018.

FANTE, B. R.; GARCIA, T. S. La partícula 'incluso' en construcciones introducidas por 'incluso si' bajo la perspectiva discursivo-funcional. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, [2020?]. No prelo.

FELIPE, M. A. M. P. *Entre a concessão e a adversidade: construções com aunque no espanhol peninsular falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018.

FLAMENCO GARCÍA, L. Las construcciones concesivas y adversativas. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. v. 3: Entre la oración y el discurso, p. 3805-3878.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2001.

FONSECA, A. M. H. *A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística / gramaticalização*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

FONTES, M. G. *A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional: uma proposta de implementação*. 2016. Tese (Doutorado em estudos linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

GARACHANA CAMARERO, M. *Los procesos de gramaticalización: una aplicación a los conectores contraargumentativos*. 1997. Tese (doutorado em filologia espanhola) – Universidade de Barcelona, Barcelona, 1997.

GARCIA, T. S. *As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

GARCIA, T. S.; AMORIM, C. R. Estruturas concessivas intensivas no espanhol falado: um olhar discursivo-funcional. *Entretextos*, Londrina, v. 17, n. 1, p. 37-60, jan./jun. 2017.

GARCIA, T. S.; FANTE, B. R. Las estructuras concesivas introducidas por ‘a pesar de (que)’ en el español hablado desde la perspectiva Discursivo-Funcional. *Signo y Seña – Revista del Instituto de Lingüística*, Buenos Aires, v. 27, p. 223-245, 2015.

GARCIA, T. S.; FANTE, B. R. Orações concessivas prefaciadas por ‘a pesar de’ e ‘a pesar de que’ no espanhol peninsular falado: facticidade, pressuposição e tempo de referência à luz do funcionalismo. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 186-214, 1º sem. 2016.

GASPARINI-BASTOS, S. D.; PARRA, B. G. G. Uma investigação funcional da conjunção *aunque* em dados do espanhol falado peninsular. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 127-158, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.23.1.127-158>.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. *Syntax and Semantics: Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975. v. 3, p. 41-58.

HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. Concessive conditionals in the languages of Europe. In: AUWERA, J. van der (ed.). *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a Conceptual Framework*. Chicago: The University of Chicago, 1991.

HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African Languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HENGVELD, K. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: AUWERA, J. van der; Ó BAOILL, D. P. (ed.). *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.

HENGVELD, K. Epilogue. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (ed.). *A New architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 365-378.

HENGVELD, K. Dynamic Expression in Functional Discourse Grammar. In: GROOT, C.; HENGVELD, K. (ed.). *Morphosyntactic Expression in Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 53-86.

HENGVELD, K. A hierarchical approach to grammaticalization. In: HENGVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). *The grammaticalization of tense, aspect, modality, and evidentiality: A functional perspective*. [Trends in Linguistics. Studies and Monographs 311]. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017. p. 11-30. Disponível em: http://home.hum.uva.nl/oz/hengeveldp/publications/2017_hengeveld.pdf. Acesso em: 05 dez. 2019.

HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática Discursivo-Funcional. Tradução Marize Mattos Dall'Aglio-Hattner. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-85.

HENGVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. *The grammaticalization of tense, aspect, modality, and evidentiality: A functional perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

IBBA, D. Oraciones concesivas y gramaticalización: el caso de aunque y maguer (que). *Intralingüística*, España, n. 17, p. 493-502, 2007. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2317374>. Acesso em: 23 mar. 2013.

IBBA, D. *Los procesos de gramaticalización de algunos conectores concesivos del castellano medieval*. 2008. Tese (doutorado em filologia espanhola) – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade Autônoma de Barcelona, 2008.

- ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: CASTILHO, A. T. (coord.). ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (ed.). *Gramática do português culto falado do Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008, p. 163-365.
- JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, v. 1: construção do texto falado, 2006a. p. 89-132.
- JUBRAN, C. C. A. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, v. 1: construção do texto falado, 2006b. p. 301-357.
- KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 35-56, 2007.
- KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. Oxford Textbooks in Linguistics. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- KIPARSKY, P. Linguistic universals and linguistic change. In: BACH, E.; HARMS, R. (ed.). *Universals in Linguistic Theory*. New York : Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 170-202.
- KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English, diacronic and synchronic evidence. *Lingua*, Holanda, n. 66, p. 1-19, 1985.
- KÖNIG, E. Conditionals, concessive conditionals and concessives: areas of contrast, overlap and neutralization. In: TRAUGOTT, E. et al. (ed.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 229-246.
- KÖNIG, E. Concessive clauses. In: ASHER, R. E. (ed.). *The encyclopedia of language and linguistics*. Oxford: Pergamon, v.2, 1994. p. 679-681.
- KROON, C. *Discourse Particles in Latin* (Amsterdam Studies in Classical Philology 4). Amsterdam: Gieben, 1995.
- KROON, C. Discourse markers, discourse structure and Functional Grammar. In: CONNOLLY, J. et al. (Ed.). *Discourse and pragmatics in functional grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. p. 17-32.
- KURYLOWICZ, J. La nature des procès dits analogiques. In: HAMP, E. P.; HOUSEHOLDER, F. W.; AUSTERLITZ, R. (ed.). *Readings in linguistics*. Chicago: University of Chicago Press, 1966. v. 2, p. 158-174.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Methaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, R. W. Syntactic reanalysis. In: LI, C.N. (ed.). *Mechanisms of syntactic change*. Austin: University of Texas Press, 1977. p. 57-139.
- LEHMANN, C. *Thoughts in grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 1982.

LONGHIN, S. R. *A gramaticalização da perífrase conjuncional “só que”*. 2003. Tese (doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2003.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 2, 1977.

MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. *Casebook in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

MATTE BON, F. *Gramática Comunicativa del Español*. Madrid: Edelsa, v. 2, 1995.

MEILLET, A. L'évolution des forms grammaticales. *Scientia* (Rivista di Scienza), [S. l.], v. 12, n. 26, 6, 1912.

NEVES, M. H. M. A gramaticalização e a articulação de orações. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. XXVII, p. 46-56, 1998.

NEVES, M. H. M. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. v. 7: Novos estudos, p. 545-591.

NEVES, M. H. M. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L.; DALL'AGLIO HATTNER, M. M. As construções hipotáticas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (org.); CASTILHO, A. T. (coord.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008. v. 2: Classes de palavras e processos de construção, p. 937-1015.

OLBERTZ, H.; GARCIA, T. S.; PARRA, B. G. G. El uso de *aunque* en el español peninsular: un análisis discursivo-funcional. *Lingüística*, v. 32, n. 2, p. 91-111, 2016.

PARRA, B. G. G. *Uma investigação discursivo-funcional das orações concessivas introduzidas por aunque em dados do espanhol peninsular*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

PÉREZ QUINTERO, M. J. *Adverbial Subordination in English: a functionalist approach*. Amsterdam: Rodopi, 2002.

POTTIER, B. *Lingüística moderna y filología hispánica*. Madrid: Gredos, 1968.

PRINCE, E. F. 1981. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.), *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 223-255.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE LAS ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Libros, v. 2: Sintaxis II, 2009.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE LAS ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. Nueva gramática de la lengua española: Manual. Madrid: Espasa Libros, 2010.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE) [on-line]. *Corpus diacrónico del español*. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 24 jan. 2019.

REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. Nova York: Macmillan, 1947.

RIVAROLA, J. L. *Las conjunciones concesivas en español medieval y clásico*. Tübinga: Max Niemeyer, 1976.

RIVAS, E. A propósito de condicionales y concesivas reales. Referencias diacrónicas en torno a estas últimas. *Verba*, Santiago de Compostela, n. 17, p. 159-169, 1990.

RODRÍGUEZ ROSIQUE, S. From discourse to grammar: when the Spanish *incluso* meets a *si* conditional. *Linguisticae Investigationes*, Amsterdam, n. 35, p. 94-119, 2012. Disponível em: <http://connection.ebscohost.com/c/articles/85660864/from-discourse-grammar-when-spanish-incluso-meets-si-conditional>. Acesso em: 24 jul. 2015

ROSÁRIO, I. C. *Expressão da concessividade em construções do português do Brasil*. 2012. Tese (Doutorado em Línguas Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SÁNCHEZ LANCIS, C. Corpus diacrónicos y periodización del español. *Cahiers d'études hispaniques médiévales*, Paris, n. 32, p. 159-180, 2009. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/cehm_1779-4684_2009_num_32_1_2071. Acesso em: 19 abr. 2017.

SEBASTIÁN, E. El desarrollo del sistema de referencia temporal en español: un paseo por la morfología verbal. *Anales de psicología*, Universidad de Murcia, v. 7, n. 2, p. 181-196, 1991.

SOUZA, E. R. F. *Gramaticalização dos itens linguísticos assim, já e aí no português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2009.

STASSI-SÉ, J. C. *Subordinação discursiva no português à luz da gramática discursivo-funcional*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

TRAUGOTT, E. C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Stanford: Stanford University, 1997. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2015.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of Grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). *Approaches to Grammaticalization*. Theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, v. 1, n. 19, 1991, p. 189-214.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TORRES CACOULLOS, R. Relative frequency in the grammaticization of collocations: nominal to concessive *a pesar de*. In: FACE, T.; KLEE, C. (ed.). *Selected proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 37-49.

WARTBURG, W. V. *Problèmes et méthodes de la linguistique*. 20 ed. Paris: PUF, 1963.

YING, C. Presupposition Revisited: The Role of Context. *The Linguistics Journal*. v. 7, p. 189-205, July 2013. Disponível em: <http://www.linguistics-journal.com/2013-index/9-index/2013/26-presupposition-revisited-the-role-of-context>. Acesso em: 05 mar 2015.

TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 25 de março de 2020.

BEATRIZ GOAVEIA GARCIA PARRA DE ARAUJO